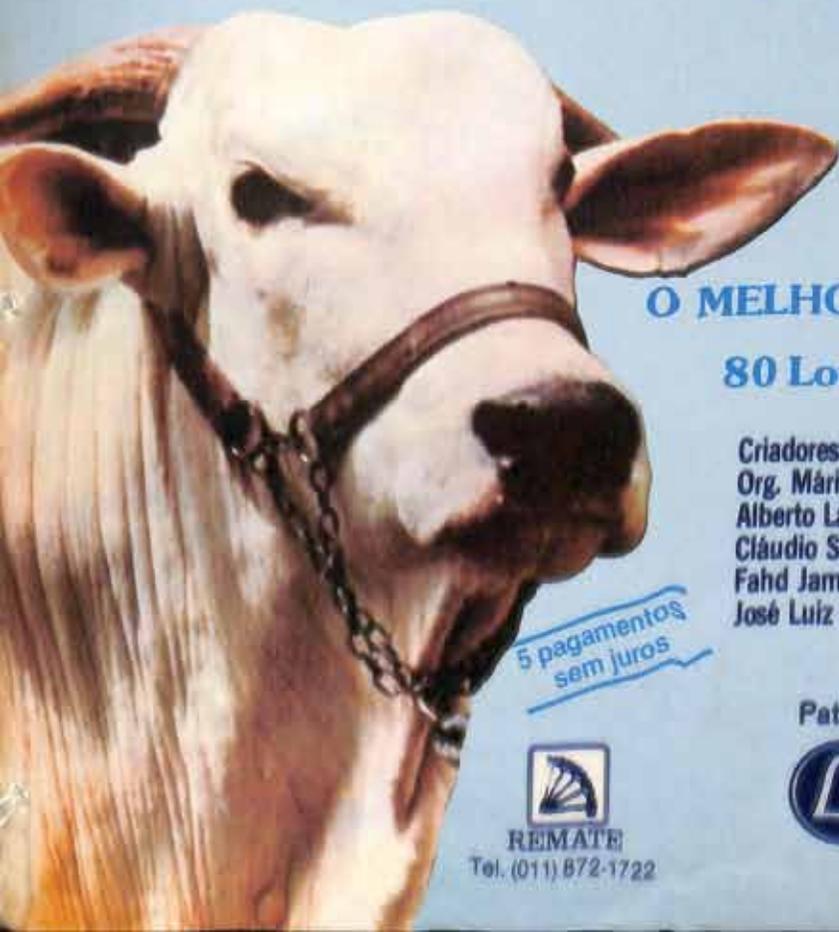


REVISTA DOS CRIADORES

54 ANOS A SERVIÇO
DA PECUÁRIA
Março de 1985 - Ano LIV
N.º 662 - Cr\$ 19.000
Órgão oficial da ABC

Noite dos Campeões

Novotel-Uberaba
1º Maio 85-19h



O MELHOR NELORE EM LEILÃO

**80 Lotes de Machos e Fêmeas
PO e POI**

Criadores:

Org. Mário de Almeida Franco (*Faz. São Geraldo*)

Alberto Laborne Valle Mendes (*Faz. do Sabiá*)

Cláudio Sabino Carvalho (*Chácara Navirai*)

Fahd Jamil e Irmãos (*Faz. 3 Coxilhas*)

José Luiz Niemeyer dos Santos (*Faz. Terra Boa*)

5 pagamentos
sem juros



REMATE

Tel. (011) 872-1722

Patrocínio



Lagoa da Serra Ltda.

Ins. - Art.



Ankai a opção de produção comprovada

Temos à venda 150 produtos filhos de Ankai em ponto de monta

PRODUTOS POI DE TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES, FILHOS DE ANKAI



Nesta foto vemos um filho e uma filha de ANKAI produtos de transferência de embriões onde pode se comprovar a homogeneidade que este reprodutor imprime em seus filhos.



ATHANI – TE – P.O.I. da Santa Filomena. Exemplar de rara qualidade filha de ANKAI.

FAZENDAS

Prop.: **ROBERTO CALMON DE BARROS BARRETO**
Resp.-Técnico: Eng. Agr. José Wilson Baião
Fone: 83-1431 e 83-1728 – Cx. Postal 36
13.600 – DESCALVADO – SP



REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna
Editor: Fernando Noboru Yassu.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Vilarés, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Testini, N. Brotto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcântara, Décio de Moraes Junior.

Arte e Produção: Eduardo Cassiano Flores.

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerência: Luiz de Almeida Penna Filho
Assistentes: Leocirio Noronha, Jaqueline N. Borfin e Cláudia P. Moura.

Fotografia: Francisco Sciacca

Gráfica e Foteletos Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP.

Anuidade básica: Cr\$ 6,626 ORTN. Com direito a um exemplar mensal da Revista dos Criadores; um exemplar da Agenda dos Criadores e Agricultores e, mais o título de sócio contribuinte da ABC.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8685
CEP 05024 — São Paulo — SP

Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura: Disbrapel Ltda. — Edifício Agropecuárias, Rua Caralbas, 434 — CEP 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo — SP.

Venda avulsa:

Interior e Capital (SP) — Livraria La Selva, Sepião Aeroporto Congonhas (SP), Aeroporto de Santa Dumont e Galeão (RJ), Brasília (DF), Distribuidora no Rio: Distribuidora Guanabara, Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ribas, 72, Inhauma, Rio de Janeiro, RJ.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP — CEP 05024 — Fone: 263-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Estados

Bahia: J. S. Queiroz — Rua Minas Gerais, 156 - Pituba - Salvador. **Ceará:** Distribuidora Alcor de Publicações - R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. **Brasília:** Só de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. **Paraná:** Edicamp - Editora Campeiro Ltda. - R. Duque de Caxias, 591 - 2ª and. - Cj. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. **Pernambuco:** Casa das Revistas e Figurinos - R. 9, esquina da Pedro Ivo Recife. **Só de Ler - Aeroporto - Recife.** Rio de Janeiro: Só de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

REVISTA
DOS
CRIADORES



NOSSA CADA

Apresenta "Noite dos Campeões"
— Novotel — Uberaba,
patrocinado por
Lagoa da Serra Ltda.

SUMÁRIO

Março de 1985 — Ano LIV — N.º 662

6

O papel dos resíduos agroindustriais na alimentação dos Ruminantes

17

Presidente da ABCZ participa de reuniões internacionais e promove Zebu brasileiro

20

Alfafa — Opção em forragem

22

Produtores paranaenses falam da pecuária leiteira

28

Intoxicação dos bovinos

33

Banespa Agropecuário — Comentários e Mercados

43

RRZ — Os efeitos da alimentação na produção de vaca leiteira durante o seu ciclo produtivo — Armadilha para moscas — Droga isolada do útero de vaca combaterá doenças do coração — Búfalos

89

Burro — De serventia para todo fim

93

Notícias da ABC — Reestruturação do Serviço de Controle Leiteiro

94

Um plantel sob controle

96

O que vai pelo Controle Leiteiro

SEÇÕES

- 3 .. Ponto de Vista
- 12 Gente
- 24 Crônica
- 25 Mecanização
- 40 Exposições e Leilões
- 67 .. Comentário Rio
- 70 Das Empresas
- 74 Serviço
- 77 O Gertrudista
- 78 Registro
- 82 Comentário Bahia
- 83 .. Equideocultura
- 85 Mangalargan...do brasa
- 91 Legislação Trabalhista
- 99 Serviço de Controle Leiteiro



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

57 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Roberto Brotero de Barros
João Antonio Camarero
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

Secretários:

Luiz Glycério de Freitas
Luiz Baptista Pereira de Almeida

Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio
Pedro de Paula Leite Moraes

Assessor da Diretoria:

Dr. Dacio de Moraes Junior

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Ruy Calazans de Araújo

Vice-presidente

Arnaldo Lima

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Geraldo Diniz Junqueira
Manoel José de Alcântara
José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
José Carlos Guimarães Oliva
Ruy Calazans de Araújo
Henrique de Souza Dias
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Alberto Paula Leite de Moraes
Fernando Euler Bueno
Rubens Franco de Mello
Arnaldo Carraro
Alberto Chapchap
Lélio Toledo Piza Almeida Filho
Vicente Martins Júnior

Antonio Tadeu Jallad
Edwin Benedito Montenegro
Geraldino Natal Madureira
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Acácio dos Santos
Gilberto Carlos Arruda Sampaio
Lavil Veiga de Oliveira
Renato Napolitano
Franklin Rodrigues Siqueira
Arion Bueno de Oliveira

Suplentes

Roberto Felipe Cantusio
Honorato Rodrigues da Cunha
James Galvão Bresciani
Antonio Coelho Guimarães
Radyr de Queiroz
João Luiz Freitas Britto
Carlos Ramos Stroppa
Vicente Paulo Miller Perricelli

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Jayme Watt Longo
Radyr de Queiroz
Roberto Diniz Junqueira

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

Gerente comercial

Antonio Carlos Turazza

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.º
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Fidélis Alves Neto, Méd. Vet.

Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pró-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Caixa Postal 9194.
Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - Fone: 831-7966 - Aber-
te até às 22 horas - S. I. Bon Vista: Rua Gabriel Ferreira, 85 -
fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro, R.J.: Rua Monsenhor Manuel
Gomes, 3. São Cristóvão. Fone: (021) 228-7377.

Recuperação do País exige esforço mútuo: Governo e Governados

O novo Governo que assumiu as rédeas do País no dia 15 de março tem desafios gigantescos pela frente: o principal deles é, sem dúvida, colocar a inflação sob controle. É o ponto negro que exigirá atenção redobrada do Governo que se inicia e que se não for extirpado pode colocar a pique a nova administração. É um desafio que exige esforço mútuo e solidário — Governo e Governados: a inflação é inimigo de todos nós. Situada no patamar dos 230%, a inflação, se superar essa marca, destruirá a economia do país.

É difícil combater esse inimigo. Por enquanto, a inflação está numa situação privilegiada — colocando o novo Governo em posição de defesa. As armas disponíveis em mãos da nova equipe econômica são escassas: mas o novo Governo tem o que o Governo que saiu não tinha — credibilidade, talvez o antídoto principal para combater o inimigo. Mas se é uma arma poderosa do ponto de vista psicológico, a credibilidade exime sua fragilidade pelo tempo curto que dispõe para se sustentar: passado algum tempo se o inimigo não for colocado sob domínio ela

evapora-se. E aí resta, talvez, a única saída: rezar.

A equipe do novo Governo tem o diagnóstico do mal: ele deriva de dois pontos — a falta de dinheiro e o crescente déficit público. E a soma desses dois males exige que o Governo faça emissão de moedas sem lastro e lançamento de papel no mercado para cobrir o rombo de caixa do Tesouro. Emitir dinheiro, por si só, é inflacionário. Lançar papel, enxugando os recursos do mercado, induz o aumento dos juros. Mas foram os dois caminhos exaustivamente percorridos pelo Governo que saiu. E, assim, necessário desativar essas bombas — disparando um torpedo contra a raiz da inflação.

Existe o atalho: a redução do déficit público. Para isso, é necessário fazer um Governo de austeridade. E é por esse caminho que parece querer seguir o presidente Tancredo Neves. Do leito do hospital, impossibilitado de assumir a Presidência, por força de uma operação que foi obrigado a fazer às vésperas de sua posse, emitiu ordens claras à sua equipe econômica: não gastar.

Logicamente, uma ordem que comporta compromisso flevível. Por exemplo, a agricultura, neste momento, não pode prescindir de recursos. Debilitada, necessita, à porta da safra, de dinheiro para a comercialização tranquila. Do contrário, o agricultor ficará entregue à sanha dos atravessadores. Não colocar dinheiro à disposição da agricultura hoje equivale a colocar uma bomba de efeito retardado que fará explodir a inflação a médio prazo.

O agricultor, se o Governo não interferir agora, venderá sua safra a valores abaixo do preço mínimo estabelecido pela administração anterior. O processo de corrosão do poder aquisitivo do homem do campo chegou ao fundo do poço: a agricultura está descapitalizada. Sem preço e com juros que vem pagando, com a extinção do subsídio, o agricultor não terá ânimo para lançar-se a novos plantios nas próximas safras. Não só ânimo, se persistir a falta de recursos, o agricultor perderá: endividado, talvez tenha que entregar a terra e outros bens para pagar o prejuízo. E se isso acontecer a credibilidade do novo Governo estará abalada. E restau-

rar a credibilidade para um Governo que se inicia é difícil.

Assim, o Governo precisa sustentar essa credibilidade daqui para a frente. E para sustentá-la só há dois caminhos: garantir a comercialização da safra que está sendo colhida e recursos para a que será cultivada a partir de agosto. E não é difícil pôr dinheiro à disposição da agricultura agora: como lembra o professor Guilherme Dias, da USP, o Governo pode deslocar recursos de outros setores, canalizando-os para a comercialização desta safra. Em pouco tempo, entende o especialista, os recursos aplicados retornariam aos cofres do Governo. E sem necessidade de emissão de moedas ou de papéis: apenas privariam de recursos, por algum tempo, algum setor do Governo. Embora simples, argumenta Guilherme Dias, a medida traria um efeito extraordinário ao país: capitaliza o agricultor, man-

tendo-o estimulado para a próxima safra, e ao mesmo tempo, eliminaria um foco que, futuramente, poderia realimentar a inflação. Seria uma medida de urgência — mas de efeito devastador no combate à inflação, cujo complemento viria com adoção, já na próxima safra, de uma política de médio e longo prazo para a agricultura, sobretudo para a produção de alimentos de consumo interno.

Embora a medida possa penalizar algum setor, ela trás benefício a médio e longo prazo para todos.

Por essa razão, é preciso que todos os brasileiros dispensem, neste momento, um voto de confiança ao novo Governo. Que cada um se sacrifique um pouco — se isto resultar em melhoria da economia do país. O agricultor, sendo privilegiado agora, dará com certeza sua contribuição para baixar a inflação.

Ninguém tem dúvidas de que, se o novo Governo mantiver estimulado a agricultura e conseguir reduzir o déficit público, a inflação recuará. E se a inflação recuar o país recuperará novamente o vigor. Mas é preciso, neste momento, muita paciência e tolerância. A missão é difícil, mas não impossível: é preciosa a coragem para cortar o mal pela raiz — mesmo que isso seja doloroso.

Também, caberá ao novo ministro da Agricultura, o Senador Pedro Simon, um político habilidoso e respeitado, fortalecer o Ministério politicamente. Ele terá que fazer valer o peso da agricultura no novo Governo — retirando condição de Ministério de segundo escalão que o Governo que saiu lhe impingiu. Simon terá que esforçar muito e usar da sua sensibilidade política para recuperar o Ministério da Agricultura e colocá-lo em posição de relevo, onde sempre deveria estar.

ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores.

Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.

Aberta até às 22 horas.

Agora mais perto
da sua fazenda.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE CRIADORES

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - Tel.: 831-7966 - Jaguaré - São Paulo. S. J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro: R. Monsenhor Manoel Gomes, 31 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377



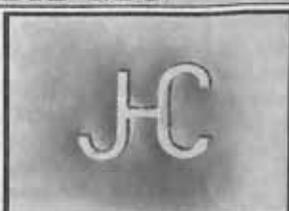
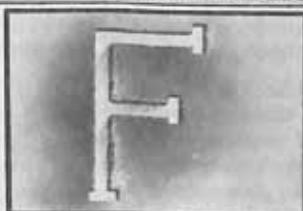
REMATE REMATE REMATE REMATE REMATE REM



ATE REMATE REMATE REMATE REMATE REMATE

4º LEILÃO SÃO FRANCISCO

UBERABA-MG



3 DE MAIO - 6ª F. - 19 HS.

**BOVINOS
NELORE e NELORE MÔCHO
PO e POI**



CRIADORES:

JOÃO HUMBERTO A. CARVALHO
CLAUDIO SABENO CARVALHO
RUBICO CARVALHO
HUMBERTO GOULART CARVALHO
RICARDO GOULART CARVALHO
CARLOS JOSÉ GOULART CARVALHO
HERBER CREMA MARZOLA
JOSÉ JORGE PENA NETO
MARCO ANTONIO ANDRADE BARBOSA
ANTONIO ALBERTO DE BARROS
GUSTAVO ADOLFO PAVEL



5 DE MAIO - DOM. - 19 HS.

**MANGALARGA
MANGALARGA MARCHADOR
JUMENTOS PÊGA**

FAZENDA SÃO FRANCISCO

KM 6 DA RODOVIA UBERABA - SÃO PAULO

ENDEREÇO DO LEILÃO SÃO FRANCISCO: RUA MAJOR EUSTAQUIO, 06 - SALA 602 -
EDIFÍCIO "CHAPADÃO" - FONE: (0343) 33-8686 - CEP 38.100 - UBERABA - MG



REMATE RUA NELLO PALHEITA, 301 - TEL.: 872-1722 - TELEX 23216 - CEP 05002 - S.P.

PATROCÍNIO:



31 ANOS DE CIÊNCIA
E TÉCNICA A SERVIÇO
DA PRODUÇÃO ANIMAL

Epamig pesquisa aproveitamento de resíduos na pecuária

A Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) está desenvolvendo pesquisas para melhor aproveitamento de resíduos agropecuários — cascas e sementes de frutas, polpas de citros, melaço e ponta de cana-de-açúcar — na dieta alimentar de gado bovino e outros ruminantes. Segundo o presidente da Epamig, Miguel José Afonso Neto, o Brasil produz 130 milhões de toneladas de resíduos anualmente. Explica que só a indústria sacro-alcooleira produziu, na safra 83/84, 100 milhões de resíduos.

Lembra que o ruminante, por possuir um sistema digestivo peculiar que permite converter em alimentos de alta qualidade nutritiva materiais grosseiros, produtos fibrosos das plantas e subprodutos diversos, pode aproveitar estas sobras de resíduos que, normalmente, são jogados fora, o que ele considera um desperdício. Argumenta que esse desperdício precisa acabar, já que a oferta e demanda de alimentos para o homem, até o ano 2.000, nos países em desenvolvimento como o

Brasil, exigirá crescimento superior da pecuária em relação à agricultura. Ou seja, terá que crescer 4,7% contra os atuais 3,6%. "Para alcançar esse objetivo, é necessária uma mudança estrutural do setor e entre as modificações se encaixa, seguramente, a melhor utilização dos resíduos agroindustriais na alimentação animal, diz.

E a Revista dos Criadores, por considerar essa alternativa de alimentação válida tecnicamente e viável economicamente, publicará os vários trabalhos de técnicos sobre o aproveitamento desses resíduos na alimentação de bovinos e outros ruminantes. Nesta edição, publicaremos o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores Max Lázaro Vieira Bose e João Gomes Martins Filho, ambos da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz, de Piracicaba, "O papel dos resíduos agroindustriais na alimentação dos ruminantes", publicado originalmente na revista Informe Agropecuário, órgão da Epamig. Nas próximas edições, publicaremos os trabalhos "O ruminante e o aproveitamento de sub-

produtos fibrosos", "Subprodutos de origem do beneficiamento de cereais", "Subprodutos da cana-de-açúcar", "A parte aérea da mandioca na alimentação animal", "Uso da palha de café na alimentação de ruminantes", "Tratamento de restos de cultura para alimentação dos ruminantes", "Subprodutos das indústrias de óleos na alimentação animal", "Subprodutos da indústria de carnes na alimentação dos ruminantes", "Resíduos avícolas na alimentação dos ruminantes", "O uso de levedura da fermentação alcoólica na alimentação dos ruminantes" e duas experiências práticas de aproveitamento de resíduos na alimentação de ruminantes.

Esses trabalhos todos encontram-se num único volume de "Informe Agropecuário", no 119, novembro de 1984 e pode ser adquirido contra a remessa de um cheque no valor de Cr\$ 3.000, a favor da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, Av. Amazonas, 115, 5.º and., 30.000, Belo Horizonte, MG.

NUTRIMEL - S

Suplemento líquido para ruminantes.

CHEGOU A HORA — PASTO SECO, ÁGUA, SAL E NUTRIMEL-S
Garantia de: ganho de peso, aumento da produção de leite,
desmama de bezerro e aumento de fertilidade.

JONIL - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE RAÇÕES LTDA.

Esc. e Fab. Distrito Industrial — Quadra 12, s/n.º — Tel. (0186) 52-2157
Cx. Postal 405 — PENÁPOLIS — CEP. 16.300 — SP

Peçamos grátis prospecto com fórmula e planta da piquete para confinamento de 100 animais com cocho para volumoso e babedouro.

O papel dos resíduos agroindustriais na alimentação dos ruminantes

Max Lázaro Vieira Bose^{1/}
João Gomes Martins Filho^{2/}

INTRODUÇÃO

O início das grandes alterações na dieta humana ocorreu a partir de 1880, com o beneficiamento aperfeiçoado dos cereais, marcando época a obtenção da farinha de trigo quase pura. Simultaneamente, incrementou-se o consumo do açúcar, até então mero produto farmacológico. A partir dessa época, a industrialização dos alimentos vem extraindo as porções mais nobres para o consumo humano ou para fins industriais (Reuben 1975). Daí o crescente e variado aparecimento de subprodutos alimentícios. Por outro lado, a demanda progressiva de alimentos não só força o aumento de produtividade, como também o de áreas cultivadas. Uma das decorrências é o aumento de resíduos vegetais de culturas e de subprodutos dos correspondentes alimentos industrializados.

A FAO, provavelmente a instituição mais dedicada ao problema da fome humana, tem proposto medidas de solução, como: evitar a perda de alimentos, melhorar a qualidade e conservação e aumentar a utilização de resíduos e subprodutos pelos animais. Segundo uma publicação da Academia Nacional de Ciências dos EUA (NAS 1983), o Brasil perde de 15 a 25% de leguminosas, 5 a 30% de raízes e tubérculos, 8 a 10% de frutas e legumes após a colheita. É importante ressaltar que a competição do animal por alimento passível de consumo direto pelo homem tem que se restringir ao suficiente e indispensável para a obtenção de produtos de origem animal.

DISPONIBILIDADE E PERSPECTIVA DE UTILIZAÇÃO DE RESÍDUOS LIGNOCELULÓSICOS E SUBPRODUTOS VEGETAIS

Com base nas produções agrícolas do Brasil nos últimos anos (Quadro 1), é possível projetar as produções futuras. Entretanto, a política de comercialização interna e externa, aliada aos fatores climáticos e biológicos, pode alterar profundamente essas estimativas.

Segundo Albuquerque & Cardoso (1980), Conceição (1983), FEALQ (1984), Francelli (1984), Gomes (1983) e Ritchie (1982), a constituição e os subprodutos de alguns alimentos de origem vegetal são os seguintes:

- **abacaxi**: 48% resíduos, incluindo coroa e polpa;
- **algodão**: farelo (26,23% do caroço);
- **amendoim com casca**: 67% amendoim s/casca, 39% de farelo;
- **arroz**: 20% casca; 8% farelo; 1:1,2 relação produção de grãos para palha, ou palha igual a 125% da produção de grãos, valor comburent

da casca = 3,5 a 4,5 kcal/kg; densidade da casca = 18 a 20% do peso do grão ou 125 kg/m³;

- **banana**: 85% folhas (20% MS); 185% pseudocaule (8,2% MS), em relação à produção de frutos;
- **caju**: 27% resíduos da extração do suco e castanha; 70% suco natural; 3% castanha;
- **cana-de-açúcar**: 33% pontas; 30% bagaço; 3,3 a 4,5% de melaço; 50% colmo; 34% ponteiro e palhas; 4% soqueira remanescente;
- **girassol, semente**: 32% casca, 36,38% farelo;
- **laranja**: resíduos da extração do suco = 10 a 12%;
- **maçã**: 25% bagaço;
- **mandioca**: proporção parte/raiz 59:41 a 72:28, proporção rama/raiz 47,5:52,5; da raiz: fécula 25%; farinha 25%; raspa 28%;
- **milho**: 50% grãos; 11% sabugo; 7% brácteas; 21% caule; 11% folhas; 49,3% colmo; 20,6% folha; 19,1% sabugo; 11% casca; produção do pé de milho = 250% em relação ao grão; grão: 1) 20% germe e envoltórios, 63,3% farinha; 2) 11,6% farelo, 85% fubá comum; 3) 30,0% farelo, 66,6% fubá
- **soja**: grãos 45%; talos 87%; vagem 8,5% (verde); semente corresponde a 37 a 40% da produção total; relação semente/palha 1:1,2 ou 3,2:4,8 t/ha;

1/ Engº Agrº, D.S. - Prof. Adj. /ESALQ - Caixa Postal 9 - 13.400 - Piracicaba-SP

2/ Engº Agrº, Pós-graduação/ESALQ - Caixa Postal 9 - 13.400 - Piracicaba-SP

QUADRO 1 - Produção e Produtividade Agrícola do Brasil (t ou 1.000 unid.)

Produto	1980	1982	1984	Produção/ha
Abacaxi, t	378	667	-	16.856 frutos
Algodão arbóreo (caroço)	236.554	243.475	1.266.159	117
Algodão herbáceo (caroço)	1.439.330	1.691.616	1.509.897	1.077
Amendoim com casca	482.819	317.383	241.384	1.341-5.000
Arroz com casca	9.775.720	9.718.074	9.006.838	1.615-4.000
Aveia, grão	75.609	89.787	-	701-1.805
Banana, t	6.721	7.088	-	1.157 cachos
Cana-de-açúcar, caule	148.650.563	153.858.357	246.471.821	59.947
Caju, t	75.000	76.000	-	35.843
Centeio, grão	10.498	19.575	-	817
Cevada, grão	74.680	110.140	-	657
Laranja, 1.000 frutos	54.459.072	57.917.264	-	98.265
Mamona, baga	280.688	192.428	231.816	416
Mandioca, raiz	23.465.649	24.039.008	20.807.698	11.308-25.000
Milho, grão	20.372.072	21.865.439	21.198.997	1.735-4.000
Soja, grão	15.155.804	12.834.624	16.118.441	1.565-3.200
Sorgo, grão	180.292	211.045	285.335	1.835
Tomate	1.535.331	1.139.527	1.529.577	31.545
Trigo, grão	2.701.613	1.819.504	-	644

Fontes: IBGE Production Yearbook (1982).

Obs.: O rendimento único ou o menor corresponde ao médio do país; o maior corresponde à maior média.

26,87% hastes; 41,33% folhas; 31,78% vagens (MS); verde: 24,45% hastes; 40,18% folhas; 34,37% vagens;

- *sorgo*: 500% colmo (pé), em relação à produção de grãos;
- *trigo*: do grão, 23% do farelo.

A estimativa da produção de resíduos poderá ser alterada, levando-se em consideração que nem toda a produção é totalmente industrializada, parte é exportada e, em certas ocasiões, alguns produtos são importados e aqui industrializados.

Levantamentos efetuados pela FAO (NAS 1978) indicam perda anual de 10 bilhões de toneladas de alimentos nos países em desenvolvimento, avaliada em bilhões de dólares. Somente após a colheita, em 1976, perderam-se 107 milhões de toneladas, correspondendo em energia ao suficiente para atender a um mínimo de 168 milhões de pessoas. As maiores causas das perdas são a deterioração, a contaminação, o ataque de insetos, pássaros e roedores.

A aplicação dos resíduos limitava-se à incorporação ao solo, depois ao uso na alimentação animal. Porém, sua aplicação estendeu-se à produção direta de

energia (comburente), à fonte de substrato para fermentação e produção de gases combustíveis, à matéria-prima para construções, à indústria de móveis, de papel e de produtos químicos diversos. Com isso, eles estão se tornando úteis e valorizados. Por outro lado, devido ao aperfeiçoamento dos processos de extração de óleos, de amido, de substâncias protéicas para consumo humano ou fins industriais, a exemplo dos cereais e das oleaginosas, estão sendo exauridos de suas substâncias nutritivas. Em compensação, as porções de mais baixo valor nutritivo, como cascas, estão sendo incorporadas em maior proporção aos subprodutos para aumentar o rendimento. Dentre os subprodutos da industrialização, a polpa de citrus tem sido quase totalmente exportada sob a forma de pêletes. Devido à exportação, este produto apresenta um preço proibitivo no mercado interno.

A oferta/demanda alimentar humana, até o ano 2000 nos países em desenvolvimento, exigirá um crescimento superior da pecuária sobre a agricultura. A taxa de aumento anual será de 4,7 contra 3,6%. Para que isto aconteça, diversas modificações estruturais deverão ser propostas e dentre elas, seguramente, a utilização dos resíduos agroindustriais

na alimentação animal será indispensável.

EXCREÇÕES ANIMAIS

Até há pouco tempo, o destino dos resíduos e excreções animais era a incorporação ao solo. A evolução da pesquisa na área de nutrição criou a possibilidade de utilizá-los também na alimentação animal. Dentre os resíduos, incluem-se o conteúdo visceral obtido nos matadouros, porém o maior potencial é sem dúvida as fezes. Muller (1980), citado por Krishnamurti & Kitts (1983), estimou a produção global de fezes de animais domésticos em 1014×10^9 t, 25% dos quais possíveis de serem coletados. A qualidade, em geral melhor que a dos resíduos de cultura e a quantidade produzida, varia conforme a espécie considerada (Quadros 2 e 3).

O esterco de frango de corte tem sido o mais utilizado na alimentação dos ruminantes, embora algumas restrições lhe sejam feitas. Seu cheiro pode influenciar negativamente a palatabilidade, enquanto que a presença de substâncias ou produtos contaminantes poderá prejudicar a saúde dos animais.

RESÍDUOS DE MADEIRA

Embora apresentem altos teores de lignina e baixa digestibilidade, estes resíduos podem fazer parte da dieta dos ruminantes. Segundo Ibrahim & Pearce (1980), citados por Krishnamurti & Kitts (1983), a composição e a digestibilidade dos resíduos da madeira são a seguinte, dependendo da espécie considerada: celulose 45,2 a 62,0%; lignina 11,5 a 26,8%; e a digestibilidade 14,2 a 35,9%. Estes autores citam a irradiação como um dos métodos promissores de tratamento destes resíduos e consideram 15% o nível máximo e viável na dieta dos animais.

SOBRAS DE PAPEL

Com uma composição de 90% de celulose, as sobras de papel represen-

QUADRO 2 - Composição Química Aproximada (% MS) das Fezes de Animais Domésticos

Fonte	Proteína	Celulose	H. Celulose	Lignina	Sol. em Det. Neutro	Cinza
Frango de corte (quantal)	40,6	11	16	4	22	6,9
Galinha postura (quantal)	38,8	15	17	3	28	6,5
Suíno (engordado)	18,8	15	20	5	17	6,0
Gado de corte (engorda)	18,8	17	22	8	7	5,3
Gado de leite (lactação)	16,3	25	21	13	9	4,1
Bovinha leiteira (só forragem)	12,5	28	20	20	12	3,2
Ovino (só forragem)	15,6	28	15	15	13	4,5

Fonte: FAO/IAIA (1983).

QUADRO 3 - Produção e Composição de Esterco

Animal	Produção Diária (por 500 kg de P.V.)		Composição (%)		
	Volume (m ³)	Peso Úmido (kg)	Sólidos Voláteis	N	P
Bovino de leite	0,038	38,5	7,98	0,38	0,10
Bovino de corte	0,038	41,5	9,33	0,70	0,20
Suíno	0,028	28,4	7,02	0,83	0,47
Ovino	0,020	20,0	21,50	1,00	0,30
Frango	0,028	31,3	16,80	1,20	1,20
Caprino	0,025	28,0	14,30	0,86	0,13

Fonte: N.A.S. (1983).

tam um grande potencial na alimentação dos ruminantes. Somente nos Estados Unidos, 18 x 10⁶ t de papel de jornal é descartado anualmente.

Resultados de pesquisas realizadas por Dennis & Oltfen (1972), citados por Krishnamurti & Kitts (1983), revelam que a dieta para gado de corte, contendo 8% de papel, apresentou digestibilidade da MS, fibra e energia igual a 29,7%, 18,5% e 30,7 kcal, respectivamente. Nível maior foi prejudicial à digestibilidade e ao ganho de peso. Este trabalho não faz referência aos problemas relacionados com minerais tóxicos da tinta de impressão. Como se sabe, o chumbo é um dos elementos tóxicos, com efeito cumulativo e que participa da composição da maioria destas tintas. Porém, estes autores sugerem que o efei-

to tóxico destes elementos pode recair sobre a atividade microbiana do rúmen. Pelo alto teor de celulose praticamente pura destes materiais, era de se esperar uma digestibilidade superior às mencionadas. Talvez seja essa uma das maiores implicações tóxicas.

Considerando que o preço dos restos de papel vendidos no Brasil é igual ou superior ao da ração para vaca leiteira, sua utilização na alimentação dos ruminantes atualmente é inviável.

LIMITAÇÕES E ALTERNATIVAS PARA A UTILIZAÇÃO DOS RESÍDUOS AGROINDUSTRIAIS

Consultando-se a composição e a

digestibilidade das diversas partes das plantas cultivadas utilizadas como resíduos (Quadros 4A a 4E), verifica-se que:

- a maioria contém de 40 a 50% de N.D.T., 3 a 5% de P.B., 0,10 a 0,30% de Ca, 0,05 a 0,10% de P, lignina entre 10 a 20%, celulose entre 17 e 25%, digestibilidade da M.S. entre 35 a 45%;

- a maioria precisa ser suplementada com energia, proteína, P e vitamina A, sendo Ca variável, para atender a vacas secas, categoria de menor exigência nutricional.

Segundo Hawkins (1983), o consumo de resíduos de culturas em M.S. varia de 5,45 a 9,41 kg por dia, dependendo da qualidade e palatabilidade (em clima temperado) e é altamente limitado pelo tempo longo de passagem pelo trato digestivo, devido à demora de degradação da M.S., de 60 a 120 horas (T 1/2).

Sansuoursy & Mahadevan citados por FAO (1983), entendem que a utilização desses produtos está ligada à melhoria de seu valor nutritivo e para isto, recomendam antes de qualquer tentativa de tratamento, suplementação:

1º) Com uréia e fonte de minerais, proporcionando N e os minerais essenciais (P, Ca, S...), para desenvolvimento eficiente dos microorganismos do rúmen;

2º) Uma forragem de boa qualidade, como a parte aérea da mandioca, para ativar a função ruminal;

3º) Alguma torta de oleaginosa (à base de 0,25% do peso verde), para fornecer proteína não degradada no rúmen. Outros suplementos, como fezes de aves, poderiam ser altamente eficientes e econômicos. Regra geral, o produto fibroso participa no máximo em 30% de uma mistura de ração, por motivos nutricionais e de técnica de mistura.

Restos de cultura do milho (palhadas) têm sido utilizados na alimentação animal sob a forma de pastejo direto. Na região central do Brasil, estes restos têm sido utilizados juntamente com azevém, garantindo um bom ganho de peso aos animais de corte.

Restos de cultura podem também ser enfiados, colocados em medas, amontoados e protegidos contra a chuva



Restos de
cultura
diretamente
consumidos
pelos
animais

ções ideais para o processamento da ensilagem.

Direta ou indiretamente, a maior restrição na utilização dos restos de cultura parece ser de ordem econômica, pois o consumo normal da maioria dos resíduos é baixo e igualmente baixo é o valor nutritivo. A utilização adequada destes resíduos sugere a necessidade de um tratamento prévio, principalmente químico, além de uma suplementação.

Os altos custos representado pelo transporte dos restos de cultura até o local de tratamento ou armazenamento aliado à baixa densidade e à alta umidade destes resíduos, podem indicar a conveniência de sistemas de acesso direto do animal ao alimento.

CONCLUSÃO

A demanda crescente por alimentos

e distribuídos nas pastagens próximas ou diretamente consumidos pelos animais.

O grande volume de trabalhos de pesquisa sobre o aproveitamento dos resíduos agroindustriais tem sido dedicado a tratamentos físicos, químicos e biológicos, atuando sobre a parede celular, principalmente. As modalidades mais empregadas nos países desenvolvidos estão resumidas no Quadro 5. O tratamento com urina tem potencial, mas ainda foi muito pouco pesquisado. O hidróxido de cálcio parece ser de mais fácil aplicação que o de sódio ou amônia e mais barato, porém, menos eficiente para aumento da digestibilidade. A pelletização proporciona vantagens de conservação, transporte, distribuição e consumo, mas é cara. A ensilagem é possível quando há um mínimo de carboidrato fermentável e umidade, obtendo-se silagem de qualidade média. O pé de milho, cuja espiga foi colhida verde, presta-se para a ensilagem. Porém, os demais cereais são colhidos maduros e nestas condições as plantas já se encontram em estado passado e sem as condi-

QUADRO 4A - Composição Química e Digestibilidade de Partes de Plantas Cultivadas (% M.S.)

Partes	Solúveis em Água	Hemiacelulose	Celulose	Lignina	Proteína
Palha de trigo madura	5,57	26,35	39,10	21,60	2,10
Planta de centeio	29,54	12,67	17,84	10,61	12,26
Parte aérea de soja	22,09	11,08	28,53	13,84	11,04
Colmo de milho novo	28,27	20,38	23,05	9,68	2,61
Colmo de milho maduro	14,14	21,91	28,67	9,46	2,44
Folhas verdes de aveia	22,02	12,50	15,92	20,67	9,18
Folha madura de aveia	15,32	15,60	17,18	29,66	3,47
Parte aérea da alfafa	17,24	13,14	23,65	8,95	12,81

Fonte: N.A.S. (1983)

QUADRO 4B - Composição Química e Digestibilidade de Partes de Plantas Cultivadas

	% digestib. MS "in vitro"	Lignina %	P.B. %	Ca %	P %
Milho					
casca	68	6,7	2,8	0,19	0,08
sabugo	60	7,4	2,8	0,04	0,06
folha	58	5,1	7,0	0,80	0,18
colmo	51	10,5	3,7	0,28	0,11
feno-silagem colmo	56	8,8	4,2	0,30	0,12
feno-silagem casca	65	-	3,7	0,16	0,08
feno-silagem planta s/espiga	67	-	5,0	0,35	0,14
Soja					
talo	35	18,4	4,0	0,73	0,09
vagem	51	8,7	6,1	1,02	0,17
feno-silagem talo	40	15,6	4,3	0,10	0,10
Sorgo					
folha	56	7,3	10,0	0,64	0,19
colmo	57	10,1	3,6	0,29	0,08
silagem s/grãos	53	-	6,8	0,50	0,12
silagem colmo	54	9,3	4,7	0,49	0,13

Fonte: Ritchie (1982)

QUADRO 4C - Teor Nutritivo de Algumas Culturas e Resíduos (% M.S.)

Alimento	NDT	PB	Ca	P	MS %	Vit. A UI/kg
Silagem de aveia	59	9,7	0,37	0,30	30-40	-
Silagem de palhada de milho	50	5,0	0,35	0,14	30-40	0
Casca seca de milho	50	3,7	0,16	0,08	60-70	-
Palhada de aveia	47	4,4	0,30	0,10	88	-
Sabugo de milho	47	2,8	0,12	0,04	90	-
Pé de milho seco	45	4,0	0,30	0,12	60-70	-
Palhada de trigo	43	3,5	0,17	0,08	88	-
Palhada de sorgo	41	4,1	0,30	0,05	88	-
Palhada de soja	40	4,3	0,90	0,10	88	0
Resíduo de madeira	0-40	0-2	alto	0	40-90	-
Palhada de milho	45	4,0	0,30	0,12	-	0
Feno da parte aérea da mandioca	-	20,3	-	-	-	-
Bagaço de maçã	54	4,5	0,13	0,11	-	-
Exigência da vaca seca, 500 kg	52	5,9	0,18	0,18	-	2.540
Exigência do novilho, 364 kg	78	11,0	0,34	0,26	-	-

Fonte: Hawkins (1983).

QUADRO 4D - Composição Química e Digestibilidade de Resíduos Fibrosos para Ruminantes (% M.S.)

Resíduos	Umidade (%)	P.B.	F.B.	Parade Celular	Celulose	Hemi-celulose	Lignina	Digestib. (%)
Palha de cevada	15	5,0	-	80,4	43,2	30,3	6,9	45,4
Palha de aveia	15	3,7	43,1	83,4	44,6	28,2	9,3	46,2
Palha de trigo	15	3,1	39,7	81,4	40,3	29,2	8,7	44,6
Palha de arroz	15	5,8	30,6	65,3	36,2	14,5	9,8	56,1
Ponta de cana	73,6	1,9-5,7	34,1	-	-	-	-	56,0
Bagaço de cana	50,0	-	-	90,5	46,0	24,5	20,0	34,0

Obs.: P.B. = proteína bruta; F.B. = fibra bruta;

Fonte: N.A.S. (1983).

QUADRO 4E - Composição Química e Fermentação Ruminal de Porções de Forrageiras (% M.S.)

Material	Umidade (%)	N	Parade Celular	Sol. em Água	T 1/2 (h)
Ponta de cana	70	0,8	65-75	20	80-100
Bagaço de cana	50	0,2	80-90	10	80-120
Palha de arroz	10	0,5	65-70	-	60-80
Palhada de milho	10	0,8	70-80	-	60-80
Palhada de sorgo	10	0,8	65-75	-	50-70
Colmo de bananeira	90	0,8	35-40	10	40-50
Folhas de bananeira	80	2,5	40-60	10	50-60
Parte aérea de mandioca	70	3,0	35-45	20	30-50

Obs.: T 1/2 : tempo para degradação de 50% M.S. em saco de nylon.

Fonte: Santourosy & Mahadevan citados por FAO (1983).

QUADRO 5 - Vantagens e Desvantagens de Diferentes Regentes no Tratamento de Palhas

Regente	Viabilidade	Risco	Efeito de Temp. Ambiente (alta)	Necessidade de Equipamento (especial)	Custo	Eficácia
Hibridado de milho	difícil	artocado	nenhum	sim/não	alto	o mais eficiente
Hibridado de milho	fácil	seguro	favorável	sim/não	baixo	-
Amênia	difícil	artocado	favorável	sim	alto	formosa N
Osia	normal difícil	seguro	favorável	não	razoável	formosa N
Osia de milho	fácil	seguro	-	não	baixo	formosa N

Fonte: Santourosy & Mahadevan citados por FAO (1983).

aliada à grande disponibilidade de resíduos agroindustriais no Brasil, justifica plenamente a utilização destes materiais na alimentação dos ruminantes. Estes animais, através do seu sistema digestivo especial, são capazes de utilizar estes materiais fibrosos na sua alimentação. Porém, a grande maioria desse tipo de alimento nas condições naturais não atende às necessidades do animal, especialmente devido ao baixo consumo e ao baixo aproveitamento. A adoção de algum tipo de tratamento prévio destes materiais é indispensável, mas os tratamentos até agora preconizados são muito onerosos e carecem de maiores estudos e pesquisa com o objetivo de torná-los práticos e econômicos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. & CARDOSO, E.M.R. *A mandioca no trópico úmido*. Brasília, Editora, 1980.
- CONCEIÇÃO, A.J. *A mandioca*. São Paulo, Nobel, 1983.
- FANCELLI, L.A. *Informações pessoais*. Piracicaba, ESALQ/Dep. de Agricultura, 1984.
- FONSECA, H. et alii. Piracicaba, FEALQ, s.d. 2 v.
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. IAEA, Roma. *Nuclear techniques for assessing and improving ruminant feeds*. Roma, 1983.
- FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS LUIZ DE QUEIROZ, Piracicaba. *Sistema ponderal de conversões e determinação de margens de comercialização*. Piracicaba, 1984. (Relatório final).
- GOMES, P. *A soja*. 4. ed. São Paulo, NOBEL, 1983.
- HAWKINS, D.R. *Curso sobre produção e manejo de gado de corte*. Piracicaba, ESALQ/FEALQ, 1983.
- KRISHNAMURTI, L. & KITTS, W.D. *Potencial for in situ liquocelulosic materials "in situ" ruminants in temperate region*. In: PROCEEDING. Viena, FAO/IAEA, 1983.
- NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES, Washington, DC. *Methane generation from human, animal and agricultural wastes*. Washington, 1983.
- NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES, Washington, D.C. *Postharvest food losses in developing countries*. Washington, 1978.
- PRODUCTION YEARBOOK. Roma, FAO, v. 36, 1982.
- REUBEN, H. *Dieta para salvar a vida*. São Paulo, Círculo do Livro, 1975.
- RITCHIE, H.D. *Michigan beef production*. Michigan, An. Sci. Dept. 1982. (Extension bulletin, E-1585).

O professor Pasqual Mucciolo comemora Jubileu de Ouro de Formatura

O professor e doutor Pasqual Mucciolo, de 73 anos, comemorou, no ano passado, o Jubileu de Ouro de formatura em medicina veterinária, período em que acumulou uma das mais ricas experiências em inspeção de produtos de origem animal. O seu currículo é farto: foi funcionário público, professor de faculdades de medicina veterinária, integrou bancas de julgamento de inúmeras teses de doutoramento em várias escolas de medicina veterinária. Por seu crivo, passaram um número infinito de doutores e professores que hoje são docentes das faculdades de medicina veterinária no campo de sanidade de produtos de origem animal, especialidade que se tornou um dos principais nomes nacionais.

Com 73 anos de idade é casado com dona Antônia Santos Mucciolo, com quem tem três filhos. Formado pela Escola de Medicina Veterinária, que pertencia à Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, ele, após concluir o curso, procurou sempre estar atualizado. Tornou-se catedrático, mediante concurso de títulos e provas realizado em 1942, na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, com a tese "Um novo método de doseamento de peroxidase no leite e seu emprego na fiscalização desse produto". Foi professor dessa Faculdade de 1942 a 1963.

Em 1950, fez curso de um semestre, aperfeiçoando-se em inspeção de alimentos de origem animal no "Quartermaster Food and Container Institute For The Forces", de Chicago, Estados Unidos. Tornou-se, em 1969, professor titular da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Unesp, campus de Botucatu,

onde permaneceu até 1981. O ingresso e a conquista da cadeira de titular dessa faculdade foi por concurso de títulos, na disciplina de Inspeção Sanitária de Alimentos de Origem Animal, uma das suas especialidades.

Além de professor, Mucciolo acumulou, ao longo de sua vida, trabalhos práticos que o mantinham atualizado da realidade do dia a dia: foi inspetor de Produtos de Origem Animal do Ministério da Agricultura de 1935 a 1939 e assessor técnico da Federação Paulista de Criadores de Bovinos, entidade antecessora da ABC, de 1942 a 1960, período que também tornou-se redator permanente da seção de Carnes e Derivados da Revista dos Criadores.

O professor participou de vários congressos, simpósios e palestras nesses 50 anos de formado. Em razão de sua larga experiência em inspeção sanitária de produtos de origem animal, o professor Mucciolo participou de vários estudos de reformulação de leis municipais, estaduais e federais, dando sua contribuição para que elas fossem aperfeiçoadas e adequadas à realidade do dia-a-dia. E por causa de sua experiência e especialização foi solicitado a dar aulas, cursos e palestras em quase todas as faculdades de medicina veterinária brasileira, de norte a sul, além de outros países latino-americanos.

Publicou inúmeros artigos técnicos referentes à sanidade de produtos de origem animal da Revista da Faculdade de Medicina Veterinária de São Paulo, da qual era membro integrante do Conselho Editorial. Publicou, igualmente, inúmeros artigos na Revista dos Criadores, periodicamente de 1942 a 1960 e even-

tualmente a partir dessa data. Como sempre achou fundamental trazer à tona às novidades, Mucciolo publicava todas as descobertas na área de sanidade de produtos de origem animal que fosse de interesse do setor. O professor também integrou inúmeras bancas para julgamento de concursos para doutoramento de várias faculdades.

Como bolsista da Capes, percorreu diversos países europeus para estudar e organizar institutos de pesquisas e de ensino da tecnologia do leite. Foi bolsista da Fundação Rockefeller, a primeira oferecida a um médico veterinário brasileiro. Foi também o primeiro aluno civil a participar de um curso oferecido pela "Quartermaster Food And Container Institute for Armed Forces" oferecido para oficiais das Forças Armadas Americanas encarregadas de inspeção de alimentos destinados às tropas. Recebeu ainda bolsa da Cia. Swift, estudando nos laboratórios de pesquisas da empresa em La Plata, na Argentina. Foi também bolsista da Usaid no projeto "Food Products and Inspection".

O especialista integra a Sociedade Paulista de Medicina Veterinária, Sociedade de Farmácia e Química do Estado de São Paulo, Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos, Sociedade Brasileira de Microbiologia e Sociedade Portuguesa Veterinária de Estudos Sociológicos. Em estudos, esteve nos Estados Unidos, Argentina, Peru, Venezuela, Panamá, Inglaterra, Itália, França, Dinamarca, Suécia, Alemanha e Portugal. O professor Pasqual Mucciolo continua, apesar de aposentado, em plena atividade em 1984 tornou-se o responsável técnico do Instituto de Veterinária Aplicada.

15º Leilão VR

LOCAL:

**PARQUE
FERNANDO COSTA**

DATA:

04/MAIO-85

10 HS-1º SÁBADO DE MAIO

UBERABA MG

ANIMAIS P.O E P.O.I

5 PAGAMENTOS

SEM JUROS



SELO OFICIALIZADO
ABCZ



CHUMMAK

Tri Campeão
Nacional

"A TONELADA"



1086 Kg

MAGNO R VAJ

Grande Campeão Nacional em Uberaba/84.



ORGANIZAÇÃO
Dr. Vicente Araujo de Sousa Jr.

MARCA

ALIMENTOS PARA O MUNDO

R
VAJ

Sales of semen only with the owner. We have no sales representative. The trade mark R - VAJ is exclusively ours.



GARCINHA X — Abad
Garcinha III

ECONÔMICA — Gagarin
Japonesa III

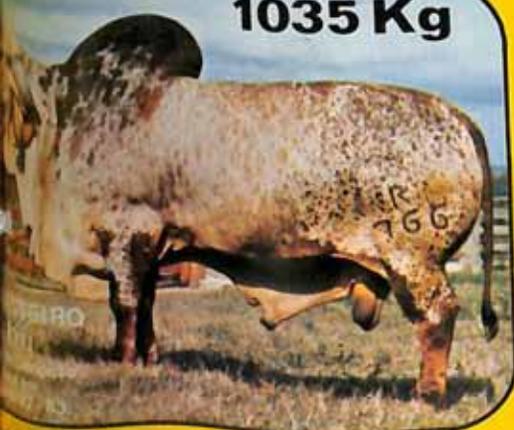
LIMEIRA — Cancioneiro
(Grande Campeão Nacional/72)
Anabela II

DECISÃO PARA SE FAZER UMA SELEÇÃO NAS CHAVES DA CONCLUSÃO"

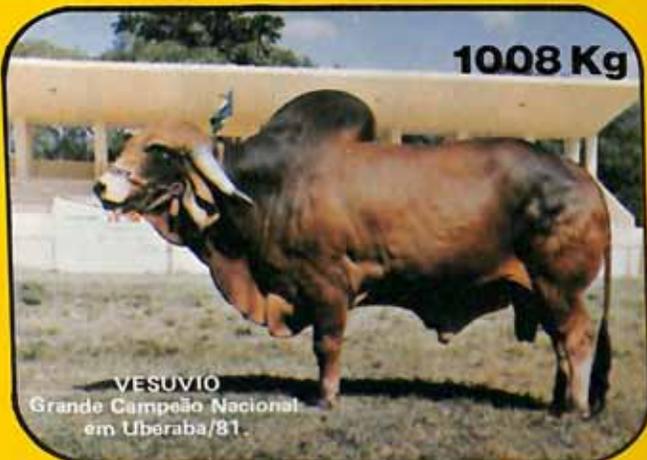
Dr. VICENTE ARAUJO DE SOUZA JUNIOR

ENDO A CHAVE PARA A NAÇÃO NO GIR DA NOVA GERAÇÃO"

1035 Kg



1008 Kg



VESUVIO
Grande Campeão Nacional
em Uberaba/81.

ORGANIZAÇÃO

Dr. Vicente Araújo de Souza Júnior
End.: Rua Bernardo Guimarães, 4
Fone: DDD (034) 332.5726
38100 - Uberaba - Minas Gerais - Brasil

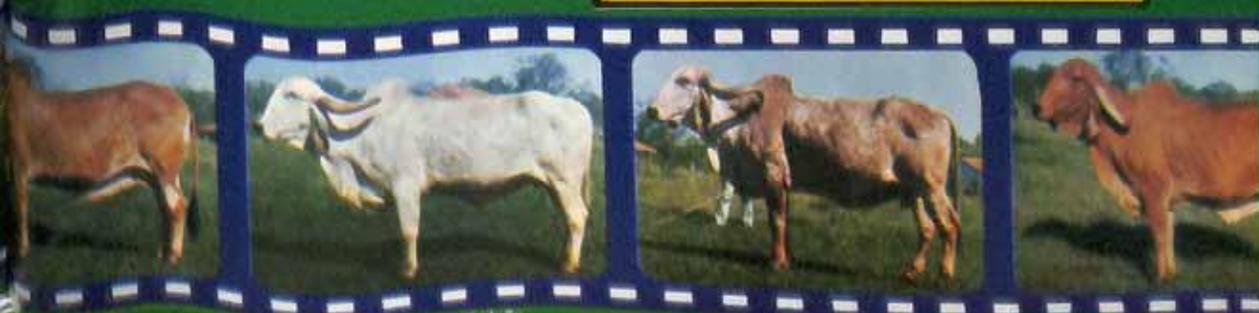
venda de sêmen neste endereço

Participe do 1.º Leilão



CONFETE DE OURO

Pai de:
Magnó Rex e
Seresteiro # 144



Assaca
G. Campeão Nacional
73 - 74 - 75
Naja

GAROTÁ

Galeão
Garotinha VI

JAPONA

Barim
Japurá

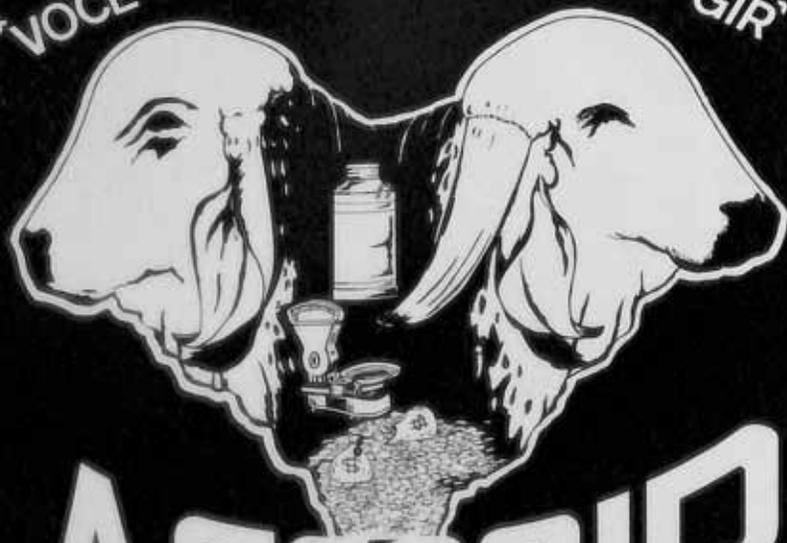
MATRA

Ringo
Finenciada

1º Leilão NACIONAL DA RAÇA

GIR

"VOCÊ TEM QUE VIR PARA O GIR"



ASSOGIR

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GIR DO BRASIL

DIA
02-05-85

AS 13:00 HS.
PARQUE FERNANDO COSTA
UBERABA MG.

100 LOTES DE CABECEIRAS
50 PARTICIPANTES
5 PAGAMENTOS SEM JUROS

ORGANIZAÇÃO



Leilão Oficializado Pela

ABCZ

Presidente da ABCZ participa de reuniões internacionais e promove Zebu brasileiro

O presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), Newton Camargo Araújo, participou, como secretário geral, de três reuniões da Confederação Mundial do Zebu (Comzebu), realizada em Cancun, Mérida e Vila Hermosa, no México. Ao voltar dessa viagem, falando à imprensa, na ocasião, achou que é válido o esforço da ABCZ em promover a penetração do zebu em outros países do mundo. Observou que o Zebu, no México hoje é uma realidade incontestável e de realce. Em contato com empresários rurais do México, Camargo pôde constatar que o zebu exerce papel importante hoje na economia mexicana e, em razão disso, intensifica, cada vez mais, o interesse por reprodutores e sêmen brasileiros.

Mas nas discussões travadas nas três reuniões emergiu, como consenso, a necessidade de se divulgar mais o zebu. Chegou-se, assim, a uma conclusão de que o Comzebu necessita, por parte de sua diretoria, revigorar a área de divulgação e promoção no resto do mundo. E a participação da ABCZ nessas três reuniões trouxe um novo ânimo à Comzebu. "Como a ABCZ, em razão das dificuldades econômicas, deixou de participar de duas reuniões anteriores, houve um certo desânimo nesse setor, já que o Brasil é atualmente o principal país a selecionar o Zebu. Com a nossa participação no México e os dados de trabalho que levamos conseguimos infundir novo ânimo às demais associações que integram a Comzebu", conta Camargo.

Nessas reuniões, ficou acertado,

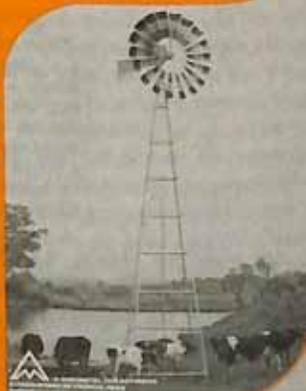
de acordo com o presidente da ABCZ, o início de intercâmbio de informações científicas entre as associações e dar novo alento ao setor comercial, tanto de embriões, sêmen e animal. O objetivo é padronizar os procedimentos entre as entidades que integram a Comzebu e a partir daí tornar fluente os intercâmbios.

Camargo, nessa viagem, surpreendeu-se com a adaptação do zebu brasileiro às condições mexicanas e o melhoramento do criatório do país como um todo, com destaque para o Indubrasil, detentora do maior número de registros, seguida por Gir, Nelore e Guzerá. Somadas, essas raças já superam, em número, o criatório do Brahma. De qualquer forma, apesar do crescimento e do melhoramento do zebu no país, Camargo visualiza um potencial de mercado muito grande para o zebu brasileiro no México. "O México precisa fazer crescer muito ainda a sua pecuária para atender o consumo da sua população de 75 milhões de habitantes, enquanto o seu rebanho alcança 18 milhões de cabeças. Para encurtar essa desproporção, o rebanho bovino precisa crescer. E o Brasil torna-se, assim, o principal fornecedor de material genético para acelerar a multiplicação da pecuária mexicana", informa Camargo.

Depois das informações passadas pela ABCZ, Camargo acredita que as reuniões abriram ainda mais o mercado mexicano para o zebu brasileiro. Mas, por dificuldades de transportes, os criadores mexicanos dão preferência à compra de sêmen e embriões.

ÁGUA & ENERGIA DE GRAÇA

SOLUÇÕES PARA O ABASTECIMENTO



ABASTECIMENTO TIPO AUSTRALIANO



RESERVATÓRIO TIPO TAÇA

AGROMETAL
Indústria metalúrgica Ltda

Rua Daniel Antonio de Freitas, 1045
D. Industrial - Fone (071) 33 8438
10100 - São João do Rio Preto - SP

PECUÁRIA DE LEITE

A crise da pecuária leiteira torna-se cada vez mais transparente. O sinal mais relevante é a diminuição do fornecimento alimentar às vacas na entressafra que provocou, por exemplo, queda anormal da produção de leite entre julho e outubro de 1984, como detectaram os técnicos do Centro de Estudos Agrícolas, órgão da Fundação Getúlio Vargas. De acordo com eles, a crise refletiu também no Índice de produtividade leiteira no período. E dessas anormalidades são reflexos da alta dos preços das rações, reajustadas acima dos do leite, à inflação e também ao baixo nível de investimento na pecuária leiteira, cuja origem situa-se precisamente na crise do setor. A revista Agroanalysis, de janeiro, publicado pela Fundação Getúlio Vargas, fez uma análise da situação da pecuária leiteira que publicamos a seguir.

Segundo os dados da Pesquisa Mensal de Leite, do IBGE, a produção de leite no período de julho a novembro de 1984, ao reduzir-se em 5,8% em relação a igual período de 1983, configurou uma nítida reviravolta em seu desempenho no ano, tendo em vista que a produção do primeiro semestre tinha registrado um crescimento de 10%.

Considerando que o inverno passado não foi dos mais rigorosos, a queda anormal de produção verificada no período só pode ser explicada pelo agravamento da deficiência alimentar das vacas, que, na época da queima de pastos, carecem de ração suplementar para evitar a redução abrupta do rendimento. As causas da não-efetivação desse suprimento alimentar são de dois tipos. O primeiro, conjuntural, refere-se aos preços das rações e de outros fatores de produção, cujos aumentos nos últimos anos superaram notoriamente os reajustes autorizados para o leite e, até mesmo, os índices da inflação. O segundo, de ordem estrutural, diz respeito ao nível de investimentos, sempre abaixo das necessidades requeridas pela atividade, cujo processo de descapitalização, que já era forte nos anos 70 e continua-se intensificando na década atual. A propósito, destaque-se que a descapitalização que se verifica na bovinocultura de leite contribui para a contração do rebanho, revelada pelos Censos Agropecuários de 1970 e 1980.

A comprovação dessa tendência é dada, antes de tudo, pelo declínio numérico do rebanho misto (corte e

leite), que de cerca de 9 milhões de cabeças, em 1970, caiu para 6,7 milhões, isto é, menos 25,9%, em 1980. A pecuária leiteira também declinou em termos absolutos, atingindo 23,8 milhões de cabeças, ou seja, menos 5,6% do que dez anos antes. A pecuária de corte foi o único segmento que registrou aumento, acentuando a sua preponderância no rebanho. Na verdade, a expansão numérica do gado de corte deu-se em razão das grandes reservas físicas disponíveis nas regiões Norte e Centro-Oeste, cuja ocupação para fins econômicos vem-se acelerando nos últimos quinquênios.

Obviamente, a expectativa de ordem econômica que cerca uma atividade criatória, cujos componentes produtivos declinam numericamente, é de haver a especialização do ramo, de modo a se obter crescimento vertical da produção, a fim de continuar atendendo à demanda, que, no Brasil, pelo menos em termos vegetativos, continua crescendo. Diante do ex-

posto, a conclusão óbvia é de que o aumento da produção leiteira, da ordem de 84%, na década de 70, proveio totalmente da melhoria do rendimento das vacas ordenhadas, uma vez que os rebanhos especializado e misto se contraíram no período.

A análise da melhoria do rendimento das vacas ordenhadas, porém, demonstra que o avanço mais significativo deu-se nas regiões Norte (+ 76,5%) e Centro-Oeste (66,8%), onde a produção de leite é inexpressiva. Nas regiões Sudeste e Sul, cujas produções representam 51,1% e 23,3%, respectivamente, do total produzido (11,6 bilhões de litros), em 1980, o aumento da produtividade leiteira foi bem menor, isto é, 39,7% e 34,5%, respectivamente. O avanço no rendimento, evidentemente, é sempre uma função inversa do nível de produtividade considerado como ponto de partida, mas no caso brasileiro, as marcas registradas, em 1970, pelas



vacas ordenhadas nas diferentes regiões, podem ser consideradas igualmente baixas. Desse modo, o aperfeiçoamento registrado no período poderia ter sido mais substancial, caso a atividade fosse objeto de maiores investimentos.

“... a produção de leite no Brasil tem refletido as macroinjunções da economia...”

Sabe-se, contudo, que mesmo na fase de expansão da economia, o leite não mereceu a atenção das autoridades governamentais, à semelhança que ocorreu com os vários alimentos destinados exclusivamente ao abastecimento interno. Assim, sem receber o apoio financeiro adequado, de um lado, e manietada a uma política de preços administrados, de outro, a produção de leite no Brasil tem refletido as macroinjunções da economia, não como produto essencial à cesta básica de alimentos da população, mas pela sua importância nos cálculos dos índices que medem a inflação. A estreiteza desse vínculo tem sido, pois, desastrosa para a sociedade, não só devido ao subaproveitamento do potencial mas, também, à evasão de divisas com a importação de leite em pó, como ocorreu ao longo da década de 70.

Do ponto de vista do pecuarista, a estagnação da produção, característica dos anos 80, em muito se assemelha ao ocorrido no início da década passada, quando a oferta interna regrediu, em virtude da deterioração dos preços no período 1969-73 (ver Quadro 15). Naquela oportunidade, o governo viu-se obrigado, ainda em 1973, a aumentar a importação de

leite em pó (para suprir de imediato o mercado) e tomar medidas incentivadoras da produção. Dentre as últimas, foi lançado, na época, o Programa de Estímulos Técnicos e Financeiros para o Desenvolvimento da Pecuária de Leite e posta em prática uma política de aumentos reais dos preços para aquele ano e os subsequentes.

A retomada da produção, que, de fato, se verificou a partir de 1974, adveio principalmente da recuperação dos preços, os quais realmente cresceram até 1975, quando atingiram seu nível mais alto, nos três últimos quinquênios. Quanto ao programa de assistência técnica e financeira, logo descontinuado, foi mínima a sua contribuição.

Os preços recebidos pelos produtores, embora tenham declinado após 1975, mantiveram-se em nível satis-

fatório até 1981, quando iniciaram caminho descendente, aproximando-se do vale registrado no triênio 1970-72 (ver Quadro 15). Desse modo, o que ocorre atualmente com a pecuária leiteira, assolada por um desânimo geral, coincide em muitos aspectos com a que prevalecia há doze anos. A diferença está no fato de que, quando da crise anterior, o governo dispunha de condições de reverter a tendência de queda da produção, mediante injeção de investimentos e aumentos reais do preço do leite. Isto porque naquela fase, a economia em ascensão permitia à população continuar consumindo o produto, mesmo a preços mais elevados. Na atualidade, a implementação dessas medidas afigura-se mais complexa, não só pela escassez de recursos para investir mas, também, pela impraticabilidade de concessão de aumentos reais ao produtor, uma vez que o repasse de preços ao consumidor é bastante difícil, tanto pelo seu reduzido poder de compra como pela repercussão da medida nos índices inflacionários.

Apesar de todos esses obstáculos, é pertinente registrar novamente a importância do leite na cesta de alimentos básicos da população, mormente na conjuntura atual, considerada de transição, quando se fala em pôr em prática programas emergenciais de atendimento às camadas carentes dos grandes centros urbanos. Cabe, também, lembrar que o investimento na distribuição de leite à população infantil, mesmo a fundo perdido, tem compensação garantida, no longo prazo, através de melhor aproveitamento escolar e redução de despesas de assistência médica com cidadãos prematuramente deficientes.

Neste sentido, causa espécie saber que, com toda a vocação e potencialidade de que dispõe para a produção de leite, o Brasil não produz o suficiente para atender a sua população, mantendo-se na incômoda situação de dependente da oferta externa, que aqui chega doada, ou em troca de divisas duramente acumuladas.

QUADRO 15 — BRASIL — EVOLUÇÃO DOS PREÇOS NOMINAL E REAL DO LEITE TIPO ESPECIAL EM NÍVEL DO PRODUTOR — 1969-84

ANO	PREÇO NOMINAL (Cr\$/l)	PREÇO REAL (Cr\$/l)
1969	0,30	452,00
1970	0,37	475,87
1971	0,45	469,69
1972	0,54	480,39
1973	0,71	549,82
1974	1,11	667,95
1975	1,58	743,51
1976	1,95	649,71
1977	2,87	670,32
1978	3,93	661,79
1979	6,43	595,06
1980	11,46	626,11
1981	24,69	642,67
1982	40,38	537,79
1983	98,97	517,85
1984	282,12	460,42

FONTE — FGV/IBRE/CEA.

¹ Valores corrigidos pelo IGP, Coluna 2, da FGV, para dezembro de 1984.

Alfafa, opção em forragem

A Alfafa é uma forrageira de alto valor nutritivo com uma boa produção e que se adapta em várias áreas do mundo.

Dentro da história antiga, já em texto Babilônico, 700 anos antes de Cristo os arábicos e persas já plantavam esta forrageira e o nome alfafa vem do árabe e significa "forrageira ótima". Desde a Ásia Central se esparrama sobre o mundo, para a Europa, e desde a colonização foi levada para a América.

Com a chegada dos emigrantes que trouxeram estas sementes, durante muitos anos começou uma seleção de adaptação natural a qual resultou em variedades que se adaptam melhor na nossa região.

Exigências

A alfafa tem uma ampla distribuição em todo mundo e tem variedades que se adaptam nos diferentes climas, os quais não devem ser quentes demais, é uma forrageira para clima frio e de região subtropical. Dentro de climas frios diminui a produção no inverno, sendo que em climas mais quentes, ou seja, tropical, no verão ela baixa a produção.

Em regiões com períodos de grandes secas ela pode produzir bem com sistemas de irrigação. Na re-

gião fria e com ocorrência de geadas normalmente não prejudicam o seu desenvolvimento.

O solo é mais que o clima o fator limitante dentro da longevidade da alfafa. Um solo profundo no qual a planta pode desenvolver raízes bastante compridas, pode dar como resultado que a alfafa produza durante muitos anos.

As raízes da alfafa podem alcançar um comprimento facilmente de mais de 2 metros. Isto não quer dizer que em solos menos profundos a alfafa não se desenvolva, só se deve esperar que a persistência seja menor.

Em solos compactos é importante quebrar esta compactação, até uns 50 cm para que a raiz possa penetrar no solo.

A alfafa desenvolve melhor em um solo com pH ao redor de 7, mas com mais acidez ele se desenvolve, e naturalmente a produção é menor. Importante é que não haja alumínio no solo até 50 cm.

A alfafa é exigente em potássio, fósforo e micro-elementos como boro, molibdênio, cobre e zinco. No solo onde se vai plantar devem ser corrigidos estes elementos antes de plantar.

É lógico que antes de plantar deve-se aplicar bastante calcário para corrigir a acidez e alumínio, para

Dentro do cultivo da alfafa o ponto mais importante é a adubação de manutenção do qual a base é a seguinte:

Que os elementos que são tirados em forma de forrageira devem ser colocados de volta em forma de adubação.

Para boa parte das regiões brasileiras a variedade Crioula dá o melhor resultado do qual se deve usar entre 10 a 15 kg de sementes por ha. chegar mais perto do ponto ideal. Mas também deve-se notar que o cálcio é de grande importância para alimentar a planta.

Conclusões:

— A alfafa pode ser uma alternativa para a produção de forrageiras.

— O solo não é necessariamente um limitante para este cultivo, desde que adequadamente corrigido e preparado.

— Dentro do plantio e produção a adubação é o maior fator limitante.

Joseph Kramer, médico-veterinário do Setor de Zootécnica da Cooperativa Castrolanda, de Castro, PR. O artigo foi publicado originalmente no Jornal do Departamento de Assistência Técnica da Cooperativa.

Métodos de plantio e utilização do Guandu

Reimar von Schaaffhausen

O Guandu é uma planta ereta, com altura de 1 a 3 metros. Tem raízes profundas, penetrando o solo até 3 metros. Produz em solos fracos e ácidos com pH 5 ou menos. Pode ser empregado como forragem verde para bovinos, caprinos, carneiros e cabras; adubação verde; produção de feijões comestíveis, apreciados pelas populações do Estado da Bahia (Andu), América Central e África e Ásia.

USO PARA FORRAGEM VERDE NO PASTO

- o Arar e gradear faixas de 10 metros de largura nos pastos existentes ou em formação. Deixam-se vinte metros de pasto, com gramíneas, para alimentar os bovinos durante os meses com chuvas.
- o Semear as sementes de Guandu como se fossem milho e na mesma época.
- o Em morros que não permitem a semeadura mecânica, fazem-se sulcos e plantam-se os feijões com a catraca manual. Soltam-se as sementes de 5 a 30 por cova, com distância de 4 a 5 metros entre si. O grande número de sementes colocadas juntas evita que as hastes se tornem grossas e lenhosas. A planta cresce então como se fosse um arbusto com hastes delgadas e flexíveis.
- o A semeadura em faixas, facilita o manejo do gado. Dois a três meses após o plantio, o gado pode voltar para a invernada. Eles não pisam mais em cima das plantinhas novas. A planta continua crescendo, porque o gado não come as folhas durante a estação chuvosa. Eles comem as gramíneas existentes em dois terços da área, engordando.

o A partir de maio, em São Paulo, quando as gramíneas secam, os bovinos entram nas faixas de guandu, comendo flores, vagens e folhas, que se mantêm verdes o ano inteiro. (O Guandu não resiste às geadas fortes). Os bovinos ganham na média acima de meio quilo por dia, ou 50 a 70 kg durante a "entressafra".

MÉTODO PARA ADUBAÇÃO VERDE

- o Após a aração e gradeação semeiam-se as sementes a lanço, manualmente ou mecanicamente (espalhador de calcário) - Quantidade de 30 a 60 kg/ha.
- o Os feijões colhidos pagarão as despesas da plantação.
- o As plantas do Guandu podem ser cortadas com a roçadeira, rente ao chão e enterradas com grade pesada ou rolo faca.

FORRAGEM PARA GADO LEITEIRO

O método descrito acima serve também para obter forragem verde para gado de leite. Cortam-se os galhos com uma altura de um metro e triturados junto com as espigas de milho, fornecem uma ração equilibrada e rica em proteínas e outros nutrientes: 26% nas folhas e 12-16% nos galhos, aumentando a produção de leite consideravelmente, a baixo custo.

O Guandu rebrota, podendo ser podado novamente depois de dois meses.

FORRAGEM PARA PORCOS

Os porcos comem as folhas e vagens. As hastes voltam para a ester-

queira, transformando-se em húmus.

ADUBAÇÃO VERDE PARA CAFÉ OU AMOREIRA

- o Semeia-se o Guandu como se fosse milho no começo da estação chuvosa. Na época de plantar as mudas do café, corta-se uma fileira de Guandu a cada quatro metros. Plantam-se em seguida as mudas do café nos sulcos feitos em curva de nível, adubado adequadamente. O Guandu restante sombreia as plantas novas contra os raios fortes de sol.
- o Quando não precisam mais de proteção, cortam-se as fileiras restantes, fornecendo grande quantidade de matéria orgânica.
- o Quem desejar caprichar mais ainda, aplica o Método Mario Nogueira, espalhando Nutri-húmus, contendo bactérias benéficas e minhocas.

A LEGUMINOSA LABE-LABE EVITA AS CARPAS

Para evitar a necessidade de carpir as entrelinhas de café, semeia-se o feijão labe-labe entre as fileiras do café. As ramas compridas cobrem em dois meses todo espaço livre, formando um tapete denso, evitando o crescimento de ervas daninhas. O labe-labe (*Dolichos Lablab*) pode ser facilmente controlado pela roçadeira, cobrindo o solo com uma camada de matéria morta (mulch), evitando a erosão e evaporação de humidade. Cortando as plantas com altura de 30 cm, elas rebrotam. A vantagem do labe-labe, sobre outras leguminosas, consiste em que não precisa ser enterrada em época certa e protege o solo durante a seca.

Produtores paranaenses falam da pecuária leiteira

O jornal do Departamento de Assistência Técnica da Cooperativa de Castro publicou uma série de entrevistas com produtores de leite na região e com propriedade e tamanho de plantéis diferentes. Na entrevista, eles detalham minuciosamente a sua produção, sistema de trabalho e revelam satisfação com a atividade. Além disso, falam da importância do cooperativismo na atividade — tanto do ponto de comercialização e assistência técnica.

O primeiro produtor entrevistado foi Lucas Auer, de Palmeira, PR, que produz leite em uma propriedade de 1 alqueire. O segundo, o sr. Antônio Acherski, de Castrolanda, e o terceiro, Johannes Wolter Strijer, também de Castrolanda. E Revista dos Criadores publica estas entrevistas por refletirem a opinião de criadores de uma região com um dos mais altos níveis técnicos de especialização na produção leiteira e por mostrar, também, de uma maneira bem clara, a importância do cooperativismo, principalmente quando bem-intencionado, dirigido pelos próprios produtores, na roça, sem mordomias pelas capitais e com um departamento técnico altamente especializado. As entrevistas foram feitas por Huiber Janssen, do setor de Zootecnia da Cooperativa Castrolanda e por Edirce Maria Schupechek, do setor de Divulgação.

O primeiro entrevistado — sr. Lucas Auer.

P — Qual o tamanho de sua propriedade?

R — 1 alqueire.

P — Quantos animais?

R — 14 vacas com tendência a aumentar.

P — Qual a produção média diária?

R — 110 kg.

P — Quais os objetivos para a propriedade?

R — Quero me preparar melhor com mais pasto e conservar uma média de 15 vacas leiteiras.

P — O que acha da situação para o produtor de leite?

R — Na época atual em que tudo é difícil, em função da área que uso, acho que é o melhor ramo hoje, pois desde que comencei há 14 anos, minha vida melhorou.

P — Tem lembrança de qual ano foi melhor?

R — Para mim foi sempre igual. O que me ajudou muito foi a mudança de cooperativa, pois associando-me a uma cooperativa mais próxima, diminuíram os custos com fretes, etc.

P — Que tipo de pasto está usando para o inverno e verão?

R — Uso atualmente a Setária. Napier e um pouco do Italiano, antes eu usava mais Italiano, agora uso a Setária.

P — Qual o sistema adotado, pastoreio, corte?

R — Pastoreio.

P — Que experiência teve com os pastos que está usando?

R — A Setária há um ano eu uso. Este ano para mim não teve entressafra de inverno. Com a Setária resolvi o problema.

P — Neste caso, se o Sr. tiver extra-cota vai ser pequena?

R — Sim, através destes pastos melhorei a ração. Por exemplo: quando terminou o silo no inverno, eu pude entrar com a Setária. Tá certo, a área é pequena, se fosse maior então, nossos problemas estariam totalmente resolvidos. Estou achando uma grande solução em usar Setária, pasto perene, com pouca despesa. Uso um pouco de adubo, mas quem quer ter bom pasto deve tratá-lo.

P — O que aconselharia a uma pessoa com área como a sua, ou maior?

R — Eu diria que quem tem área maior, pode usar Setária, isto é importante para o gado. E adquirir trevo para a entressafra de verão com o inverno. O mais garantido nesta parte, para mim, é o pinhão e Napier, que está sendo solução em áreas pequenas. Em área maior, melhor ainda.

P — Que sistema adota?

R — Semiconfinamento. O gado não passa à vontade. Eu encho o cocho e uso mais o pasto para produzir leite. Como intermediário da produção de leite, então a qualidade do pasto tem que ser boa e a Setária preenche bem estas necessidades.

P — Acha um bom sistema, em razão da área?

R — Sim, inclusive para o pasto e manejo,

porque evita trabalhar com roçadeira, trator e tudo mais. Faz-se piquete menor, com proteção de cerca eletrificada e vai conservando rápido, fazendo cobertura e aproveitando melhor, o pasto fica em parte mais mole, justamente no sistema em uso tem que usar o pasto novo, porque é destinado à produção de leite.

P — Acha que este método pode ser usado em áreas maiores?

R — Melhor ainda, dará mais resultado.

P — E a extra-cota é válida?

R — Acho que a extra-cota para o pequeno produtor não resolve. Essa eu não adoto, nunca adotei e não gosto. Acho que aquela que é produtor de leite e vive do leite, se dedica a ele. Não interessa a época, ele quer produzir sempre. Agora para o grande fazendeiro é importante é notar que no verão ele produz muito mais, graças a grande área de terreno dele, e o leite para ele tanto faz no inverno como o verão, inclusive a minha produção sempre é mais alta no inverno, razão pela qual nunca tive problemas com extra-cota. Acho também que todos os pequenos produtores pensam assim, tenho por exemplo o meu vizinho, o Alfredo, com ele acontece a mesma coisa.

P — Alguma crítica ou sugestão à Assistência Técnica?

R — Não, a Central está indo muito bem, os técnicos são ótimos, para quem colabora. Porque assistência técnica quem faz também

é o produtor.

P — E o sistema cooperativista?

R — Existe alguma coisa que prejudica a gente, na parte da Coopagropecuária, é dela não cobrar nossas retiradas dentro do mês, cobrando juros o mês seguinte. Isso judia da gente. Quanto ao resto, não posso me queixar.

P — Que conselho daria a quem quiser começar a trabalhar com gado leiteiro?

R — Eu acho que desde que a pessoa tenha lugar e vontade de trabalhar, deve ter mesmo gado de leite. Quem tem deve continuar segurando a barra, porque acima de tudo o leite é um alimento de vital importância, e quem produz leite está ajudando todo mundo. Vamos tocar para frente o barco, pode ser que mais tarde as autoridades reconheçam nosso valor e as cooperativas cheguem num ponto que possam nos ajudar muito mais. Certo é que, quanto mais produção, melhor.

O segundo entrevistado — sr. Antônio Aberski

P — Quantas vacas de ordenha tem atualmente?

R — 34.

P — Qual a produção de leite por dia?

R — 450 kg.

P — Tem por objetivo aumentar a produção?

R — Sim, aumentar um pouco. Diminuir não. A não ser em caso de descarte, aí eu vendo, ou então na hora da preciação a gente tem que se agarrar nas vacas mesmo.

P — Fora o leite, trabalha com quê?

R — Tenho carneiros, suínos, peixes e sempre uma coisinha sobra de arroz, feijão, batata, que plantamos para o gasto. A sobra vendemos.

P — Se tivesse de começar de novo, o que faria?

R — Aí você me apertou, porque a minha paixão sempre foi o leite, eu começaria com gado mesmo.

P — Acha então que o leite compensa?

R — Para mim compensa, tem que compensar.

P — Que sistema usa para alimentação no inverno?

R — Aveia, avevém, trevo e agora estamos com silagem.

P — E no verão?

R — Rojão de milho e silagem até onde alcança e também pastagem perene. Este ano não fiz pastagem de verão.

P — Acha que sem silagem teria condições de manter a produção estável?

R — Este ano eu consegui manter a produção. E quando não tinha silagem, tinha verde.

P — Valeu a pena fazer silagem?

R — Sim, porque diminuiu o custo e ajudou a manter o gado mais nutrido, mais bonito.

P — E o sistema cooperativista?

R — Acho muito bom. Para não ir bem, só o produtor não cuidando.

P — Tem algo a falar sobre a Assistência Técnica?

R — Não, só mesmo elogios a vocês. Recebi muitas orientações que eu não tinha e sempre fui bem atendido.

O último entrevistado

o sr. Johannes Wolter Strijker.

P — Qual a área de sua propriedade?

R — 320ha., sendo só para o gado, 83ha.

P — Quantas vacas de leite?

R — No momento 130.

P — Qual a produção média diária?

R — 2.502 kg de leite.

P — Acha uma boa atividade o leite?

R — Para mim, sim.

P — Por quê?

R — Por que temos certeza na parte financeira, é dinheiro certo.

P — Tem ganho muito com o leite?

R — No momento não, mas a grande vantagem é o aumento de cria, lucro no leite mesmo não.

P — E os investimentos feitos na pecuária?

R — Não fiz só com dinheiro do leite, foi feito num bolo total. Agora, a longo prazo ele se paga.

P — Faria hoje os investimentos que fez há 3 anos?

R — Faria. Eu sempre tive intenção de modernizar a ordenha. Era uma necessidade. Ordenha manual com 8 empregados tirando leite, são 8 cabeças e com a ordenhadeira mecânica você precisa só de 1 ou 2. A modernização é o tudo na pecuária. Até uns 70 a 80 animais ainda vai, mas passou de cem cabeças, não tem condições de ser manual mais.

P — Valeu a pena então?

R — Valeu sim.

P — Quais os objetivos a atender agora?

R — Eu quero diversificar mais, porque só lavoura, ou só suínos, mesmo gado ou só frango, a gente fica em situação financeira precária. Da crise todo mundo fala, mas aqui ela ainda não chegou. Apesar de que acho que tudo está muito caro, e nossa margem de lucro pequena, a matéria-prima está cara, assim como os adubos, máquinas e implementos, e a manutenção das máquinas.

P — Acha bom o sistema de cooperativa?

R — Acho, pois sem a cooperativa nós já teríamos viajado. Nem teria condições.

P — Por quê?

R — Veja bem, você trabalha muito mais tranquilo. Só se preocupa com a produção. Imagine numa situação desta o produtor se preocupar com a venda e comercialização de seus produtos.

P — Tem interesse em aumentar a produção de leite?

R — Não, só selecionar melhor minhas vacas leiteiras, melhorar o padrão.

P — Que tipo de alimento tem no inverno e fornece no verão?

R — Mais pastagem, silagem e feno. Nos dois últimos anos estou fornecendo mais feno. Vejo mais resultados. Estou fazendo contas e a elevação da qualidade e da gordura do leite, pagou o feno consumido. Este ano fiz quase 5 mil fardos.

P — Acha então que o feno é indispensável?

R — Sim, ainda mais quando se tem condições de fazer. Antes tinha problema de rúmem, disso e daquilo e com o uso do feno não mais.

P — Planta separado adubação para o feno?

R — Faço adubação verde para agricultura e das sobras das pastagens de inverno eu faço feno.

P — Se tivesse feno para vender, compraria?

R — Sim, pois diminuiria um pouco a ração, diminuindo os custos da alimentação. A meu ver era muito bom se produtores com poucas atividades fizessem feno e o pecuarista comprasse. Mas o agricultor só pensa em tocar a máquina por cima da adubação verde. Na Europa é diferente isso aí, lá a agricultura tem margem curta de lucro, então ele tenta de todo jeito ganhar dinheiro, fazendo feno, palha, fazem de tudo para vender. Mas aqui, você vai bater na porta de quem procurando feno para comprar? Ninguém se interessa.

Mais ou menos 60% de áreas perenes, trevo, avevém, Festuca, Rhodes e Setária, e os outros 40% no verão para milho e soja. No inverno aproveito a pastagem, diminuo a ração e aumento as pastagens.

P — Tem problemas com extra-cota?

R — Um pouco sim, ano passado tive 15 mil litros e este ano 10 mil e pouco.

P — Como conseguiu diminuir assim?

R — Aumentando no inverno, fazendo tudo para ter mais cota no inverno. Comprei mais gado também e em julho eu vendi 9 novilhas que iam criar em novembro. Se eu não vendesse teria mais extra-cota.

P — Acha extra-cota um problema?

R — Para um produtor tradicional, não acho uma medida muito certa. A extra-cota significa 15% do preço para baixo. Muitos pecuaristas não tiram o leite no inverno, para não levantar o coto. No total temos que tomar esta medida. Eu mesmo faço parte da Comissão Pecuária e sou a favor da extra-cota, mas para produtores com 20 a 30 anos de serviço não acho justo. Apesar de que os 15% do desconto aumenta o preço base de novo. Desta forma não se perde totalmente. Agora, quem não entrega no inverno e não tem preço base, este sim deve perder bastante.

QUEM? QUANDO? COMO? ONDE? POR QUE?

Não tenha dúvidas. Anuncie seu produto ou seu reprodutor no maior grupo editorial brasileiro especializado exclusivamente em assuntos agropecuários: a Editora dos Criadores. Além da Revista dos Criadores (com meio século de existência), editamos também o Anuário dos Criadores, Agenda dos Criadores e Agricultores e o Informativo Rural Trabalhista e Fiscal. Além disso possuímos um moderno parque gráfico capacitado para produzir, compor, imprimir (branco e preto e quatro cores) qualquer tipo de peça gráfica.

Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP

O selecionador mais importante do Brasil

Francisco Teatini

Sem dúvida, o selecionador de gado mais importante do Brasil hoje é o selecionador de Gir Leiteiro.

Vou-lhe explicar o porquê:

Todos os criadores sabem que o melhor gado que existe é o Girolando. Isto é, o meio-sangue — Gir com Holandês — ou mesmo Gir com europeu — a primeira cruza — dos touros Gir, normalmente obtém-se vacas mais sadias, resistentes e mais leiteiras.

Você sabe que se a vaca meio-sangue for coberta por touro Holandês, você vai obter o 3/4 holandês!

Você sabe também que o 3/4 Holandês já é inferior ao meio-sangue. Analisei todos os dados de seleção do controle do Suíço (muitos anos), em Calciotândia, comprovando isto. Tanto o Holandês como todas as raças cruzadas para leite, o meio-sangue é o melhor em leite e saúde.

As 3/4 Holandesas são piores de leite, mais sensíveis a doenças, ao berne, carrapato e mais exigente em alimentação e, mais, valem menos.

Quando se caminha para o 3/4 Gir, aparecem as "Voltadas". Elas têm normalmente uma lactação mais curta, produzem menos leite e também valem menos que uma meio-sangue.

Aí vem a importância do selecionador de Gir Leiteiro:

O criador de Gir Leiteiro tem um dos principais objetivos e obrigação: fornecer touros Gir Leiteiro de qualidade incontestável para os criadores de meio sangue girolandas, melhor ou igualar ou obter as vacas "voltadas" para o gir, tão boas quanto as meio sangue de primeira cruza.

Se nas vacas meio sangue leiteiro, ele voltar touros Gir, realmente leiteiro, ele vai obter as "voltadas" que é o gado ideal desde que sejam leiteiras.

O que é um touro Gir Leiteiro?

Um touro pode ser classificado como Gir Leiteiro, quando for filho de uma vaca Gir Leiteira, com produção controlada oficialmente superior a 2.000 kg de leite na primeira lactação e que a mãe seja filha de vaca com lactação superior a 2.000 kg e que essa seja filha também de touro cuja mãe tenha produzido uma lactação superior a 3.000 kg e é claro, com documentação oficial da Associação Brasileira dos Criadores (ABC).

Este é um tourinho Gir Leiteiro, que poderá melhorar e conseguir as "voltadas" boas de leite.

Quanto vale este tourinho?

Ele deve valer o meu cálculo umas quatro vezes mais do que qualquer touro de qualquer raça zebu, sem controle leiteiro oficial da ABC. Quem compra deve conferir as fichas de controle leiteiro oficial das mães, avós, dos pais e avós. Deve conferir os detalhes.

Sabe porque ele vale quatro vezes mais?

Porque, com esse touro, o fazendeiro poderá caminhar para as "voltadas" leiteiras, mais resistentes, que as 3/4 holandesas. O fazendeiro mantém o leite e um gado mais saudável.

Você poderia me perguntar: Um touro deste pode falhar? Eu lhe respondo que pode! Mas, falha muito menos que um touro Guzerá, Indubrasil, ou Gir tipo corte. A possibilidade de você obter "voltadas" boas de leite, isto é, com lactações de 10 meses, fortes, sadias, é 80%, ao passo que as tradicionais é de 20%.

— Por este motivo repete que o selecionador de Gir Leiteiro é mais importante, hoje, porque somente ele pode solucionar o problema do produtor de leite, fornecendo "Touros certos" para a obtenção do leite econômico.



O D4E equipado com ancinho executa o enleiramento.



Máquinas para implantação da pecuária nos cerrados

Eng.º Agr.º GASTÃO MORAES DA SILVEIRA



O ancinho permite a limpeza do solo sem remover a terra.

Atualmente, os cerrados ocupam mais de 1,5 milhão de quilômetros quadrados, correspondendo a cerca de vinte (20%) da superfície total do território brasileiro, o que significa na realidade uma grande área disponível para exploração nacional pela pecuária, uma vez que ela se apresenta com enorme potencial real de pastagens.

Embora sua ocorrência seja verificada em diversos Estados, a maior concentração dos cerrados localiza-se na região que abrange os Estados de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, onde representam respectivamente 77,3%, 37,3% e 35,4% de cobertura de suas áreas totais. Nessa região concentram-se cerca de 41,7% do rebanho bovino nacional.

Em Goiás, como nas demais regiões do cerrado, sua utilização predominante é para a exploração natural. Em princípio, usado durante todo o ano, e assumindo papel de vital importância no período da seca, quando grandes áreas de campo cerrado ralo são queimadas nos meses de junho a agosto para se conseguir a rebrota. Assumindo assim posição de destaque no fornecimento de forragens naturais, principalmente leguminosas arbustivas e semi-arbustivas, principalmente nos períodos de seca.

Em Minas Gerais, o uso do cerrado para pastagem é bastante generalizado. Nas áreas onde ocorrem campo e campo-cerrado, normalmente, se procede uma queima entre os meses de julho e meados de setembro sendo sua rebrota utilizada como "pastagem" mais intensamente entre setembro e fevereiro, isso para as categorias menos exigentes.

Em Mato Grosso, dependendo da maior ou menor área de pastagem cultivada dentro da propriedade, as pastagens nativas podem ser aproveitadas durante o ano todo, ocorrendo maior intensidade na utilização após o período de queimada, que são realizadas normalmente nos meses de julho ou agosto.

Aqui também se verifica sua utilização na forma natural como opção para disponibilidade de forrageiras. Porém se os cerrados forem usados única e exclusivamente dessa maneira, ele não terá condições de suportar os rebanhos durante o ano todo, principalmente na época da seca, quando se integram as fases de criação, recriação e engorda.

A bem da verdade, o cerrado quando utilizado sob sua condição natural de pastagem nativa não oferece bons resultados, apresentando baixos índices zootécnicos dos rebanhos. Em vista disso pode-se verificar que o sistema de produção pecuária das fazendas situadas em regiões de cerrados, em sua grande maioria, dedicam-se exclusivamente à criação. Ocorrendo com certa frequência pecuária mista, e, também casos isolados, de exploração destinada à produção de reprodutores, porém ocorrendo com uma frequência bem menor do que a pecuária de corte.

Para combater essa deficiência inicial do cerrado, em algumas regiões evoluídas, as áreas são desmatadas e plantadas com arroz, soja ou milho para posteriormente ser implantada a pastagem. Outra opção é o desmatamento, plantando-se logo a seguir a pastagem.

Máquinas utilizadas:

No desmatamento pesado, isto é, com



Trator de esteiras puxando uma grade de discos preparando o solo.

árvores com diâmetro de até 60cm, recomenda-se a utilização de trator de esteira com potência entre 140 e 150 HP, como é o caso

do trator D6D Caterpillar, equipado com motor diesel Cat de 142 cv (140 HP). Este trator pode ser equipado com lâmina angulável, reta



D6D com lâmina KG — que tem um esporão e uma borda cortante que facilita a derrubada das árvores ao nível do solo ou com o sistema radicular.



D4E. Um trator devidamente protegido dá maior segurança ao operador melhorando a produção.

ou tipo KG. A técnica é a seguinte: derrubar a árvore, retirar a madeira e voltar ao contrário, retirando os tocos. A produção média varia de 6,0 a 8,5 horas/ha. Pode-se também usar o correntão, porém deixando as árvores maiores que serão tombadas por um terceiro trator com empurrador de árvores. No preparo do solo, usando estes mesmos tratores, empregam grades pesadas com mais de 225 kg/disco, com pistão hidráulico, gastando-se em média 1,0 hora para preparar um hectare. Para o desmatamento de cerrado médio, isto é, aquele com vegetação sem falha tendo as árvores diâmetro ao redor de 27cm, a Caterpillar fabrica o D4E, com motor diesel Cat de 81 cv (80 HP) e que desmata um hectare, gastando entre 5,0 e 8,5 horas. No preparo inicial do solo, aconselha-se o emprego de grades com mais de 225 kg/disco, com uma produção de 1,5 a 2,0 horas/ha. Outra possibilidade nestas condições é o uso do correntão, tracionado por trator de esteiras com 142 cv (140 HP), gastando-se 1,5 hora para desmatar um hectare.

Em cerrados do tipo leve, aqueles com vegetação tendo diâmetro de vara para estaqueamento de tomate, o trator D4E Caterpillar produz de 3,5 a 5,5 horas/ha. Para estas condições, outra opção é o emprego de correntão com estes mesmos tratores, gastando-se uma hora por hectare. Em qualquer tipo de destoca no enleiramento, gasta-se de 20 a 25% do tempo empregado no desmatamento, logo este valor deve ser acrescido àquele gasto no desmatamento. Tomar o cuidado de utilizar no enleiramento sempre a lâmina dentada, conhecida também como ancinho, que deixa o solo superficial no lugar, evitando a perda da fertilidade, devido à transposição da terra fértil para a leira, como acontece quando se usa a lâmina lisa neste serviço. Outra opção para pasto praguejado ou campo cerrado leve, é o emprego de rolo-facas. Tracionado por trator D4E, ele prepara um hectare em duas horas e meia, ou então, utilizando uma grade com mais de 225 kg. por disco. Reco-

menda-se que os tratores de esteiras que operam em desmatamento sejam equipados com cabinas pesadas, proteções de radiador, dos cilindros hidráulicos, do motor e do tanque de combustível. A barra de tração oscilante também é um acessório importante quando se opera com o trator, tracionando correntão ou grades. É comum acontecer a escolha de tratores D6D em áreas onde a vegetação tenha porte para ser desmatada com tratores menores, porém é justificada devido ao tamanho da área e o tempo disponível para a realização do trabalho.

APLICAÇÃO DE CALCÁREO E PLANTIO

Normalmente os solos cerrados são ácidos; isto é, com pH abaixo de 6,5; como a maioria das forrageiras cresce melhor e produz mais com valores acima de 6,5, deve-se fazer a correção utilizando-se calcário. A aplicação pode ser feita manual ou mecanicamente. No primeiro caso, emprega-se pequenos montes espalhados pela área, e o lavrador vai com uma pá jogando a sua volta. Outra opção é o emprego de uma carroça, caminhão ou carreta, que percorre o campo, e um operário com uma pá lança o produto em todas as direções.

A aplicação mecânica é feita por equipamentos que empregam o sistema a lança por disco rotativo, conhecido também como tipo Lely; por tubo pendular intermitente; e, por último as que distribuem em filetes contínuos. Além de calcário, estas máquinas podem aplicar também adubos em toda a superfície do solo.

O plantio é a operação que se segue e atualmente no mercado temos máquinas para o plantio de mudas quer sejam colmos como estolões e de sementes. As primeiras são conhecidas como plantadeiras de capins ou plantadeiras de mudas forrageiras, as outras como semeadeiras-adubadeiras de pasto.

As plantadeiras de mudas forrageiras executam quatro operações de uma só vez:

soluca, planta, cobre e compacta a terra. A adubação é uma operação normalmente realizada antes do plantio, que à semelhança do calcário pode ser distribuído em linha ou a lança. Uma vez distribuído, tanto o adubo como o calcário devem ser incorporados e para isso se usa geralmente a grade de discos.

Tanto as máquinas que aplicam o adubo em filetes contínuos como as que o distribuem a lança podem ser usadas na adubação de plantio como na de manutenção. Nos cerrados, para adubação de plantio, aconselha-se aplicar fosfato natural a lança na superfície do terreno, sendo incorporado logo em seguida. Já o fosfato solúvel deve ser colocado no sulco em profundidade.

O espaçamento utilizado nos plantios mecanizados com o emprego de sementes está ao redor de 20 cm entre linhas. As máquinas empregadas no plantio de sementes fazem a distribuição em linha ou a lança. A semeadura em linha pode ser feita por equipamentos que enterram a semente e o adubo, ou distribuem os produtos em filetes contínuos na superfície do solo. As máquinas que distribuem as sementes e os adubos a lança assim como as que aplicam em filetes contínuos são as mesmas utilizadas para calcário.

As máquinas que enterram as sementes e o adubo promovem uma compactação do solo antes e depois da queda dos produtos. Existem dois tipos básicos de semeadeira-adubadeira de pasto: aquelas que têm um só depósito para o adubo e a semente e as que possuem depósitos separados.

As semeadeiras-adubadeiras de linhas conjugadas que se destinam à semeadura de trigo, arroz etc. também podem ser empregadas na semeadura de pastagens. Neste equipamento, o mecanismo distribuidor forma um só conjunto para todas as linhas, posicionando as sementes no solo, muito próximas uma das outras. Técnicas mais avançadas também estão sendo utilizadas, como o plantio direto, renovação com cultivo mínimo e mais recentemente o emprego de hidrossemeadura.

Intoxicações dos bovinos com alimentos contaminados

Micotóxicose são intoxicações produzidas pela ingestão de produtos agrícolas contaminados por fungo (ZEVADA, 1975). Micotóxicose são envenenamentos produzidos pela ingestão de toxinas de origem fúngica em alimentos mofados (HERRERA E ULLOA, 1975).

Os fungos, por uma característica própria de seu metabolismo, são capazes de produzir e excretar toxinas que se difundem pelo alimento, contaminando-o a ponto de causar grandes prejuízos às criações. As micotóxicoses, de um modo geral, caracterizam-se por:

1. Não são enfermidades transmissíveis de um a outro animal.
2. Os antibióticos e quimioterápicos tem pouca ação sobre o curso da enfermidade.
3. A morbidade é estacional, dependendo das condições climáticas.
4. Há sempre uma relação entre o aparecimento das doenças e o consumo de determinado alimento.

A contaminação pelos fungos é observada em alimentos armazenados com umidade acima de 15% e temperatura superior a 20°C, ou com excesso de umidade que favoreça o aquecimento e aparecimento do mofo. As micotóxicoses mais importantes nos bovinos nesta região, são as seguintes:

a) *Aspergillus* spp. SEMENIUK, 1971 — disse existem 392 cepas de espécies de *Aspergillus* spp.

Aspergillus flavus — produtor da Aflatoxina ocorre em farelos ou tortas de amendoim, milho e outros cereais embolorados. Quando encontrado no milho, recebe a denominação de Toxicose pelo milho embolorado. Esta toxicose na fase aguda, após 12 horas de ingestão, causa depressão, incoordenação motora, perda de apetite, mucose pálida, diarreia e advindo a morte no 2º dia. Na forma crônica, encontramos icterícia progressiva, enfraquecimento interno, caquexia e morte. Na necropsia notou-se Hemorragia difusa, lesões degenerativas no fígado e rins.

Aspergillus chevalieri — atacam grãos, feno e rações em geral. Os bovinos intoxicam mais no inverno e predominantemente nos animais estabulados. Sua toxina é quimicamente desconhecida. Observa-se duas formas clínicas: Aguda — Lacrimejamento, corrimento nasal, salivação, perda de apetite, diarreia profunda e fétida, com morte por efeito sistêmico após evolução de 3 a 4 dias. Na necropsia notam-se hemorragia e congestão localizadas na traquéia, pulmões, coração abomasto, duodeno, cecum, rins e pâncreas.

Crônica — Aparece em decorrência da ingestão de pequenas quantidades de alimento contaminado, por um tempo relativamente prolongado. Observa-se depres-

são, perda de apetite, lacrimejamento, salivação intensa, espessamento de pele da cara e do pescoço, hiperqueratose. Estas alterações são reversíveis quando cessada a causa. Nos achados de necropsia encontrou-se pulmões com atelectasia e exsudato muco purulento. No saco pericárdico e no miocárdio, notou-se petéquias e equimoses.

Aspergillus clavatus — produz toxina chamada clavacina ou patulina e encontramos na ração e grãos, e se observa sintomatologia semelhante ao do *A. chevalieri*. *Aspergillus oryzae* — ocorre no malte e produz matorizina, que é também considerado um agente causador de aspergilotoxicose.

Aspergillus ochraceus — encontrado no trigo e milho, produz a ochratoxina causa lesões hepáticas e renais.

Aspergillus vesicolor - *Aspergillus nidulans* e *Aspergillus bipolaris* — produzem nas rações a esterigmatocistina, toxina intimamente ligada com a aflatoxina B1, provocam alterações degenerativa no fígado, rins e coração.

b) *Penicillium* Spp.

Penicillium rubrum — encontrado no milho, causa a toxicose do milho embolorado.

Penicillium islandicum — ataca a cevada, produz lutoskirina, que produz degeneração gordurosa do fígado, hiperplasia do ducto biliar e hemorragia hepática.

c) *Fusarium* Spp.

Fusarium tricutum — é o fundo da espiga do milho, produz uma toxina cujo efeito se manifesta por lesões necróticas e hemorrágica nos intestinos, fígado e rins. E tida também como a toxicose do milho embolorado.

Fusarium graminearum e *Fusarium moniliforme* - crescem no milho, produzem substâncias estrogênicas.

Fusarium culmorum — assim como produtor de substância estrogênica, causa inapetência, diarreia e queda de produção de leite.

Fusarium sporotrichiella — desenvolve em cereais estocados, produz enterite hemorrágica hiperemia renal e morte em 24 horas e nos casos menos graves, até 4 a 5 dias.

Fonte: Medicina veterinária - Blood — Henderson Toxicologia contemporânea — SEAG — Paraná DEFIS.

Atualidades veterinárias — ANO II — Vol. 2 n° 7.

Méd. Vet. Julio T. Matsuda Setor Bovinocultura da Cooperativa de Castro.




CANTE DE APLICANDO NA SUA CRIAÇÃO DE E TRANQUÍLO, COM MUITO NO BOLSO.







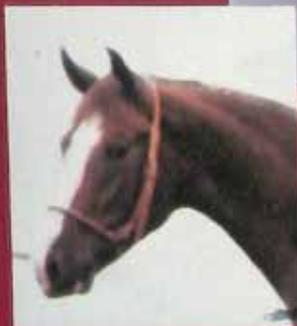
UNGÜENTO PEARSON

Ungüento Pearson: cicatriza as feridas; repele os insetos; resiste às chuvas; não mancha; econômico, basta passar uma vez; camada resistente que fica e protege até a cura.

O mais eficaz cicatrizante, anti-séptico e germicida do



Os Campeões da Malagueta



SÍTIO DA MALAGUETA

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Fone: (011) 421-4866

Caixa Postal 6500

01051 — SÃO PAULO — SP

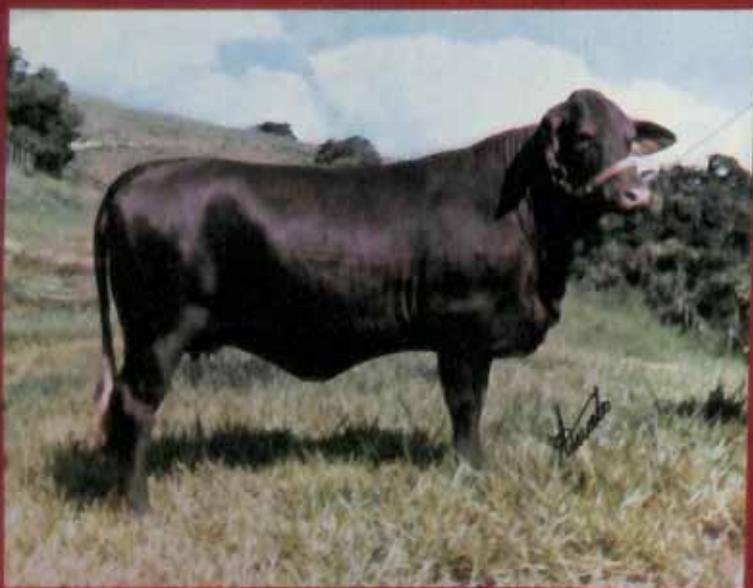


O Plantel da Malagueta se consagra em Avaré - EMAPA-84 na Exposição de pontos: 224,90. E mais a Grande Campeã, Campeã Vaca Adulta, Rea de mãe e o Campeão Ponderal da Raça.



Barbariana

Campeã do
1.º Concurso
Nacional
Novilha do
Futuro-1984
— Faz. Pau D'Alho
Campeã Vaca
Jovem - Avaré 1984
Campeã Nacional
- Avaré-1984



CARINA — Campeã Novilha Maior e Res. da Grande Campeã Nacional
EMAPA — 1984

Raça STA. GERTRUDIS. Com 10 animais conquistou a maior contagem
1984, Campeã Vaca Jovem, Res. Campeã Vaca Jovem, Conj. Progenie



GRANDIOSA — Campeã Vaca Adulta.



TULIPA — Res. Campeã Vaca Adulta



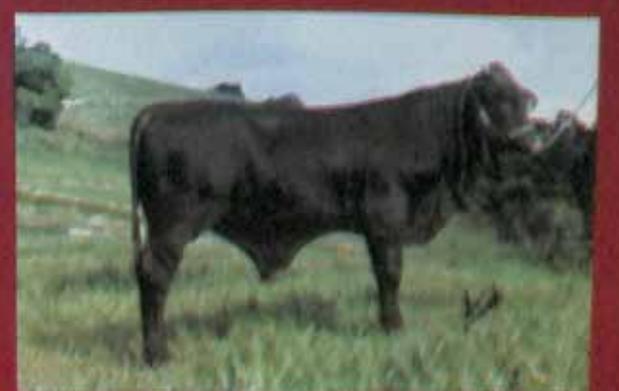
ERACIOSA — Res. Campeã Vaca Jovem



DISPUTADA — Campeã Novilha Menor



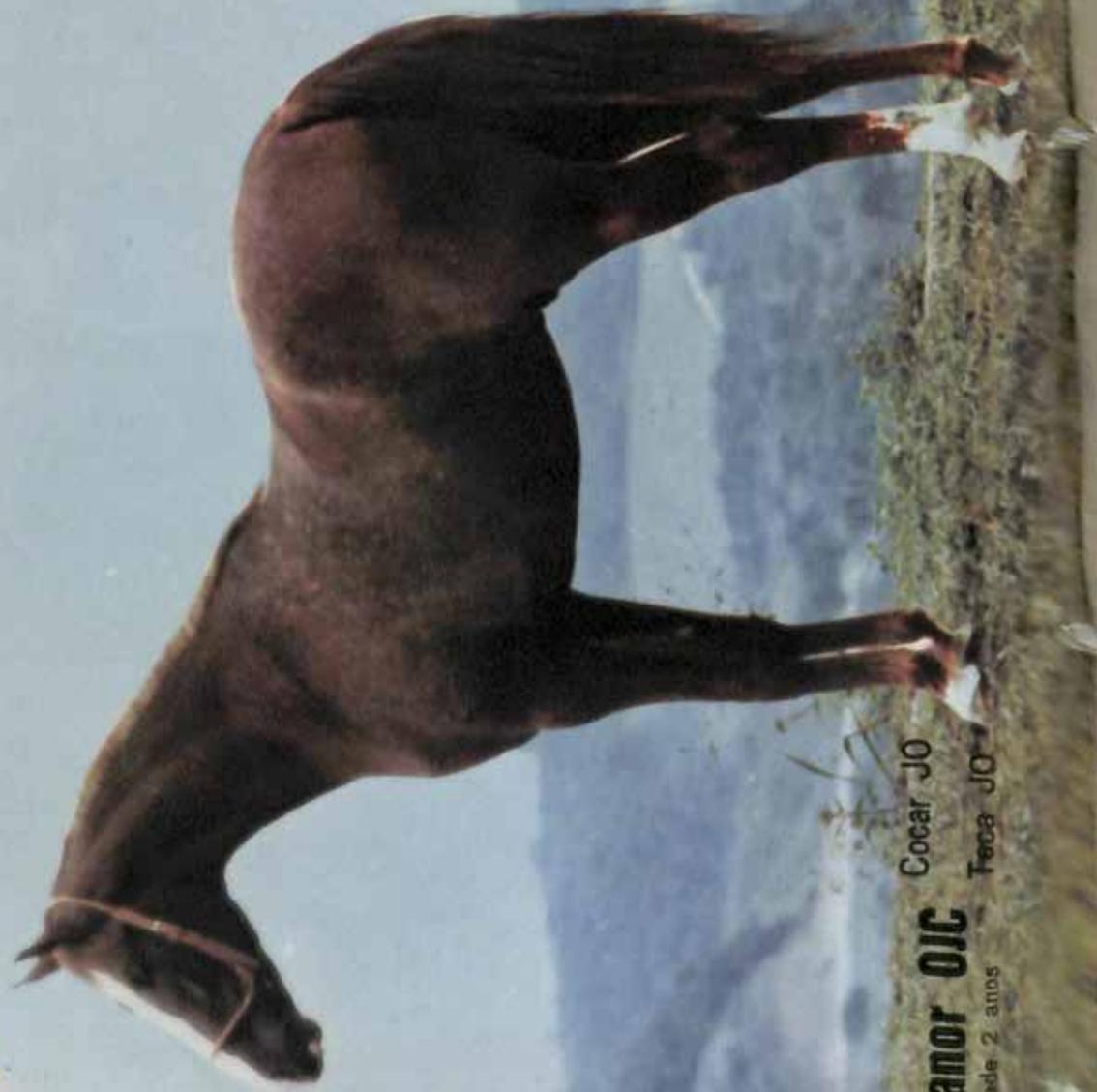
MAGNÍFICA — Res. Campeã Bezerra em Estelo-1983,
Licenciada na Exp. de Avaré-1984



NERU — 8 meses e 4 dias — 457 kg — Campeão
Nacional Ponderal da Raça — EMAPA — 1984



1º prêmio e Campeão
Potro em Avaré - 1984



Cocar JO

Foca JO

Gelamor OJC

idade 2 anos

agropecuário

Carta mensal de apoio ao agricultor

Abrindo as porteiras

Indicadores

Preço por tonelada das principais fórmulas de fertilizantes:
4/14/08 - Cr\$ 630.000; 5/15/10 - Cr\$ 700.000; 10/10/10 - Cr\$ 695.000; 20/05/20 - Cr\$ 830.000; 20/05/15 - Cr\$ 780.000.

Sulfato de amônia - Cr\$ 640.000;
Calcário Dolomítico tonelada - Cr\$ 37.000.

Óleo Diesel - Cr\$ 1.190/lt
Gasolina - Cr\$ 1.710/lt
Alcool - Cr\$ 1.110/lt

Atenção: preços à vista posto indústria ou moinho, excluído o frete.

Estimativa do custo do frete por tonelada - Cr\$ 130,00/quilômetro.

Mão-de-obra:
diarista (época normal) - Cr\$ 9.100; diarista (colheita) - Cr\$ 12.300; mensalista - Cr\$ 227.500.

Despesa direta do trator por dia (máquina própria, em 10 horas de serviços diários, com despesas de tratorista, combustível, lubrificante e manutenção):

pneu (65 HP) - Cr\$ 115.700
pneu (90 HP) - Cr\$ 180.700
esteira (80HP) - Cr\$ 208.600
esteira (140HP) - Cr\$ 296.900

Encargos: 100% da variação da correção monetária e juros de 3,0% ao ano.

GRN - Cr\$ 27.510,50
MVR - Cr\$ 87.997,20
S.M. - Cr\$ 166.560,00

Atenção: preços em 10.02.85

ÍNDICE

Carta mensal	1
Mercados	3
Informação técnica	7
Correspondência	8

Começa a entrar no mercado a safra 84/85. A comercialização será o primeiro grande teste ao novo Governo. Afinal, recursos terão de ser alocados para garantir os preços mínimos.

No meio rural, a partir basicamente deste mês, constituir-se-á cena comum o transporte e movimentação da grande safra de verão da região Centro-Sul do país, correspondente a temporada 84/85. A saída de mercadorias para além das porteiras deverá crescer, a medida em que o ritmo da colheita vai-se acentuando, até atingir seu auge entre março e abril.

Por ora, o fato que mais tem despertado a atenção do segmento produtor, diz respeito a até que ponto o governo estará embuído, em levar adiante o programa de garantia de preços mínimos. Há pelo menos uma forte razão para justificar esta preocupação. Qual seja, de que sob um quadro perspectivo, a cada

dia vai ficando mais nítido que, para o período que abrange este primeiro semestre, os preços mínimos tenderão a posicionar-se acima daqueles praticados no mercado.

Observe que esta previsão somente corre o risco de sofrer reversão, na hipótese de ocorrência de eventos climáticos, cuja extensão e intensidade sejam suficientes para provocar uma abrupta queda na colheita. Não obstante, a probabilidade disto vir a acontecer parece bastante diminuída, uma vez que as culturas, dentro de seus estágios de desenvolvimento, em grande parcela vem ultrapassando, sem contratempos, o período crítico da floração.

Deste modo, surge o primeiro grande teste para o no-

vo governo, que a partir de 15 de março começa a responder pela administração do Brasil, no tocante ao nível de prioridade a ser dada à agricultura. Como mostrou o BANESPA AGROPECUÁRIO no número anterior, haverá uma necessidade premente de ampliar o volume de recursos a serem alocados para a comercialização da safra 84/85.

Basta notar que o orçamento aprovado, em dezembro/84, pelo Conselho Monetário Nacional, para o primeiro semestre de 1985, reservou um montante de crédito para Aquisição do Governo Federal - AGF (1,7 trilhão de cruzeiros), insuficiente para atender a demanda. Por outro lado, a participação dos agentes financeiros do sistema nacional

de crédito rural, em operações de empréstimos do Governo Federal - EGF's, ainda que difíceis de serem estimados antecipadamente, não será suficiente para cobrir a lacuna existente.

Na verdade, o déficit da oferta em relação a demanda aumentará na medida em que os preços mínimos mostram-se mais remuneradores aos produtores, em relação aos oferecidos no mercado. De antemão, parece razoável avaliar como uma cifra de saída, que a linha de crédito para comercialização (EGF's e AGF's) absorverá um total de 4,0 trilhões de cruzeiros.

Garantir os preços mínimos

Neste contexto, é de relevância também salientar, que nestes anos oitenta, as participações das operações de EGF's e AGF's na safra de grãos (arroz, milho, feijão, soja e amendoim) vêm apresentando aumentos significativos. De fato, ao examinar as estatísticas, verifica-se que durante o primeiro quadriênio da década, o percentual duplicou, passando de 20% para 40%.

Com grande dose de acerto, este crescimento nos EGF's e AGF's em relação a produção colhida, pode ser basicamente explicada, a partir de dois argumentos. O primeiro, em função da perda do poder aquisitivo pela população, que além de causar retração na demanda do mercado consumidor, também provocou mudanças nos hábitos alimentares. O segundo, de

maior importância, consiste nas sucessivas e recentes descapitalizações anuais dos produtores rurais, que os têm deixados cada vez mais premidos durante a comercialização, tendo em vista as necessidades inadiáveis para saldarem os créditos de custeios, cujos prazos de resgates começam a vencer.

Fica aqui, então, pertinente a comercialização da safra 84/85, um alerta bastante evidente para o novo governo. O setor agrícola, por vir acumulando resultados poucos estimuladores em anos anteriores, principalmente nos gêneros de abastecimento interno, não poderá ficar despojado de garantia de preços.

É preciso ter em mente que a adoção de políticas de apoio, justamente nesse período de formação da renda dos agricultores, servirá de estímulo estratégico. Ela propiciará um ambiente de credibilidade para o setor responder positivamente, aos futuros instrumentos a serem acionados, com vistas a retomada do crescimento da produção.

Alternativamente, caso o governo pondere que uma ampliação substancial nos recursos, num período relativamente curto, venha trazer repercussões inflacionárias, poderia ser adotado um outro critério. Por exemplo, o estendimento do período de correção dos preços mínimos, através da correção monetária, para até o final do semestre. Dessa maneira, o produtor estaria protegido de quedas reais nos

preços a serem auferidos.

A título de divulgação, a Tabela 1 apresenta os valores de preços mínimos vigentes para fevereiro. Até Abril, quando está prevista a última correção, o BANESPA AGROPECUÁRIO divulgará regularmente os preços mínimos reajustados, para pleno conhecimento do leitor.

Falta de política de estoque

Quando se trata sobre comercialização agrícola, uma variável que não pode estar ausente de análise, refere-se ao nível de variação dos estoques. No Brasil, com muito maior frequência, somente são veiculadas informações sobre o andamento do processo de produção das lavouras. Via de regra, os levantamentos resumem-se às áreas plantadas e previsões de colheitas. Porém, estes dados, por estarem sujeitos a mudanças repentinas, abrem margem para que a especulação tenha um grande peso na formação dos preços.

A princípio, nota-se que a não inclusão do variável estoque disponível, para examinar a tendência dos preços, decorre de três fatores. O primeiro, como resultado da queda da produção "per capita" nacional de alimentos de primeira necessidade. Nestas atividades, a demanda tem crescido mais que a oferta, não havendo condições de formar estoques a níveis adequados,

para abastecer sem crises o mercado na entressafra.

Em segundo lugar, aparece um problema quanto a falta de agilidade para colher informações precisas, para mensurar, num determinado momento, o estoque existente. Isto decorre, em larga escala, da dificuldade de se avaliar os estoques armazenados nos mais diferentes lugares, tais como: as indústrias armazenadoras de uso público e privado; nas indústrias de transformação e nos próprios estabelecimentos rurais.

Por último, muito mais como consequência dos dois fatores que acabaram de serem assinalados, vem a tímida política de estocagem que se pratica no país. Em termos de reserva reguladora de produtos para controlar preços, ela praticamente vem inexistindo nos últimos anos.

Na realidade, os seguidos cortes oficiais nos recursos orçamentários para formação de estoques, não propiciaram condições para suportar os custos financeiros dos carregamentos no tempo de produtos armazenados. Com isto, o mercado ficou sujeito a movimentos especulativos de altas nos preços, que em alguns casos tiveram reflexos inflacionários. Nestas situações, os privilegiados não foram os produtores, que venderam suas mercadorias, sob cotações muito aquém das desenvolvidas nos segmentos atacadistas e varejistas.

TABELA 2 - Brasil - Grandes Regiões - 1982 - Produção Agrícola, Capacidade Estática Armazenadora e População

Região	produção (1)		armazenagem (2)		população (3)	
	quantidade (1.000 t.)	%	capacidade (1.000 t.)	%	habitantes (1.000)	%
Norte	796,0	1,6	535,0	0,93	6.566,0	5,2
Nordeste	3.841,0	7,8	2.915,0	5,10	36.867,0	29,1
Sudeste	10.455,4	21,3	15.396,0	26,93	55.294,0	43,6
Sul	26.041,2	53,0	31.866,0	55,78	19.797,0	15,6
Centro-Oeste	8.011,3	16,3	6.434,0	11,25	8.282,0	6,5
Brasil	49.144,9	100,0	57.168,0	100,0	126.806,0	100,0

(1) produção agrícola total de arroz em casca, feijão, milho, soja e trigo.

fonte: (1) e (3) FIBGE

(2) CIBRAZEM

TABELA 1 - Preço Mínimo referente a fevereiro/85 - Região Centro-Sul

Produto	unidade de peso	preço-base (Cr\$ 1,00)	preço-mínimo (Cr\$ 1,00)
algodão em caroço	15 kg	12.000	22.575
arroz sequeiro	50 kg	18.000	33.850
arroz irrigado	50 kg	21.400	40.250
milho	60 kg	13.000	24.480
semente de algodão	1 kg	240	451
semente de soja	1 kg	467	878
soja	60 kg	20.000	37.620
sorgo	60 kg	11.000	20.700

Armazenagem e produção de grãos

Evidentemente, o emprego de uma política de estocagem está ligada a compatibilidade entre a produção de grãos e a capacidade de armazenagem. Para tanto, foi elaborada a Tabela 2, que apesar de referir-se a dados de 1982, mantém-se válida e atualizada

para análise nos dias atuais.

De início, depara-se que a rede armazenadora do Brasil é suficiente para abrigar todo o volume físico das safras agrícolas armazenáveis. Não obstante, cabe destacar, que a nível regional, esta conclusão não é válida. As regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, em escala decrescente, indicam dificuldades. Do mesmo

modo, a distribuição da produção agrícola, sob o ângulo da população a ser alimentada, encontra-se satisfatoriamente equacionada apenas na Região Sul.

De qualquer forma, nota-se que de acordo com a infraestrutura de armazenagem existente no país, há condições de desenvolver uma política relativamente ampla de estocagem.

Simultaneamente, poder-se-ia aliar um sistema mais eficiente de comercialização. No conjunto, isto viria reduzir as oscilações nos preços, tais como o aviltamento no período de safras, ou a supervalorização nas entressafras. No próximo número, o B.A. examinará mais pormenorizadamente os sistemas nacionais de armazenamento de grãos. Verifique!

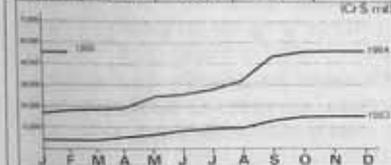
Mercados

Boi: governo precisará atuar



O mercado de carne bovina não vem apresentando sinais de recuperação, com cotações estabilizadas a nível do produtor, há mais de quatro meses. Isto significa que os pecuaristas não estão conseguindo remuneração em graus compatíveis com a evolução das taxas inflacionárias. Assim, pode-se prever um novo período de abate de matrizes em 1985, caso o governo não dê início à formação de estoques reguladores. No ano passado, houve ausência de intervenção governamental, ficando os preços a mercê de uma demanda corroída no poder aquisitivo. Atualmente, ainda que com os preços inalterados, o consumo permanece baixo.

Há 1 ano (1)	Há 1 mês (2)	Última (3) Semana	Variação % 12 Meses 3/1mo mil 3/2
21.120	56.000	55.000	160



Em termos conjunturais, as perspectivas estão desfavoráveis. De um lado, os altos custos financeiros de carregamento de estoques, inviabilizam a retenção da oferta, que aumenta neste período da safra. De outro, face as estiagens nos pastos gaúchos, que levam os criadores a desfazerem mais rapidamente dos animais. Nisto tudo, alia-se as dificuldades de colocação do produto no exterior. A Comunidade Econômica Européia, além de dispor de estoques consideráveis, pratica uma política de contenção da produção leiteira, provocando o descar-

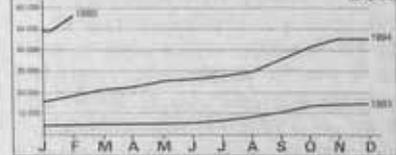
te desses animais, e consequente aumento na oferta. A carne brasileira somente tem condição de ser embarcada, a preços superiores a US\$ 1,2 mil por t (exclusive frete), enquanto que, a européia em US\$ 700 por t (incluído o frete). A atuação do governo nacional será imprescindível para manter a rentabilidade do setor neste ano.

Suíno: atividade em equilíbrio



A suinocultura passa por um período de preços bastante favorável para o segmento criador, face a escassez de animais prontos para abate, principalmente nos mais importantes estados produtores (Rio Grande do Sul e Santa Catarina). Este fato não chega a ser uma grande surpresa. Trata-se ainda dos efeitos negativos da crise vivida pela atividade no segundo semestre de 1983, em que o déficit econômico fez com que os criadores reduzissem os plantéis ou saíssem da produção. A recuperação que ora se assiste no setor, vem desde o primeiro semestre de 1984. A normalização das cotações do milho, juntamente com o ciclo ascendente dos preços da carne bovina, propiciou o início de um processo moderado de reativação na comercialização de reprodutores suínos.

Há 1 ano (1)	Há 1 mês (2)	Última (3) Semana	Variação % 12 Meses 3/1mo mil 3/2
18.830	40.400	55.600	195



Por outro lado, a demanda tem-se mantida firme, superando inclusive, a oferta, de modo a esgotar os estoques disponíveis nos frigoríficos. Estes tiveram de aumentar as suas compras de matérias-primas, pressionando os preços ao crescimento nas granjas. Entretanto, no momento, a estabilidade das cotações na bovinocultura e avicultura, aliada ao comprimido poder de compra da população, têm impedido maiores altas no atacado e varejo. A tendência é de que os preços operem em evolução, no sentido de acompanhar a taxa inflacionária. Em termos de preços, o quilo do tipo exportação está valendo Cr\$ 3,0 mil, enquanto que, a carne e a banha, respectivamente, em Cr\$ 2,8/3,0 mil e Cr\$ 2,7/2,9 mil.

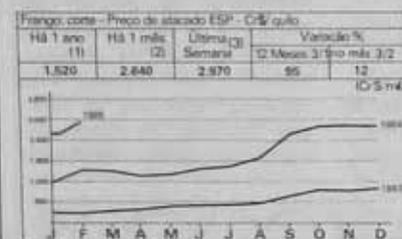
Frango: exportação está difícil



As festas de final do ano aumentaram a demanda por frango acima do esperado. Assim, foram consumidos muitos produtos que deveriam abastecer o mercado em janeiro. Isto gerou uma baixa na oferta, forçando imediatamente uma subida nos preços. Este movimento, contudo, não teve fôlego para manter-se até a metade do mês, uma vez que o mercado, sem condições de absorver as mercadorias disponíveis, passou a praticar cotações menores. Neste sentido, muito contribuiu a concorrência por parte da carne bovina, cujos preços se encontram estabilizados. Acredita-se que, em face do carnaval, onde cresce o consumo de carne de galinha, os preços sejam conduzidos para patamares superiores. A Associação Paulista de Avicultura (APA) reviu a cotação da ave viva (quilo), diminuindo-a de Cr\$ 1.750,00 para Cr\$ 1.650,00. Os custos de produção oscilam de Cr\$ 1,8/2,0

mil por quilo.

No segmento criadouro a preocupação volta-se para a evolução da safra de milho, que vem sendo castigada pela seca em algumas áreas importantes de produção. As



cotações, que por enquanto estão estáveis, poderão aquecer. Externamente, as chances de colocação do produto são poucas. Os países importadores potenciais se acham abastecidos, cancelando contratos ou adiando os compromissos de compra. Dessa maneira, a carne congelada destinada à exportação poderá ser entregue nas praças do Rio de Janeiro e do Nordeste, o que, certamente, contribuirá para deprimir os preços.

Algodão: perspectivas de excedentes



O quadro é de alarme em todos os agentes de comercialização: produtores, cooperativas, maquinistas, industriais e exportadores. As previsões apontam um aumento na demanda industrial de 6 a 7% neste ano, correspondente a um consumo total próximo a 600 mil t de algodão em pluma. Por outro lado, a disponibilidade interna deverá perfazer cerca de 1,1 milhão de toneladas, considerando a soma do estoque remanescente do ciclo passado (180 mil t), com o resultado da safra 84/85 (região Centro-Sul: 630 mil t e Bahia/Nordeste: 200 mil t).



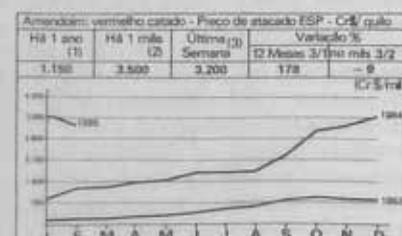
A perspectiva é de grandes dificuldades na comercialização e enchugamento dos excedentes no mercado nacional. As cooperativas, que vêm de um amargo resultado no último balanço, não estão dispostas a

assumir o risco de formarem estoques, com recursos tomados às taxas de juros vigentes, e fazem duas propostas. A primeira é isenção de ICM para exportação, enquanto que, a segunda, de correção dos preços mínimos até julho, quando a maioria do produto colhido na região Centro-Sul estará beneficiada. No tocante as vendas externas, o algodão nacional mostra um custo ao redor de 50 a 54 centavos de dólar por libra-peso (0,4536 gramas). Adicionando-se a estes valores as despesas com frete, seguro, impostos, etc., a mercadoria apresenta uma gravosidade de 20 a 30%, em relação as cotações internacionais vigentes (65 centavos de dólar por libra-peso).

Amendoim: qualidade gera polêmica



Dificuldades de comercialização comprometido a rentabilidade da cultura, que teve ampla expansão nesta safra das águas, revertendo a tendência cedente desde a década setenta. Segundo levantamento realizado pela SAA/ESP, a área de plantio (105,0 mil hectares) e a produção prevista (196,5 mil toneladas), em relação ao ano anterior, mostraram um crescimento, respectivamente, de 26,7% e 14,4%. Os produtores mostram-se insatisfeitos, apesar de prosseguirem normalmente os trabalhos de colheita, cujo encerramento será em final de fevereiro.



Na lavoura, os preços oferecidos oscilam entre Cr\$ 16/23 mil por saca de 25 quilos, abaixo inclusive, do mínimo oficial (Cr\$ 25.067,00). A qualidade da mercadoria, com frequência variada apresenta-se na condição favorável de 12% de umidade e livre de impurezas (areia, restos da cultura, pedaços de madeira, etc.). Neste particular é que existe grande polêmica, face ser o fator de depreciação e valorização do produto. A nível de atacado, o tipo exportação (HPS) está com cotação firme, em Cr\$ 3,5 mil o quilo. Por outro lado, as indústrias oleaginosas também mostram pro-

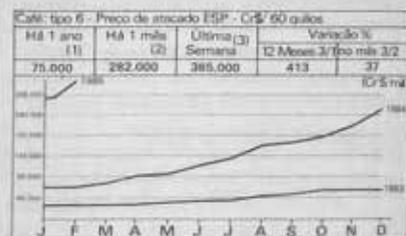
cupações, pois a baixa nas cotações da soja podem prejudicar os contratos de venda no exterior. A nível internacional, o óleo de amendoim está cotado em US\$ 800/tonelada, enquanto que, em meados do segundo semestre de 1984, situava-se ao redor de US\$ 1.200/tonelada.

Café: forte onda de alta



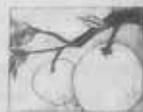
Com base em levantamentos de campo efetuados entre novembro e dezembro, com as lavouras em floração, o IBC divulgou a primeira estimativa da safra 85/86. A colheita nacional, que deverá começar em final de maio, deverá perfazer 28,7 milhões de sacas, representa um acréscimo de 32% sobre o volume de 21,8 milhões do ano anterior. O maior estado produtor será Minas Gerais com 9,4 milhões. A seguir, em escala decrescente, vem São Paulo, Espírito Santo e Paraná respectivamente, com 8,0, 4,7 e 4,2 milhões.

Ainda para esta temporada, estão previstos três novos levantamentos para abril, agosto e novembro, que refletirão os efeitos do clima e outros fatores durante o período de frutificação e colheita. As expectativas são de que o mercado conti-



nue a operar em alta até o início da comercialização, em julho. Os estoques do IBC, que estão sendo levados a leilão para baixar os preços, não têm obtido sucesso, pela falta de produto de qualidade superior. As crescentes cotações chegam a bater Cr\$ 400 mil por saca, para a mercadoria de exportação. Neste ambiente, as indústrias de torrefações e moagens são obrigadas a reajustarem os preços com repercussões no varejo, onde o consumo per capita entre 1969 a 1984, caiu de 4,16 para 2,76 quilos.

Laranja: sob ambiente de lucros



A repetição pelo segundo ano conse-

cutivo, de fortes geadas sobre os pomares da Flórida, abre perspectivas de lucros adicionais para a agroindústria citrícola nacional. Extra-oficialmente, as perdas norte-americanas, em termos de suco concentrado, giram ao redor de 139,0 milhões de litros, que correspondem a 26% do total da produção. Esse volume deverá ser suprido com importações. Isto assegura ao Brasil, total tranquilidade para comercializar a futura safra, cujo início está previsto para junho. A produção de laranja em 1985/86 está sendo estimada em 225 milhões de caixas (40,8 kg). Deste total, cerca de 195 milhões serão esmagadas, gerando um volume de suco de 780 mil ton., para um rendimento industrial de 4,0 litros/caixa. As vendas externas poderão excederem a 700 mil toneladas.



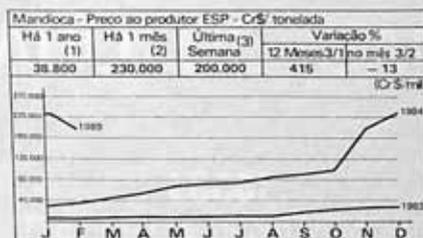
Os estoques remanescentes da safra passada são baixos, na ordem de 80 mil t. de suco em poder das indústrias. Isto corresponde a somente um mês de exportação, tomando por base os embarques de 1984 (911 mil t.). O preço mínimo de exportação permanece em US\$ 1,8 mil por tonelada, considerado excelente. No entanto, a médio prazo, é bem provável que o Brasil diminua sua participação no mercado internacional, com a entrada de novos países. Quanto a negociação dos preços entre produtores e industriais, os indícios são de que a rodada de conversação está em fase final. No tocante aos preços internos, a previsão é de firme tendência alta, sendo que, para baratear os custos ao consumidor brasileiro, propõe-se a isenção de I.C.M.

Mandioca: entressafra chega ao fim



As primeiras colheitas, que ora se iniciam nos Estados do Paraná e São Paulo, dão os primeiros sinais do fim de entressafra. Para começo de março está previsto o arranquio de raízes em Santa Catarina e no Espírito Santo. Já para junho/julho, surgirão produtos das áreas paulistas não tradicionais em mandioca, como de Botucatu e Sorocaba, onde os bons preços estimula-

ram o plantio nesta safra 84/85. De um modo geral, a cultura vem apresentando desenvolvimento regular. O ataque do mandarová (larva de mariposa), que é a principal praga da lavoura, deu-se em locais isolados, com o seu controle e combate sendo empreendido com eficiência.



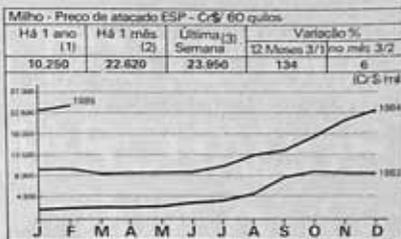
A comercialização se desenvolve a conta-gotas. As fecularias e moínhos estão em posição de recuo, aguardando os desdobramentos futuros, face a tendência de aumento da oferta. A nível de campo, as cotações da raiz tiveram uma baixa de 10% a 15%, estando em 200/220 o quilo. As estimativas mais otimistas apontam que o Brasil dobrará a produção em relação ao ano passado. Mesmo assim, tudo indica que os preços mínimos ficarão abaixo dos de mercado. No setor de fecularia, estão em análises estudos para implantação de novas fábricas, dado a possibilidade de exportação. Estes projetos poderão ser viabilizados caso exista uma disponibilidade adequada de matéria-prima, que por sua vez depende do grau de auto-suficiência do Norte e Nordeste.

Milho: conjuntura sem alteração



Prevalece inalterado o quadro conjuntural, com o mercado do cereal não apresentando alterações significativas. No correr da comercialização deste ano, a exemplo das duas últimas safras, o ponto de incômodo, que deverá ser o motivo de geração de ondas especulativas, diz respeito ao fato da produção situar-se a níveis próximos aos da demanda. As indústrias de ração, que possuem uma posição nitidamente compradora, procuram manifestar um contexto de folga na disponibilidade. Por outro lado, as cooperativas e cerealista, uma oferta espremida. Assim, cada lado joga de acordo com seu interesse.

No momento, os poucos negócios a nível de campo no Estado de São Paulo, são fechados a Cr\$ 22 mil por saca de 60 quilos. Trata-se de um nível abaixo do preço mínimo reajustado. No atacado, a cotação gira em Cr\$ 22 mil/60 kg. Não há indícios

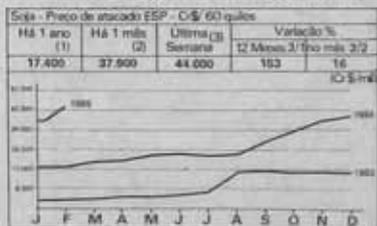


de melhora significativa no curto prazo, face a maior oferta em decorrência da evolução da colheita. Somente no Rio Grande do Sul, a comercialização está mais agitada, porque a estiagem provocou perdas de produção, cujo volume normalmente já é menor que o consumo.

Soja: período crítico do ciclo



Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), a safra nacional de soja não deverá ultrapassar 15,5 milhões de toneladas. Trata-se de um volume de 700 mil t. abaixo do previsto pelo IBGE. Mesmo com estas variações nas estimativas de produção, os preços internos seguem sem grandes variações, acompanhando a evolução do mínimo oficial. O grande fator decisivo será as condições climáticas que reinarão nos campos durante este mês. Neste período, as lavouras de ciclo médio entram em floração, sendo particularmente exigente em água. Para o



produto de ciclo precoce, o grau de estiagem da estiagem foi irregular, sem previsões sobre impacto na produtividade.

A comercialização da safra nova prossegue em ritmo lento, dado a pouca oferta. No entanto, a agilização dos negócios tenderá a crescer, a medida em que a colheita for avançando. Para entrega imediata, os preços estão girando em Cr\$ 45 mil a saca de 60 kg, enquanto que, para abril, em Cr\$ 62/64 mil, com pagamento em maio. O óleo, que no varejo está valendo Cr\$ 3 mil a lata, deve ter alta, assim que diminuírem os estoques. As indústrias, cujo esmagamento previsto para a safra 83/84 é de

12,3/12,9 milhões de toneladas, atualmente, praticam os preços na base de Cr\$ 3.350,00 por lata, à vista, incluso ICM. No mercado internacional, em consequência da entrada da safra norte-americana, as cotações mantêm-se frouxas, tornando gravoso as exportações nacionais, onde os preços são superiores.

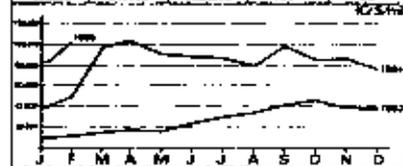
**Feijão
garantia de
abastecimentos**



Em termos de abastecimento e preços do feijão, o quadro é de equilíbrio, com o mercado evoluindo sem perturbações, ao contrário das contingências vividas no mesmo período do ano passado. As estimativas

da CFP indicam para a Região Centro-Sul, para a safra das águas, uma produção de 1,25 milhão de toneladas. Trata-se de uma

Mês (1)	Mês (2)	Último (3)	Variação %
1984	1983	1982	1981
69.000	81.400	102.000	100



colheita suficiente para suprir a demanda até a safra das secas, que começa em fins de maio. A entrada de produtos no segmento atacadista de São Paulo é grande, com mercadorias vindas do próprio interior paulista,

do Paraná e de Santa Catarina. A qualidade do feijão é satisfatória. A conjuntura de boa oferta na região Centro-Sul possibilita que ocorra exportação para o Nordeste, estabilizando o abastecimento em seus estados.

Por conseguinte não há motivos para os preços aquecerem, sendo que, os mesmos estão próximos aos mínimos oficiais. As oscilações, que ocasionalmente ocorrem, são normais e derivam: 1) dos custos de transportes das mercadorias, das zonas de produção para os centros de consumo; 2) da resistência dos produtores em entregar feijão abaixo dos valores de garantia. Isto acaba por gerar interrupções no fluxo regular do abastecimento, provocando uma pequena reação a nível de atacado.

Preços: insumos x boi

(EMBRAPA)

Confirmando tendência iniciada em novembro, o preço do boi gordo se apresentou em baixa durante dezembro e janeiro, em clara oposição ao observado com os insumos. Em dezembro os gastos totais da fazenda aumentaram em 4,5% e o preço da arroba do boi caiu 3,7%. Em janeiro a elevação nos custos foi bem maior (14,3%) e o preço do boi se manteve inalterado. Como consequência, reduziu-se em muito o poder de compra do pecuarista: em outubro os dispêndios totais da fazenda eram atendidos com a entrega de 24 bois no frigorífico e em janeiro este número subiu para 40 cabeças. A relação de trocas mostrada no gráfico (também revela esta queda no poder de compra, indicando um progressivo "aperto de caixa".

A variação do IPPC¹ em dezembro (+ 4,5%) teve como base acréscimos nos preços do trator (17,3%), carreta (15,3%), vacina/aftosa (13,8%) e sal mineral (11,8%). Este último foi responsável por metade do crescimento dos gastos totais, ficando a outra metade quase totalmente explicada pelos aumentos no trator e vacina/aftosa.

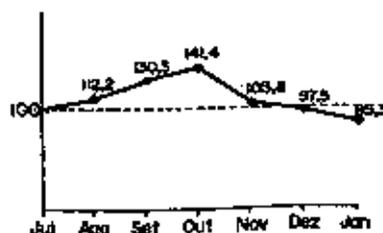
Em janeiro observou-se uma elevação generalizada nos preços dos produtos veterinários (29,2%), ao contrário do mês anterior em que apenas a vacina/aftosa mereceu referência. O repelente/larvicida, por exemplo, teve seu preço aumentado em 51,1%, fato no entanto pouco relevante para o IPPC. Tiveram aumentos

Item	Unidade	Preços em Campo Grande/MS (Cr\$)			Variação Percentual	
		nov. 1984	dez. 1984	jan. 1985	nov/ dez	dez/ jan
Arado 1100	1.000 m	65.000	65.000	84.000	-	29,2
Trator	1 ud.	30.229.896	35.446.415	40.408.913	17,3	14,0
Carreta	1 ud.	3.746.833	4.316.833	5.013.933	15,3	16,7
Rocedreira	1 ud.	4.553.733	4.983.333	6.046.667	9,0	21,8
Utilitário	1 ud.	33.659.350	33.776.000	42.500.000	0,3	25,6
Óleo diesel	1 l	950	950	1.190	-	25,3
Antibiótico	20 ml	6.054	6.358	7.142	5,0	12,3
Antidiarréico	220 ml	6.056	6.188	7.918	2,2	28,0
Benzilcida	1 l	18.206	17.833	22.756	-2,6	27,6
Repelente/larvicida	500 ml	6.575	6.507	9.835	-1,0	51,1
Vac. aftosa	1 dose	420	478	624	13,6	30,1
Vac. btuceleone	1 dose	343	380	403	10,8	5,5
Vac. carb. sint.	1 dose	167	119	129	-26,7	8,4
Vac. gans. gossyp	1 dose	167	119	129	-26,7	8,4
Verífugo	250 ml	9.110	9.622	12.586	5,6	30,1
Sal mineral	25 kg	15.140	16.925	19.350	11,8	14,3
Mão-de-obra	Sal. mínimo	166.560	166.560	166.560	-	-

importantes, além dos produtos veterinários, o óleo diesel (25,3%), utilitário (25,8%) e sal mineral (14,3%), responsáveis respectivamente por 15,0, 28,3, 22,4

e 21,2 por cento da elevação de 14,3% nos gastos totais da fazenda.

Mantendo-se a estrutura observada em novembro, nos meses de dezembro e janeiro os principais gastos correspondiam, na ordem, à mão-de-obra, sal mineral e óleo diesel, englobando mais de 60% dos dispêndios totais.



1984/85
Relação de trocas (IB/IPPC) x 100

Preços do boi gordo

(Jul.-dez.84, jan.85)

Mês	Cr\$/ arroba	Variação percentual (18)	Índice (18)
JUL	32.000	-	100,0
AGO	37.000	15,6	115,6
SET	48.000	29,7	150,0
OUT	55.000	14,6	171,9
NOV	54.000	-2,0	168,8
DEZ	32.000	-3,7	162,5
JAN	52.000	-	162,5

¹ Índice de preços pagos pelo pecuarista de carta do Mato Grosso do Sul.

Análise mensal feita pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado do Campo/Embrapa, Campo Grande - MS.

1.^a EXPOSIÇÃO ESPECIALIZADA DO CAVALO MANGALARGA MARCHADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

LOCAL:

PARQUE DA ÁGUA BRANCA - S. PAULO

Período: 21 a 26 de maio de 1985

1.^o LEILÃO DA ESPECIALIZADA DO MANGALARGA MARCHADOR

**50 animais selecionados a nível de Fazenda
por técnicos da Associação Brasileira.**

LEILÃO: dia 24 de maio de 1985

Horário: às 19 horas.

Inscrições até 20/04/1985



Local: Rua Correa de Mello n.º 84 — 4.º — S/ 410

CEP 01123 — S. Paulo — Tel.: 221-7326

Falar com Bilu ou Carlos Villela

APOIO

BANCO REAL

Em todo o Brasil e no Exterior.

Leilões e Exposições

Haras Império vende 5,9 bilhões em Árabes

Embora não tenha conseguido o preço compatível para o extraordinário reprodutor IBN Bando, de origem polonesa, o que o obrigou a fazer sua defesa, o Haras Império estabeleceu vários recordes em seu leilão de liquidação de plantel da raça Árabe, no dia 3 de março, no Parque da Água Branca: vendeu 60 animais por Cr\$ 5,9 bilhões e alcançou média de Cr\$ 97 milhões — não contando o IBN Bando — números que se constituem em recordes em leilões de animais. Com o retorno do IBN Bando, a estrela mais brilhante do leilão, defendido por Cr\$ 840 milhões por Orpheu José da Costa, depois do último lance de Cr\$ 780 milhões, o Haras Império não conseguiu liquidar o seu plantel da raça Árabe: além desse garanhão, um potro também voltou ao Haras — o criador resolveu apresentar um dos netos, apaixonado pelos cavalos, com um dos animais colocado no leilão.

O leilão registrou, ainda, outros recordes: quatro fêmeas foram vendidas por preços acima de Cr\$ 200 milhões — Sumner, Cr\$ 240 milhões; Gayban, Cr\$ 228 milhões; Duyani, Cr\$ 216 e Plan Fábula, Cr\$ 204 milhões. Entre os machos, o preço recorde foi alcançado pelo garanhão A.F. Netuno, comprado por Cr\$ 186 milhões — mesmo preço conseguido por outras duas fêmeas. O maior comprador do leilão foi o Haras Black River, de Walter Arcias e Iair Maracini, de Extrema, MG, que levou quatro equos por Cr\$ 516 milhões. A égua recordista foi comprada por Fernando e Aírton Antoniazzi do Haras Juroppoca, de Bebedouro. Mário Tanajura comprou, por sua vez, o garanhão A.F. Netuno por Cr\$ 186 milhões.

15º Leilão VR em Uberaba

Será realizado no dia 4 de maio, no Parque de Exposi-

ções da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ), em Uberaba, MG, o tradicional Leilão VR — o 15.º promovido pelos criadores de Nelore com esse prefixo. A família VR conta com a presença costumeira e maciça dos criadores de Nelore e de seus amigos e clientes. As reservas de hotel podem ser feitas pelos tels: (034-) 332-9932 e 332-5109, Uberaba, MG.

Noite dos Campeões, em maio

No dia 1.º de maio, no recinto de leilões, no Novotel, Uberaba, MG, às 19 horas, os criadores Organização Mário de Almeida Franco (Fazenda São Geraldo), Alberto Laborne Valle Mendes (Fazenda do Sabiá), Cláudio Sabino de Carvalho (Fazenda Chácara Navirai), Fahd Jamil e Irmãos (Fazenda 3 Coxilhas) e José Luiz Niemeyer dos Santos (Fazenda Terra Boa), promovem o Leilão Noite dos Campeões, colocando 80 lotes de machos e Fêmeas PO e POI Nelore. Serão colocados à venda reprodutores e matrizes da mais alta linhagem, campeões e filhos de campeões da raça.

Leilão São Francisco, em Uberaba

No dia 3 de maio, às 19 horas e 5 de maio, mesmo horário, os criadores João Umberto de Andrade Carvalho, Cláudio Sabino de Carvalho, Rubico de Carvalho, Humberto Goulart Carvalho, Ricardo Goulart Carvalho, Carlos José Goulart Carvalho, Heber Crema Marzoia, José Jorge Pena Neto, Marco Antônio Andrade Barbosa, Antônio Alberto de Barros e Gustavo Adolfo Pável promovem, em Uberaba, o 4.º Leilão São Francisco, vendendo Nelore PO e POI, Nelore Mocho, cavalos das raças Mangalarga e Mangalarga Marchador e jumentos Pega.

Fazenda Paraíso vende Holandês PB em S. J. da Boa Vista

A Fazenda Paraíso, que mantém um plantel de gado Holandês PO com média diária de produção de 5.100 kg e tem colocado reprodutores em 145 municípios de 13 Estados Brasileiros, promove, no dia 3 de abril, às 13 horas, no anfiteatro Eugênio Simões Mathias, em São João da Boa Vista, a 1.ª venda anual, colocando 105 fêmeas PO e 5 machos PO, sele-

cionados entre as 900 cabeças que compõem o rebanho, à disposição dos criadores.

União das Marcas, em junho, em São Paulo

No dia 15 de junho, 80 machos e fêmeas PO e POI e 10 equinos Quarto de Milha e Árabe, pertencentes à Fazenda Indiana, Cia Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, a Fazenda Morro Vermelho e Newton Camargo Araújo, serão colocados à venda no 2.º Leilão União das Marcas, no Parque da Água Branca, SP.

Pitangueiras em Santo Inácio, PR

Dia 13 de abril, a Fazenda Duas Barras, de Santo Inácio, PR, promove o 1.º Leilão Anual da Marca EA da Raça Pitangueiras, vendendo 105 fêmeas prenhas, 45 touros com garantia de fertilidade, 10 equinos para lida, mansos e castrados, e 10 mulas mansas.

Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina

De 12 a 21 de abril, será realizada a XXV Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, no Parque Governador Ney Braga, na BR 369, em Londrina. O evento é promovido pela Sociedade Rural do Paraná.

Exposição de Barretos em abril

De 20 a 28 de abril, será realizada a 34.ª Exposição de Animais e Produtos Derivados de Barretos, SP, no Recinto Paulo de Lima Correa. O evento é promovido pelo Sindicato Rural do Vale do Rio Grande, cuja sede fica à praça Francisco Barreto, 242, Barretos, onde as inscrições (Cr\$ 20 mil para bovinos e Cr\$ 60 mil para equinos) devem ser feitas.

De acordo com a programação, a entrada de animais será nos dias 18, 19 e 20 de abril e pezagem no dia 22. Nos dias 23 e 24 serão feitos os julgamentos dos bovinos e equinos. Podem participar da exposição bovinos com idade entre 8 e 72 meses e a idade mínima para equinos é de 12 meses. Segundo o regulamento da exposição, a raça dos animais será por conta do expositor e o Sindicato Rural fornece cana e napier. Além disso, serão exigidos dos animais expostos atestados negativos de

brucelose, tuberculose e febre aftosa e dos equinos atestados de anemia infecciosa.

Calendário de Exposições, Feiras e Leilões no estado de São Paulo em 1985

MAIO

São Paulo, SP
18 e 19
III Grande Leilão N.A.

São João da Boa Vista
18 e 19
X Leilão de Gado Leiteiro e Cavalos Mangalarga

Presidente Prudente
19
IV Exposição Nacional da Raça Pastor Alemão

São Paulo, SP
25 e 26
VII Mangalargão — Leilão Mangalarga

Presidente Prudente
25
XV Leilão do King Ranch do Brasil S/A

Ourinhos
25 a 2/6
XII Exposição Regional de Animais

JUNHO

São Paulo, SP
1 e 2
XIX Leilão Oficial da Raça Mangalarga

São Paulo, SP
3 a 9
I Exposição Estadual do Cavalo Mangalarga

São Paulo, SP
15 a 22
IV Exposição Nacional do Cavalo Árabe

São Paulo, SP
16
Leilão Mangalarga "53"

São Paulo, SP
21
Leilão das Mais Mais da Raça Holandesa

ivomec* Faz a grande diferença no seu gado e no seu lucro



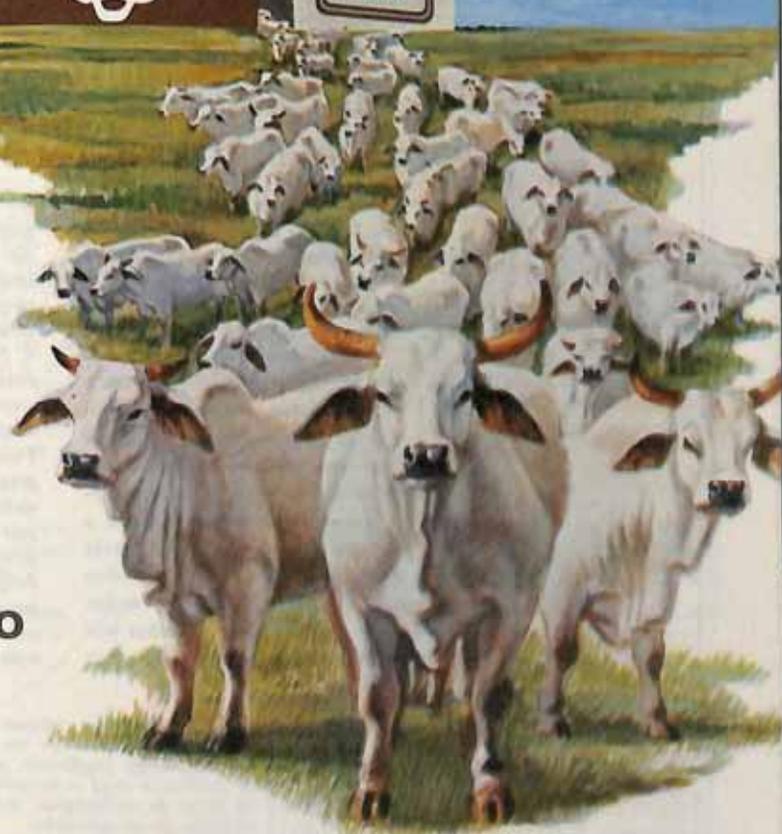
A Grande Diferença que você vê

A Grande Diferença no controle de parasitas

A Grande Diferença no tratamento e manejo

A Grande Diferença em produtividade e lucro

A Grande Diferença em conveniência



USE **ivomec***
(ivermectin, MSD)
Injetável



O endectocida da "Grande Diferença"

para bovinos mais saudáveis, mais produtivos e mais rentáveis.

MSD AGVET
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME
Química e Farmacêutica Ltda.
INDÚSTRIA DE BOLSAS, TUBOS E FILTROS S/A

* Marca Registrada

(B)A-IVC-61/84

SUMÁRIO

- 1 — Os efeitos da alimentação na produção da vaca leiteira durante o seu ciclo produtivo.
- 2 — Armadilha para moscas.
- 3 — Droga isolada do útero combate doenças do coração.
- 4 — Búfalos

Estratégias na alimentação da vaca leiteira durante seu ciclo produtivo

Dado o caráter que os padrões ou tabelas tradicionais de requisitos e valores nutritivos dão à alimentação dos ruminantes, tendo-se atualmente a admitir a necessidade de estruturar estratégias dinâmicas para alimentar o gado leiteiro.

O propósito desta tarefa é realizar uma síntese bibliográfica baseada em principais trabalhos de investigação sobre o tema e delinear modelos conceptuais que deles derivem. São assim estudados os efeitos que diferentes planos nutricionais aplicados em diferentes fases do ciclo da vaca

podem ter sobre o rendimento de leite. São considerados a importância da composição da ração e seus efeitos sobre a produção e a composição do leite. É feita especial referência às relações energia-fibra, energia proteína e proteínas degradáveis-não degradáveis. Finalmente analisam-se as possibilidades práticas de extrapolar os conceitos extraídos para as condições pastoris de produção do país (República Argentina) e intenta-se orientar uma estratégia própria para a alimentação de vacas leiteiras sob condições de pastejo.

Ao alegar algo a favor dos avanços em nutrição e alimentação animal durante os últimos 15 anos, não podemos ignorar os progressos obtidos na área da produção bovina de leite. Talvez isto não seja produto do acaso, mas da necessidade. Com efeito, o trabalho de melhoramento genético realizado impulsionou para cima, de forma dramática, os rendimentos leiteiros das vacas e esse progresso foi devido ao fato de ser acompanhado do melhoramento no nível de nutrição, que permitiu expressar tais índices de potencialidade máxima.

Os padrões tradicionais de alimentação — ou sejam, as clássicas tabelas de re-

quisitos animais e valores nutritivos dos alimentos — parecem ter perdido parte de seu antigo predicado, sendo que hoje se evidencia uma crescente tendência para falar de estratégias, mais do que de padrões de alimentação.

Apesar de sua inegável utilidade, os padrões tradicionais apresentam pelo menos um flanco claramente vulnerável: eles são estáticos. Em troca, a vaca leiteira é e deve ser considerada como um sistema metabólico essencialmente dinâmico.

Por motivos utilitários, os padrões tendem a super-simplificar o processo produtivo, restringindo a prática da alimen-

tação a umas poucas variáveis, sem levar demasiadamente em conta as alterações dinâmicas que a vaca experimenta durante seu ciclo produtivo. Ao contrário, as denominadas estratégias de alimentação estão dirigidas para o planejamento de normas nutricionais que se adequem às fases mutáveis piores que as fêmeas leiteiras atravessam em seu ciclo de produção.

Nos últimos anos — particularmente em alguns países europeus e nos EUA — houve substanciais avanços em matéria de alimentação do gado leiteiro. Esses conhecimentos, que geralmente têm uma base experimental sólida, permitiram deli-

near estratégias de alimentação bem definidas para as condições específicas da produção. Não obstante, como ponto de reflexão, é prudente recordar que tais estratégias se ajustam adequadamente a sistemas de produção subsidiada, com níveis de intensificação que são, para nós, no momento, algo distantes.

É aqui, precisamente, onde devemos nos deter para formular algumas interrogações: a) Em que medida são essas estratégias extrapoláveis para as nossas condições de pastoreio? b) Antes de adaptá-las, não teríamos que pensar em adaptá-las? c) Como conseguí-lo?

Diante de nosso pauperismo de conhecimentos experimentais próprios sobre alimentação em condições de pastoreio, será sem dúvida uma política inteligente valer-nos dos esforços científicos realizados em outros países e derivar, a partir deles, algumas estratégias "pastoris" que se adequem ao nosso sistema de produção. Talvez, de uma maneira um tanto presunçosa, esta pretenda ser a orientação deste trabalho.

Ele será dividido em duas partes: na primeira tratar-se-á de sintetizar alguns conceitos importantes sugeridos da investigação científica; na segunda procurar-se-á, a partir deles, sugerir algumas estratégias de alimentação que se adequem às nossas condições de produção pastoril.

A vaca leiteira como sistema metabólico dinâmico. Na realidade, todos os organismos vivos devem ser considerados como sistemas metabólicos dinâmicos. Todavia, dentro das espécies domésticas exploradas comercialmente, talvez sejam as vacas leiteiras os animais mais expostos às alterações metabólicas de magnitude durante seu ciclo produtivo. Uma idéia da amplitude dessas mudanças é propiciada na Fig. 1, através de 3 variáveis de fácil quantificação nas vacas lei-

teiras (produção de leite, consumo voluntário e peso vivo).

A vaca experimenta seu pico de produção de leite entre o 2.º e o 3.º mês de lactação, declinando a seguir o rendimento, de acordo com taxas mais ou menos constantes e de conformidade com a alimentação recebida. Por outro lado, o momento máximo do consumo voluntário ocorre entre o 6.º e o 7.º mês de lactação, o que representa um apreciável rendimento, respeito ao momento de produção máxima e, portanto, de demanda máxima. Isto gera ciclos de mobilização e de deposição de tecidos, a partir dos quais podemos intuir que os mecanismos homeostáticos das vacas leiteiras funcionam de uma maneira imperfeita.

Essa defasagem entre produção e consumo determina que durante seu ápice de produção, o animal deva mobilizar parte de suas reservas orgânicas para convertê-las em leite. Portanto, é comum que, durante seu primeiro tempo de lactação, a vaca ingresse em um balanço energético negativo que se refletirá em perdas de peso substanciais.

Este processo é mais agudo nas vacas de maior potencialidade produtiva.

Os dois tempos restantes da lactação e a fase correspondente à vaca "seca" constituem um longo período de restituição das reservas orgânicas, em que o animal reverte seu balanço nutricional negativo e recupera o peso perdido.

Obviamente, no primeiro tempo da lactação, ocorre a fase mais crítica do ciclo da vaca, posto que não somente há mais demandas nutricionais máximas como, nesse período, ela deve ser coberta e ficar prenhe, se o criador conta com um intervalo entre partos de aproximadamente 12 meses.

Segundo algumas estimativas (Essje-mont, 1979), para cada 21 dias de pro-

longamento no intervalo entre partos, há uma redução aproximada de 5% no rendimento em leite do animal. Este cálculo, levado a 6 anos de lactação significa cerca de 30% de perda na produção leiteira.

Como será visto a seguir, a alimentação pode exercer um papel decisivo no desempenho produtivo do animal.

Planos nutricionais e produtividade das vacas. Há muitos resultados experimentais que mostram como os planos ou níveis nutricionais podem afetar a produção da vaca leiteira.

Grande parte dos experimentos utilizaram planos de alimentação que foram denominados altos e baixos. Os trabalhos de Broster e cols. (1958), Castle & Watson (1961) e Broster e Truck (1967) são alguns exemplos representativos deste tipo de ensaios. Não obstante, os resultados obtidos foram variáveis e, muitas vezes, contraditórios. As razões dessas respostas erráticas devem ser buscadas, sem dúvida, na diversidade experimental que os diferentes trabalhos tiveram.

Quadro 1. Planos nutricionais no pré e no pós-parto

Períodos	Planos nutricionais
Pré-parto	Alto
	Médio
	Baixo
Pós-parto	Alto
	Médio
	Baixo

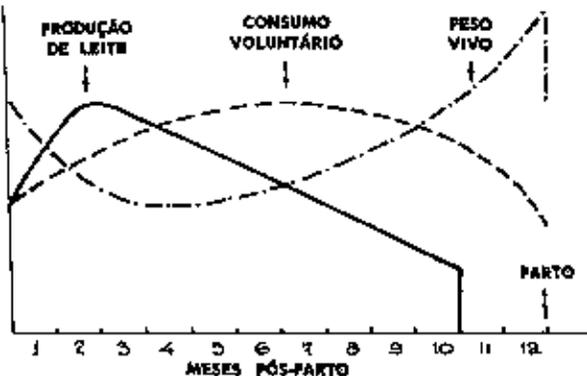
Precisamente, uma das principais fontes de variação é o denominado plano ou nível nutricional utilizado. Pois bem, que se entende por plano alto e que é plano baixo? É inequívoco que há muitas dificuldades práticas para responder com precisão a estas perguntas, já que o plano alto de alguns ensaios pode ser nutricionalmente equivalente ao plano baixo de outro experimento. Por outro lado, ao considerar tratamentos anteriores e posteriores ao parto, o problema pode assumir uma complexidade que impõe fracioná-lo em seus componentes.

Fracionar o problema significa analisar separadamente o efeito de diferentes planos nutricionais (altos, médios e baixos) aplicados em duas fases diversas do ciclo da vaca (pré-parto e pós-parto, conforme o Quadro 1).

* **Efeitos anteriores ao parto.** Diferentes planos nutricionais utilizados em períodos prévios ao parto podem ter efeitos diversos sobre a produção leiteira da lactação subsequente.

Talvez, o estudo mais esclarecedor sobre o tema seja o realizado por Broster (1971), a partir de uma completa revisão em que são analisados os resultados de 42 experimentos. Tendo em vista que o período pré-parto varia segundo o critério de diversos autores, dentro de faixas que oscilam entre 3 e 24 semanas antes do parto, Broster (1971) concentrou dito período nas últimas 8 semanas da gesta-

FIGURA 1. ALTERAÇÕES NA PRODUÇÃO DE LEITE, CONSUMO E PESO VIVO NO CICLO PRODUTIVO DA VACA



ção. Esta fase coincide com o período da vaca "seca" na qual o animal recondição suas reservas orgânicas e prepara os tecidos mamários para a próxima lactação.

Broster delimita os planos nutricionais que a vaca recebe nessa fase, de acordo com as alterações de peso que podem ocorrer. Desta forma denomina: (a) plano baixo aquele que determina perdas de peso de cerca de 500 g/dia; (b) plano médio, que permite manter o peso ou obter ganhos leves; (c) plano alto que pode produzir ganhos próximos de 500 g/dia, podendo-se incluir mais um plano muito alto que determinaria ganhos superiores a 900 g/dia.

Quando se relacionam estas alterações de peso antes do parto com a resposta produtiva da lactação subsequente, é possível delimitar o que denominaremos variação da sensibilidade produtiva (Fig. 2)

sem incluídas na análise vacas com pior produtividade.

Embora Broster em seu trabalho não faça nenhuma menção específica, tentar prever a futura produção das vacas de acordo com sua variação de peso pré-parto, sem levar em conta o estado dos animais ao entrar em seu período seco, pode implicar uma simplificação excessiva do problema.

Algumas evidências experimentais (Wallace, 1958; McMeekan & Walshe, 1963; Schultz, 1969) indicariam que existe uma relação positiva entre o peso da vaca ao parto e seu rendimento em leite (Fig. 3). Como esta relação é, ademais, de tipo curvilíneo, isso faz presumir que ao serem superados certos limites de peso vivo, a resposta produtiva também se tornaria irrelevante. Significa, pois, que ministrar um plano alto de alimentação a uma vaca que já tenha alcançado um ade-

quado estado nutricional ou um certo peso "limite", não redundaria em uma resposta produtiva extra.

Portanto, careceria de sentido suplementar vacas que já tenham obtido um acúmulo adequado de reservas. Tem-se pouco sentido especular com os ganhos de peso pré-parto unicamente se a vaca não superou seu estado ideal.

• Efeitos posteriores ao parto. É muito difícil delimitar o que vem a ser um plano alto e o que é um plano baixo na vaca lactante, mais do que na vaca "seca".

As alterações de peso na vaca que já tenha iniciado sua lactação são um mau estimador dos planos de alimentação utilizados, posto que em um mesmo nível alimentar, o ganho de peso de uma vaca é o inverso de seu rendimento em leite.

As vacas dotadas de potencial produtivo mais alto tendem a perder mais peso, o que pode ser apreciado na Fig. 4 que foi adaptada de um modelo elaborado por Broster (1976).

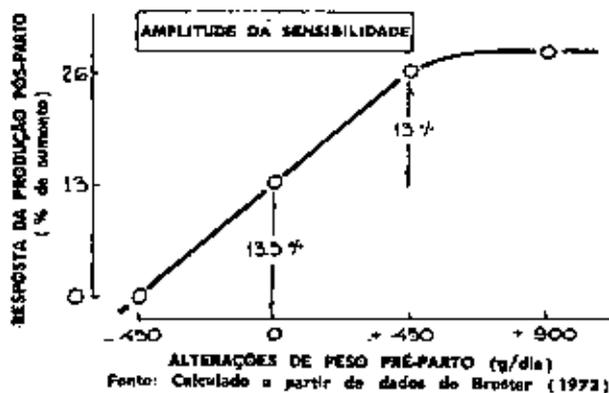
A magnitude da resposta produtiva imediata da vaca, ao passar de um plano baixo a um plano médio ou alto dependerá do potencial genético do animal.

Entretanto, esta resposta imediata a uma melhora no nível de alimentação não é linear, mas de tipo curvilíneo e correspondente à lei dos Retornos ou Incrementos Decrescentes. Em essência, essa lei nos diz que, ante cada unidade de melhoramento no nível alimentar, produzem-se aumentos ou retornos produtivos cada vez menores.

Este princípio oferece-nos as bases para escolher níveis alimentares economicamente rentáveis.

Além destes efeitos de tipo imediato, os planos de alimentação ministrados no início da lactação podem manifestar efeitos retardados que se prolongam pelo res-

FIGURA 2. ALTERAÇÕES DE PESO PRÉ-PARTO E PRODUÇÃO DE LEITE PÓS-PARTO



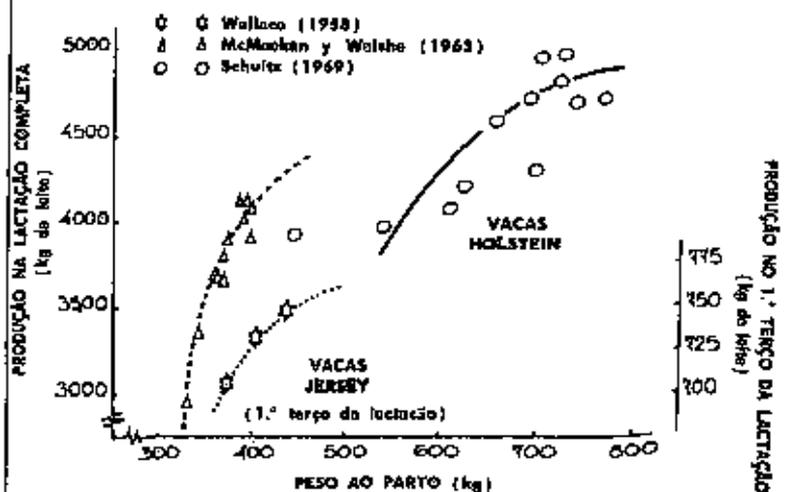
Fonte: Calculado a partir dos dados do Broster (1972)

que se produz dentro de um campo de variação de peso que flutua entre uma perda próxima de 500 g/dia e um ganho de cerca de 500 g/dia, respectivamente.

Segundo essas estimações, uma vaca que, pelo fato de receber um plano nutricional baixo, está perdendo cerca de 500 g/dia, ao passar para um plano moderado, que lhe permite manter seu peso, experimentalmente, na lactação seguinte, uma melhora produtiva média de cerca de 13,5%. Ao passar de um plano moderado para um plano alto seria obtida outra melhora adicional média de aproximadamente 13% mas, ao superar o plano alto, a resposta produtiva se tornaria irrelevante. Vale dizer que, superado o limite superior da variação da sensibilidade, a magnitude da resposta careceria de significação.

Entretanto, é mister assinalar que estes resultados, analisados por Broster (1971), incluem produtoras de até 6.000 kg/lactação. Provavelmente, os limites de variação sensível se ampliarão caso for-

FIGURA 3. PESO AO PARTO E PRODUÇÃO DE LEITE



Alfa Coumarine®

REVISTA DOS CRIADORES

Veja quanta coisa a assinatura-anuidade
lhe proporciona:

- 12 exemplares da REVISTA DOS CRIADORES.
- 1 exemplar da AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES.
- 1 cédula de associado da ABC, com sedes em São Paulo e Rio de Janeiro que lhe dá o direito de frequentá-las e de votar e ser votado.
- direito a frequentar as Dependências do Jockey Club de S. Paulo em Cidade Jardim, inclusive seu restaurante e assistir às corridas.
- descontos de 10 a 20% em suas hospedagens nos principais hotéis do País.
- descontos de 2 a 10% em compras na ABC.
- ter um telefone interurbano grátis para suas compras na ABC ou consultas aos seus departamentos de Veterinária, Agronomia, Jurídico e Fiscal, S. Paulo: (011) 800-3746, 800-3747 e 800-3531. Rio de Janeiro: (021) 800-2307.
- participar de conferências, congressos de pecuária e demais eventos sociais promovidos pela ABC.
- pertencer e poder frequentar a sede de uma Associação cujo Departamento Comercial é hoje, um Centro Regulador de Preços e está em vias de construir sua nova sede social no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, formando assim, o maior e o mais poderoso centro de negócios agropecuários da América Latina.

Em nenhuma outra ocasião seu dinheiro compra tanta coisa como ao tomar uma assinatura-anuidade da Revista dos Criadores. Faça isso agora mesmo, preenchendo e nos remetendo o cupom abaixo.

Pedido de assinatura-anuidade da REVISTA DOS CRIADORES
à EDITORA DOS CRIADORES LTDA —
Rua Venâncio Aires, 31 — 05024 — S. PAULO — SP

Em separado estou remetendo o cheque (ou ordem de pagamento)

de n.º contra o Banco
para pagamento de minha assinatura-anuidade correspondente ao período
de Jan./Dez. de 1985 e aguardo a remessa de um recibo, a cédula de
associado e as revistas mensais.

Nome

Endereço

CEP Cidade Estado Tel.

ente ratos.



conomia e rapidez



Alfa do Brasil S/A

Fique livre dos ratos que ameaçam sua saúde e destroem seu patrimônio. Não divida seu dinheiro com o rato.

ISR - 40-2550/83
LP - CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTA RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR

O SELO SERÁ PAGO POR

LUIZ DE ALMEIDA PENNA

01098 — SÃO PAULO — CAPITAL

ESTE TELEFONE É SEU! USE-O PARA BONS NEGÓCIOS.

Este e também dois outros telefones estão a sua disposição para fazer bons negócios. É só discar, ditar as ordens e esperar os resultados. Porque sua mensagem vai chegar ao destinatário certo. Aproveite estes telefones.

Em São Paulo:
(011) 800-3746 e
800-3747 e no
Rio de Janeiro:
(021) 800-3531.



Por esses telefones você poderá falar diretamente com o Presidente da ABC, com o Superintendente ou com o Diretor da Revista. Poderá também fazer seus pedidos de mercadorias ou expor ou fazer consultas aos técnicos da ABC. Poderá, ainda fazer ou reformar sua assinatura-anuidade da Revista dos Criadores. Os três telefones acima são da Associação Brasileira de Criadores e nós os estamos transferindo para Você. Faça bons negócios.

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

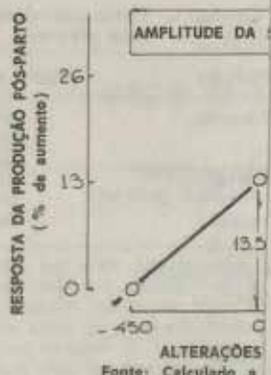
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8400
CEP 05024 — S. Paulo — SP

ção. Esta fase coincide com o período da vaca "seca" na qual o animal recondição suas reservas orgânicas e prepara os tecidos mamários para a próxima lactação.

Broster delimita os planos nutricionais que a vaca recebe nessa fase, de acordo com as alterações de peso que podem ocorrer. Desta forma denomina: (a) plano **baixo** aquele que determina perda de peso de cerca de 500 g/dia; (b) plano **médio**, que permite manter o peso ou obter ganhos leves; (c) plano **alto** que pode produzir ganhos próximos de 500 g/dia, podendo-se incluir mais um plano **muito alto** que determinaria ganhos superiores a 900 g/dia.

Quando se relacionam estas alterações de peso antes do parto com a resposta produtiva da lactação subsequente, é possível delimitar o que denominaremos **variação da sensibilidade produtiva** (Fig. 2).

FIGURA 2. ALTERAÇÕES DE PESO PRÉ



que se produz dentro de um campo de variação de peso que flutua entre um perda próxima de 500 g/dia e um ganho de cerca de 500 g/dia, respectivamente.

Segundo essas estimativas, uma vaca que, pelo fato de receber um plano nutricional baixo, está perdendo cerca de 500 g/dia, ao passar para um plano moderado, que lhe permite manter seu peso experimentalmente, na lactação seguinte, um melhora produtiva média de cerca de 13,5%. Ao passar de um plano moderado para um plano alto seria obtida outra melhora adicional média de aproximadamente 13% mais, ao superar o plano alto a resposta produtiva se torna irrelevante. Vale lembrar que o limite superior de produtividade, em termos de magnitude, é limitado pela capacidade de síntese.

sem incluídas na análise vacas com pior produtividade.

Embora Broster em seu trabalho não faça nenhuma menção específica, tentar prever a futura produção das vacas de

quando estado nutricional ou um certo peso "limite", não redundaria em uma resposta produtiva extra.

Portanto, careceria de sentido suplementar vacas que já tenham obtido um

ANUÁRIO DOS CRIADORES — 150 páginas de texto. Um artigo sobre confinamento de bovinos para corte, outro sob a administração contábil, zootécnica e sanitária de uma fazenda de gado leiteiro. Publica ainda artigos sobre criação de cavalos, suínos e endereços de interesse dos criadores. 200 páginas a cores com os GRANDES CAMPEÕES das nossas principais exposições e sobre as principais criações de bovinos e eqüinos. Preço: Cr\$ 100.000. Volume: formato 21 cm x 28,0 cm.

AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES — publicação com páginas onde o criador pode fazer suas anotações diárias de caráter pessoal e sobre o que recebeu e gastou na fazenda. Tem páginas em branco para resumos mensais dessas despesas e receitas e no fim do ano fechar o balanço e fazer o inventário da propriedade. Preço: Cr\$ 40.000. Volume encadernado: 21,0 x 28,0 cm.

O NELORE — Livro sobre a criação, seleção e a história da raça nestes últimos 93 anos. Autor: Prof. Alberto Alves Santiago. Preço: Cr\$ 100.000.

MANGALARGA E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO. 3.ª edição, revista e aumentada. Dr. Fausto Simões. Preço: Cr\$ 30.000.

GUIA AGROPECUÁRIO — publicação com mais de 400 páginas sobre Direito Trabalhista Rural, Direito Previdenciário, Direito Fiscal, Incentivos e Estatuto do Trabalhador. Preço: Cr\$ 19.000.

LIVRO PARA CONTABILIDADE — Para a escrituração de uma fazenda. Preparado de acordo com as exigências fiscais e para facilitar, no fim do exercício o preenchimento da cédula "G" com um plano de contas. Preço: Cr\$ 40.000.

EQUINOS, raça, manejo, equitação. O livro para aqueles que criam ou que gostam de cavalo ou que apreciam uma boa e agradável leitura. Prof. Sergio Lima Beck. No prelo.

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 264-8400
CEP 05024 — São Paulo — SP

PESO AO PARTO (kg)

OCIO

Alfa Coumarine®

Para matar ratos. Somente ratos.

Alfa Coumarine é um raticida de fórmula francesa que mata ratos, camundongos e outros roedores nocivos com apenas uma única dose.



NOVO
Formula Francesa

Alfa
COUMARINE

Raticida

Uso Agrícola

ISCA

PARA MATAR RATOS, SOMENTE RATOS

Para combater ratos, camundongos e outros roedores nocivos

ANTES DE USAR LEIA COM ATENÇÃO

AS INSTRUÇÕES NO RÓTULO

Conteúdo líquido 2.500g

CUIDADO! VENENO! FATAL SE INGERIDO
(INALADO OU ABSORVIDO PELA PELE)

Eficiência, economia e rapidez

Com Alfa Coumarine é possível tratar grandes áreas em pouco tempo com uma quantidade de iscas menor que de outros raticidas. Conseguir extermínio total dos ratos, inclusive daqueles resistentes a outros raticidas.



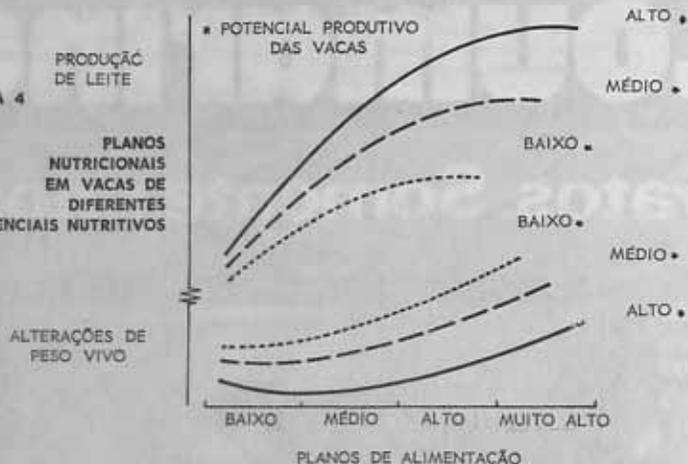
Laboratórios Alfa do Brasil S/A

Maria - Rua Flor. Murtala Siqueira, 234 - Cx. Postal 143 - Vila - (081) 277.267 - 19040-000

Paul - Rua Yaguajay, 236 - Vila Inglesa - Fone: (011) 864.922 - 19040-000

estroem

FIGURA 4



to da lactação; são os denominados efeitos residuais da alimentação.

Na Fig. 5 são apresentados os resultados de um experimento realizado por Broster e cols. (1969) no qual é possível visualizar a manifestação de efeitos residuais. Foram diagramadas as curvas de lactação correspondentes a dois grupos de vacas que foram submetidas a 2 planos de alimentação diferentes (alto e baixo), durante as 10 primeiras semanas posteriores ao parto. A partir da 10.ª semana a alimentação dos dois grupos foi uniformizada, recebendo todas as vacas um plano alto de arraçoamento. Nos resultados percebe-se que as vacas que receberam melhor alimentação até a 10.ª semana, continuaram a produzir nas semanas subsequentes um volume extra de leite em relação às vacas pior alimentadas. Portanto, parece existir um estímulo fisiológico proveniente da alimentação ofertada nas primeiras semanas seguintes ao parto, que se prolonga até a fase restante da lactação.

Várias evidências neste sentido (Broster e cols., 1958; idem, 1964; idem, 1969; idem 1975) contribuíram para reafirmar a hipótese feita precocemente por Blaxter (1950), no sentido de que "o êxito de toda a lactação depende do rendimento em leite obtido nas 6 primeiras semanas

Quadro 2. Efeitos residuais da suplementação em vacas em pastejo (segundo Gordon, 1981)

Fonte da informação		Relação Efeito residual/ Efeito direto
Glesson (1969)	vacas novilhas	1,01; 0,39
Glesson (1970)	vacas e novilhas	1,03; 0,06
Glesson (1973)		1,28; 0,36
Butler (1976)		0,40; 0,33
Gordon (1979)		0,16; -0,65
Evans (1979)		-0,93
Steen & Gordon (1980)		0,54
Steen & Gordon (1980)		0,53; 2,04
Média		-2,85
		0,25

FIGURA 5.

EFEITOS RESIDUAIS EM VACAS DE DIFERENTES POTENCIAIS NUTRITIVOS



após o parto". A manifestação de efeitos residuais da alimentação justifica sua consideração sob o prisma econômico, já que a relação custo-benefício não deveria quantificar-se somente durante o período de tratamento nutricional alto e sim durante toda a lactação. Segundo Broster e cols., a relação efeito residual-efeito imediato seria de 3:1, aproximadamente. Quer dizer que seriam obtidos cerca de 3 kg de leite residuais por kg de leite extra produzido quando se eleva o nível nutricional no princípio da lactação.

Segundo outras evidências (Gordon, 1981), tais efeitos residuais em condições de pastejo podem ser muito variáveis e mesmo negativos (Quadro 2). Neste Quadro pode-se observar, na média de todos os experimentos considerados uma resposta de aproximadamente 250 g de leite residual por cada kg de leite extra produzido ao suplementar o início da lactação.

Apesar da escassez de dados experimentais sobre o assunto, parece que os planos de alimentação não só exercem efeitos imediatos e residuais dentro de uma mesma lactação, como também podem transferir-se para as lactações subsequentes. Em um ensaio conduzido durante 4 lactações consecutivas (Wiktorsson, 1979), dois grupos de vacas receberam plano igual de nutrição durante a 1.ª e a 4.ª lactações, mas diferentes durante a 2.ª e a 3.ª lactações. Na Fig. 6 observam-se os

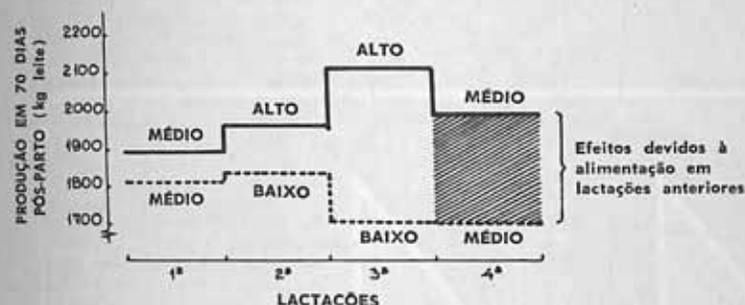
rendimentos de leite alcançados durante os primeiros 70 dias de lactação. As vacas que receberam plano igual durante as duas lactações intermediárias produziram na 4.ª lactação um volume de leite substancialmente maior que as vacas pior alimentadas. Estas diferenças não se mantiveram ao se considerarem lactações de 305 dias, o que impõe uma investigação mais a fundo a respeito.

Ainda que alguns autores tenham assinalado a fase da vaca "seca" como a mais apropriada para restituir as reservas orgânicas do animal, alguns resultados indicam que a lactação média (2.º terço) constitui uma fase mais adequada para que isso aconteça.

O fundamento deste enfoque apoia-se em estudos sobre o metabolismo energético em ruminantes que indicam que a vaca lactante utiliza a energia do alimento com maior eficiência que a vaca "se-

FIGURA 6.

EFEITOS RESIDUAIS DA ALIMENTAÇÃO NAS LACTAÇÕES ANTERIORES



ca". No Quadro 3 pode-se apreciar que a conversão da energia metabolizável (EM) do alimento em tecidos de reserva é de quase 60% para a vaca "seca" e atinge cerca de 75% da lactante (Moe e cols., 1970). Isto significa que a restituição das reservas orgânicas poderá ser alcançada com 20-25% menos de alimento, caso a vaca se encontre simultaneamente em alguma de suas fases da lactação.

do leite e um significativo aumento do peso vivo.

Significa que, em um sentido muito amplo, pode-se afirmar que uma alta proporção de concentrados energéticos na ração favoreceria a manifestação das características cárneas do animal. Ao passo que uma elevada proporção de alimentos fibrosos tenderia a exaltar as características lácteas do animal.

Quadro 5. Eficiência de utilização da energia da dieta e dos tecidos em leite

Vacas	N.º	Eficiência de utilização (% da EM em		
		leite	tecidos	tecidos em leite
Lactantes	350	64,4	74,7	82,4
Não-lactantes	193	—	59,6	

EM = energia metabolizável da dieta

Composição da dieta. O efeito dos planos nutricionais sobre a produção de leite constitui um enfoque quantitativo do problema que nos ocupa. Parece importante também procurar enquadrá-lo dentro do prisma qualitativo e, neste sentido, seria falho deixar de considerar a composição da dieta que o animal ingere.

A qualidade da dieta afeta não somente o rendimento leiteiro como, também, a composição do produto.

Em uma síntese dos resultados da experimentação, três foram as principais relações consideradas nas dietas das vacas leiteiras: a) Relação energia-fibra; b) Relação energia-proteína e c) Relação proteína degradável-não degradável.

• **Relação energia-fibra.** Esta relação parece afetar mais a composição que o rendimento do leite. Os resultados experimentais indicam que ao aumentar a densidade energética da dieta, a porcentagem de gordura láctea se resente e tende a recuperar-se o peso vivo do animal (Flatt e cols., 1977).

Esta tendência pode ser observada no Quadro 4, no qual, com o aumento da proporção de concentrado em relação à fibra, dentro da dieta, a vaca tende a reter menos energia sob a forma de leite e mais sob a forma de tecidos de reserva corporal. Isto se manifesta por uma queda drástica da porcentagem de gordura

Quadro 4. Balanço energético com diferentes relações energia-fibra da dieta

	Relações concentrado-feno		
	40:60	60:40	80:20
Energia retida (Mcal/dia)	12,25	12,63	11,97
Gordura láctea (%)	3,5	3,0	2,7
Energia no leite (Mcal/dia)	13,53	13,21	10,64
Energia nos tecidos (Mcal/dia)	-12,75	-5,75	+13,23

Valores extremos de energia ou de fibra estão associados a alterações metabólicas típicas (acetose ante um excesso de fibra e acidose ante um excesso de grãos). Cerca de 13-14% da fibra em dietas de vacas leiteiras constituem um limite mínimo de segurança para prevenir transtornos metabólicos associados a dietas muito energéticas (Kesler & Spahr, 1964; Broster e cols., 1979).

A luz dos resultados alcançados, pode-se inferir que as rações mais energéticas são adequadas para a primeira fase da lactação, quando a vaca tem suas maiores demandas e sua capacidade de consumo ainda não é máxima. As dietas menos energéticas, por outro lado, seriam adequadas a partir do meio da lactação, quando o consumo é máximo (e os riscos de acidose tendem a aumentar) e começa a recomposição das reservas orgânicas; restituição que seria obtida a partir de

dietas economicamente menos dispendiosas.

• **Relação energia-proteína.** A relação energia-proteína da dieta é outro aspecto qualitativo importante. Há um consenso entre os investigadores, no sentido de que os requisitos de energia e proteína da vaca não podem ser manejados como componentes separados e independentes. Muitas evidências provam que ambos interagem e que os requisitos de proteínas do animal aumentam à medida que aumenta o consumo de energia (Broster & Oldham, 1977).

A retenção do nitrogênio ou o balanço nitrogenado do animal estão muito condicionados pela interação proteína-energia. Na Fig. 7 é apresentado um modelo elaborado por Balch (1967) no qual se vê que ainda quando o consumo de proteína seja muito alto, se o consumo de energia é deficitário, o balanço nitrogenado do animal será negativo. O balanço se tornará positivo quando houver melhora da ingestão energética. Com um nível alto de ingestão de energia, o aumento adicional no consumo de proteína gerará uma resposta extra de tipo curvilíneo. Para cada nível de consumo energético parece existir uma relação ótima de energia-proteína, que permite uma retenção máxima de nitrogênio por parte do animal.

Ficou bem demonstrado que a ingestão de energia exerce sobre o rendimento em leite, um efeito maior que a ingestão de proteína (Gordon & Forbes, 1973). Vários trabalhos (Clay & Satter, 1979; Van Horn & Zometa, 1978; Grieve e cols., 1974; Edwards e cols., 1980; Cressman e cols., 1980) parecem demonstrar que a

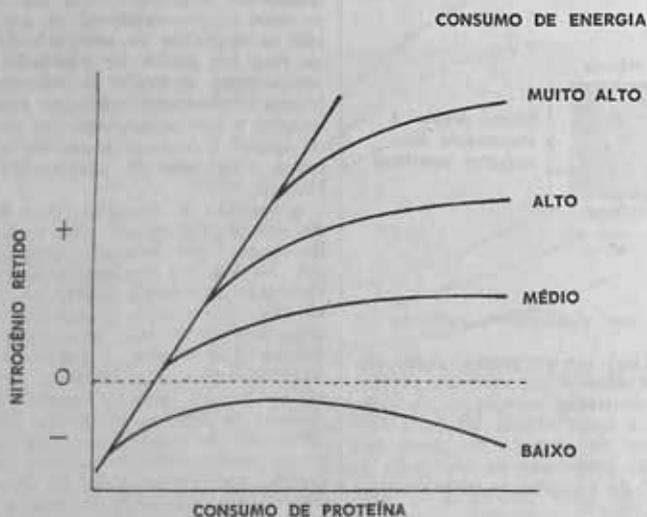
proteína não atuaria, em si, favorecendo a produção de leite, mas promovendo um consumo maior de energia.

De qualquer forma, muitos autores (Dori & Folman, 1970; Huber, 1975; Satter & Roffler, 1975; Broster & Oldham, 1977; Bines, 1979; Huber & Kung, 1981; Swan, 1981) concordam em assinalar a existência de um limite mínimo requerido de proteína na ração, que oscila entre 12,5% e 13,5%. Com porcentagens maiores, resente-se a digestibilidade da ração, o consumo e, portanto, o rendimento leiteiro da vaca.

• **Relação proteína degradável-não degradável.** O problema da relação entre as frações degradáveis e não degradáveis no rumo das proteínas da dieta constitui um enfoque relativamente novo na alimentação das vacas leiteiras.

Durante vários anos pensou-se que a qualidade da proteína dietética não era

FIGURA 7.
RELAÇÕES ENERGIA-PROTEÍNA E RETENÇÃO DE NITROGÊNIO PELO ANIMAL



Fonte: Balch (1967)

um fator crítico nas rações para ruminantes. Isto se baseava na capacidade que os microrganismos do rume têm para degradar os compostos nitrogenados da ração e sintetizar, a partir deles, novas proteínas microbianas que o animal utiliza para satisfazer seus requisitos. Naturalmente, este enfoque tendeu a liberar o ruminante da qualidade proteínica da dieta.

Sabe-se hoje que o problema não é tão simples e que nos compostos nitrogenados do alimento existem frações degradáveis

e não degradáveis no rume, que têm efeitos importantes sobre o rendimento e a composição do leite (Clark, 1975; Schwab e cols., 1976; Huber & Kung, 1981).

A proteína degradável é a fração proteica suscetível de ser fermentada no rume e que produz amônia como produto final. Por seu lado, a não degradável é a fração proteica que "escapa" à fermentação microbiana e sofre um processo de digestão e absorção pós-ruminal. Na fig. 8 é apresentado um esquema simplificado que resume as vias metabólicas do ni-

FIGURA 8.
VIAS METABÓLICAS DO NITROGÊNIO DA DIETA EM RUMINANTES



trogênio no rume. Se existe uma fonte de energia fermentável (hidratos de carbono solúveis) não limitativa, uma parte substancial da amônia produzida na fermentação ruminal é captada pelos micróbios da pança e convertida em proteína microbiana. Esta proteína microbiana sofre, posteriormente, junto com a proteína não degradável, uma digestão e absorção pós-ruminal.

A amônia remanescente, não captada pelos micróbios, passa através das paredes do rume, ingressa no círculo rúmimo-hepático e se transforma em uréia ao chegar no fígado. A maior parte dessa uréia se perde por via urinária e uma pequena proporção é reciclada retornando ao rume com a saliva, como nitrogênio não protéico.

Estas vias metabólicas do nitrogênio no rume, que numa apreciação superficial podem parecer uma simples curiosidade científica, tem, ao contrário, uma importância crescente na alimentação da vaca leiteira.

Contrastando com as proteínas vegetais, a proteína microbiana tem uma composição de aminoácidos sumamente constante sob uma diversidade de regimes nutricionais (Hungate, 1966; Huber & Kung, 1981). A despeito de sua alta digestibilidade e de seu alto valor biológico (Hagemester & Kaufman, 1975) a proteína microbiana, ainda em seu rendimento máximo, somente alcança satisfazer os requisitos de manutenção da vaca, mais uma produção de leite inferior a 10 kg/dia (Miller, 1978). Na Fig. 9 é apresentada a curva de requisitos de nitrogênio do animal, em função de uma produção de leite crescente e a possibilidade da proteína microbiana para satisfazer tais requisitos.

Aquilo que a proteína microbiana não consegue cobrir deve ser provido pelas frações protéicas não degradáveis. Daí que, ao aumentar o potencial leiteiro das vacas, há necessidade de maiores proporções de proteína não degradáveis (PND) em relação às degradáveis no rume (PDR). Na Fig. 10 são apresentadas as necessidades relativas de ambas as frações, em função do rendimento diário de leite. Dentro do que se pode denominar de tipo comercial de produção, há necessidade de 75-90% de PDR e 10-25% de PND. Com rendimentos maiores, a relação crescerá a favor da PND.

Pode-se prever que é factível satisfazer 100% dos requisitos da vaca com proteínas não degradáveis e evitar grandes perdas de nitrogênio amoniacal que amiúde ocorrem no rume. Não obstante, deve-se ter em conta que os microrganismos do rume podem produzir proteínas de alto valor biológico a partir de fontes nitrogenadas não protéicas (como a uréia), que não servem para a alimentação humana e costumam ter menor custo econômico que as proteínas naturais. Doutro lado, um déficit de proteínas degradáveis pode afetar seriamente a digestibilidade de outros componentes da dieta e reduzir drasticamente o consumo de alimentos.

GRUPO GERADOR CATERPILLAR. O ÚNICO QUE VOCE PODE COMPRAR NO BRASIL.

Pela primeira vez, você encontra Grupos Geradores inteiramente projetados e fabricados dentro das especificações de uma única marca.

E uma coisa precisa ficar bem clara: O Grupo Gerador Caterpillar é totalmente brasileiro. Montado em um único conjunto compacto e com assistência técnica Caterpillar para todos os componentes. Você pode comprar até no escuro. Sendo Caterpillar, gera confiança.

PAINEL DE CONTROLE

Montado no conjunto para maior facilidade de instalação e verificação.

GERADOR

Superdimensionado, com capacidade para dar partida em motores elétricos maiores. Dispensa chave especial de partida.

SEM ESCOVAS

Fornece energia total, sem a necessidade de constantes paradas para manutenção e troca das escovas. não usa luva elástica.

MANCAL ÚNICO

Mantém o alinhamento entre o motor e o gerador, eliminando a necessidade de manutenção, pois não usa luva elástica.

MOTOR
Caterpillar, a diesel, turboalimentado, de alto desempenho, opera sem perda de potência em altitudes de até 1000 m.

MODELOS
3304 - 106 K. Va
3306 - 162,5 K. Va

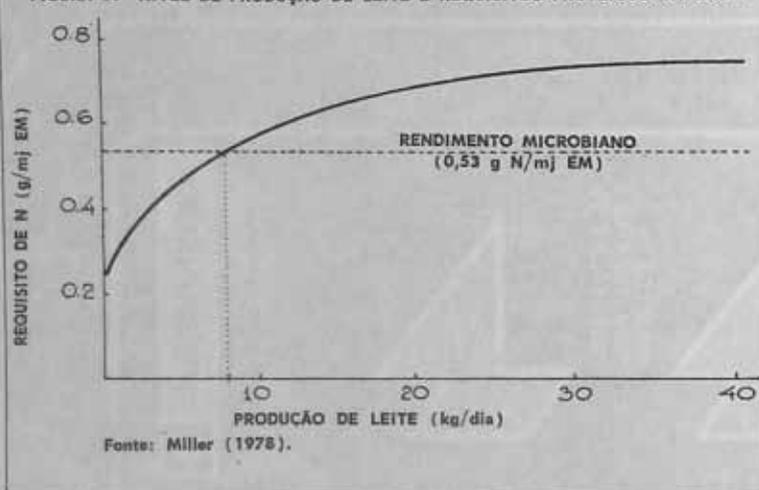
GRUPOS GERADORES CATERPILLAR, O MOTIVO DA FORÇA MAIOR.



CATERPILLAR

CONJUNTO COMPACTO ONDE TUDO É CATERPILLAR: PROJETO, FABRICAÇÃO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

FIGURA 9. NÍVEL DE PRODUÇÃO DE LEITE E REQUISITOS PROTÉICOS DA VACA



O balanço entre ambas as frações pode ser adequadamente manipulado pelo nutricionista (A.R.C., 1980). O déficit de proteínas degradáveis pode ser corrigido mediante a junta de uréia ou outra fonte de nitrogênio-não-protéico. Por outro lado, a insuficiência de PND pode ser corrigida aumentando-se a proporção de proteínas de baixa degradabilidade na ração ou, então, reduzindo a degradabilidade das proteínas disponíveis.

Há evidências muito nítidas que indicam que no início da lactação, quando a vaca em geral se encontra em equilíbrio energético negativo, tende a responder significativamente à suplementação

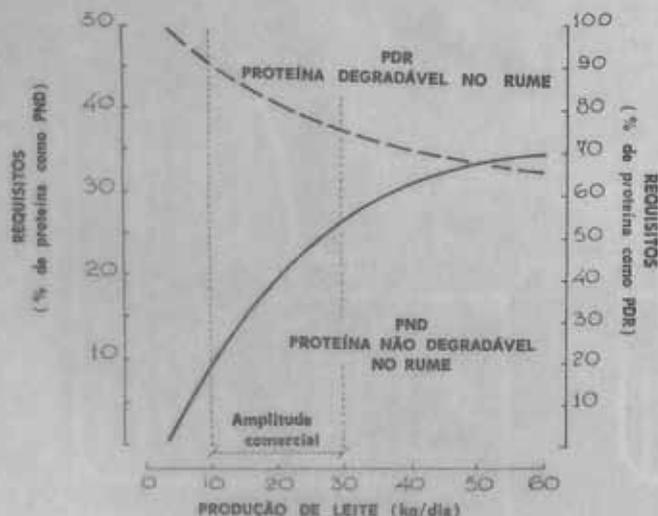
com PND. Um experimento muito revelador neste sentido foi realizado por Orskov e cols. (1977) que fizeram uma

Quadro 5. Infusão de proteína no abomaso e resposta produtiva em vacas leiteiras

Infusão de caseína, g/dia	Produção de leite, kg/dia	Graxa butírica, %	Proteína láctea, %	Balanço energético, mj/dia
0	16,8	4,82	2,52	-20,5
250	19,8	4,98	2,84	-30,5
500	21,6	5,10	2,96	-38,6
750	21,4	5,40	3,15	-41,0

Fonte: Orskov e cols. (1977).

FIGURA 10. NECESSIDADES DAS VACAS LEITEIRAS EM PROTEÍNAS DEGRADÁVEIS E NÃO DEGRADÁVEIS



infusão de proteína láctea (caseína) diretamente no abomaso de bovinos (estômago verdadeiro ou coagulador) visando a simular a situação de uma proteína que não chegou a degradar-se no rume e que passou diretamente a ser digerida e absorvida pelo meio pós-ruminal. No Quadro 5 são apresentados os resultados deste experimento.

Ao aumentar os níveis de caseína infundida, alguns parâmetros produtivos — rendimento leiteiro, porcentagem de graxa butírica e porcentagem de proteína láctea — também se elevaram mas, em troca, acentuou-se o balanço negativo da vaca. Isto indicaria que algumas proteínas de alto valor biológico, não degradadas no rume, poderão atuar estimulando a mobilização das reservas e sua conversão em leite.

Tem-se ideado técnicas — denominadas de "proteção" de proteínas — destinadas a facilitar a passagem de moléculas protéicas através do rume, sem serem submetidas a uma intensa degradação. Tais técnicas incluem tratamentos com calor ou substâncias químicas (aldeído fórmico, tanino, etc.) que inibem a ação microbiana.

O emprego de proteínas "protegidas" ou "tratadas" constitui um artifício que poderá ser promissor para manipular a mobilização das reservas do animal nos momentos em que se tornem economicamente mais vantajosos ou desejáveis.

Estratégias de alimentação em condições de pastejo. Em uma síntese dos progressos alcançados em rebanhos leiteiros mais avançados dos EUA, Moe (1981) assinala que nos últimos 25 anos a produção de leite passou de 8.000 para 11.000 kg/vaca/lactação. Segundo esse investigador, os principais fatores que explicam essa diferença substancial de 3.000 kg de leite por lactação são a genética e a alimentação. Ele acrescenta que não se pode prever se nos 25 anos vindouros será obtido um aumento semelhante, mas reafirma que as possibilidades biológicas existem para tanto. Menciona como exemplo a vaca de nome "Beecher Arlinda Ellen" que produz atualmente 23.000 de leite em 305 dias de lactação. Assinala que essa produtora não é necessariamente mais eficiente que outras vacas, mas que foi aquinhoadada com uma formidável capacidade para consumir e, o que é ainda mais importante, dotada de meios para suportar a sobrecarga fisiológica que esse consumo impõe, conseguindo manter a homeostase de seu trato diges-

tivo. Este é, sem dúvida, um bom exemplo dos esforços realizados conjuntamente nas áreas da genética e da nutrição animal.

Se, com este modelo em mente, nos deslocarmos agora para nossos sistemas leiteiros de tipo pastoril, verificaremos que, nos últimos 20 anos, progrediu-se mais na área da genética do que no setor da nutrição. Os esforços realizados para melhorar geneticamente os plantéis não têm sido acompanhados por esforços simultâneos para melhorar os sistemas de alimentação.

Assim é que em muitas bacias leiteiras do país é possível registrar um potencial genético superdimensionado em relação às possibilidades efetivas de satisfazer às demandas nutricionais determinadas por esse potencial. Isto é particularmente perceptível nos rebanhos leiteiros da região dos pampas semi-áridos. Uma análise das curvas de lactação obtidas nessa região é ilustrada na Fig. 11.

Pode-se apreciar como as vacas apresentam curvas de lactação que se afastam claramente de uma curva desejável de produção e não chegam a manifestar integralmente o potencial que os animais possuem. Infer-se que estes animais foram expostos a uma condição nutricional sub-mínima durante boa parte de seu ciclo produtivo. Ao falhar a alimentação, não foi aproveitada boa parte dos proventos em matéria de genética, já que os animais não chegam a expressar integralmente aquilo que seu potencial genético permite. E disso deriva uma pergunta lógica: de que valem os esforços e o dinheiro gasto para produzir uma vaca de alta produtividade se isso somente chega a produzir uma parte do que pode ser obtido potencialmente?

A medida que cai o nível da alimentação de um rebanho, parece que as vacas de maior produtividade são capazes de sustentar uma produção absoluta mais elevada, mas, em termos relativos ou percentuais, seus rendimentos parecem diminuir mais rapidamente. Isto pode ser observado em condições de pastejo, quando ocorre um aumento da carga animal ou de pressão do pastejo (Fig. 12).

As vacas mais produtivas, ante uma deterioração do nível nutricional, são capazes de sustentar uma produção maior às custas de uma taxa maior de mobilização das reservas corporais, com o que esses animais entram mais rapidamente em um balanço nutricional negativo. Talvez essa situação particular tenha se refletido em resultados reprodutivos que temos obtido em condições semi-áridas (Quadro 6). Na medida em que foi maior o potencial produtivo das vacas houve tendência para prolongar-se o intervalo entre partos consecutivos. Assim, encontramos que vacas com 6.000 kg por lactação demoram em média 100 dias mais que o desejável para parir e iniciar suas lactações seguintes. Isto deve ser interpretado, não como algo inerente à condição genética da vaca, mas como um reflexo de condições sub-nutricionais que ocorrem durante o ciclo produtivo.

FIGURA 11.
CURVAS DE LACTAÇÃO DE VACAS EM PASTEJO EM AMBIENTE SEMIÁRIDO

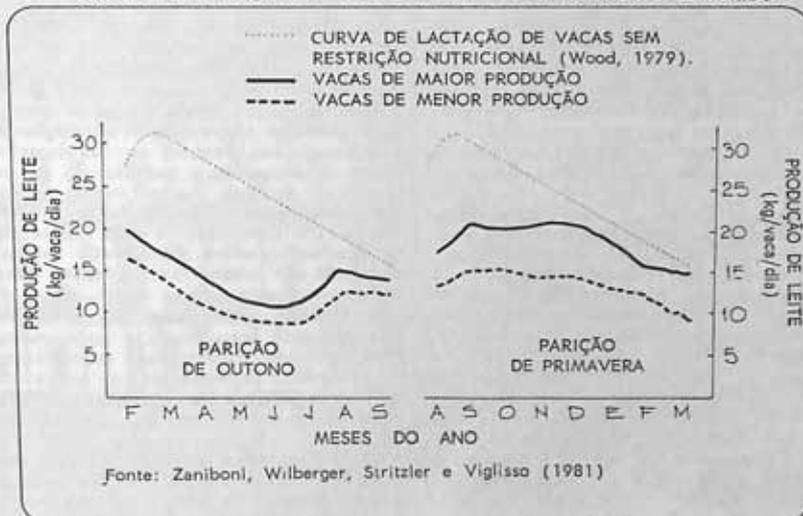
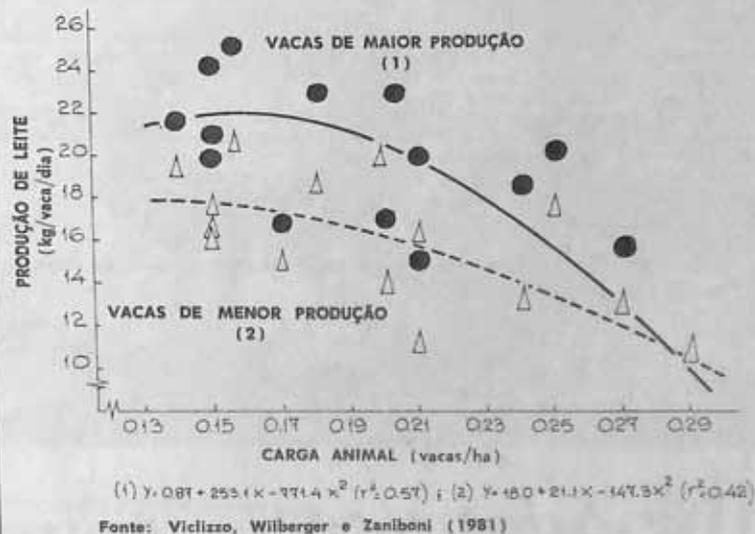


FIGURA 12. EFEITO DA CARGA ANIMAL SOBRE O RENDIMENTO DE VACAS DE PRODUTIVIDADE DIFERENTE



Quadro 6. Produção e intervalo entre partos em vacas leiteiras

Produção por lactação (kg de leite)	Intervalo entre partos em vacas leiteiras (dias) *
2.000	387,3
4.000	425,4
6.000	465,4

* Estimado a partir da regressão $Y = 349,38 \pm 0,019 X$; com $r = 0,35$ ($P < 0,01$). Dados de 113 lactações. Fonte: Viglizzo & Wilberger (1977).

Se somarmos a quantidade de leite que essas vacas deixam de produzir em uma lactação, mais o atraso para entrarem novamente em produção, quanto significa isso em termos econômicos? A perda, seguramente, não será desprezível.

Esta soma de efeitos "retardantes" da produção leva-nos a reconhecer que é necessário definir ou redefinir as estratégias da alimentação adequada de nossas vacas leiteiras em pastejo. Há poucas dúvidas de que as vacas leiteiras em pastejo, que têm uma produção moderada a alta devem receber suplementos com alta densi-

dade de nutrientes em algum momento de seu ciclo produtivo.

É mister partir da base que uma vaca a parto não manifesta muito "senso comum" nem "sabedoria nutricional" para escolher sua dieta. A natureza, tal como os seres humanos, ela consome mais por preferência do que por necessidade. O animal que pasta seleciona quanto pode, mas raramente sua dieta acaba sendo equilibrada.

Indubitavelmente, o pastejo introduz níveis adicionais de complexidade ao já complicado problema de alimentar as vacas leiteiras. É virtualmente impossível formular rações e ajustar níveis de suplementação que completem exatamente os nutrientes que o animal deixou de receber em regime de pastejo. Isto se deve a que é tremendamente difícil prever com precisão o que é consumido pela vaca que pasta. Na Fig. 13 estão dados bastante ilustrativos do que se enfrenta ao se analisar o consumo de um animal criado a pasto. Ocorrem variações substanciais entre diferentes épocas do ano, entre pastagens diferentes e ainda dentro de um mesmo pasto. A isto soma-se o que o animal seleciona, modificando assim o valor nutritivo de sua dieta.

Ante essas barreiras quase intrensificáveis para prever o consumo de nutrientes, torna-se muito relativo o valor de todos os trabalhos que fixam "a priori" um nível determinado de consumo em regime de pasto e depois, mediante uso de tabelas de alimentação, procuram balancear as rações e estabelecer níveis de suplementação que cubram as demandas do animal. São altas as possibilidades de erro.

Sem dúvida, o problema se torna mais

complexo do que se pode supor em uma apreciação simplista. Pois, bem; que critérios devem ser utilizados para delinear estratégias de alimentação que se adequem às nossas condições de produção? Ante a impossibilidade econômica de suplementar sem restrições a vaca leiteira, seria razoável instrumentar estratégias de suplementação baseadas em explorar os ciclos de deposição e mobilização das reservas do animal. As estratégias podem ser estabelecidas a partir da formulação de algumas interrogações que vão surgindo espontaneamente, sendo que as mais habituais são: quando, até quando, quanto e com que?

• Quando suplementar. Sem dúvida, esta pergunta faz referência ao momento mais oportuno para utilizar suplementos. As evidências parecem indicar que a melhor oportunidade se encontra no primeiro terço do período de lactação. Por quê?

a) Porque nesse período a vaca tem suas maiores demandas nutricionais, já que a produção de leite é máxima mas o consumo de alimentos não o é. Conseqüentemente, é razoável suplementar com alimentos de alta densidade nutritiva para atenuar o balanço negativo dessa fase, reduzir a mobilização de reservas corporais e restringir as possibilidades de atrasos reprodutivos.

b) Porque a vaca melhorará a expressão de seu potencial produtivo em uma fase em que se produz o pico da produção.

c) Porque, nesse momento, é máxima a eficiência da conversão de alimentos em leite. E pois um período adequado para converter eficazmente alimentos concentrados de alto custo econômico.

d) Porque, neste momento, a ação de suplementos concentrados exerce um estímulo para a manifestação de efeitos residuais.

• Até quando suplementar? Ou, de outra forma: durante quanto tempo prolongar a suplementação?

O pico da produção se produz entre o 2.º e o 3.º mês da lactação e a partir daí o rendimento leiteiro declina segundo uma taxa mais ou menos constante, até que, finalmente, a vaca "seca". Como a eficiência de conversão do alimento em leite cai, à medida que avança a lactação, não parece conveniente prolongar o período de suplementação além das 10-12 semanas posteriores ao parto. Broster e cols. (1974) assinalam que 4-6 semanas com alimentação alta, dentro do primeiro terço da lactação, seriam suficientes para estimular a manifestação de efeitos residuais. Todo prolongamento além das 10-12 semanas somente se justificaria se as deficiências da pastagem permitissem uma resposta rentável à suplementação.

Por outro lado, a lactação em seu meio parece ser bem apropriada para iniciar o processo de recomposição das reservas da vaca, visto que, nesse momento, o consumo do animal é máximo. Este raciocínio orgânico pode ser tentado a partir do pastejo direto com única dieta, devido a que, naturalmente, fica muito menos custoso que a ministração de suplementos concentrados. A típica condição requerida seria que, nem a qualidade, nem a disponibilidade de pastagem sejam fatores limitadores do consumo. Não obstante, se a vaca não tiver recuperado ainda seu estado físico ao cabo de sua lactação, sempre haverá o recurso último de voltar a suplementar durante a fase de vaca "seca".

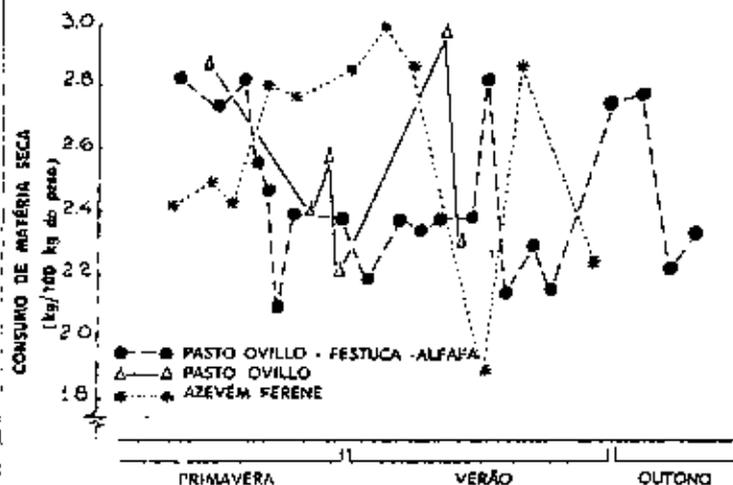
• Com que suplementar? Que tipo de suplemento convém utilizar?

Partamos da hipótese formulada no sentido de que, dentro do primeiro terço da lactação, encontremos o momento mais oportuno para suplementar e que, nem econômica nem biologicamente, seria eficiente prolongar a suplementação mais além dessa fase.

Como o animal que pasta consome alimentos fibrosos, dificilmente chega a fibra a ser um componente limitativo do rendimento em leite. Nestas condições, é razoável utilizar suplementos que permitam maximizar o consumo voluntário do animal. Isto é alcançado com a ministração de concentrados de alta densidade nutritiva.

É mais provável que sejam as relações energia-proteína e proteína degradável não degradável e não as relações energia-fibra que atuam limitando os rendimentos em leite. Raramente o pastejo direto oferece às vacas dietas equilibradas (Alden, 1981; Simpson & Stobbs, 1981); portanto, qualquer programa de suplementação deverá ser basicamente orientado para a correção de deficiências qualitativas das pastagens, posto que elas geralmente predominam sobre as quantitativas.

FIGURA 13. CONSUMO VOLUNTÁRIO DE PASTAGENS POR VACAS LEITEIRAS



Fonte: Adaptado do Journal de Domerguilly (1979)

Campeão de saúde para seus animais.

MAIS AÇÃO
lepecid

(USO VETERINÁRIO)

LARVICIDA - REPELENTE
GERMICIDA - CICATRIZANTE



LARVICIDA - DIFOSFATO de O-DIMETIL A.I.
DIFENIL (RONNEL) 5%, com elementos
germicidas, antidiarreico e cicatrizante.

EMBALAGEM DE: 500 ml

Dow

Produto DOW QUÍMICA S.A.
© 1988 da The Dow Chemical Company

Quem se preocupa com a saúde dos seus animais tem sempre **lepecid**** na mão. **lepecid**** é um larvicida, repelente, germicida e cicatrizante muito fácil de aplicar. Vem com uma válvula com ação em 360°, que permite aplicar o produto em qualquer posição, até de cabeça para baixo. E **lepecid**** tem muito mais ação: cura mais rápido porque dura mais tempo. **lepecid**** é sobretudo um verdadeiro campeão de saúde. Vira uma onça, aliás uma onça muito amiga na hora de defender a saúde dos animais.

Use sempre **lepecid****. Melhor não há.

Um produto



Dow Química S.A.

Empresas Dow

lepecid

MAIS AÇÃO



**A ONÇA
AMIGA.**

As pastagens perenes, associadas em suas fases jovens, parecem ser deficientes em energia e ricas em proteína de alta degradabilidade (Simpson & Stobbs, 1981). A correção dessas dietas poderia ser obtida mediante suplementos baseados em uma alta densidade energética e reforçadas nas proporções relativas de proteínas de baixa degradabilidade (p. ex. farinha de carne ou de pescado) ou em proteínas "protegidas".

Por outro lado, as pastagens em seu estado vegetativo avançado parecem ser impróprias para vacas em períodos de alta produção, devido a que, freqüentemente, dispõem de uma proporção elevada de fibra em relação a seus componentes energéticos e protéicos. Os suplementos corretivos a serem utilizados devem ser aqueles que contribuam para melhorar o consumo voluntário e permitir a ingestão de nutrientes deficitários.

Portanto, são necessários concentrados equilibrados, não só em relações energia-proteína como, igualmente, em PDR-PND.

Em seus estados jovens, as denominadas forragens de inverno seriam deficientes em energia e fibra e ricas em frações nitrogenadas não protéicas de degradabilidade muito elevada. O déficit de fibra é relativamente fácil de corrigir mediante mineração de algum suplemento fibroso como os feno ou mediante o confinamento dos animais em áreas com restos e pastagens adriadas. As deficiências restantes podem ser cobertas com suplementos a base de grãos de cereais e fontes protéicas de baixa degradabilidade.

Por seu lado, as forrageiras de verão parecem mais ricas de energia do que em proteínas. Ademais, a degradabilidade destas proteínas é freqüentemente baixa e pode ser limitativa do rendimento da

proteína microbiana e a correção destas deficiências pode ser mediante suplementação com concentrados protéicos, reforçados com uma proporção de uréia ou outras fontes nitrogenadas não protéicas ou, então, com proteínas de alta degradabilidade, tais como as dos farelos de algumas oleaginosas.

Um parágrafo especial merece a suplementação com proteínas "protegidas" de alto valor biológico, devido à sua pequena difusão na prática. Ministradas no primeiro terço da lactação, estas proteínas podem oferecer um meio valioso para estimular a mobilização das reservas corporais em momentos desejáveis e permitir que a vaca de alta produção possa melhorar a expressão de seu potencial genético durante o pico produtivo. A utilização deste recurso técnico pode ser feita adequadamente dentro de um sistema de arraçamento em que a recomposição das reservas do animal se inicia no meio do período da lactação, à parte da ração mais barata com que se pode contar, ou seja a pastagem.

Por motivos utilitários, os concentrados comerciais oferecem amíde uma ração equilibrada em seus componentes, mas formulada com base em modelos ou padrões que provêm de sistemas de alimentação totalmente diversos dos nossos. Cabe refletir sobre a conveniência de formular concentrados que não só sirvam como suplemento, mas como complemento das deficiências inerentes ao pastejo.

• Quando suplementar. Que planos ou níveis de suplementação devem ser utilizados? Desde o nível em que se torna muito difícil prever o que a vaca em regime de pasto pode chegar a consumir, a eleição de planos ou níveis precisos de suplementação, que se ajustem exatamente às demandas do animal, torna-se vir-

tualmente impraticável. Esta dificuldade, inerente aos nossos sistemas de alimentação, induz-nos a orientar-nos somente por princípios de caráter muito geral.

Talvez, uma filosofia criteriosa para estabelecer planos de suplementação em condições de pastejo possa ser obtida pelo enquadramento do problema dentro de limites econômicos. É assim que, enquanto a magnitude da resposta produtiva ao uso de suplementos seja relevante e se justifique economicamente, podemos supor que estamos utilizando níveis adequados de suplementação. É provável que os princípios esboçados previamente contribuam, em boa medida, para a obtenção de uma resposta justificável em termos econômicos.

O retorno econômico dependerá basicamente de duas variáveis: a) a magnitude da resposta produtiva, obtida ante um nível determinado de suplementação e b) a relação de preços e do suplemento utilizado.

É indubitável que os maiores benefícios são obtidos quando é maior a resposta animal e quando mais favorável seja a relação de preços leite-suplementos.

Na Fig. 14 é analisado de uma maneira simplista o retorno econômico marginal (\$ ganhos para cada 100 \$ gastos em suplementos) que serão obtidos ao considerar as respostas produtivas de diferentes magnitudes e diversas relações de preço leite-concentrado. A análise é efetuada com e sem a consideração de efeitos residuais. Se admitirmos cerca de 25% de efeitos residuais e aceitarmos uma relação histórica de preços leite-concentrado de 1:1, somente obteremos retornos econômicos positivos como respostas à suplementação que excedam os 750 g de leite por cada kg de suplemento utilizado.

Segundo este critério — que poderemos

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



ACLARAMENTO DE
TABAPUÃ

842 kg aos 36 meses

TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117 e
62-1487

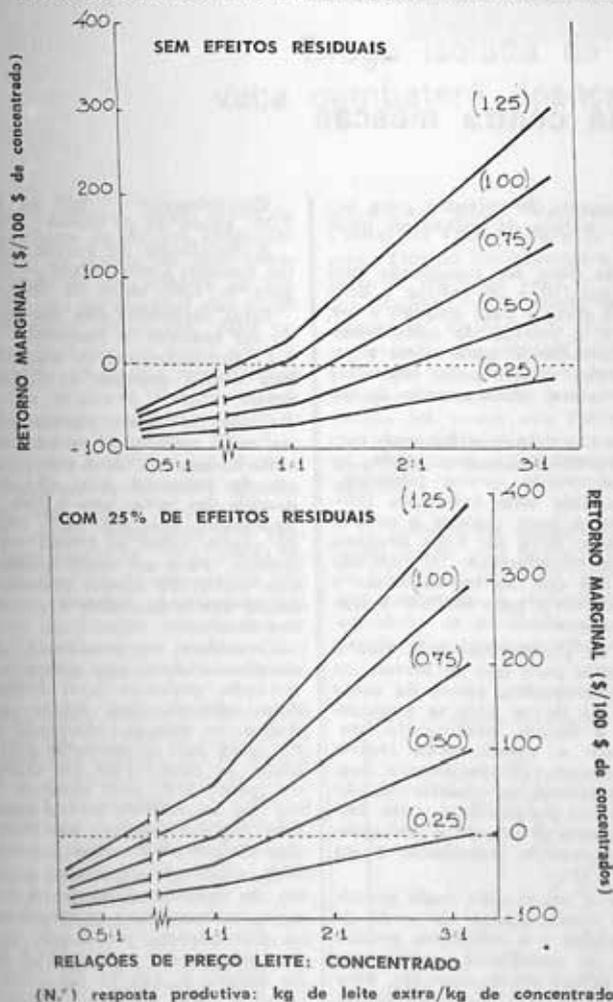
Filial em MS: Granja Ipanema
Rodovia Campo
Grande - Culabá, a
40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:

Rua da Assembléia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678

FIGURA 14.

RETORNO ECONÔMICO MARGINAL PELA SUPLEMENTAÇÃO DE PASTAGENS



denominar bio-econômico — o plano ou nível de suplementação será ajustado não só às necessidades precisas do animal — posto que isso se torna impraticável — mas em base ao retorno econômico que pode produzir.

Como corolário desta síntese verifica-se que, em nossas condições habituais de pastejo, as vacas leiteiras possuem uma potencialidade produtiva insuficientemente explorada por deficiências de natureza nutricional. Basta, pois, uma ampla margem para melhorar a expressão desse potencial, mediante implementação de estratégias de suplementação de pastagens que se adequem bem às particularidades e condições de nossos sistemas de produção pecuária.

Mas é importante assinalar que, tendo

em conta a heterogeneidade própria do ambiente pastoril, essas estratégias deverão ser sustentadas na aplicação de conceitos e princípios gerais, mais do que em receitas sistemáticas e precisas que se pretendem frequentemente.

— Viglizzo, Ernesto F. — Estratégias en la alimentación de la vaca lechera durante su ciclo productivo. Fasc. Orientación Técnica; supl. Nuestro Holando n.ºs 80 e 81, ambos com 14 pp, 1984, 62 refs.

Nota da R.: O autor é Eng.º Agr.º MS, professor da Faculdade de Agronomia da Universidade Nacional de La Pampa e o trabalho em apreço foi apresentado no Congresso Panamericano do Leite, realizado em Buenos Aires em abril de 1982.

O berço da marca "F"

125 ANOS DE CRIAÇÃO E SELEÇÃO DAS RAÇAS MANGALARGA MARCHADOR, CAMPOLINA, PONEY PIQUIRA E JUMENTO PEGA

A marca "F" significa agilidade, comodidade beleza e resistência



LOTE DE JUMENTOS PEGA



MANGALARGA MARCHADOR

DENTRO DO MESMO PADRÃO E TRADIÇÃO DA MARCA "F" CRIAMOS E VENDEMOS REPRODUTORES BUBALINOS JAFARABADI E MURRAH, CAPRINOS TOLLENBURG, OVINOS DESLANADOS SANTA INEZ, SUÍNOS PIAU E PASSATEMPO E CANINOS FILA BRASILEIRO

TELS.: (037) 335-1130 - (031) 224-6493

Fazenda Campo Grande Ltda.

Dir.: Dr. Marcio Andrade

Tels.: (037) 335-1130 e

(031) 224-6493 -

Passatempo - MG

Notas Zootécnicas

Armadilha contra moscas

A constante presença de moscas nas residências, estábulos, coqueiras, pocilgas e locais de preparo e industrialização de alimentos significa focos de reprodução desses insetos nas proximidades. Pulverizações com produtos químicos não resolvem satisfatoriamente o problema, uma vez que esses focos ficam intactos, havendo o perigo de intoxicação do operador, de outras pessoas, bem como ambiente e dos animais domésticos. Segundo o prof. José Osvaldo Ribeiro, da Universidade Federal de Viçosa, MG, para se obter um resultado satisfatório devem-se associar vários meios de combate, eliminar focos de reprodução, impedir que as larvas de moscas se transformem em adultos e só esporadicamente usar inseticidas em pulverizações ou iscas envenenadas. Todas essas modalidades de combate não dão bons resultados quando usados isoladamente.

Um método eficiente para impedir que as larvas se transformem em adultos e, de certo modo, impedir que as moscas depositem seus ovos em focos existentes é o emprego de armadilhas de larvas.

A armadilha de larvas nada mais é que uma chocadeira de ovos ou um foco de postura controlável pelo homem. Apresenta resultados excelentes quando localizada próxima, de estábulos, cavalariças, pocilgas, galinheiros e outros focos de moscas.

As larvas obtidas são facilmente coletadas, impedindo-se que completem o ciclo.

Como vantagens da armadilha, podem-se citar, a redução significativa do número de moscas adultas e a utilização das larvas para alimentação de peixes, rãs ou outros animais. Além disso é simples e de fácil construção, não necessitando de mão-de-obra especializada. A operação da armadilha também é muito barata, já que o homem necessita de pouco mais de 10 minutos diários para coletar as larvas

e aproximadamente 30 minutos para trocar o esterco atrativo, de quinze em quinze dias.

A armadilha deve ser construída próxima, vale dizer, 10 a 30 metros a estábulos e outros abrigos para animais e ter, de preferência, o sentido do comprimento da linha Leste-Oeste, para evitar a penetração de raios solares pelas laterais e conseqüentemente o ressecamento do esterco.

É composta de uma casinha com piso se possível cimentado ou concretado, sobre o qual elevam-se quatro pilaretes, onde será fundida uma laje com frestas e que servirá para colocar o esterco atrativo. O piso deve ter uma pequena beirada de aproximadamente 20 centímetros, para evitar que as larvas saiam e um pequeno desnível para facilitar a limpeza e as lavagens.

As frestas da plataforma onde fica o esterco são feitas para que as larvas, na época de se empuparem, caiam da cama para o piso. As larvas para se empuparem tendem a descer, procurando um lugar mais seco e, caindo pelas frestas no piso de cimento, são facilmente apanhadas. Estas frestas, na plataforma, são fendas no sentido longitudinal, com cerca de 1 centímetro de largura e distâncias de 10 centímetros, semelhante a um ripado.

Para tornar a construção mais econômica, pode-se usar madeira ao invés de pilstras de tijolos e a cobertura poderá ser de sapé. A plataforma, semelhante a um ripado, deverá ser de concreto, uma vez que a madeira ou material similar apodrece com facilidade. No entanto, na fazenda, na falta do ripado de concreto, outros materiais disponíveis poderão ser utilizados. O fazendeiro poderá adequar essa armadilha à sua disponibilidade de material. As dimensões da casinha são as seguintes:

Comprimento — 3,00 m; largura — 2,00; altura ou pé direito — 1,70 m.

A plataforma do esterco com as frestas medem: Comprimento — 1,90 m; largura — 1,20; altura do piso — 0,60 m.

Estas dimensões não são fixas, podendo ser maiores ou menores.

O funcionamento da armadilha é simples e não depende de vigilância constante:

Coloca-se sobre a plataforma com frestas uma camada de esterco verde (sem curtir), que não deve ultrapassar 8 a 10 cm de espessura, para não dificultar a descida das larvas para o piso. Caso seja necessário, coloca-se uma fina camada de capim sobre as frestas para reter o esterco. Pode ser usado qualquer esterco sem curtir: de suínos, bovinos, aves etc., sendo que o de suínos é o mais atrativo dos citados.

O esterco, na plataforma, deve ficar sempre úmido e, para aumentar sua atratividade, podem-se fazer irrigações com água adoçada com açúcar ou melaço. Assim, as moscas, procurarão a armadilha para nela depositarem seus ovos, ao invés de depositá-los em outros lugares ou focos. Daí, para aumentar a eficiência das armadilhas, deve-se manter a melhor higiene possível nos estábulos, outros abrigos para animais e áreas vizinhas.

Os ovos aí depositados eclodem dentro de aproximadamente 25 horas e as larvas crescem mais ou menos até o quinto dia, quando, procurando se empuparem, vão para a parte inferior da camada de esterco e, através das frestas da plataforma caem no piso. Tem-se, então, a partir do dia em que caírem no piso, de 3 a 5 dias para serem retiradas e usadas como alimento para peixes, rãs ou mesmo incineradas (o que deve ser feito caso não seja possível aproveitá-las como ração para aves ou outros animais, antes que se transformem em moscas adultas.

Saúde tem nome

AV. BRIG. FARIA LIMA, 1857 - SP and C.J. 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO

CRED MED

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE

Droga isolada de útero de vaca combaterá doenças do coração

Uma nova e poderosa droga, capaz de diminuir os efeitos de ataques cardíacos, se ministrada em menos de seis horas depois do início da dor, chegará ao Instituto do Coração do Hospital das Clínicas de São Paulo brevemente, para ser utilizada gratuitamente em casos clínicos dessa instituição. A droga, recentemente descoberta na Bélgica e atualmente em processo de produção num laboratório de engenharia genética* de São Francisco (EUA), denomina-se APT, sigla de ativador plasminogênico de tecidos), substância natural, cuja função é dissolver os coágulos do sangue, substituído com vantagem a estreptoquinase. Sua utilização é aguardada com grande expectativa nos meios clínicos mundiais, particularmente do Instituto do Coração que participou de seu desenvolvimento e será um dos primeiros hospitais do mundo a utilizá-la.

De acordo com o médico hematologista Dalton Chamone, do Instituto do Coração e do Hospital das Clínicas, em entrevista concedida à reportagem da "Folha de S. Paulo" em 07 de dezembro de 1984, o uso do APT será de fundamental importância, pois a droga dissolve o trombo sanguíneo e preserva o miocárdio. Mas, alerta o hematologista, "seu uso não exclui de forma alguma a complementação terapêutica, seja com a cirurgia de ponte de safena ou com a angioplastia, além do tratamento clínico cardiológico para controle de arritmias e contractibilidade anormal do miocárdio".

Para deter o processo de infarto no menor tempo possível, diminuindo os danos do coração, a nova droga atua sobre as paredes dos vasos sanguíneos, estimulando a fabricação da plasmina, responsável pela dissolução de coágulos. As vantagens deste medicamento, em relação à estreptoquinase, são várias: não apresenta efeitos colaterais, como alergia e tendência à hemorragia; pode ser introduzida na veia, sem necessidade de cineangiocoronariografia; e atua exclusivamente sobre o trombo.

Segundo o Dr. Dalton Chamone, o ativador plasminogênico de tecidos foi isolado pela primeira vez em 1978, pelos pes-

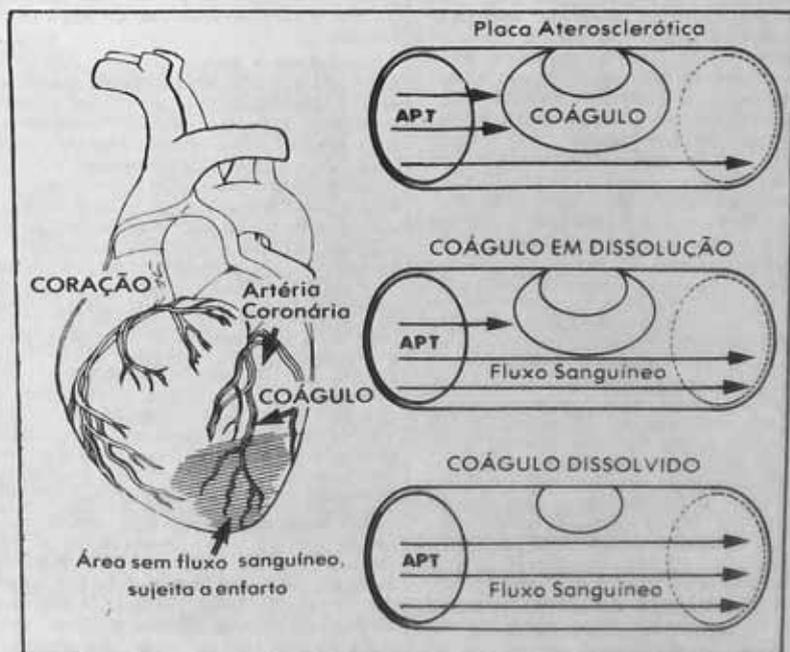
quisadores Marc Verstraete e Désiré Collen, da Universidade de Louvain, Bélgica. Obtido inicialmente a partir de células de útero de vaca, o APT passou a ser extraído, mais tarde, de uma célula cancerosa denominada melanoma, que, entretanto, não oferecia condições para a produção da droga em larga escala. A solução encontrada pelos pesquisadores belgas foi tentar sua fabricação através da engenharia genética, para o que incumbiram a empresa norte-americana Genentech.

O trabalho foi desenvolvido através do implante do gene humano responsável pela fabricação do APT em uma bactéria que transmitiu a seus descendentes a capacidade de produção da referida substância. De posse do produto, a empresa

realizou testes em 49 pacientes no momento em que sofriam infartos, sendo que, em 35 desses casos, o coágulo sanguíneo causador do bloqueio das coronárias desapareceu em pouco mais de meia hora após a injeção da droga, segundo revelaram pesquisadores da empresa à revista brasileira "Veja" (n.º 846).

O fornecimento do APT ao Brasil será gratuitamente pela Universidade de Louvain, em quantidade suficiente para atender a demanda clínica do Instituto do Coração, graças a um projeto conjunto de pesquisa.

(* Os interessados em engenharia genética poderão ver o trabalho de Trevis, J. & Bertelsen, A., reproduzido em RRZ N.º 80 — agosto de 1982).



Representação esquemática da ação do APT sobre o coágulo sanguíneo.

Sais de amônia e sanidade da carne

A fim de garantir a tenrura e sanidade da carne aos consumidores, o pesquisador francês Thadée Staron, (Enciclopédia Nutricional do Homem) propõe um procedimento que consiste na transformação dos músculos mediante injeção endovenosa de sais de amônia em animais, um pouco antes do abate.

Normalmente, os músculos endurecem depois do abate da res, instalando-se a

rigidez cadavérica ou rigor mortis. Num segundo momento, durante a fase de maturação, a carne amolece; as fibras experimentam transformações bioquímicas que desorganizam a estrutura, suprimindo as causas de endurecimento das carnes durante o cozimento. A fase de maturação necessita de vários dias de permanência da carne em câmaras de refrigeração. No entanto, a legislação, por motivos de hi-

giene, impõe normas de refrigeração rápida, o que impede a maturação da carne.

Os sais de amônia, ao tornar mais frágeis as fibras musculares, suprimem o rigor mortis, permitindo a maturação instantânea da carne e isto facilita a desossa à frio, acondicionamento e congelamento imediatos.

Notas sobre búfalos

Estação de partição, produção e reprodução. Segundo Gill, S.S. & Rurki, G.S., da Universidade Agrícola de Punjab, Índia: 1) Sob bom sistema de manejo, a estação de partição das búfalas não afetou a produção da lactação, o número de dias necessários para atingir o ápice da produção, a duração da lactação e a porcentagem de gordura láctea; 2) As búfalas exibiram cio regularmente e durante o ano todo quando manejadas adequadamente; 3) O custo variável da produção de leite por kg foi mais baixo em búfalas que partiram durante o inverno e mais elevado nas que deram cria no verão.

Características dos ciclos de cio e ovulação, em novilhas búfalas. Shafiq, M.M. e cols., da Faculdade de Agricultura da Universidade do Cairo e da Universidade de Mansoura, Egito, usaram 18 novilhas búfalas a fim de estudar diferentes características do cio e da ovulação durante período de 12 meses. A duração média dos ciclos de cio e ovulação foram de 26,8 e 25,3 dias, havendo durações médias de 23,3 e 22,5 dias, respectivamente. Ambos os ciclos foram mais breves na estação fria que na estação quente. Notaram-se ciclos mais curtos e novilhas com peso vivo menor (250 kg) do que com novilhas mais pesadas (290 kg). A manifestação de cio foi mais intensa na estação fria que no verão. Ocorreram variações sazonais na atividade do cio; a incidência de cio foi 75% e 25% durante as estações fria e quente, respectivamente, ao passo que a incidência de ovulação não foi alterada pela estação do ano. A incidência de anestro ovulatório ou cio silencioso foi mais elevada no verão do que no inverno (85% vs. 56%). A duração média do período de cio foi de 16,3 horas (modu 15 h). A ovulação ocorreu cerca de 12 h após o fim do cio, em média.

Infertilidade em búfalos. Na Universi-

dade Agrícola de Punjab, Índia, o pesquisador Singh, G.B. verificou que, em búfalas com constituição endócrina frígida, facilmente perturbada pelos extremos de calor, umidade e outros estresses do ambiente encontra-se a causa mais importante da sub-fertilidade, isto é, a sazonalidade do padrão reprodutivo, levando a prolongados intervalos entre partos, menor produção e bezerras e tudo isto resultando em perdas econômicas da exploração leiteira.

Conquanto a grande maioria dos búfalos indianos seja sazonalmente poliéstrica, há evidências de que uma pequena porcentagem deles é regularmente poliéstrica e se ocorrem acasalamentos, concebem. Assim, tem-se recomendado o uso desta pequena população como base da futura população búfalina, dotada de uma constituição endócrina forte, a fim de assegurar uma produção de leite uniforme durante o ano, o trabalho das usinas de leite mais econômico e melhor suprimento do produto à população consumidora.

Caso a sugestão acima não seja aceita ou ainda não haja suficiente número de animais com constituição endócrina bem equilibrada, a evidência experimental também mostra que a tensão do verão sobre o anestro, em uma apreciável porcentagem de animais, pode ser minorada mediante suplementação do equilíbrio endócrino e melhoramento do manejo.

Utilização de nutrientes e características de carcaça por bezerras búfalas. Informam Pathak, N.N.; Baruah, K.K. e Ranjhan, S.K., do Instituto de Pesquisas Veterinárias de Uttar Pradesh, Índia, que 20 bezerras búfalas comuns machos, com cerca de um ano de idade, desmamados do sistema em que somente são usados para desleite do leite das mães, foram adquiridos com o peso vivo médio de 76,7 kg. Foram vermifugados e vacina-

dos contra a septicemia hemorrágica e peste bovina e depois distribuídos por 4 grupos de 5 indivíduos cada de sorte a proporcionar um peso vivo médio nos diferentes grupos.

Quatro foram os tratamentos nutricionais quanto à proteína e à energia, para obter ganhos diários de 500 g e 700 g, sob delineamento fatorial 2 x 2. Os quatro tratamentos foram: 1) baixa-proteína-baixa energia; 2) baixa proteína-alta energia; 3) alta proteína-baixa energia; 4) alta proteína-alta energia. Os nutrientes foram supridos mediante oferta de mistura de concentrados, milho verde e semente verde, segundo a estação de cultivo. As quatro rações contêm 8,20; 7,89; 10,55 e 10,45% de proteína bruta digestível; 60,95; 64,78; 64,04; e 67,98% de nutrientes digestíveis totais; e 2,23; 2,36; 2,34 e 2,49 Mcal de energia metabolizável por kg de alimento a base de matéria seca.

O ganho diário, médio, foi de 405,8; 438,0; 419,6 e 507,2 g e os animais requereram 563,7; 514,0; 453,3 e 452,2 dias para alcançar 300 kg de peso vivo nos grupos de 1 a 4, respectivamente.

O rendimento por cento e a proporção de carne magra, gordura e ossos separáveis nas carcaças foram: 51,67; 62,88; 15,78 e 21,33 no grupo 1; 50,27; 63,19; 16,96 e 19,84 no grupo 2; 51,22; 61,94; 16,88 e 21,08 no grupo 3 e 51,83; 62,42; 16,58 e 20,99 no grupo 4, respectivamente. A diferença em características de carcaça entre os grupos não foi significativa. A ingestão média de matéria seca, proteína bruta digestível, NDT e Mcal EM, por kg de ganho em peso vivo foi de 9,10 kg; 0,75 kg; 5,55 kg e 20,29 Mcal no grupo 1; 8,20 kg; 0,65 kg; 5,31 kg e 21,35 Mcal no grupo 2; 8,60 kg; 0,91 kg; 5,51 kg e 20,12 Mcal no grupo 3; finalmente 7,84 kg; 0,82 kg; 5,33 kg e 19,52 Mcal no grupo 4, respectivamente.

1.º LEILÃO ANUAL DA RAÇA PITANGUEIRAS

MARCA

EA



SERÁ REALIZADO EM SANTO INÁCIO - PR
Rod. PR 317 - Km. 82 - em 13-4-85 às 12 horas.

EA

A FAZENDA

APRESENTA EM SEU 1.º GRANDE

LEITE — CARNE

185 novilhas prenhas — 45 toneladas
Ótima oportunidade para iniciar

Part

para conhecer de per



DUAS BARRAS

EA

LEILÃO DA RAÇA PITANGUEIRAS

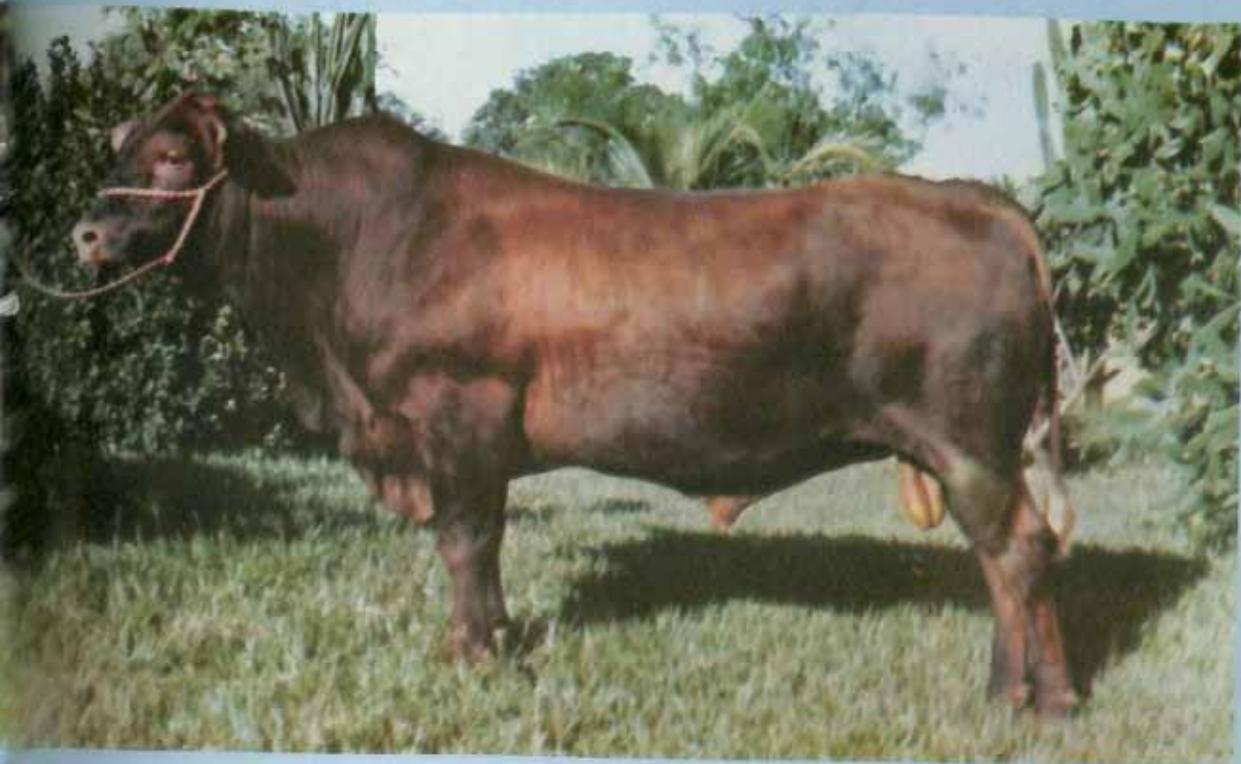
— RUSTICIDADE

— 10 eqüinos — 10 mulas.

seu plantel da raça Pitangueiras

Receipe

da raça Pitangueiras



Criador:
A Fazenda Duas Barras
convida-o para seu 1.º Leilão
Pitangueiras da marca

EA

OS ANIMAIS ESTARÃO À SUA DISPOSIÇÃO A PARTIR DAS 9.00 HORAS.



PROP.: EDUARDO A. ALCANTARA
RUA MASSARU UCHIDA, 904 - FONE: (0443) 52-1263
STO. INÁCIO - PARANÁ

As outras calorias

JOSÉ RESENDE PERES

A esquerda sempre repete que o povo está passando fome, que a agricultura só está interessada nos produtos de exportação. Há dias um bispo desses que se apaixonaram pelos pobres disse que o brasileiro não consome, em média, nem o mínimo recomendado pela FAO, ou seja 2.566 calorias por dia.

O que existe de verdade nessas afirmações? Com relação à preferência dos agricultores pela produção de alimentos com boa cotação no mercado externo, nada mais lógico, pois a missão do fazendeiro moderno é gerar mais cruzeiros por ha/ano. Ora, se a inflação aviltou o salário do consumidor brasileiro, para que produzir mandioca ou feijão, se no mesmo espaço ele pode plantar laranja, soja ou café? Este é um problema que só pode ser resolvido pelo Governo Federal, desativando o CMN e recriando o Crédito Rural destruído pelos tecnocratas. Se amanhã financiarem o plantio de feijão a juros razoáveis, incluindo aparelhos de irrigação, aposto que todo fazendeiro voltaria a plantar feijão. A escassez nestes últimos anos, de alimentos básicos como arroz, milho, mandioca e feijão, foi planejada pelos incapazes que transferiram verbas do crédito agrícola para os escândalos tipo Delfim, Brastel, Capemi, BNCC, Sunamam, ou investiram em usinas adiáveis, tipo Angra e Itaipu, ou mesmo em mordomias e obras faraônicas...

Mas a verdade é que o grande culpado foi o Criador do mundo: se o semi-árido do Nordeste fosse fértil, plano e com 1.200 mm de chuvas

bem distribuídas, como no Oeste do Paraná, milhões de nordestinos estariam ricos e não comendo farinha com rapadura. As próprias organizações religiosas poderiam ter contribuído muito para uma renda "per capita" mais humana, se tivessem criado cursos de alfabetização e artesanato, e dado aulas de controle da natalidade. Pois em qualquer lugar do mundo um homem analfabeto com 10 filhos não consegue dar alimentação satisfatória à sua família. Quando a terra era virgem e dispensava adubos e defensivos químicos, muitos que trabalhavam 12 horas por dia prosperaram. Mas hoje não arrancariam da terra, mesmo que fosse "própria, um salário mínimo e ainda poderiam morrer intoxicados por não saberem ler a bula dos agrotóxicos.

Mas o maior culpado nessa história é o governo, não só acabando com o financiamento como deixando de estimular escolas técnicas de nível médio, tipo SENAI, para fundar Universidades deficitárias e diplomar filhos de milionários em profissões sem mercado de trabalho. Também quem fixa o mínimo de calorias em 2.566 está pensando que todos os habitantes são adultos, quando cerca de 50 milhões de brasileiros estão entre 0 e 14 anos. "According to the N.R.C. tables, a child aged 2 weighing 12 kg., should receive 1.200 calories and 40 g. of protein daily." (FAO; Human Protein Requirements and Their Fulfilment, numa conferência realizada em Princeton, 1955.)

Então há exagero. E mesmo quem sabe quantas centenas de ovej

lhas ou de vacas morrem diariamente, para alimentação dos vaqueiros, no RS e no Pantanal? Quantos milhões de frangos e porcos são abatidos por ano nas fazendas do Brasil?

Quantos bilhões de litros de leite são consumidos nas fazendas? O que se come que jamais o fisco ou o IBGE tomarão conhecimento? Só no Estado do Rio há quem diga que 80% dos bovinos abatidos o são em matadouros clandestinos, pois o atual governo "sabiamente" intensificou a fiscalização nos poucos abatedouros inspecionados pelo SIF, o que levou os marchantes a fugirem dessas casas, para poderem sonegar os 17% de ICM, mais 2,5% de Funrural, mais 0,5% de Finsocial... E com isto o grande matadouro de Santa Cruz, recuperado na Administração Faria Lima, quando dava lucro, está fechado... mas pagando à toa centenas de funcionários.

Ora, como é que se vai querer fartura com estadistas improvisados? Aliás, quem viu a transmissão das estações de TV, nos dias de carnaval, pôde ver que no Brasil todo o povo, que usava fantasias milionárias, está precisando fazer regime. Muita bailarina precisando perder uns quilos. É um país difícil de se entender. Será que os estatísticos incluíram nas calorias o álcool da pinga e do chope?

Se Pero Vaz de Caminha fosse um locutor num desses dias teria repetido um trecho da sua famosa carta a El Rey: "Porque, os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão formosos, que não pode mais ver". Nossa caloria é outra.

1.350 litros de leite/dia em 4,5 hectares

RUBENS MALTA CAMPOS*

Fizemos recentemente uma viagem ao Paraguai, nos hospedando em Asunción, em casa de amigos, a família Sanchez; Fernando Sanchez é o gerente-geral do Banco de Boston no Paraguai. Foi uma estadia bem curta, mas o suficiente para se conhecer a Capital daquele país.

Estivemos, dentre as programações feitas, em uma granja leiteira, que os paraguaios denominam de tambo. O tambo visitado é o "La Querencia", a poucos quilômetros de Asunción, dirigido pelo médico veterinário argentino, Dr. Marcelo Luis Frias, um jovem entusiasta e profundo conhecedor do assunto. O importante da visita foi o fornecimento de todas as informações solicitadas.

Assim, o tambo La Querencia é uma adaptação de granjas leiteiras norte-americanas, que confinam o gado leiteiro e utilizam toda a técnica disponível existente, inclusive o uso diário de computador para controlar a produção leiteira e porcentagem de gordura de cada vaca. "La Querencia" possui não mais de 4,5 hectares, contando com 426 vacas Holandesas malhada de preto e umas 50 vacas Jersey, essas últimas usadas porquanto seu leite é o mais gorduroso das vacas, aumentando, pois, o teor butírico de toda a produção. O sistema de ordenha é o mecânico, com sala de ordenha, equipamentos de refrigeração usuais, o que

dispensa maiores comentários. Todo o gado do tambo é contido em poucos piquetes, lá permanecendo a maior parte de sua vida. Esses piquetes são desprovidos de pastagens, têm uma espécie de viveiro para dar proteção contra o sol e a chuva. O chão dos piquetes é revestido de uma camada de areia fina que é trocada de tempos em tempos. O gado, como já dissemos, não sai desses piquetes e se alimentam nos cochos instalados em seu interior. As vacas são mantidas nos piquetes em função das suas produções leiteiras. Deste modo, os operadores sabem quanto de ração devem dar por piquete, uma vez que as vacas mais produtivas ganham mais ração em relação às de menor produção. A ração é totalmente preparada no tambo e se constitui de subprodutos de algodão (torta), torta de coquinho (com 30% de teor proteico), uréia, sal comum e sal mineral, tudo isso preparado para cada refeição e elaborado em um implemento de grande porte, chamado misturador, de fabricação norte-americana, marca Davis e puxado por um trator grande. O misturador joga a ração diretamente nos cochos e possui uma balança digital que indica ao operador as quantidades dos subprodutos a serem utilizados no preparo da ração. Fora a ração, são fornecidas também quantidades não muito grandes de capim napier, o qual é

simplesmente cortado e jogado nos piquetes.

As vacas são inseminadas artificialmente com sêmen dos melhores touros norte-americanos e no caso da inseminação falhar por duas vezes seguidas, a cobertura será natural, com a utilização de bons reprodutores mantidos na própria granja.

Fato importantíssimo é que o preço do leite não é tabelado pelo governo e o mercado de leite funciona em termos da lei da oferta e da procura, verificando-se melhores preços no inverno, quando a produção cai normalmente.

A receita do tambo provém do leite, da venda de reprodutores, da venda de vacas velhas e daquelas que não atingem o mínimo da produção fixado e venda de esterco. A produção mínima anual é de 3.800 quilos para as vacas holandesas e 2.900 quilos para as jersey. A produção atual é de 1.350 litros/dia e são necessários apenas 8 operadores para o funcionamento do tambo.

Como não poderia esgotar todo o assunto em todos os detalhes, damos o endereço abaixo para quem quiser maiores informações: Dr. Marcelo Luis Frias, Cabana Nemby, Artigas y Sto. Tomas, Asunción, Paraguai.

* O autor é criador em São Carlos, SP.

Ponha um Santa Gertrudis em seu plantel e verifique a balança

CAPACIDADE GANHO DE PESO

O ganho de peso é a característica mais hereditária do gado. A alta capacidade de conversão da raça Santa Gertrudis foi mais uma vez confirmada na Prova de Ganho de Peso — Sertãozinho - 1984

Peso médio ajustado 378 dias

Sta. Gertrudis	392 Kg
Canchim	387 Kg
Piemontês	352 Kg
Caracu	338 Kg
Guzerá	297 Kg
Nelore	293 Kg
Gir	243 Kg

Ganho médio diário total/raça

Sta. Gertrudis	1,019 Kg
Canchim	0,911 Kg
Caracu	0,893 Kg
Bubalinos	0,837 Kg
Piemontês	0,819 Kg
Guzerá	0,725 Kg
Nelore	0,708 Kg
Gir	0,502 Kg



CAMPEÃO DOS CRUZAMENTOS

Testes desenvolvidos demonstraram que as cruzas com Santa Gertrudis proporcionam:

- maior precocidade
- maior rusticidade
- maior uniformidade
- carne de melhor qualidade
- mais quilos de carne por hectare
- produtos de 18 arrobas em 24 meses

Poupe tempo, alimento e trabalho, adquirindo o seu reprodutor Santa Gertrudis.

A Associação Brasileira de Santa Gertrudis garante e orienta a iniciativa.

JULGAMENTO — CLASSIFICAÇÃO

ELITE PRATA	— 847 —	Ipê Agro-Avícola
ELITE BRONZE	— 846 —	Ipê Agro-Avícola
Superior Bronze	— 170 —	Theodorus J. Schreus
Superior Prata	— 972 —	King Ranch do Brasil



GAVIÃO — 1.230 kg — Grande Campeão nas Exposições: São Paulo 1983 — Barretos 1984 — Ourinhos 1984 — Avaré 1984



Bravo — Raça — Dinastia — Tradição



FAZENDA SÃO FRANCISCO
ITAÍ - S. PAULO
Fone: 58-6156

ipê

AGRO AVÍCOLA LTDA.
Rod. Rio Claro - A. Japi km 09
Tel.: 34-3299 - Cx. Postal 67
CEP. 13.500 - RIO CLARO - SP

Série 10 da Ford vende bem

Os novos tratores Ford Série 10, lançados em outubro passado, registraram, segundo a fábrica, o maior índice de vendas e participação no mercado desde que a Ford Tratores se estabeleceu no Brasil. Em 1976, alcançando 30,6% do mercado; foram comercializados 640 unidades contra 2.094 do total. No período de 4 meses, a Série 10 também alcançou a mais alta penetração em um período de 4 meses consecutivos, com 22,5%.

Descongelador de sêmen

A Indústria Instrumentos Científicos C. G. Ltda. (r. Domingos de Moraes, 2.423 e 2.444, tel. 544-1848, São Paulo, SP) lançou o descongelador específico para uso em inseminação artificial, o Pro-sêmen MOD 100. Projetado para a manutenção da água a temperatura estabilizada em 36°, permite a utilização de sêmen em ampolas e em palhetas. Controlado eletronicamente, o aparelho permite a manutenção, após o descongelamento, de maior número de espermatozóide vivo, melhorando a eficiência da aplicação do sêmen e proporcionando maior taxa de concepção.



Equipamento da Esco para irrigar pequenas áreas

Autosistema para irrigar pequenas áreas

A Esco Irrigação (r. Barra Pinda 977/1001, São Paulo) desenvolveu o autosistema Garco para irrigação de áreas de 14 ha,

dependendo do tipo de cultura e necessidades hídricas. De pequenas dimensões, o Garco dispensa a utilização de tratores para sua movimentação. Pelas mesmas razões, para o seu deslocamento, a maiores distâncias, pode ser transportado na carroceria de uma camioneta pequena. Em razão de seu pouco peso, permite ser deslocado por apenas um homem. O equipamento pode ser acoplado a qualquer sistema de irrigação convencional. Acionado por hidrocâmara, o Garco vence rampas de até 30%, mantendo-se a mesma velocidade.

Eqtanol apresenta microdestilaria

A Eqtanol, empresa consorciada à Codistil e maior produtora de microdestilaria no Brasil, apresentou, no início de março, o seu equipamento no Seminário Nacional de Microdestilaria de Alcool e Produção de Alimentos, realizado em Paranavai, PR. A empresa montou uma maquete da microdestilaria de 200 litros/hora e mostrou aos participantes o processo de produção de álcool com o equipamento. Além disso, os técnicos detalharam o processo de formação de associação de produtores rurais para a implantação de microdestilarias para produção de álcool para consumo próprio, o principal canal de comercialização

das indústrias que produzem esse tipo de equipamento.

Novo engate da Caterpillar

A Caterpillar do Brasil já colocou, em sua rede de vendas, o



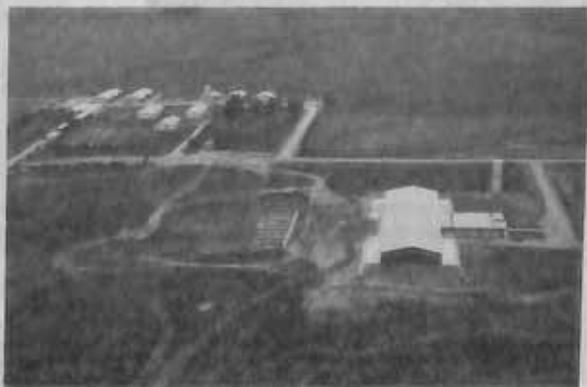
Novo engate da Caterpillar.

Engate Rápido Hidráulico para suas pás-carregadeiras de rodas, modelos 930R e 966R. O equipamento é fabricado, com exclusividade para a Caterpillar, pela Thorco Industrial. O novo engate torna mais versátil o emprego das carregadeiras, já que permite a utilização, com o mesmo equipamento, de garfo (movimentar pallets e cargas em armazéns onde empilhadeiras não operam, lança telescópica (transporte de bovinas, assentamento de tubos, etc), lâminas (deslocamento de material desagregado, limpeza do pátio) e caçambas (aplicação geral para carvão, cavaco de madeira, etc). O engate rápido possibilita a troca de implementos em poucos segundos pelo próprio operador, sem que ele desça da máquina ou necessite de ajuda, bastando apenas acionar a válvula de engate,

localizada em seu compartimento. Com essa rapidez e versatilidade, o engate permitirá maior agilidade no serviço e redução de custos.

Pecplan inaugura nova central de inseminação

A Fundação Bradesco Pecplan inaugurou, em Rosário do Sul, a 400 km. de Porto Alegre, a Central de Tecnologia de Sêmen. A nova Central abriga touros exclusivamente de origem européia, plenamente adaptáveis ao clima subtropical próprio da região do Rio Grande do Sul. Além do moderno laboratório a Central conta com sofisticadas baias e um amplo e inovador quarentenário para recepção dos touros e dependên-



Instalações da Central de Inseminação em Rosário do Sul, inaugurada pela Fundação Bradesco-Pecplan.

Das Empresas

cias para a realização dos cursos de técnicas agropecuárias, que englobam inseminação artificial em bovinos e ovinos, ovinocultura, gerência de fazendas e cursos de tratoristas. Na Central de Registro do Sul estão touros das raças Polled Hereford, Aberdeen Angus, Red Angus, Guzera, Santa Gertrudis e brevemente Shortorn. Esses reprodutores foram escolhidos de plantéis formados no Brasil e no Exterior.

Nova apresentação do Valzabem economiza 30%

O Laboratório Smithkline lançou o Valzabem Pó destinado ao tratamento de ovinos e caprinos. Esta nova apresentação tem como principal objetivo baixar o custo do tratamento em 30% e com isto permitir ao criador tratar seus animais de forma mais econômica, usando um produto de alto padrão de qualidade. Além da

economia, o seu preparo é simples e a forma de aplicação é a mesma utilizada no Valzabem em suspensão. O Valzabem em Pó é apresentado em sachê com 31g para ser adicionado e misturado em um litro de água e sachê com 158g para cinco litros de água.

Simirural, programa de computador para pecuária de leite

A Simicrow desenvolveu um programa de computador destinado às fazendas leiteiras, chamado Simirural, microinformática em fazendas leiteiras. O Simirural foi desenvolvido para uso prático e objetivo, procurando retratar, de forma compacta e precisa, o comportamento de cada animal e de todo rebanho, permitindo ao pecuarista avaliar, com precisão, o desempenho do conjunto, facilitando-lhe a tomada de decisão com antecedência estratégica. O Simirural está disponível em três versões: A, efetua a administra-

ção de grupos sucessivos de até 500 animais (aproximadamente 350 vacas em lactação efetiva por grupo); B acima de 2.000 animais (1.200 vacas em lactação efetiva) e C, acima de 6.000 animais (2.200 vacas em lactação efetiva), e custam respectivamente Cr\$ 25 milhões, Cr\$ 50 milhões e Cr\$ 66 milhões.

Este sistema Simirural fornece mapa de distribuição e avaliação do rebanho leiteiro, com resumo da produção de leite de cada vaca, relacionando sua produção mensal (até 8 lactações de 12 meses). Indica, ainda, produção média diária da vaca e produção média das vacas em situação idêntica do rebanho. O Simirural lança mapa apresentando graficamente as operações de manejo das vacas nos últimos 12 meses e prevê operações de 12 meses futuros para todas as vacas em produção. O programa lança ainda mapa de manejo, com os principais dados cadastrais das vacas que terão operações de manejo a se realizar no período informado pelo usuá-

rio fornecendo data e tipo da última operação e manejo realizados e tipo, datas mínimas, máximas e prováveis da próxima operação de manejo. Outra informação oferecida pelo Simirural: o mapa de distribuição geral do rebanho. Este mapa relaciona, durante todo o ano, a quantidade de novos animais e animais removidos, fornecendo indicadores numéricos e percentuais sobre crescimento do rebanho, considerando sexo e idade dos animais. Por último, o computador fornece mapa estatístico do rebanho leiteiro, relacionando o total de leite produzido por mês, a média de leite produzida diariamente pelo rebanho e por vaca. Indica, ainda, número de vacas adquiridas, nascidas descartadas e a concentração do rebanho, informando a quantidade e o percentual de vacas por idade. Com as informações do computador, o pecuarista leiteiro terá condições de avaliar os custos de produção, fazer o controle de fertilidade, ter o perfil do rebanho e fazer as projeções o ano todo.

Prepare você mesmo a ração adequada para sua criação e obtenha maiores lucros.

A BENEDETTI LHE OFERECE AS MELHORES MÁQUINAS.

Quando você mesmo produz a ração que alimentará sua criação, não está simplesmente economizando.

ESTÁ LUCRANDO MAIS! ESTÁ GARANTINDO O SUCESSO DO SEU INVESTIMENTO!

Por isso, Máquinas BENEDETTI lhe oferece a maior e mais completa linha de máquinas e equipamentos para fabricação de rações do Brasil.

Comida feita em casa é outra coisa!

MAQUINAS
BENEDETTI
ESPIRITO SANTO DO PINHAL - SP

REVENDEDORES EM TODO O BRASIL

R. Vicente F. Guimarães, 36 - Cx. P. 35

Tels. (DDD 0196) 51-1677

Espirito Santo do Pinhal - SP (cep 13990)



Tritador Peleto



Tritador Forrageiro



Tritador Forrageiro p. Trator



Peleto



Enxaladora (Enxaladora e Serra Trator)



Moinho Deschodder de Milho



Tritador (Moinho)



Misturador de Rações, Adulter e Sais Minerais



Conjunto de Moagem e Mistura



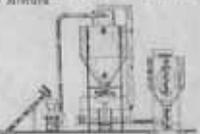
Carreta Enxaladora Enxaladora



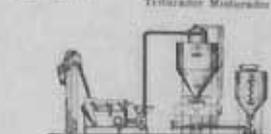
Conjunto Picador Tritador Misturador



Conjunto para Fabricação de Rações

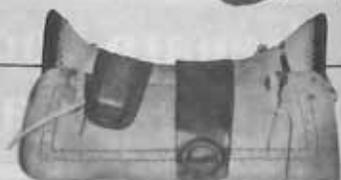
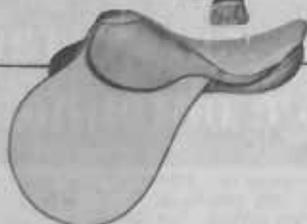


Mini Fábrica de Rações



Mini Fábrica de Rações

EQUIPE SEUS ANIMAIS NA ABC: PASSEIO, ESPORTE E TRABALHO.



BREVES

Selas para salto, adestramento e polo • Cabeçadas completas, cabrestos, cilhas e barrigueiras • Botas para concursos hípicas e trabalho • Mantas e rebenques • Selas mexicanas, australianas e arreios • Esporas com ou sem rosetas • Freios e bridões em metal ou aço cromado • Laços • Chapéus • Cera para engraxar arreamentos • Fivelas tipo americano, para cintos.

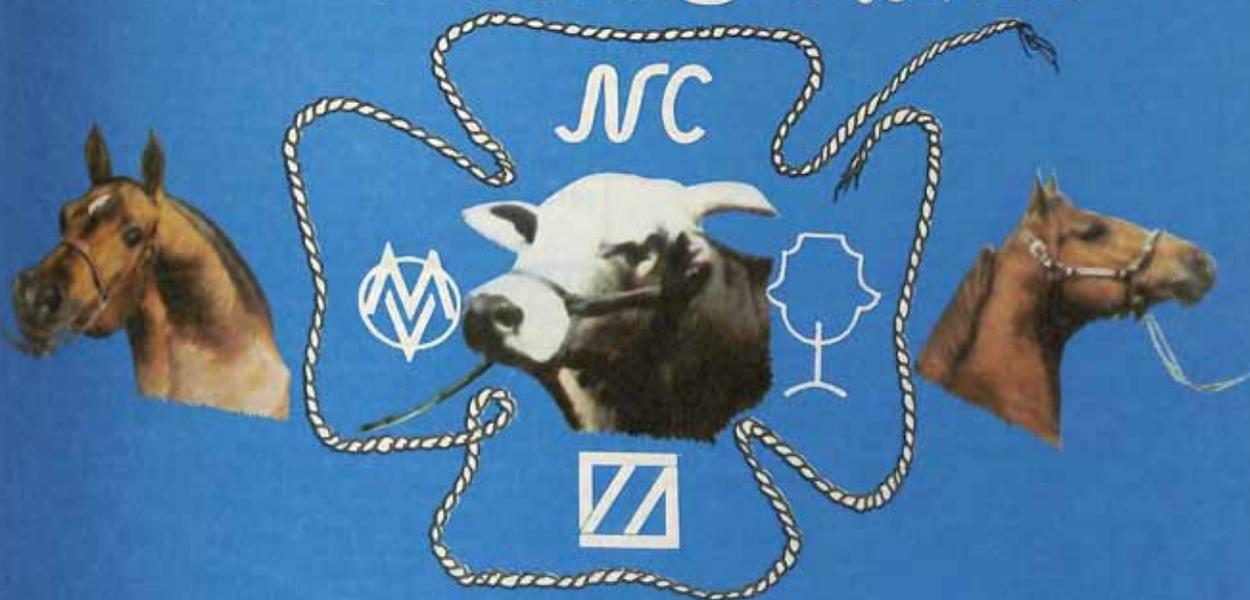
Solicite nosso catálogo.

Atendemos também pelo Reembolso Postal.



São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033 - CEP 01224 - Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - fone: 831-7966 - Aberta até às 22 horas - CEP 05317 - S. J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: 40196) 23-3746 - CEP 13870 - SP - Rio de Janeiro: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377 - CEP 20931.

2º Leilão União das Marcas



15 JUNHO - 13 h

Água Branca - SP

**80 MACHOS E FÊMEAS PO e POI
10 EQUINOS QUARTO DE MILHA E ÁRABE**

FAZENDA INDIANA LTDA.

CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

FAZENDA MORRO VERMELHO LTDA.

NEWTON CAMARGO ARAÚJO

5 PAGAMENTOS SEM JUROS



REMATE

Tel. (011) 872-1722

Cuidados sanitários nas pastagens de várzeas

O aproveitamento das áreas de várzeas para o cultivo de forrageiras de clima temperado, na região dos Cerrados, pode contribuir para a solução do problema da falta de massa verde e de alimentação com alto valor nutritivo para os rebanhos bovinos, sobretudo durante o período seco.

No entanto, o pecuarista, que utiliza áreas úmidas cultivadas com estas forrageiras para pastado ou pretende utilizá-las para tal fim, deve estar atento para o possível aparecimento da coccidiose ou cimeriose dos ruminantes, uma doença freqüente nos animais mantidos em áreas úmidas e em condições de superlotação.

Causado por um protozoário do gênero *Eimeria*, a coccidiose afeta animais de todas as idades, mas principalmente os mais jovens (de 3 a 6 meses). Os bezerras mais velhos e os animais adultos normalmente são portadores desse protozoário. No entanto, apresentam os sintomas da doença apenas quando sofrem stress ou contaminação maciça.

Em estágio evoluído, a coccidiose provoca diarreias sanguinolentas, daí ser popularmente conhecida por "curso de sangue" e "vermelho". Provoca também perda de apetite, emagrecimento e, nos casos mais graves, pode causar até a morte do animal.

No entanto, pode acontecer que o animal portador da doença não apresente estes sintomas visíveis. Por isso, o pecuarista deve observar a produtividade do rebanho. O baixo rendimento pode servir como primeira suspeita da ocorrência da doença, adverte a pesquisadora Thelma Sauerensig, do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC). Seguindo ela, é importante que o produtor se conscientize de que os animais portadores da coccidiose podem não apresentar perda de peso mas, seguramente, estão deixando de ganhar.

Caso não sejam adotadas algumas medidas para controlar a coccidiose, ela pode acarretar prejuízos de ordem econômica na produção. Dependendo de sua intensidade e de uma série de fatores, como manejo, condições ecológicas e climáticas, ela pode promover nos animais uma baixa

conversão alimentar, com retardamento de crescimento, principalmente nos mais jovens com pouca capacidade de resistência.

Nas áreas onde a doença for detectada, o pecuarista deve realizar a rotação de pastejo, a fim de eliminar as formas infectantes, e fazer o tratamento do rebanho à base de sulfas. Quanto aos animais com alto grau de infecção, apresentando sintomas acentuados da doença, estes devem ser tratados isoladamente.

Caso o problema não seja resolvido com este tratamento, é aconselhável que o rebanho seja examinado por veterinário do serviço de extensão, que poderá orientar o pecuarista e, mediante o grau de recuperação dos animais, fornecer outro tipo de tratamento.

Congresso discute problema do leite

Será realizado, entre os dias 13 e 17 de maio, no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, SP, o II Congresso Pan-Americano do Leite. O Congresso será promovido pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária e Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, com apoio das empresas produtoras de rações e medicamentos. Será discutida, durante o congresso, uma política para a pecuária leiteira.

Ramar dá assistência ao agricultor

Foi constituída, em Marília, a empresa Ramar — Realizações Agrônomicas, Mercadológicas e Assessoria Rural, que conta com 18 agrônomos para cobrir todos os municípios desta região do Estado. A empresa foi constituída pelo agrônomo e produtor José Maria Jorge Sebastião, ex-diretor do IBC e ex-presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo. A Ramar irá prestar assessoria tanto na parte de criação de animal (formulação de rações, reproduções), quanto na parte da lavoura (adubação, máquinas e agroquímicos).

Livro sobre casco e aprumo

Adalton P. de Toledo, diretor da Toledo Comércio e Representação, de São José dos Campos, empresa especializada em cursos, conferências e assessoria a criadores de cavalos, lançou um livro sobre cascos, aprumos e ferragens, entre outros temas da equinocultura. O livro detalha, didaticamente, os conceitos de aprumação de cascos, correção de aprumos e noções de ferragens. O título do livro: "Mecânica de Sustentação e Locomoção dos Equinos".

Programa de parasitologia

O Ministério da Agricultura e a Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, patrocinados pelo laboratório MSD Agvet, instituíram o Programa Nacional de Atualização em Parasitologia Veterinária. O programa, contendo uma série de fitas cassetes, tem como objetivo a atualização dos médicos veterinários credenciados no Ministério da Agricultura nas modernas técnicas de combate à parasitologia. Da série de programas constam 4.000 fitas, contendo palestras gravadas por importantes especialistas, versando sobre principais problemas da parasitologia bovina, eqüina, caprina e ovina.

Empasc distribui manual sobre cerca elétrica

A Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S/A (Empasc) está distribuindo o livretinho "Cerca Elétrica, Manual de Construção e Manejo", Boletim Técnico nº 17. O manual está sendo distribuído aos extensionistas e produtores rurais, oferecendo aos leitores uma revisão sobre as possibilidades técnicas do uso da cerca elétrica e as informações detalhadas (com 79 figuras ilustrativas) sobre o seu planejamento, instalação e manejo. Os interessados em obter a publicação devem solicitar à Empasc: Caixa Postal D-20, Florianópolis.

Curso sobre inseminação

A Stracta Genética e Reprodução promove, de 21 de abril a 4 de maio, em Brasília, DF, dois cursos sobre transferência de embriões. O curso teórico é destinado a médicos veterinários e zootecnistas e também a pessoas que pretendem obter mais informações e conhecimentos sobre genética, reprodução animal e tecnologia de embrião. O curso prático, por sua vez, é destinado a pessoas que desejam aprender tecnologia de transferência de embriões e será no Centro de Tecnologia de Embriões Stracta (Cetes), em Brasília. Neste, os participantes terão uma visão real do funcionamento de uma fazenda de coleta de embriões, manejo do rebanho, alimentação adequada para as vacas doadoras e receptoras, além da tecnologia de congelamento de embriões bovinos. Para os dois cursos, a Stracta contratou técnicos de outros países e especialistas brasileiros. Haverá tradução simultânea para o inglês, francês, espanhol e português. O curso teórico custa US\$ 2.500 o prático US\$ 4 mil. Informações: tel 061-223-4486, Brasília.

Seminário de Sementes e Mudanças, um sucesso

Com a participação de quase 200 técnicos, vindos de 13 Estados Brasileiros, o I Seminário Paulista de Sementes e Mudanças, realizado na sede da Sociedade Rural Brasileira, em dezembro, foi um sucesso: graças ao elevado espírito profissional, todos os participantes — expositores e seminaristas — tiveram a liberdade de externar os seus pontos de vista sobre temas polêmicos e controversos discutindo-os em plenário. Dessas discussões, foram extraídos valiosos subsídios para o aperfeiçoamento da legislação que regulamenta a produção de sementes e mudas no país.

Das inúmeras propostas apresentadas para o aperfeiçoamento da legislação sobre produção de sementes, foram extraídas as 10 mais importantes, sobre o ponto de vista da operacionalidade e execução. Os 10 itens da proposta são:

Serviço

1*) Criação dentro do Ministério da Agricultura de uma Secretaria Nacional de Sementes e Mudanças, unindo recursos financeiros e humanos para a execução junto às empresas públicas e privadas de uma política estável, visando o benefício da agricultura brasileira.

2*) Surgimento de novas firmas de sementes nacionais, com estrutura adaptada para o trabalho dentro das nossas condições, com a simples adaptação do material importado não resolve o problema da agricultura nacional.

3*) Que o serviço de registro e fiscalização de viveiros fique sob a responsabilidade de uma única entidade.

o Fiscalização maior na produção de sementes de café, ou seja, maior cuidado no registro de produtores de sementes, bem como, na escolha dos campos de produção de modo que todos os viveiros de mudas de café sejam formados a partir de sementes básicas ou fiscalizadas.

o Alteração da Portaria Ministerial de 03/08/71

a) obrigatoriedade do expurgo do substrato ser transformada em um item da Portaria.

b) alteração nas dimensões dos recipientes

c) estabelecimento de normas para amostragem e análise de nematóides no sistema radicular. Também análise de sistema radicular com vistas ao "Pião Torto das mudas".

4*) Criação de normas básicas para o estabelecimento do Sistema de Produção de Mudanças Fiscalizadas de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, especificadas nos seguintes itens:

a) Definição de categorias de mudas fiscalizadas de cana-de-açúcar enfocando 4 categorias que proporcionem o controle do raquitismo das soqueiras;

b) Definição dos padrões para mudas fiscalizadas, enfocando o padrão fitossanitário e cultural;

c) Definição de atuação da entidade fiscalizadora para o Sistema de Produção de Mudanças Fiscalizadas, sugerindo a estruturação da entidade Fiscalizadora com técnicos qualificados e meios para o trabalho direto no campo, nas unidades cadastradas para a

produção de mudas; definição das necessidades administrativas para os produtores desenvolverem o Sistema de Produção de Mudanças Fiscalizadas no que tange à elaboração de controles administrativos e calendário de obrigações.

5*) Maior integração com a Secretaria da Fazenda, Polícia Florestal e outros órgãos envolvidos no sistema (CACEX, Receita Federal, IBDF, IAA, IBC, MS, etc.) e que aumentaria a eficiência da fiscalização nesse setor.

o Reestruturação da Instrução Normativa SRF nº 040, de 15/06/82, tendo em vista o restabelecimento da obrigatoriedade da declaração de bagagem de passageiros, o que facilitaria a fiscalização.

o Necessidade de integração a níveis central e estadual dos órgãos envolvidos no trânsito internacional e sanidade das sementes e mudas.

6*) Padronização tanto em métodos de análise como em equipamentos, pessoal treinado, regras para análise de Sementes, treinamentos e fiscalização, tanto em laboratórios como em campos de produção e no comércio de sementes.

7*) Realização de cursos para credenciamento e reciclagem em análise de sementes, não somente com a finalidade do método em si mas, também para a valorização do técnico analista.

o Fiscalização de Laboratórios de Análise de Sementes e conscientização por parte dos téc-

nicos responsáveis de que as recomendações das Regras de Análise de Sementes devem ser seguidas.

8*) Necessidade de uma Política de Sementes para definição clara dos limites de atuação do Estado e das Empresas Privadas na área de Produção.

9*) Atribuir às empresas privadas que dedicam-se à produção de sementes de híbridos a total responsabilidade pela produção através de seus próprios controles de qualidade, ficando o serviço público com as atribuições de normatização da produção e fiscalização do comércio de sementes.

10*) Criação de Conselhos Regionais e o Conselho Federal de Agronomia.

JUNTE A TV AO SEU REBANHO

EM QUALQUER PONTO DO PAÍS VOCÊ PODERÁ TOCAR SEU CENTRO PARTICULAR DE TV



Traga o mundo inteiro até sua fazenda, recebendo via satélite, sem chuveiros nem chiados, os programas de todas as emissoras de TV brasileiras, além de muitos programas de diversos satélites internacionais.

A LINEAR oferece diversas opções de sistemas para recepção de sinais de TV via Satélite, desde o receptor de uso doméstico, que é ligado diretamente ao televisor, até o receptor profissional, que ligado a um retransmissor (também produzido pela LINEAR), pode levar os programas dos satélites, com imagem e som perfeitos, às comunidades de qualquer tamanho. Da qualidade destes equipamentos dão testemunho as mais de 300 estações em operação.

A LINEAR terá o maior prazer em atender sua consulta, e estudará sempre a alternativa mais adequada a cada caso em particular.



LINEAR
EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS LTDA

FABRICA: Av. Sinhá Moreira, s/nº - Fone (035) 631 1311 - Telex 312222 LEEL - Cx.P. 78 - CEP 37540 - Santa Rita de Esperança - MG
ESCRITÓRIO: R. São Alacho, 132 - Fone (011) 984 3122 - Telex 1137345 LEEL - CEP 06003 - São Paulo - SP

LIVRO PARA CONTABILIDADE

Preparado de acordo com as atuais exigências para se fazer a contabilidade da parte agrícola e pecuária da fazenda. A seguir um resumo das partes de que compõem o livro para Contabilidade.

CAPÍTULO I DESPESAS DO ANO CIVIL

Parte I

Construções e Instalações.
Melhoramentos. Formação de culturas permanentes, essenciais florestais e pastoris.

RESUMO DAS DESPESAS DE FORMAÇÃO

Parte II

Despesas com aquisições.
Equipamentos motorizados.
Equipamentos a tração animal.

Parte III

Despesas com aquisição de animais para: formação e/ou melhoria do plantel, reprodutores, etc.

Parte IV

Despesas com: Insumos de alta produtividade para todas as explorações do imóvel; sementes e mudas; fertilizantes e corretivos, etc.

Parte V

Despesas: Diversas sem coeficiente ou de custeio: sementes e saís; combustível e lubrificantes, etc.

CAPÍTULO II RECEITAS DO ANO CIVIL

Venda de milho, de leite, de vários, etc.

CAPÍTULO III INVENTÁRIO

Controle sobre o desenvolvimento do rebanho durante o ano civil.

A — Terra. Início do ano. Área em hectares, valor unitário, valor total, fim de ano, etc.

B — Culturas permanentes.

C — Benfeitorias: Construções, instalações e melhoramentos.

D — Máquinas, veículos e equipamentos.

E — Animais de produção ou criação.



Reprodutores e de trabalho.
De criação ou produção: terras, vacas, novilhos, bezerros ou bezerras, etc.
Área agrícola ou agriculturável.
Culturas hortícolas ou flores. Culturas temporárias e permanentes, pastarias.
II — Área florestal.
III — Área edificada.
IV — Área improdutiva.
V — Quantidade, preço médio, unitário e valor total; animais de produção; bovinos, bulbalinos, suínos, animais para recria e engorda, etc.
VI — Animais de trabalho.
F — Produtos e materiais.
Investimentos.

CAPÍTULO IV RESULTADOS FINANCEIROS E IMPOSTO DE RENDA

Parte VI

Resultados financeiros apurados na empresa. Despesa e receita.

Parte VII

Imposto de renda.
No livro de CONTABILIDADE

AGROPECUÁRIA há ainda um anexo para **REGISTROS AUXILIARES DE ADMINISTRAÇÃO** para anotações sobre:
Cultura do café, registros diversos por lote ou talhão.
Pastaria, registros diversos por piquetes ou posto.
Controle da movimentação do gado; controle de cobertura, partições; controle de produção e alimentação das vacas em lactação. Registro diário de venda do leite. Datas de vacinações. Eis aí um resumo do Plano que compõe o LIVRO PARA CONTABILIDADE AGROPECUÁRIA.

Pedidos à
EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 —
CEP 05024 — São Paulo - SP



O GERTRUDISTA

Informe especial da Associação Brasileira de Santa Gertrudis

Av. Francisco Matarazzo, 455 — Água Branca — Fones: 263-1825, 263-0794 e 263-3876 - São Paulo - SP

POR QUE CRUZAR COM TOUROS SANTA GERTRUDIS

CAPACIDADE GANHO DE PESO

O ganho de peso é a característica mais hereditária do gado. A alta capacidade de conversão da raça Santa Gertrudis foi mais uma vez confirmada na Prova de Ganho de Peso — Sertãozinho - 1984

Peso médio ajustado 378 dias

Sta. Gertrudis	392 Kg
Canchim	387 Kg
Piemontês	352 Kg
Caracu	338 Kg
Guzerá	297 Kg
Nelore	293 Kg
Gir	243 Kg

Ganho médio diário total/raça

Sta. Gertrudis	1,019 Kg
Canchim	0,911 Kg
Caracu	0,893 Kg
Bubalinos	0,837 Kg
Piemontês	0,819 Kg
Guzerá	0,725 Kg
Nelore	0,708 Kg
Gir	0,502 Kg

CAMPEÃO DOS CRUZAMENTOS

Testes desenvolvidos demonstraram que as cruzas com Santa Gertrudis proporcionam:

- maior precocidade
- maior rusticidade
- maior uniformidade
- carne de melhor qualidade
- mais quilos de carne por hectare
- produtos de 18 arrobas em 24 meses

Poupe tempo, alimento e trabalho, adquirindo o seu reprodutor Santa Gertrudis.

A Associação Brasileira de Santa Gertrudis garante e orienta a iniciativa.

ADAPTABILIDADE

A raça Santa Gertrudis, é uma raça resistente ao meio hostil. É capaz de produzir bem em climas quentes, úmidos ou áridos e onde os pastos são escassos.

Hoje pode-se encontrar exemplares desta raça em quase todos os continentes: na América do Norte, América Central e América do Sul, em vários países da África e da Ásia. No Brasil, encontramos exemplares desta raça em quase todos os Estados, sendo que as maiores concentrações encontram-se nas regiões sul e sudeste.

Os Santa Gertrudis tem a aptidão de sobreviver secas intensas, caminhando longas distâncias para água e alimento.

**GANHE TODAS ESSAS VANTAGENS
ADQUIRINDO ANIMAIS SANTA GERTRUDIS
NO LEILÃO DA XXV EXPOSIÇÃO AGRO-PECUARIA
E INDUSTRIAL DE LONDRINA**

19/04/85 às 19 horas

Pagamento em 4 parcelas SEM JUROS

Registro

Presidente da FAEB alinha as prioridades à agricultura

No encerramento do exercício de 1984, o presidente da Federação da Agricultura do Estado da Bahia (Faeb), José Pinheiro Cunha, fez um longo discurso, dando um voto de confiança ao novo presidente Tancredo Neves, empossado a 15 de março. No final do discurso, ele alinhou os pontos que considera fundamental para resgatar a agricultura, colocando-a na posição de relevo no conjunto da economia brasileira. Os sete pontos alinhados por José Pinheiro Cunha são:

- 1 — Reverter a atual posição do Ministério da Agricultura, no quadro de distribuição de dotações do orçamento federal, com apenas 2,5% da receita tributária, para destinar somas de recursos suficientes ao acionamento dos órgãos de apoio e assistência à agropecuária, notadamente a EMBRAPA e a EMBRATER;



O presidente da FAEB José Pinheiro Cunha, no discurso do encerramento do ano de 1984, alinha os pontos que o novo Governo deve atacar para incrementar a agricultura.

- 2 — Adotar decisões e propostas ao Congresso Nacional, quando da elaboração do orçamento fiscal da República, no sentido de se aprovar verbas destinadas a subsídios aos juros dos financiamentos rurais, a exemplo do que se pratica nos Estados Unidos, evitando-se, assim,

compromissos com o orçamento monetário, para eliminar-se a pressão inflacionária;

- 3 — Assegurar ao produtor rural uma política realista de VBC (valores básicos de custo), e de preços mínimos corrigidos, para garantir a esta atividade um justo retorno e uma remuneração compensadora, levando-se em conta os inevitáveis aumentos dos custos de produção, e os riscos a que estamos expostos;
- 4 — Garantir ao produtor rural recursos suficientes, nas linhas de créditos para investimentos, custeios e comercialização, preservando-se o Banco do Brasil, como agente financeiro do Governo Federal, mantida a "Conta de Movimento" como mecanismo de suporte dos recursos necessários à produção;
- 5 — Praticar uma política cambial, correta, para dar condições de competitividade aos produtos pri-

mários de exportação;

- 6 — Retornar o INCRA aos quadros do Ministério da Agricultura;
- 7 — Ampliar e aperfeiçoar a legislação social para o homem do campo, o rurícola, com programas eficientes de saúde, educação, previdência e assistência médico-hospitalar,

contribuindo assim para a sua fixação à terra.

Cumpra o Governo o seu dever, e confiem em que o produtor rural saberá corresponder a estas decisões, conquistando novas fronteiras.

O sr. José Pinheiro Cunha faz o discurso do encerramento do exercício de 1984, promete voto de confiança a Tancredo Neves e enumera os pontos que, atacados, podem resgatar a agricultura da marginalidade.

Ovinos têm associação em SP

Desativada há 10 anos, a Associação Paulista de Criadores de Ovinos volta a funcionar no Estado de São Paulo: em assembléia geral foi eleita a nova diretoria da entidade. Foram eleitos José Orlando Pruceli para a presidência, Miroel Gasko para a vice-presidência, Wilma Penteado Ferreira para a 2ª vice-presidência, Antônio Carlos Gouveia e Eliana Randi para a 1ª e 2ª Secretária. Para 1º e 2º tesoureiro foram eleitos Marco Antônio dos Reis e Geralcino Dias da Silva e diretor técnico Lauro Lucchesi. O Conselho Técnico é integrado por Edson Ramos de Siqueira, Orlando Ferrarri, Walter Dupas, Domingos Sanches Roda, Armando Azevedo Portas, Silvio Manginelli e Enrico Lippi Ortolani. Para o Conselho Fiscal e Consultivo, Casimiro de Bourbon, Roberto Malzoni, Márcio Antônio Montechese, Sérgio Toledo Pizza, Júlio César Sais, Jorge Dias de Aguiar Neto, Francisco Fernandes, José de Agrela, Luis Augusto G.C. de Barros Barreto e Antônio de Junqueira Caldas. A Associação funcionará à av. Francisco Matarazzo, 455, São Paulo.

Rhodia centraliza as atividades em Paulínia

Com o objetivo de otimizar as atividades operacionais, o Instituto Veterinário Rhodia-Mérieux transferiu, no dia 4 de março, as suas áreas comercial administrativa e financeira para a cidade de Paulínia, onde estão instalados o parque industrial e a sua estrutura de pesquisa. Com a mu-

dança, a sede ficou na Fazenda São Francisco (CP 7, CEP 13.140) e a área de compras à r. José Martins, 127, sala 4, Barão Geraldo, Campinas (CEP 13.100).

Cooperativa do Paraná difunde cabra leiteira

A Cooperativa de Leite de Castro instalou um posto de fomento em Castro, com o objetivo de difundir a caprinocultura leiteira. Foram instalados 3 boxes para abrigar grupos de 10 cabras e maternidade, plataforma de ordenha e um boxe separado para o bode. Cada boxe é dotado de um solário para que os animais tomem sol e brinquem. Iniciado há quatro meses, o projeto da cooperativa conta com 16 animais que estão sendo alimentados com feno, napier e silagem com B3C. E as cabras estão sendo ordenhadas manualmente e a Westfalia já promete fornecer um equipamento exclusivamente para cabras. Além de difundir a caprinocultura entre os associados, a Cooperativa quer também desenvolver um trabalho de melhoria genética das cabras.

Expoflora envolve quatro municípios

Inicialmente restrita à Cooperativa Agropecuária Holambra, a Expoflora (Exposição de Flores e produtores agropecuários) passa a ser promovida em sua quinta edição também pelas prefeituras de Artur Nogueira, Cosmópolis, Jaguariúna e Santo Antônio da Posse, por cujas terras espalham-se as atividades dos cooperados da Holambra. Realizada anualmente no início de setembro, quando se aproxima a primavera, a Expoflora tem atraído expressivo público: no ano passado compareceram 75 mil visitantes. Com a realização conjunta entre as quatro prefeituras e a Holambra, a Expoflora procurará montar uma infra-estrutura capaz de dar toda a comodidade aos visitantes e também realizar o tradicional concurso de arranjos florais, com eliminatórias por região.

Paraná perde 700 mil bovinos por ano

Em razão da alimentação precária e deficiente, além do manejo incorreto, o Estado do Paraná perde, anualmente, perto de 700 mil bovinos — um número expressivo, já que o rebanho do Estado é de 6,5 milhões de cabeças. Com esse desperdício, que poderia ser evitado com um pouco de mais cuidado com os bovinos, o Paraná deixa de produzir mais ou menos sete milhões de arrobas de carne. Nessa perda, não são computadas as mortes por doenças — resultado do descuido com a sanidade do rebanho.

Federação do Comércio de São Paulo pede nova política agrícola

O presidente do Conselho de Assuntos de Abastecimento da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Nelson Tavares, entregou um documento à assessoria econômica de Tancredo Neves, o novo presidente da República, reunindo um elenco de sugestões para melhorar o abastecimento interno de gêneros alimentícios, sem que ocorra prejuízo à cultura de exportação. Nele, a Federação faz uma contundente crítica à política agrícola atualmente adotada no País e enfeixa uma série de sugestões para uma nova política para o setor.

Resultado de um estudo profundo do Conselho de Assuntos de Abastecimento, a Federação sugere:

— Estabelecimento de uma adequada política de preços mínimos capaz de compensar a brusca retirada do crédito subsidiado à produção rural; contemplar de forma equitativa e criteriosa os produtores, independente do seu porte; estimular concreta e permanentemente a produção de itens de consumo tradicional e alternativos destinados ao abastecimento interno, especialmente os produtos in natura, e formação de estoques reguladores para equilibrar o mercado e evitar oscilação brusca de preços.

— Formulação de uma política de crédito rural efetiva e abrangente, que permita o acesso de pequenos e médios produtores aos recursos e criação de linhas de crédito para investimentos.

— Expansão das fronteiras agrícolas, de forma ordenada e criteriosa, punindo os especuladores com terra e estimulando e beneficiando aquele que efetivamente dedique à produção.

— Estabelecimento de um seguro rural mais eficiente e total, que possibilite maior tranquilidade e segurança ao produtor rural, especialmente ao de pequeno porte, cuja situação, em caso de perda da safra, pode decretar sua extinção. E implantação de programas, cursos e pesquisas voltados à orientação do produtor e compatíveis com seu nível de formação.



Arnaldo Botrel Reis, 1.º lugar.



Daniel conquistou o segundo lugar.

Mangalarga Marchador destaca em provas funcionais

Os cavalos da raça Mangalarga Marchador destacaram-se na segunda etapa do Campeonato Brasileiro de Provas Funcionais da raça, realizado nos dias 9 e 10 de fevereiro, em Varginha, MG. A competição, promovida pela Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo da Raça Mangalarga Marchador, reuniu 45 cavaleiros. Os três primeiros colocados foram mineiros: Arnaldo Botrel Reis (1.º lugar), Daniel Brotel Reis



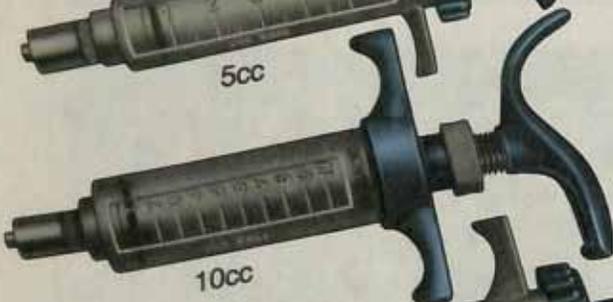
Outro mineiro no terceiro lugar: Vicente.

(2.º lugar) e Vicente Araújo Neto (3.º lugar). "Sentimos um sensível aprimoramento técnico dos conjuntos participantes em relação à primeira etapa", disse o presidente da ABCCMM, Luiz Antônio Barreira. O campeonato prossegue em Ribeirão Preto, SP, nos dias 13 e 14 de abril. E a sexta e última etapa do campeonato será realizada em Belo Horizonte, no Parque de Exposições Bolívar de Andrade, durante a IV Exposição Nacional do Cavallo Mangalarga Marchador, em setembro.

**A Bovitec
tem exatamente
a seringa
que o criador
precisa.**



5cc



10cc



20cc



25cc



50cc



40cc

Bovibico
adaptável
a qualquer
seringa.



100cc

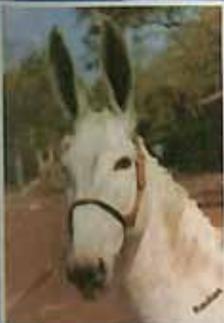
**Na medida certa
para cada tipo de aplicação.
7 opções práticas, econômicas
e resistentes.
A qualidade Bovitec garante.**



BOVITEC

Produtos Agropecuários Ltda.

Rua Duarte de Azevedo, 449 - Fone 267-6477 (PABX) - Telex (011) 33069 - BOVI-BR - São Paulo - SP



MAAB



Bem Amado Maab
29 meses
Reg. 504
Campeão Jumentinho
e
Reservado Grande
Campeão de 1984

Estes três
exemplares da
seleção **MAAB**
estarão à venda no
IV Leilão São Francisco
e mais:

RUANITA — reg. 1723 — 9 anos

DAMASCO MAAB — reg. 602 — 18 meses

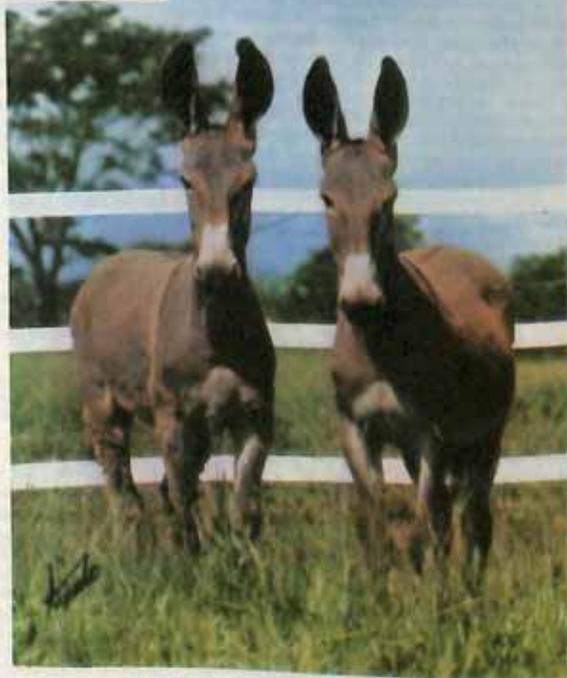
MARCO ANTONIO ANDRADE BARBOSA

FAZENDA MULA PRETA

BR-262 - Uberaba-Araxá - (a 9 Km de Uberaba)

Fones (034) 333-7788 - Com. e (034) 333-8990

UBERABA — MG



DUDU MAAB — 13 meses e
DONZELA — 15 meses

Enfrentando adversidades

JOSÉ PINHEIRO CUNHA

Sem dúvida alguma, o setor primário da agropecuária, e, dentre outras atividades de exploração econômica, a que mais dificuldades enfrenta para superar os obstáculos encontrados ao longo do seu processo.

A começar pela imensa extensão territorial do Brasil, com as suas diversas áreas fisiográficas, variados micro-climas e longas distâncias a percorrer e a dar acesso aos centros urbanos, dificultando ao homem do campo a comunicação direta com os órgãos de informações e, sobretudo, com as instituições financeiras e de crédito. Acrescente-se a isto, o aumento de custos de transportes, com a majoração de preços dos insumos em geral, como da produção para os centros de consumo.

Considerando-se, em princípio, a enorme extensão do território brasileiro, e a necessidade de se aumentar a produção, admitimos discutir, qual a melhor alternativa a se adotar em face desta situação e realidade nacional.

A discussão, portanto, ficaria em torno de se dar prioridade ao processo de racionalidade para o aumento da produtividade, ou o de se prestigiar a iniciativa dos que pretendem alongar as fronteiras internas da agropecuária, mesmo se aceitando as distâncias e o aumento de preços de insumos e preços de comercialização, agravados pelo fator extensão, quando vivemos num País que adotou os meios de transportes mais caros do mundo, como os rodoviários, ao contrário de outras Nações, que optaram pelo ferroviário, marítimo e fluvial, que barateiam, por isto mesmo, os custos e preços em geral.

Respeitando as opiniões dos que reconhecem a necessidade de se conquistar novas áreas, alargando-se as fronteiras internas do território nacional, manifestamos nossa preferência pela opção de se dar prioridade ao sistema que eleva a produção a nível de maior produtividade, com a ocupação de menores áreas e utilização de tecnologia atualizada, o que nos leva a reconhecer que esta preferência resultaria no aumento do volume físico da produção agropecuária, com a possibilidade de redução do custo final de insumos e de preços no mercado consumidor, além das vantagens ecológicas.

Este é um assunto e matéria muito controversos, para os quais exigem-se conhecimentos e experiências, e não comporta uma conclusão simplista, como a que adotamos, pela relativa observação que fazemos, ao analisarmos os efeitos das alternativas existentes.

Acreditamos, com a ressalva do nosso relativo conhecimento, que a produção intensiva oferece melhores resultados do que a produção extensiva, como acontece nos Paí-

ses de tecnologia avançada e mão-de-obra selecionada, e que são fatores importantes na prática destes métodos modernos de produção e exploração agropecuária.

Afirmam os especializados nestes estudos que mais importante do que a produtividade física é a eficiência econômica, porque alcança melhores resultados.

A margem destas considerações temos que admitir as peculiaridades de cada País, região ou sistema político-administrativo, pelas influências que exercem sobre o complexo dos meios de produção e a capacidade de consumo interno e de excedentes de exportação, porquanto muita coisa fica a depender do rendimento que se obtém nestas práticas de exploração e produção econômicas.

De qualquer modo, o produtor rural assume um grande risco em suas atividades, sobretudo com o comportamento dos fenômenos da natureza, responsáveis por tantos e repetidos insucessos, forçando-o a investir e a trabalhar com uma longa margem de expectativas e incertezas, como que apostando no futuro, com a esperança de êxitos e compensações.

Agravando tudo isto, a política de crédito praticada nestes últimos anos, via Conselho Monetário Nacional e Banco Central, sem qualquer manifestação do próprio Congresso Nacional, tem sido manifestamente contrária ao setor da agropecuária, pelas mesmas evidências, fatos e razões que têm levado a inquietação à classe produtora. Os maldadados "pacotes" econômicos votados ou impostos pelo Conselho Monetário Nacional (até mesmo em reuniões telefônicas), sempre prejudiciais aos interesses dos ruralistas, que são, ao final, as grandes vítimas da tecnocracia subordinada, lamentavelmente, às diretrizes superiores do Fundo Monetário Internacional.

O sistema de crédito rural, que por muito tempo se constituiu em alavanca mestra da produção agropecuária, vem sofrendo profundas alterações na sua estrutura e aplicação, de modo a se transformar em espantinho do produtor, ao invés de se afirmar como estímulo e incentivador de suas atividades.

Culpa não cabe ao produtor rural que a tumultuada e inconsequente política financeira ou monetária do País, com os fabulosos estímulos aos especuladores que auferem lucros fáceis e insentos de certos ou totais tributos, não tenha conseguido controlar sequer o processo violento da inflação, com as suas penosas consequências para o agropecuarista brasileiro, do qual retiraram o tapete dos subsídios justificados e objetivos, para impor-lhe o castigo da correção monetária

intolerável e proibitiva a quem desenvolve atividades e tarefas marcadas de grandes riscos e maiores inseguranças.

Com os encargos financeiros elevados, com a carga tributária penalizante e os custos de insumos exorbitantes, resta ao produtor rural limitar-se a produzir para sobreviver, contrariando os seus planos e programas de expansão de suas culturas e rebanhos, o que representa uma ameaça de redução da produção com o seu rosário de frustrações no processo de abastecimento de alimentos e matérias-primas, promovendo o agravamento da crise econômica e da própria inquietação social.

Atingida por tantas medidas e decisões infelizes e inoportunas do Governo Federal e de suas autoridades da área financeira, tem procurado a classe rural produtora manifestar o seu inconformismo e inquietação, através de vários movimentos de protestos e contestação inclusive com ameaças de não mais ampliar seus programas de plantio para as próximas safras, enquanto perdurar esta sufocante política de créditos insuficientes ou taxas de juros proibitivas.

Fica mesmo difícil optar entre o modelo de exploração intensiva ou extensiva, porquanto, não resta ao produtor que pretende investir ou realizar senão aceitar as duras regras impostas pelo Governo Federal, com todo seu elenco de encargos financeiros, fiscais e sociais, inviabilizando o trabalho de quem vive no campo, e da terra.

Voltamos a repetir que fazer agricultura é um ato de fé e de muita audácia, e bota fé e audácia nesta atividade.

Entre uma situação e outra, entre a possibilidade de se executar qualquer projeto ou iniciativa, surge a realidade incontestável de que o produtor, ao obter qualquer financiamento, de custeio ou de investimento, toma consciência de quanto recebeu, mas não sabe quanto terá que pagar ao banco pois os encargos financeiros são pós-fixados e, infelizmente, não sabe seguramente se vai colher o que espera, e quanto vai receber na comercialização de seu produto. De um lado o ônus da dívida, e do outro, a incerteza de um compensador rendimento. Esta é a sina do produtor rural.

Mas, se afirmou Euclides da Cunha: "O sertanejo é antes de tudo um forte", podemos parafrasear o escritor notável, confirmando: "o agricultor é antes de tudo um obstinado pela sua profissão, pelas suas atividades e pela sua vocação, sejam quais forem as adversidades a enfrentar".

* Presidente da Federação da Agricultura do Estado da Bahia (Faeb)



EQUIDEOCULTURA

Criar cavalos é... o quê?

Gen. DIOGO BRANCO RIBEIRO

Pergunta-se, frequentemente, por aí, o que seja na realidade criar cavalos. As indagações se repetem por toda parte em diáspora cada vez mais forte e procedem-se de formas, algumas vezes, com características um tanto esdrúxulas, envoltas em ângulos de curiosidade simplesmente ou da premente necessidade de aprendizagem para uma exploração correta, em que se visa investimentos adequados aos melhoramentos zootécnicos exigidos, utilizando-se tecnologia aprimorada dentro de haras aparelhados, providos dos mais requintados recursos materiais e humanos especializados, a fim de dar o perfeito atendimento empresarial.

Criar cavalos, segundo alguns fazendeiros, apenas basta soltá-los a campo e a natureza que se encarregue do resto... Aliás, é uma opinião bastante comum entre muitos ruralistas, mas que não se deve tê-los na classificação exata de equinocultores. A Equinocultura Nacional já merece um tratamento bem mais diferenciado e dignificante no contexto da nossa pecuária em franco desenvolvimento técnico.

Os questionários existentes por todo o Brasil, através de perguntas que nos são formuladas, oriundas de pessoas das mais variadas classes sociais, mostram dúvidas, desconhecimentos de causa e receios na aplicação de meios para execução de empreendimentos hípicas, executando-se, obviamente, poucos e honrosos exemplos.

Assim, também, somos sempre conduzidos à meditação para uma análise de profundidade antes de

qualquer resposta positiva: será uma boa coisa criar cavalos? Será mesmo uma profissão definida e independente? Considera-se o criador de cavalos como verdadeiro profissional do ramo? Viverá ele exclusivamente da profissão criar cavalos? Não possuirá nenhuma atividade ligada ao setor, isto é, à agropecuária em toda a sua extensão? Teria outra ocupação fora dos afazeres ruralistas? Será trabalho lucrativo? Haverá alguém com fortuna oriunda unicamente da criação de cavalos? Será uma fórmula estratégica de fixar o homem à terra? Será uma aplicação de lucros extraordinários das grandes empresas? Será um problema de reciclagem das diferentes modalidades explorativas da agropecuária como um todo? Será negócio oneroso o funcionamento de uma coudelaria específica? Poderá acarretar grandes prejuízos? Será de fato modismo? Será "hobby" ou mero "status"? ...?...? Então, o que será?

Perguntas mil poderão ser lançadas no espaço para serem respondidas por aqueles que se julgarem capazes de oferecer elucidações claras e conclusivas.

A nossa vivência, vinda desde a infância, visto termos nascido em fazenda de gado, onde sempre se criou cavalos, talvez fora essa a maior motivação para o cumprimento de minha real vocação ao ingresso no Exército, o qual me proporcionou, entre outros, os cursos superiores de Médico Veterinário, de Pós-Graduação de Zootecnia dirigida aos Equídeos e de Equitação de Alta

Escola. Assim, modestamente, estaremos em condições de afirmar que a prática profissional consciente e a dedicação leal a uma causa abraçada por merecimentos vocacionais durante longos anos ao lado dos solípedes, mas, também, ministrando aulas de Hipologia e de Higiene Veterinária, de Agrostologia e de Zootecnia Geral, etc., em Estabelecimentos Militares de Ensino, deram-me o "know-how" para o exercício de jurado em exposições oficiais, com credenciamentos por todas as Associações de Raças de Equinos, cujos registros genealógicos são coordenados pela C.C.C.C.N., abrindo-me portas para um conhecimento do criatório brasileiro e de outros países de Equideocultura desenvolvida, tais como Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Estados Unidos, França, Inglaterra, Portugal, etc.

Daí nasceram os relacionamentos com entidades nacionais e estrangeiras ligadas ao cavalo, também com hipotécnicos de renome e equinocultores famosos.

Portanto, a nossa assertiva, sem medo de erro, é de que no Brasil — Criar Cavalos — não seja uma profissão ainda bem definida e isolada propriamente dita, mas, uma complementação de muitos outros afazeres rurais interligados a diferentes misteres da vida humana, porque todo o equinocultor brasileiro, paralelamente às suas atividades normais, apresenta outra ocupação principal, geralmente mais rendosa que o simples criame ou até mesmo superior à sofisticada criação cava-

lar. Os expressivos equinocultores entre nós, via de regra, são homens de grandes negócios ou empresários de alto gabarito, como por exemplo: banqueiros, usineiros, industriais, cafeicultores, citricultores, comerciantes bem aquinhoados, agropecuaristas dos variados segmentos, profissionais liberais realizados, etc., etc., que usam desta função por derivação de seus esforços maiores, certamente mais lucrativos, quer sejam da agroindústria, quer façam parte integrante da agropecuária diversificada, quer de outras dignificantes maneiras de vida de elevado patamar, embora estranhas ao ruralismo convencional.

Há criadores de cavalos que não são fazendeiros tradicionais, talvez os criam por modismo ou por vontade de uma experiência nova, quem sabe até por "hobby" ou "status", ou ainda por emprego de capital ocioso, etc., chegando a investimentos custosos, de infra-estrutura técnica sofisticada, dotando seus haras de condições indispensáveis ao funcionamento perfeito sob todos os aspectos, com assistências agrônômica, veterinária e zootécnica, porém não abandonam a profissão originária, que, sem dúvida, é o suporte do evento pretendido, possivelmente, às vezes, almejado sob o título de "passatempo" ou de lazer.

O Cavalo, símbolo da nobreza, revela uma virtude extraordinariamente notável, isto é, aquele dom

peculiar de atrair as pessoas junto de si e aglutiná-las, agindo como verdadeiro traço de união, ligando indivíduos de quaisquer categorias sociais e idades, credos e raças, etc., levando-os aos intercâmbios empresariais e comerciais, culturais e esportivos, incentivando-os na troca de idéias para os melhoramentos dos criatórios, indicando métodos tecnológicos adequados à evolução genética dos plantéis, conforme as finalidades previstas em termos de projetos explorativos, além da sutileza dos relacionamentos de amizades recentes ou de velhos amigos num salutar convívio de interesses mútuos.

Criar cavalos e praticar equitação, segundo alguns entendidos, constituem medidas terapêuticas eficientes, preconizadas para determinados pacientes de vida atribulada nas grandes metrópoles, sujeitos a um leque somatório de perturbações orgânicas, notadamente os acometidos de neuroses ou de outros processos mórbidos enquadrados na psiquiatria, que se tornam carentes de uma derivação do obrigatório sistema de viver do dia a dia, pelas condições ambientais um tanto adversas à tranquilidade ou pelo excesso de serviços estafantes. Temos notícias de gente que, por prescrição médica, monta diariamente a cavalo e cria os seus próprios animais, enchendo todo o seu tempo, em local de clima saudável e favorável para a

cura de certas moléstias.

Finalmente, salvo melhor juízo, entendemos que **CRIAR CAVALOS** é uma verdadeira **VOCAÇÃO**, que exige dedicação comprovada, desprendimentos com renúncias, bastante carinho e muita fé naquilo que foi proposto para a realização do evento, embora em proporções expressivas ou não, porém nunca esperando resultados econômicos fabulosos, apenas contentando-se com os melhoramentos zootécnicos alcançados e o grato prazer de assistir à evolução do rebanho através de gerações sucessivas, debaixo de orientação cuidadosamente dirigida.

Concluimos que, por enquanto, aqui no Brasil **CRIAR CAVALOS** não é considerado profissão única e independente, objetivando lucros imediatos e certos, porque continua ainda vinculada a outras atividades importantes, que se baseiam em princípios sócio-econômicos e financeiros de maior expressão na produção e no aumento da produtividade da área no preciso conceito agropecuarista, ou, como citamos acima, regem-se por fatores alheios ao tradicionalismo do autêntico homem do campo.

NOTA DA REDAÇÃO: Na edição de Fevereiro, na página 102, publicamos o artigo de autoria do Gen. Diogo Branco Ribeiro, com o título "Cavalo de Sela Argentina" ou "Anglo-Argentina" quando o correto seria: "Cavalo de sela Argentina" ou "Anglo — Argentina".

FAZENDA PROGRESSO - Andradina - SP

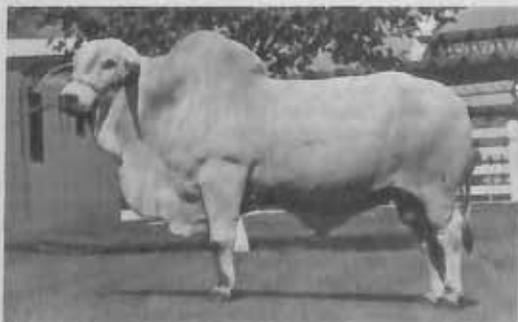
OSWALDO MITSUO FUJIWARA E OUTROS

End.: Caixa Postal 145 - Fone (0187) 22-1329 - CEP 16900 - ANDRADINA - SP



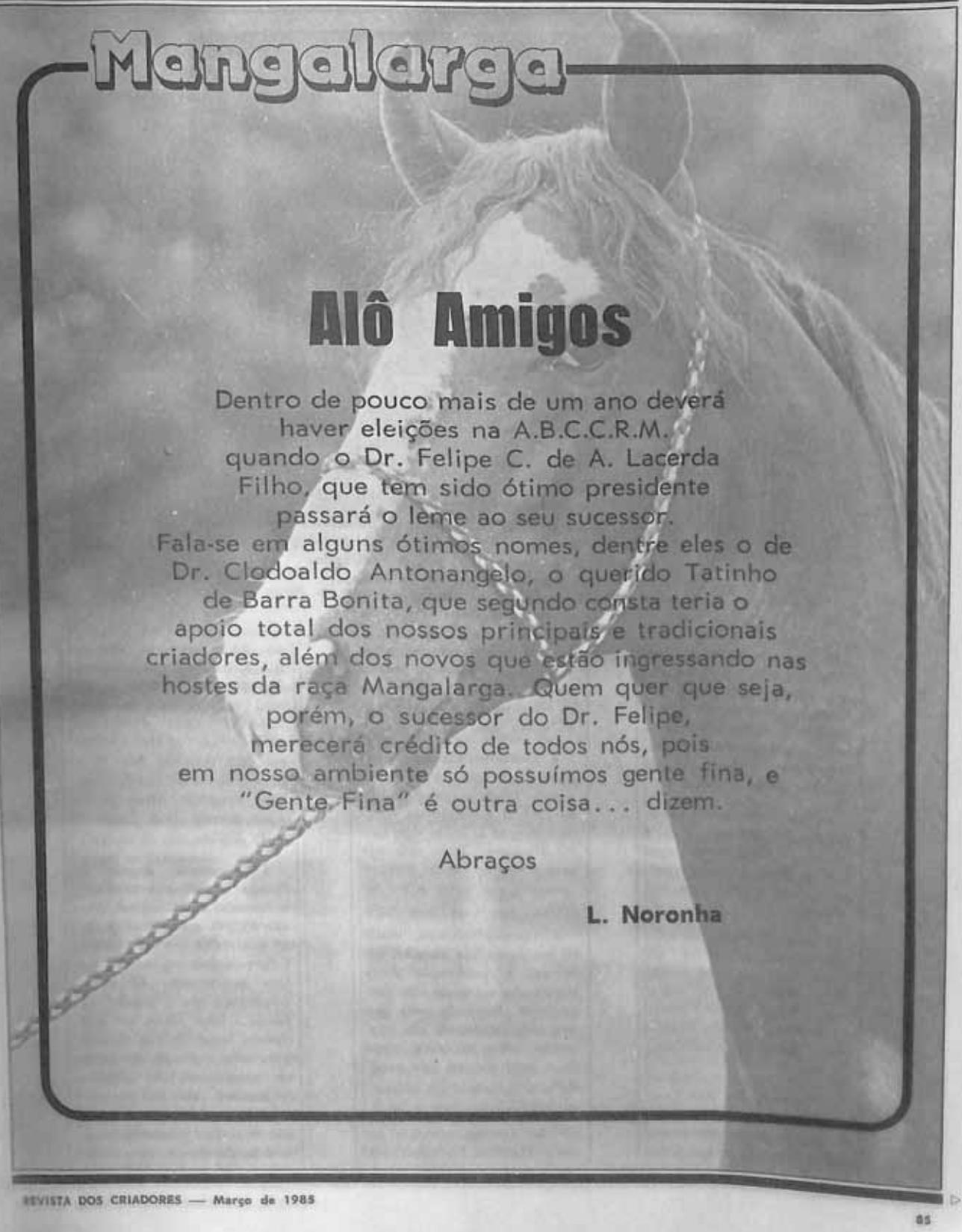
**CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DE TABAPUÃ
E NELORE**

SEMEN A CARGO
DA LAGÓA DA SERRA



VINCULO DA PROGRESSO
Reg. 2064 - Peso: 1.080 kg

Mangalarga



Alô Amigos

Dentro de pouco mais de um ano deverá haver eleições na A.B.C.C.R.M. quando o Dr. Felipe C. de A. Lacerda Filho, que tem sido ótimo presidente passará o leme ao seu sucessor.

Fala-se em alguns ótimos nomes, dentre eles o de Dr. Clodoaldo Antonangelo, o querido Tatinho de Barra Bonita, que segundo consta teria o apoio total dos nossos principais e tradicionais criadores, além dos novos que estão ingressando nas hostes da raça Mangalarga. Quem quer que seja, porém, o sucessor do Dr. Felipe, merecerá crédito de todos nós, pois em nosso ambiente só possuímos gente fina, e "Gente Fina" é outra coisa... dizem.

Abraços

L. Noronha



ORPHEU JOSÉ DA COSTA, proprietário do Haras Império, Itu, SP, o realizador do majestoso Leilão de Árabes.

• Está é a última vez que "Mangalargando... do Brasa" sai. Sai, diga-se, dos moldes anteriores, antigos, porém, sempre coerente com a minha pessoa, com a minha maneira de ser, com o meu modo simples de difundir nosso cavalo.

• Vou tentar modernizá-la, dando um passinho mais à frente — Para tanto, conto com o apoio de todos vocês que sempre prestigiaram esta coluna.

• De abril, em diante, o papel usado (exclusivo) em "Mangalargando" será couchê de 1.ª qualidade, com muitas cores, novas seções, dentro de um estilo clássico, simples ainda, mas um pouco mais extenso.

• Pretendo dar uma "roupa nova" a minha coluna. Para confeccioná-la, entretanto, serão precisos anúncios. Anúncios

de vocês, notícias sobre suas tropas, sobre o cavalo Mangalarga, tudo enfim que se relacione às nossas tropas, ao nosso meio.

• Tenho certeza que a solidariedade será total — O grande, talvez o maior motivo da notável ascensão da nossa raça deve-se a união dos nossos criadores. Tudo que seja para o bem do cavalo, ouve-se "presente" de norte a sul do País.

•guardo ansioso, desde já, seu apoio, sua atenção, para que a publicação desta coluna não sofra em sua continuidade, bastando para isso que cada criador dê um pouquinho, uma milésima parte de si para que tal fato aconteça.

• Agradeço, antecipado. Para falar comigo, sobre o assunto (Laercio Noronha) po-

de discar para cá (Revista dos Criadores) nos telefones: 263-8685 — 263-8400 — em meu apartamento (à noite) 258-5497 (São Paulo) e 23-2249 ou 22-3191 (0196) em São João da Boa Vista. Para o envio de cartas, anote: Rua Venâncio Aires, 31 — Água Branca — S. Paulo — CEP: 05024.

• Felizmente, depois de "longo e tenebroso inverno", o Anuário dos Criadores (versão 83/84) saiu. É o de n.º 20 e acredito que irá agradar. Esforçamo-nos muito para que isso acontecesse. O atraso (reconheço muito grande) deveu-se a fatos vários que multíssimos contra minha vontade e de toda a direção da Revista, apareceram. O prejuízo foi enorme. Mas isso compete a mim, a nós e não a vocês, que tiveram a paciência de esperá-lo, dando-nos uma credi-



**ORGULHO DO J.E.K., por Elmo J.O. e Aurora do J.E.K.
prop. do Dr. Celio Ashcar, Fazenda Oriente - SP.**

bilidade que jamais esqueceremos. O preço da publicação feita, é hoje, quase o mesmo do veículo, o Anuário, que começou a circular.

- Peço-lhes excusas. Talvez este tenha sido o último. Vou aguardar, depois conversaremos.

- Bem, chega de choradeiras e vamos às notícias que vimos e que nos chegaram.

- O leilão da tropa árabe do criador (agora somente de Mangalarga! sim senhores)! Orpheu José da Costa, foi um sucesso sem precedentes.

- A grande vitória do irrequieto e famoso criador começou antes do leilão.

- Orpheu, após desacerto com diretores do Palace, Moema, transferiu seu Leilão para o Parque da Água Branca, e justamente este imprevisto tornou-o num dos maiores, até

hoje, realizados em todo o mundo.

- Sabe por que? Orpheu, o imprevisível Orpheu, mandou construir na tradicional pista do parque uma réplica de seu famoso Haras Império.

- 100 mesas lotadas, 700 cadeiras avulsas ocupadas, gente e mais gente em pé, tudo isso aconteceu, minha gente! Calculou-se que havia mais de 4.000 pessoas presentes, isto sem contar o "povão" que voltou por não conseguir chegar sequer perto do "Haras Império" da Água Branca.

- À média de vendas atingiu a quase 100 "bi" por cabeça — IBN Bandos voltou (depois eu conto). Teve Corpo de Bombeiros, Assistência médica (ambulância) com médicos e enfermeiras, evidente.

- Orpheu envolveu 300 funcionários distribuídos des-

de a entrada (estacionamento) até a saída dos mesmos, todos boquiabertos com o fato acontecido.

- Whisky, vinhos (importados e nacionais) foram servidos — canapés ultra finos e deliciosos — Só mesmo o Orpheu...

- Filas gigantes para adentrar ao "Haras" — Filas, aliás, duplas muito bem comportadas, por sinal. Vi, podem acreditar, fila para entrar na fila. Impressionante, minha gente!

- Nisso tudo, faço questão de citar a firma Djalma B. Lima, que se encarregou de botar em prática as idéias de Orpheu e fê-las com o maior brilho.

- No dia seguinte à realização do Leilão, Orpheu trocou IBN Bandos por 61 cabeças

(pequenos e adultos com Waldemar Neme) Mangalargas registradas.

* Felizes estão os criadores do Mangalarga, que têm em Orpheu um de seus maiores líderes, dando continuação somente no Mangalarga, o que não quer absolutamente dizer que o criador de Árabe, aqui em nosso País, não tenha também o mesmo ânimo das nossas criadoras, porém, não.

* Jantei, dia destes com alguns criadores, no lindíssimo apartamento de Stefano e Paula Cesari (uma beleza, por sinal).

* A deliciosa reunião estendeu-se até altas horas da noite avançando pela madrugada afóra.

* O leilão do Dr. Fausto Simões e seus convidados vai ser mesmo realizado e já tem local e data marcada.

* Será no dia 28 de maio, sábado, à noite, no Tatueral do Jockey Clube. Seu sucesso está garantido pois esta é a primeira e talvez a única vez que Fausto realize um leilão exclusivo de sua melhor sementeira e todos sabem que sua criação é sem favor alguma uma das melhores do país.

* Os Irmãos Codogno vendem CORADA DO CERAZIN (1 ano) filho do famoso caçador DÁRDANO O.J.C. e BRONZEADA JAMA ao mesmo criador ARIEL GAIO-LI. Hares Arco Verde, Guarulhos.

* Mais um sensacional leilão está sendo marcado para julho e seus integrantes, Paulo Toscani, João Carlos Matta e Dr. Jaffer Felício Jorge estão com plena atividade para fazer do evento um novo êxito de sempre, apresentando animais de mais alta envergadura.

* O meu amigo Dr. Celio Ashcar tem razão quando seu potro Orgulho do JEK é elogiado por alguém. De fato, atente para a foto exposta, como é lindo o filho de Elmo JO e Aurora.

* Orpheu comprou Kelly RR (Cocar JO e Gaúcha) de Roy Rocha, Cris (Turbante JO e Fátima) de José Oswald de Junqueira, e Walquíria e Águia ambas filhas de Cocar JO com Tália (Abare) e Garça da Helvetia respectivamente dos Irmãos Noronha.

* Walquíria I.N. é irmã própria de Opio I.N. de Nelson Luciano Rivaben e tem se revelado um magnífico reprodutor.

* A Exposição de Paranavai foi um colosso, segundo

informações que obtive. Favorito H.M. do meu amigo José Homem de Mello foi o Campeão Poiro.

* Favorito H.M. é filho de Turbante J.O. e de Alegria O.J.C. (Manduzinho da Nata).

* Dia destes visitei o Hares do criador Nelson F. Spielmann e fiquei muitíssimo bem impressionado com sua criação principalmente com o seu principal ganhão, Luxo do J.E.K. (por Elmo J.O. e Foguinha).

* Luxo do J.E.K., é sem favor algum um dos melhores cavalos Mangalarga da atualidade. Vão lá e confirmem. Além de sua extraordinária beleza, seus filhos são magníficos.

MARCHA TROTADA

* Duca acabou mesmo com a tropa Mangalarga.

* Já iniciou criação de Anglo-Árabe, e acredito, piamente, com novo sucesso.

* Aguardem para julho, outro sensacional Leilão. Paulo Toscani, João C. Matta e Jaffer F. Jorge. Três grandes nomes da nossa raça, são os seus patrocinadores.

* Local? Hotel Mackstad, SP.

* Zito (lembrem-se dele, do Santos F.C. e da Seleção Brasileira de Futebol) meu amigo de mais de 15 anos, telefonou-me.

* Vai iniciar (está super entusiasmado com o Mangalarga) criação e quer comprar algumas potrinhas — Quem interessar em cedê-las favor entrar em contato comigo.

* Roberto Gusmão, meu amigo velho e bom criador é o novo Ministro do Comércio e Indústria — Vai brilhar, tenham certeza.

Piedinha do mês:

Seção extinta, para a felicidade de vocês.

Burro de serventia pra todo fim

Texto e fotos de OHELLO TORMIN

Falei em burro? Se falei Trata-mos dele quase no exclusivo, em roças de cacau no especial. Só faltou incluímos o burro "pessoalmente" na conversa. Mas não a espicharei aqui, Fernando. Eh prosa-na danada de boa Também, dois fãs fanáticos e... nem tivemos tempo de esgotar o assunto. Então, só resu-mindo o meu monólogo.

Não é raça, nem se perpetua com os próprios meios no cresceu e multiplicai-vos". Mas estava no Presépio e está em todas onde haja trabalho pesado. Ou leve. Ou muito. Ou pouco. Desde os tempos de Mar-tim Afonso de Souza, o seu lombo vem carregando momentos de Bra-sil. Há quase 500 anos e, por certo, será presença pelo ano 2.000 afora (como mecânica animal ou como ali-mento?) Não só na canção de passa-do recente, foi popular. Ainda o é, ué, na periferia das grandes cidades, em todas as cidades menores. Nos "comércios". E até nos bairros chi-ques, puxando carrocinhas tradicio-nais.

Na estrada e no campo. Seja de agricultura ou de pecuária. Seja de extração. Na mata fechada, nos agrestes perseguidos pela seca. E nas fazendas de cacau tem sua estó-ria. E história. Tal como nos cana-aviais do Brasil-Menino, na minera-ção da Derrama, no café, nos cami-nhos de chão batido, antecessores do asfalto. Transporta no progresso como transportou no sertão. Cami-nha no desconhecido e igualzinho na civilização. Bebe água nos rios das

fronteiras internas e toma banho de mar no litoral. Deixou pegadas no cerrado e na caatinga, abriu trilhas nos charcos e pantanais. Subiu e desceu serras, montanhas, etc. Zurrou melodias nostálgicas no alto das cordilheiras. Só não foi ao céu, ainda.

Híbrido, o muar é cruzamento. Talvez por isso cruza este Brasil velho de guerra, na paz ou não. E nos hiatos das revoluções. Em todas as direções. Em todos os serviços. Na estiagem e na enchente. Na safra e no amanho. É da lida dura ou é a "Mula Preta" carregando o dono,

numa de suas múltiplas atividades. É burro de carga e é condução. Tal qual o pão, "ainda não inventaram nada melhor".

Na simplicidade de sua vida, nada come do fundo da terra ou da sofisticação. É do capim, da água e do trabalho. Manso e útil, de valor inestimável e insubstituível, nem li-ga pro pejorativo nome que lhe pes-pegaram. Imerecido. Burro ou bes-ta, esse grande amigo do animal hu-mano, em pose, pode até provocar sorrisos. Gente, sorriso, também é homenagem. Gratidão. Por isso a sua fotografia aqui está. Merecen-



Jumento Pega Campeão e água Campolina, registrada, produziram esta Mula-Preta que, satis-feito, o dono monta. Foi sensação numa Exposição Estadual. Hipólogos e beidades fizeram questão de dar uma voltinha nela. E um violeiro arrancou trêmulos de garganta para saudá-la com a conhecida moda-de-violão. O público debandou berreiros festivos pra todos os cantos do Parque. No espontâneo ovacionando montaria e música.

dente de seu sorriso, leitor. Brinca-lhão. Camaradesso, mas do tipo "honra ao mérito".

Dr. Fernando de Andrade, pecuarista e cacauicultor, meus respeitos. Você e o cacau sabem o que o burro representa em suas plantações. É um tudo. Na trovoada e na

entressafra, na fulora e no tempo-rão. Nos 365 dias e mais um nos anos bissexto. Com tempo integral, sem férias mensais, anuais ou decenais. E esse tudo, doutor, não fez e faz jus a, não digo uma recompensa, mas uma homenagem? Uma estátua, por exemplo e como você disse?

Eis que estátua é: — "Figura inteira, em pleno relevo, representando um homem, uma mulher, uma divindade, um animal". — Veja, Fernando, até o pai-dos-burros, mesmo em definição parcimoniosa e falho na configuração, não se esquece do animal ao lado da divindade. Maria de José viajou com o Menino na barriga, montada num burrico. Beleza de viagem!

Burro é por demais merecedor dessa e de uma cacetada de louvações da cacauicultura. Deixe as outras pra lá, pro oportuno. Contudo e todavia, eu bem que vi o brilho nos seus olhos quando você falou disso e nisso. Engate esse entusiasmo todo com as demais considerações, que você expende melhor que eu, para propor, em reunião solene de seus pares, a ereção de uma estátua ao burro. Num local de intenso trânsito ou tráfego... Itabuna? Em Ilhéus? No Monte Pascoal? Nos longes do Velho Chico? — Na Bahia, porém.

Para você não se inflamar demais na hora, lembro aqui uma tirada do Tião das Éguas: "Burro só comete uma burrice na vida, — trabalhar toda vida nem sempre com bom trato. As vezes até sem um razoável passadio, qui! até mesmo sem um distraído afago ou um cisco de carinho". Que culpa tem, se não faz filho (a)? Milagre não vale no mundo de Madame Genética... — Olha, Fernando, nem vai ser preciso evocar São Francisco de Assis e outros expoentes humanos. Os cacauicultores sabem disso e sabem mais. De pé, por aclamação em unanimidade, votarão pró estátua.

E.T. — Gente do cacau, solenize a entronização da primeira estátua, aí ou seja lá onde for. E, pode contar, muita cidade e muita rodovia (sem esquecer as estradas) fincarão alicerces firmes para suster, em pose, Sua Excelência o BURRO. (E não se pense que S. Exa. aí é gozação, não. É mero reconhecimento, por espelhar a verdade. Título honorífico também lhe cabe. E lhe cai como uma luva, eis que todos os outros títulos ele já tem). Convém, no entanto, não embelezar ou empatear o monumento. Com o que Deus lhe deu, BURRO já é bonito. Por natureza e índole. Pra quê enfeitar a beleza?

ARAMES FARPADOS



O MAIOR DISTRIBUIDOR BELGO MINEIRA DO PAÍS

Motto

ARAME FARPADO C/ ZINCOAGEM REFORÇADA
8 dos fios: 1,60 mm - Camada de zinco TRÊS VEZES mais espessa - Menor peso por comprimento - distância entre farpas 100 mm
Sentido de torção invertido em cada farpa.

Sertanejo

ARAME FARPADO DE AÇO ZINCADO
8 dos fios: 1,60 mm - Carga de ruptura: 350 kg
Menor peso por comprimento - Farpas que não encroscam - distância entre farpas: 100 mm
- Peso: 11,8 kg (250 m) e 23,5 kg (500 m)

BELVAL 2600

ARAME OVALADO DE AÇO ZINCADO
Bitola: 14 x 16 - Peso aprox. 45 kg
(1250 m) e 26,7 kg (1000 m) - Permitem maior afastamento entre estacas - Reduzem os gastos de material e mão-de-obra - Não provocam ferimento no gado - Use os espaçadores BELVAL para dar a tensão adequada aos arames

BELVAL 2700

ARAME OVALADO DE AÇO ZINCADO
Bitola: 15 x 17 - Peso aprox. 45 kg (1000 m)
Galvanização (mínima): 70 g/m²
Carga de ruptura: 700 kgf - Cat. II - Classe leve
Economia e eficiência para uma pecuária avançada
Não provocam ferimento no gado.

BELVAL 22 800

ARAME OVALADO DE AÇO ZINCADO
Bitola: 15 x 17
Peso aproximado: 45 kg
Galvanização (mín): 240 g/m²
Carga de ruptura (mín): 800 kgf - Cat. I
Classe pesada - Único arame ovalado com dupla camada de zinco

FARBEL

ARAME FARPADO DE AÇO ZINCADO
8 dos fios: 2,00 mm
Carga de ruptura (mínima): 250 kgf
Galvanização (mín): 70 g/m² - Cat. A
Peso aprox.: 17,1 kg (250 m) e 27,3 kg (400 m)
Norma ABNT: E8 - 935

belforte

FARPADO DE FIOS GROSSOS
8 dos fios: 3,20 mm - Galvanização: Cat. A
Distância entre farpas: 100 mm
Peso aprox.: 20 kg (250 m) e 32 kg (400 m)
Relevo a cada individual de sustentação

Distanciador AçoFix

Especialmente destinado a cercas de arames farpados, lisos ou ovalados. Referecia as cercas de arames de qualquer diâmetro - Faz bom alinhamento nas cercas oferecendo total proteção ao rebanho contra raios - Reduz ao mínimo o consumo de mourões por possibilitar maior espaçamento - Permanente móvel na cerca.
8 do fio: 3,40 mm - Farpas c/ 100 unidades
Comprimento: 45 cm, 100 cm, 115 cm e 120 cm

CORDACO

CORDALINA ZINCADA P/ CORRÓIS DE AÇO
8 dos fios: 6,4 mm (1/4") - 4 m do fio: 7
Camada tripla de zinco em cada fio
Peso aprox.: 180 g/m² - peso aprox.: 200 kg (1000 m) - Carga de ruptura: 2500 kg

COMERCIAL ANDRASAR LTDA

Maiores informações consulte-nos
TELEX: (011) 36175 - ANDS-BR
227-1475 • 227-2193
228-8085 • 229-6037
Rua Cantareira, 636 - CEP. 01024 - SP
EM QUALQUER QUANTIDADE

Outros Produtos

GRAMPOS • TELAS • ENXADAS
ARAMES GALVANIZADOS
ARAMES RECOZIDOS • FOICES
ENXADAS • MACHADOS
ENXADÕES E ACESSÓRIOS DE
FIXAÇÃO EM GERAL

Contribuição Sindicato Rural

1. LANÇAMENTO E VENCIMENTO

1.1 Cadastrados no INCRA

Cabe ao INCRA (Inst. Nacional de Colonização e Reforma Agrária) proceder ao lançamento e cobrança da CSR devida por integrantes das categorias profissionais e econômicas da agricultura (art. 4.º, DL n.º 1.166/71).

Para efetivar a cobrança, o INCRA promove o cadastramento e atualização das propriedades rurais. Expede anualmente a guia "Certificado de Cadastro" lançando o ITR (Imp. Terr. Rural-Prefeitura) e outros tributos, e nessa mesma guia a contribuição sindical devida pelo empregador rural à Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

Se organizado em empresa, calcula-se proporcionalmente ao capital social declarado. Quando não organizado em empresa, proporcionalmente ao valor adotado para lançamento do ITR, aplicando-se, em ambos os casos, a tabela progressiva.

Vencimento: verificar no campo próprio do Certificado de Cadastro.

Se o contribuinte não receber o aviso de lançamento, adquire a guia própria para contribuição sindical e recolhe diretamente à rede bancária.

Contribuição dos empregados

Nessa guia é lançada a contribuição devida à CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), cobrada do empregador na base de um dia de salário-mínimo regional multiplicado pelo número máximo de assalariados que trabalham nas épocas de maiores serviços, conforme declarado no Cadastro do Imóvel. O empregador se reembolsa descontando de cada empregado um dia de salário-mínimo regional até o valor máximo recolhido à CONTAG (§ 2.º do art. 4.º, DL n.º 1.166/71). Na falta de previsão legal quanto à data certa para realização do desconto, o empregador o efetiva na data que melhor lhe convier, tendo o cuidado de anotá-lo na Carteira de Trabalho do empregado para evitar-lhe dupla contribuição.

1.2 Não cadastrados no INCRA

Os trabalhadores eventuais, os parceiros e arrendatários mencionados no item 2,

e outros não cadastrados no INCRA, recolhem a CSR diretamente no estabelecimento bancário mais próximo de seu domicílio, mediante guia fornecida gratuitamente pela entidade sindical interessada (representante dos empregados ou dos empregadores, conforme o caso).

As guias são preenchidas em 3 vias, segundo orientação do sindicato. Na falta de sindicato com jurisdição na localidade de domicílio do contribuinte, faz-se o recolhimento a favor da Federação respectiva e, na falta de ambas, a favor da Confederação correspondente.

As 2 vias têm o seguinte destino:

- a) 1.ª: entidade sindical;
- b) 2.ª: comprovante do contribuinte.

O campo 03 da anterior Guia de Recolhimento tinha a expressão "Código da Entidade" substituída pela expressão "Plano CONTAG" ou "Plano CNA", conforme se tratasse de recolhimento a favor de entidades representativas de trabalhadores ou de empregadores rurais (PT MTB n.º 3.049/82).

Na falta de orientação específica a respeito, entende-se que tais disposições aplicam-se ao campo 07 da vigente Guia de Recolhimento, aprovada pela PT MTB n.º 3.233/83.

Vencimento e valor

Para os eventuais parceiros e arrendatários, o valor da CSR corresponde a 30% do maior valor de referência vigente no País, atualmente, Cr\$ 26.400 (30% de 87.997,20).

Deve ser recolhida em fevereiro, ao sindicato dos empregados ou dos empregadores, conforme o caso.

Importante:

- O comprovante do recolhimento da CSR constitui elemento indispensável para obtenção de qualquer assistência perante as entidades sindicais rurais.
- Em caso de dúvida, consulte o Sindicato Rural mais próximo para esclarecimentos.

2. TRABALHADORES EVENTUAIS, PARCEIROS E ARRENDATÁRIOS

Estão obrigados ao pagamento da Contribuição Sindical Rural os trabalhadores

eventuais e outros não considerados empregados, que exercem atividades no meio rural e que, por não possuírem terras, não constam, obrigatoriamente, do cadastro relativo ao Imposto Territorial Rural (ITR), realizado pelo INCRA.

Também estão obrigados ao pagamento da contribuição sindical os parceiros e arrendatários, recolhendo-a a favor da entidade sindical de empregados ou de empregadores, conforme se enquadrem como:

a) trabalhador rural, aquele que, proprietário ou não, trabalhe individualmente ou em regime de economia familiar, assim entendido o trabalho dos membros de uma família, indispensável à própria subsistência e exercido em condições de mútua dependência e colaboração, ainda que mediante ajuda eventual de terceiros;

b) empregador rural, aquele que, proprietário ou não, ainda que sem empregado, em regime de economia familiar, explore imóvel rural que lhe absorva toda a força de trabalho, e lhe garanta a subsistência e progresso social e econômico, em área igual ou superior à dimensão do módulo rural da respectiva região (Decreto-lei n.º 1.166/71).

Lançamento e valor: veja subitem 1.2.

3. ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS — IMÓVEIS RURAIS

Os estabelecimentos bancários que, por força de execução de contratos de financiamentos ou de empréstimos, se tornem proprietários de imóveis rurais, obrigam-se ao recolhimento da CSR em relação a esses imóveis.

4. EMPREGADORES RURAIS

a) Os empregadores rurais, organizados em empresas e firmas, recolhem a contribuição sindical proporcionalmente ao capital social, com base nas percentagens estabelecidas no art. 580, inciso II, da CLT (redação dada pela Lei n.º 6.386/76);

b) Para os empregadores rurais, não organizados, a CSR é calculada tomando-se por base o lançamento do imposto territorial do imóvel explorado sobre o qual incidem as percentagens fixadas no art. 580, inciso III, da CLT.

Os empregadores rurais organizados em empresa utilizam Tabela própria. Quanto à cobrança, examine o item 1.

5. PESSOAS JURÍDICAS COM VÁRIOS IMÓVEIS

As pessoas jurídicas com vários imóveis, situados em lugares diferentes, atribuem a cada um parte do capital social,

que servirá de base para recolhimento da CSR, observados os valores de avaliação fixados pelo INCRA.

6. PEQUENO PROPRIETÁRIO

O pequeno proprietário, titular de mais de um imóvel, cuja soma de áreas não alcançar o módulo, enquadrado como trabalhador rural, recolhe a CSR lançada

no valor de 30% do maior valor de referência vigente no País, incidindo apenas sobre um imóvel (atualmente Cr\$ 26.400 — 30% de Cr\$ 87.997,20).

7. ACRESCIMOS LEGAIS

Sobre acréscimos legais, se necessário, consulte as Portarias do Ministro da Agricultura n.ºs 05/83 e 79/82.

Os benefícios previdenciários dos empregadores

Considera-se empregador rural a pessoa física, proprietária ou não, que, em estabelecimento rural ou prédio rústico e com o concurso de empregados utilizados a qualquer título, ainda que eventualmente, explore em caráter permanente, diretamente ou através de prepostos, atividade agro-econômica, assim entendida a atividade agrícola, pastoril, hortigranjeira ou a indústria rural, bem como a extração de produtos primários, vegetais ou animais.

Exclui-se do sistema previdenciário do empregador rural quem, proprietário ou não, trabalhe na atividade rural, individualmente ou em regime de economia fa-

miliar, assim entendido o trabalho dos membros da família indispensável à própria subsistência e exercido em condições de mútua dependência e colaboração.

O quadro geral de benefícios consta adiante.

Notas:

1.º) O empregador rural e seus dependentes também fazem jus à reabilitação profissional, assistência complementar e assistência médica;

2.º) Os benefícios de pagamento continuado devidos ao empregador rural e

seus dependentes não podem ser acumulados, admitindo-se o direito de opção;

3.º) Até que o segurado complete 35 anos de idade é facultado à Previdência Social verificar se a invalidez persiste, para efeito de manutenção ou cancelamento de benefício;

4.º) A pensão pode ser concedida em caráter provisório, por morte presumida do empregador rural, mediante declaração da autoridade judiciária e após 6 meses de ausência, a contar da data da declaração, ou, no caso de desaparecimento do empregador por motivo de catástrofe, acidente ou desastre, a contar da data da ocorrência, mediante prova hábil.

BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS DO EMPREGADOR RURAL

BENEFÍCIO	CARACTERÍSTICAS	CARÊNCIA	VALOR	INÍCIO DO PAGAMENTO	CESSAÇÃO
APOSENTADORIA POR INVALIDEZ	devido ao segurado empregador rural portador de enfermidade ou lesão orgânica que o torne total e definitivo incapaz para o exercício de qualquer atividade. A doença ou lesão de que o segurado é portador se situa à Previdência Social não dá direito à aposentadoria por invalidez.	12 meses contados do pagamento da 1.ª contribuição anual, desde que efetivado o recolhimento da 2.ª	renda mensal igual a 90% de 1/12 da média dos 3 últimos valores sobre os quais incidiu a contribuição anual, observados os limites mínimo e máximo legais.	a contar de data do laudo do exame médico-pericial a ser feito pela Previdência Social.	a partir do 2.º mês seguinte ao da verificação da recuperação da capacidade
APOSENTADORIA POR VELOCIDADE	devido ao segurado empregador rural que complete 65 dias de idade.	12 meses contados do pagamento da 1.ª contribuição anual, desde que efetivado o recolhimento da 2.ª	renda mensal igual a 90% de 1/12 da média dos 3 últimos valores sobre os quais incidiu a contribuição anual, observados os limites mínimo e máximo legais.	a contar de data de entrada do requerimento	
PENSAO POR MORTE	devida, por morte do segurado empregador rural, aos seus dependentes.	12 meses contados do pagamento da 1.ª contribuição anual, desde que efetivado o recolhimento da 2.ª	renda mensal igual a 70% do aposentadoria por invalidez ou por vitalidade, observados os limites mínimos e máximos legais. A pensão é suspensa em caso de guerra entre os dependentes. Seu valor não diminui pela redução do número de dependentes.	a contar de data do óbito	pela perda da qualidade de dependentes
AVULSO-MENSAL	devida, por morte do segurado empregador rural, a quem, dependente ou não, tenha dependente o qual pensão o requerimento.	12 meses contados do pagamento da 1.ª contribuição anual, desde que efetivado o recolhimento da 2.ª	pagamento único no valor de 64 a 2 vezes o valor do referência da região em que o falecido trabalhava. Se o beneficiário dependente está incapacitado correspondente, cumpre-se máxima prevista.		

Reestruturação do serviço de Controle Leiteiro

Entrevista com o Dr. Fidelis Alves Neto

O processo de reestruturação do Serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores (ABC), iniciado em novembro último, já está apresentando os primeiros resultados positivos: 10 rebanhos retornaram ao SCL e várias consultas de novos criadores interessados em controlar os seus plantéis têm chegado à ABC. Um dos principais frutos dessa reestruturação foi precisamente a redução dos custos do controle — um problema que, cada vez mais, ameaçava se ampliar.

Em razão da alta constante dos custos dos trabalhos do controle, muitos pecuaristas estavam deixando de controlar seus rebanhos ou reduziam o número de animais controlados, o que fez com que a diretoria da ABC procurasse uma fórmula de barateamento do SCL, um instrumento vital para a continuidade do trabalho de seleção da pecuária leiteira. Em novembro, a diretoria da ABC conseguiu sensibilizar o Secretário da Agricultura, Nelson Nicolau, a buscar, conjuntamente, uma solução para esse problema, já que o SCL não dispõe de recursos oficiais e as despesas estavam onerando cada vez mais a Associação.

Assim, a ABC e a Secretaria da Agricultura firmaram um convênio em novembro: por ele, a Secretaria forneceria os técnicos dos seus quadros para o SCL e a ABC se comprometeria a treinar e equipar os novos controladores. Logo após a assinatura do convênio, a ABC iniciou o treinamento dos técnicos da Secre-

taria comissionados no SCL e os equipou com um mini-laboratório, que permite a coleta e análise do leite dos plantéis controlados.

Em quatro meses de convênio, a ABC que dispunha de seis controladores passou a contar com uma equipe de 12 técnicos da Secretaria, 2 colaboradores e 2 independentes, além dos cinco que já estavam em seus quadros. Assim, a rede de controladores no Estado de São Paulo passou de seis para 21 técnicos. Só com a aquisição de mini-laboratórios, a ABC dispendeu mais de Cr\$ 30 milhões.

"Nossa rede de controladores era muito pequena", observa o médico-veterinário Fidelis Alves Neto, do SCL. "Por outro lado, sem verbas do Governo os custos estavam se elevando muito. E isso gerava um círculo vicioso que estava difícil de romper: como os custos se elevavam, muitos pecuaristas estavam deixando de fazer o controle ou só faziam o controle de animais de elite. Essa redução de plantéis controlados gerava outro problema: a distância maior entre um rebanho e outro, elevando novamente os custos".

"Com o convênio prossegue Dr. Fidelis — e também com o retorno e o ingresso de novos rebanhos no SCL, agora descentralizado, a tendência é a redução de seus custos de viagem. Estamos, nesses quatro meses, percorrendo um caminho in-

verso: reduzindo os custos, melhorando a eficiência do trabalho, trazendo de volta os rebanhos que tinham deixado o controle e conseguindo o ingresso de novos criadores", explica dr. Fidelis Alves Neto. "Os resultados já estão aparecendo: o retorno de 10 plantéis no Estado no SCL é significativo", diz.

Logo após consolidar a reestruturação, ele quer oferecer mais serviços aos pecuaristas que tenham plantéis controlados: o controle de alimentação, reprodução e dos custos de produção dos rebanhos.

O passo seguinte da reestruturação do SCL será a implantação do Serviço de Controle Leiteiro Auxiliar, destinado aos plantéis de animais comuns. Esse controle, fala o Dr. Fidelis, seria feito bimestralmente, ao contrário do dos animais registrados, cujo controle é mensal. O objetivo é levar ao produtor comum os benefícios do serviço de controle leiteiro e convencê-lo a melhorar a eficiência produtiva do seu plantel. O projeto será implantado, segundo dr. Fidelis, tão logo sejam testados seus programas no computador do Instituto de Zootecnia de Nova Odessa, da Secretaria da Agricultura, que fará o processamento dos dados dos plantéis controlados. Para tornar acessível aos pecuaristas o serviço de controle leiteiro, a ABC está organizando um Fundo de Assistência do Controle Leiteiro cujos recursos seriam destinados ao custeio do SCL, evitando novos aumentos de taxas.

UM PLANTEL SOB CONTROLE

Fazenda Quinta do Guareí - de Antonio Salles Leite - procura formar plantel de elite

Pequeno produtor de leite em Salesópolis, nos arredores de São Paulo, onde praticava uma pecuária leiteira de forma precária, como ele mesmo admite, o ex-presidente da Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal), e deputado Federal pelo PDS, Antônio Salles Leite, resolveu investir, há quatro anos, na pecuária de seleção. Assim, adquiriu a Fazenda Quinta do Guareí, no município de Angatuba, SP, a 200 km de São Paulo. Ali, iniciou, a partir de 1980, a montagem de toda a infraestrutura que desse suporte à seleção de bovinos leiteiros. "Não havia sequer casas de barro", lembra ele.

Em abril de 1981, com a infraestrutura consolidada, Salles Leite iniciou a formação do plantel de bovinos da raça Holandesa Preta e Branca. Adquiriu, inicialmente, 25 vacas PC do criador Emílio De Benedectis e um touro do Colégio Adventista, o Cab Voluntário Friend. Já nos primeiros animais que comprou, Salles Leite preocupou-se em adquirir vacas de boa qualidade. "Meu objetivo foi, desde o início, formar um plantel que se primasse pela qualidade e não pela quantidade", revela. No Rio Grande do Sul, adquiriu, num leilão de liquidação de um plantel, 150 vacas, juntamente com outro criador de São Paulo.

Desse plantel, reteve os animais melhores e de bom potencial — e o resto descartou para abate. O descarte de vacas, cuja qualidade considera não compatível para o trabalho de melhoramento do plantel da fazenda, é um procedimento que ele

adotou desde que começou a seleção. "Animal que não serve no meu plantel não serve para outro. Então vendendo para o abate", diz. "Estamos retendo apenas vacas com média de produtividade acima de 18 litros", explica. Com esse trabalho, a média de produção do plantel foi, no ano passado, de 14 litros/dia e este ano, por seus cálculos, deve-se situar em 16 litros. "Queremos progredir, anualmente, uma média de 2 litros/dia por vaca", adianta.

No ano passado, Salles Leite iniciou o programa de transferência de embriões. Para isso, adquiriu a vaca Diana Piratini, campeã de Esteio em 1973 e Howcroft Gail, uma vaca canadense POI. Foram cobertas, respectivamente, com o sêmen dos touros Tradition e Mars (Valiants e Columbus). Diana ofereceu sete embriões, inteiramente aproveitados. Howcroft deu uma produção excepcional: 13 embriões. Em razão dessa produção, que não estava nos planos de Salles Leite, aproveitou-se 10 embriões. "Não tínhamos as vacas preparadas para hospedar os embriões restantes", lamenta o empresário.

É com a transferência de embriões que Salles Leite pretende imprimir maior velocidade no trabalho de seleção. As vacas e novilhas do plantel serão cobertas em inseminação artificial e fazendo repasse em monta natural. "O rotineiro é a cobertura com sêmen e exceção a monta natural", explica. Hoje, são ao todo 90 vacas e novilhas PC e 70

PO. Ele vende, anualmente, 90 crias. Produz atualmente 1.000 litros de leite/dia, dos quais 800 são vendidos à Vigor e 200 usados na alimentação das novilhas e no gasto da fazenda. "O leite vendido auxilia apenas para cobertura das despesas da Fazenda", explica.

Já decidiu que seus animais participarão apenas de duas exposições: em Itapetininga e na Exposição Nacional da Raça Holandesa, em São Paulo. Os animais para vendas serão comercializados na fazenda e em alguns leilões. Salles Leite faz controle leiteiro desde 1983. "E através do controle leiteiro que ele tem parâmetros para orientar sua seleção.

Como todo ano, irá descartar vacas e novilhas que não atinjam a meta de produtividade programada e sejam superadas por outras (para o próximo ano já está programado a média de 20 litros/dia), mas que são muito boas, Salles Leite iniciou um outro trabalho no sítio do genro Francisco Lombardi, também em Angatuba, para o cruzamento com Gir, para formar o Girolanda. No ano passado, adquiriu touro Gir em Barretos e que segundo ele é excepcional.

Salles Leite não quer ampliar o plantel. De agora em diante, está preocupado em apurar mais a seleção e dispor de um plantel excepcional. "Nosso objetivo é ter um plantel finíssimo. Quero qualidade e não quantidade", diz. "E a transferência de embriões é o caminho para agilizar nossa meta".

UM PLANTEL SOB CONTROLE

Salles Leite começou também um trabalho com o Nelore, já tendo comprado dois touros. Antes de implantar a pecuária de corte definitivamente, separará as duas pastagens, plantando na divisa 150 mil pés de eucaliptos. Começou com cem novilhas Nelore e em breve quer atingir 300 matrizes. A priori, não pensa em selecionar Nelore para venda de reprodutores. "Vou produzir para engorda e venda de produtos para corte", diz.

A Fazenda Quinta do Gaureí tem 160 alqueires e o plantel total da raça Holandesa é de 250 cabeças. Para tirar o leite B, a Fazenda implantou a ordenha mecânica em maio de 1981, adotando o sistema canalizado, que, segundo Salles Leite, funcionou satisfatoriamente. Mas em 1983, resolveu trocar pelo espinha de peixe.

A pastagem é formada de Braquiárias Decumbens, Ruziziensis, Setária Kazungula, Napier comum e Estrela Africana. Salles Leite tem preferência pela Setária Kazungula e Napier, argumentando que rebro-

ta mais rapidamente e tem melhor palatabilidade. Na propriedade, ele formou uma área com o capineira de Cameroun, fornecido picado no cocho e quando há sobra é ensilado. No cocho é ainda fornecido cana picada (existe 1 ha de cana).

Ainda como suporte à alimentação das vacas, são plantados 30 alqueires de milho, para silagem. São preparados anualmente de 500 a 600 toneladas de silagem, guardadas em silo trincheira. Este ano ele irá implantar quatro alqueires de aveia para feno. "Fizemos alguma experiência com essa cultura de inverno. Esta gramínea deve ser plantada quando o produto possuir condições de irrigação. Este ano vamos avançar na experiência, plantando quatro alqueires para feno", revela. No ano passado também Salles Leite plantou a leguminosa "lab-lab" consorciado com o milho para silo. Deu bons resultados quanto ao nascimento e desenvolvimento. "Espero que dê bons resultados quanto à melhora da qualidade da silagem", diz. Ele também está fazendo experiência com leguminosas consorciadas com napier.

Além desses alimentos, Salles Leite fornece ocasionalmente rolão. O fornecimento é condicionado à disponibilidade do milho em espiga. Por último, ele fornece ração balanceada, em média 1 kg de ração para três litros produzidos. Com a ração ele faz teste com várias marcas, mas a que revelou melhor desempenho foi a produzida na fazenda. Todo o esterco é utilizado nas capineiras e nas culturas de milho.

Além da alimentação, a sanidade do rebanho recebe atenção especial na Fazenda Quinta do Gaureí: os animais são vermifugados de três a quatro vezes ao ano, com aplicação de medicamentos, cujas marcas e formas de aplicação são alternadas. É feito também o controle de doenças como aftosa, brucelose manqueira. O controle de carrapato e berne é feito sempre que necessário. Mas Salles Leite está às voltas com um problema que ainda não encontrou solução definitiva: as moscas. "Não encontramos ainda um produto que resolvesse o problema de infestação de moscas."

Nosso Tabapuã tem Peso e Sucesso nas Pistas

Seis anos consecutivos a fazenda Morada da Prata, tornou-se vencedora do concurso de ganho de peso em Sertãozinho — SP.

Venda permanente de novilhas e reprodutores



Campeãs em Rio Preto 84

Orfenica da Prata — campeã novilha e grande campeã — Oposição da Prata, reservada campeã novilha, e reservada grande campeã — Academia da Prata, campeã vaca jovem,



*fazenda
morada
da
prata*

Prop.: Maria Helena
Dumont Adams

Via Altino Arantes — Km 47

Fones: (016) 761-2026

Batatais — SP

São Paulo 212-1750



O que vai pelo controle leiteiro

Em dezembro, novo recorde no SCL

WALTER C. BATTISTON

No mês de dezembro, o Serviço de Controle Leiteiro registrou uma vaca recordista: Pau D'Alho Urca Astronaut Denise, de Jacob Rosier Dutilh, de 2 anos e 2 meses, estabeleceu novo recorde na Classe AJ: em 365 dias e em duas ordenhas produziu 10.752 kg de leite e 292,4 kg de gordura. O recorde antigo pertencia a Richlaw Gay Forbes Kim, pertencente ao mesmo criador, que em 1979 produziu 10.456 kg de leite em 365 dias.

Em dezembro, 703 vacas encerraram a lactação, tendo se destacado como mais numerosas as pertencentes à raça Holandesa Preta e Branca, com 512 exemplares, vindo a seguir 102 da raça Holandesa Vermelha e Branca e Gir 38. Também encerraram lactações em dezembro, 17 Jersey, 3 Nelore, 2 Parda Suíça, 1 Red Poll e 19 Cruzadas Holandesas/Gir. Desse grupo de animais, 116 vacas ultrapassaram a média da raça.

Em dezembro, também, a ABC divulgou o boletim nº 481, referente ao Serviço de Controle Leiteiro em 1984, ano em que 7.953 vacas, de 148 plantéis, foram controladas,

com predomínio da raça Holandesa Preta e Branca, com 64,3% do total. Outras 10 raças ou tipo testadas foram: 1.222 vacas Holandesa Vermelha e Branca, 157 Jersey, 184 Parda Suíça, 602 Gir, 62 Pitangueiras, 73 de Cruzamento Dirigido, 6 Red Poll, 6 Indubrasil e 21 Guernsey.

REPRODUTORAS EMÉRITAS

Destacaram-se como Reprodutoras Eméritas (RE) duas fêmeas: ANCORÁ JASPER RED DE MEIRELLES, Holandesa vermelha e branca, de Elza Ribeiro Meirelles e Filhos, com 4 anos e 11 meses, 6.924 kg de leite e 238,3 kg de gordura em 305 dias; e

MARAVILHA LADAINHA EXPOENTE, Raça Gir, de Manuel e José João S.R. dos Reis, com 5 anos e 7 meses, 3.046 kg de leite e 162,2 kg de gordura em 242 dias.

RECORDISTA

PAU D'ALHO URCA ASTRONAUT DENISE, de Jacob Rosier Dutilh, aos 2 anos e 2 meses, bateu recorde na Classe AJ, dando em 365

dias, duas ordenhas, 10.752 kg de leite e 292,4 kg de gordura. Desde 1979, o recorde em leite estava com RICHLOW GAY FORBES KIM, do mesmo Paulo D'Alho, que dera 10.456 kg em 365 dias.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

Das 512 vacas, que representaram 83,4% da Raça e 72,8% do total controlado, diversos animais se destacaram, entre eles.

AF. FORTALEZA ALTEZA, LM, com 2 anos e 1 mês, 9.168 kg de leite e 269,5 kg de gordura em 365 dias.

AF. FORTALEZA TELMA, LM, com 6 anos e 6 meses, 11.149 kg de leite e 374,3 kg de gordura em 365 dias.

ISADORA IVANHOÉ DE CALDAS, LM, 6 anos e 5 meses, 10.488 kg de leite e 399,1 kg de gordura em 365 dias.

OTTERSIDE DE MAN-O-WAR SERENA, LM, com 6 anos e 6 meses, 9.689 kg de leite e 325,8 kg de gordura em 365 dias.

ROSA SANTA ESPERANÇA,

LM, com 5 anos e 9 meses, 9.052 kg de leite e 274,1 kg de gordura em 365 dias.

MINTOGLLEN RUBY, LM, com 6 anos e 5 meses, 9.384 kg de leite e 260,7 kg de gordura e 365 dias.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Essa variedade da Raça Holandesa foi representada por 102 vacas, que corresponderam a 16,6% da Raça e 14,5% do total controlado.

Além da mencionada RE AN-CORA J. R. MEIRELLES, várias outras produziram muito leite e gordura, tais como:

ARISTOCRATA JASPER GFP., LE, com 4 anos e 1 mês, 7.544 kg de leite e 215,1 kg de gordura em 304 dias.

CAMPO VERDE FOB VIBRISSA, LM, com 4 anos e 10 meses, 7.680 kg de leite e 233,4 kg de gordura com 315 dias.

SN. CHERRY I GORD CITATION, LM, com 2 anos e 10 meses, 6.905 kg de leite e 201,1 kg de gordura em 365 dias.

CANÁRIA JASPER RED DE MEIRELLES, LM, com 5 anos e 3 meses, 7.471 kg de leite e 237,2 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA GIR

Atualmente, a Raça Gir tem-se apresentado com muitos animais e boas produções.

Neste mês os 38 exemplares representaram 5,4% do total controlado.

Já comentamos a RE, MARAVILHA LADAINHA EXPOENTE, mas outras também se destacaram, como:

NATAÇÃO DE BRASÍLIA, LM, 9 anos e 7 meses 4.330 kg de leite e 204,6 kg de gordura em 365 dias.

UFA, C-1442, LM, com 4 anos e 7 meses 4.082 kg de leite e 204,4 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA JERSEY

Com 17 vacas, a Raça Jersey foi bem representada por:

ENNISKILLEN SUPREME BEULAN, LM, com 3 anos e 11 meses 5.162 kg de leite e 268,6 kg de gordura em 365 dias.

LLOYN J.F. LUCKY, LM, 6.260 kg de leite e 329,0 de gordura em 365 dias.

LUANA MILESTONE PARANHAMA, LM, com 5 anos e 7 meses 6.152 kg de leite e 243,3 kg de gordura.

PARDA SUÍÇA

Entre as "suíças" se destacaram as seguintes vacas:

LIRA - 8931-84 ARTH, LM, 5.696 kg de leite e 193,9 kg de gordura em 342 dias.

SANTO ISIDORO CELINA, LM, com 3 anos e 8 meses, 5.609 kg de leite e 195,8 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA GUERNSEY

NORREN D.F. JACKE, LM, com 8 anos e 1 mês, representou a Raça Guernsey, dando em 352 dias 6.755 kg de leite e 374,5 kg de gordura.

CRUZAMENTO DIRIGIDO

Com 4 anos e 2 meses, P.T.B. AMETISTA obteve LM, dando em 365 dias 3.617 kg de leite e 164,6 kg de gordura.

Mês de janeiro de 1985

No decorrer do primeiro mês do ano, encerram suas lactações 845 vacas pertencentes a 9 raças ou tipos, predominando, como de praxe, os animais da Raça Holandesa Preta e Branca, que foram 559 e os da Raça Holandesa Vermelha e Branca, outros 138; em quantidade menores aparecem a Raça Parda Suíça (36), a Gir (54), a Jersey (19), a Nelore (6), a Red Poll (1) e mais 32 fêmeas do Tipo Cruzado de Holandês e Gir. Entretanto, somente 99 terão os resultados publicados na Revista dos Criadores por terem alcançado o mínimo exigido para isso; sobre essas produções é que faremos o presente comentário.

REPRODUTORA EMÉRITA

Outra vez uma crioula de Manuel e José João S. Rodrigues dos Reis alcançou o título de Reprodutora Emérita (RE); trata-se de STA. CRUZ CAMURÇA CACHIMBO, filha de C.A. CACHIMBO e ARAPONGA, que aos 13 anos e em 295 dias produziu 3.970 kg de leite e 200,0 kg de gordura.

ANIMAIS QUE MAIS SE DESTACARAM

Chamaram-nos a atenção as produções das seguintes fêmeas: na RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA.

JPR LÁGRIMA, 2 anos e 2 meses, 8.709 kg de leite e 319,9 kg de gordura em 334 dias.

AF FORTALEZA BADEL, 2 anos e 4 meses, 8.709 kg de leite e 268,2 kg de gordura em 355 dias;

POSSE REVISTA OPALA FORD, 2 anos e 4 meses, 7.216 kg de leite e 221,0 kg de gordura em 355 dias.

AF FORTALEZA BANDANA, 1 ano e 11 meses, 7.047 kg de leite e 244,7 kg de gordura em 365 dias;

AF FORTALEZA SULTANA, 5 anos e 5 meses, 10.744 kg de leite e 338,9 kg de gordura em 365 dias;

JPR MADAME SATÁ, 5 anos e 10 meses, 9.764 kg de leite e 306,7 kg de gordura em 365 dias;

MERIDALE INTRIGUE JUNE, 7 anos e 7 meses, 9.357 kg de leite e 296,0 kg de gordura em 365 dias;

AF FORTALEZA RECOMPENSA, 6 anos e 9 meses, 8.850 kg de leite e 306,6 kg de gordura em 319 dias.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

E.S. VATINGA CRESCENTE MEAD, LE, 3 anos e 3 meses, 8.384 kg de leite e 262,5 kg de gordura em 305 dias;

CAMPO VERDE FOB VIBRISSA, LE, 7.435 kg de leite e 226,0 kg de gordura em 305 dias;

CORONA PERITA YURSDEN, LM, 8.595 kg de leite e 305,4 kg de gordura em 359 dias; e

LEME'S JACUTINGA HIRCH MO-NARCH, LM, 7.779 kg de leite e 291,0 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA JERSEY

PINEGROVE B. S. HARMONY, LM, 4 anos e 10 meses, 8.066 kg de leite e 407,7 kg de gordura em 365 dias;

RAÇA PARDO SUÍÇO

CORONA ROMILDA HARRY, LM, 3 anos e 9 meses, 6.505 kg de leite e 238 kg de gordura em 346 dias;

ES RAY'S ANN, LM, 9 anos e 3 meses, 7.825 kg de leite e 271,2 kg de gordura em 326 dias;

RAÇA GIR

PLATINA C-1333, LM, 9 anos, 4.167 kg de leite e 202,7 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA GUERNSEY

CERES ERCOLE E. VISTA ITAGUAI, LM, 4 anos e 2 meses, 4.253 kg de leite e 239,0 kg de gordura em 288 dias;

BALA ML D'ABADIA, LM, 6 anos e 3 meses, 4.365 kg de leite e 241,0 kg de gordura em 305 dias.

CRUZAMENTOS DIRIGIDOS

O único rebanho com animais inscritos no PROCRUZA e submetidos ao Serviço de Controle Leiteiro da ABC, pertence a Paujo de Tharso Bittencourt. Nele vamos encontrar duas fêmeas em Livro de Escol, a melhor das quais foi PTB CUM-BICA, que em 305 dias produziu 4.870 kg de leite e 206,6 kg de gordura.

3.^a
EDIÇÃO
Revisão e aumentada

MANGALARGA - E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO

DR. FAUSTO SIMÕES



O cavalo e o homem.
O cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. O Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela.
O que os árabes nos transmitem.
O padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos. As taras. Dos andamentos.

Compensações de defeitos. Pelagens, manchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça. O Mangalarga, O Marchador Mineiro e as demais raças eqüinas nacionais. Avaliação dos eqüinos.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores

À venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA

Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP

Livrarias da Capital e do Interior

Serviço de Controle Leiteiro

DESTAQUES

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

RAÇA HOLANDESA - Variedade vermelha e branca

ÂNCORA JASPER RED DE MEIRELLES, Rg. HB/SP-133970, PCOC GC-3, Pai/C.ROMANDALE JASPER RED Rg. HB/LAA-130, Mãe/AMOREIRA DON DE MEIRELLES Rg. HB/SP-79119, obteve "LE" aos:

2a10m	-	2x	-	5.720	-	190,0	-	3,32%
3a10m	-	2x	-	5.903	-	203,1	-	3,44%
4allm	-	2x	-	6.924	-	238,3	-	3,44%

Prop.: ELZA RIBEIRO MEIRELLES & FILHOS

RAÇA GIR

MARAVILHA LADAINHA EXPOENTE Rg. T-3003, RE, Pai/MARAVILHA EXPOENTE FAIZÃO Rg. A-5222, Mãe/C.A.FÁBULA NAIDU Rg. 2928, obteve "LE" aos:

3a4m	-	2x	-	2.669	-	162,1	-	6,07%
4a6m	-	2x	-	3.418	-	183,3	-	5,36%
5a7m	-	2x	-	3.046	-	162,2	-	5,32%

Prop.: DRS.MANOEL E JOSÉ JOÃO SALGADO RODRIGUES DOS REIS

Estância Kankrej

José Resende Peres



GUZERÁ LEITEIRO,

Garantia de vacas maiores, mais rústicas. Quando o sangue for ficando muito europeu, e a perda de bezerros aumentando... É melhor usar a raça mais rústica do mundo.

Praça José Peres, 17-A
35360, São Pedro dos Ferros, MG
Tels.: (033) 352-1457, 352-1218
No Rio: (021) 265-3654

LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		L	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
RAÇA IRIANDESA - Variedade preta e branca								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
AF Fortaleza Altaoa - R/71165 - IM	FO		2-1	70299	305	7.759	228,8	2,93 Fazenda Fortaleza Ltda
J.P.R.Particula - R/68591 - IE	FO		2-4	77343	305	7.546	250,8	3,31 Joaquim Peixoto Rocha
Basilinha Sultão Rockport-SP/160488 - IE	OCL		2-3	78296	305	5.836	213,4	3,65 Paragon Agropecuária Ltda
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
AF Fortaleza Academia - R/68460	FO		2-11	78595	305	6.295	209,6	3,32 Fazenda Fortaleza Ltda
Santa Cecilia Dominique II Light-R/56939-IE	FO		2-11	77888	305	6.175	210,2	3,40 Arnaldo Mendes de Oliveira
Santa Cecilia Babilara Jetstar-R/67153 - IE	FO		2-11	78138	275	6.074	209,4	3,43 Arnaldo Mendes de Oliveira
Delice Milestone Santa Ordina -PAJ/2484	GIB		2-6	78339	305	5.749	198,2	3,44 Arnaldo Mendes de Oliveira
Santa Cecilia Espana Jetstar-R/66940	FO		2-11	78093	305	5.653	193,6	3,42 Arnaldo Mendes de Oliveira
CLASSE BI - de 3 a 3 1/2 anos.								
Alpina Paragon - SP/164269 - IM		31/32	3-2	74773	305	7.317	257,5	3,50 Paragon Agropecuária Ltda
CLASSE BO - de 3 1/2 a 4 anos.								
Santa Esperança Marina - R/52315	FO		3-6	78299	300	6.898	197,5	2,85 Lázaro de Mello Brandão
J.P.R.Odila - R/53495 - IE	FO		3-8	72941	290	6.873	236,1	3,42 Joaquim Peixoto Rocha
J.P.R.Otilas - R/65004	FO		3-6	70637	305	6.290	207,8	3,28 Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.								
Santa Cecilia D'Arc Princes -R/62900	FO		4-1	73920	292	6.015	204,0	3,39 Arnaldo Mendes de Oliveira
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
Carina Rockport - SP/131353 - IM	POCC		4-7	68362	305	6.911	262,2	3,79 Paragon Agropecuária Ltda
Baronesa da Santa Ordina - SP/137188		31/32	4-6	69739	305	6.669	229,6	3,42 Arnaldo Mendes de Oliveira
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
AF Fortaleza Telma - R/59477 - IM	FO		6-6	69976	305	9.699	323,7	3,33 Fazenda Fortaleza Ltda
Osterade de Mor-O-Mor Sorona-R/45148-IM	FO		6-6	78340	305	8.730	294,4	3,37 Arnaldo Mendes de Oliveira
Rosa Santa Esperança - SP/125413	POCC		5-9	70420	305	7.950	242,0	3,03 Lázaro de Mello Brandão
Ana Citatlon H.de Sta.Margarida-SP/65031	OCL		9-5	56328	305	7.938	263,9	3,31 Paragon Agropecuária Ltda
Vivi Santa Esperança - SP/125414	POCC		5-8	78421	305	7.882	242,7	3,07 Lázaro de Mello Brandão
Napaeuca Baronesa Apollio Pósses	PC		-	58108	305	7.631	246,7	3,22 Paragon Agropecuária Ltda
Wilson Royal Rose - R/52305	FO		6-2	69011	305	7.625	229,8	3,00 José Domingos da Silva
AF Fortaleza Ordina - R/44066	FO		8-4	52032	305	7.595	262,6	3,45 Fazenda Fortaleza Ltda
C.F.Fortaleza Jangada - R/30962 - IM	FO		12-7	37697	305	7.588	249,5	3,27 Fazenda Fortaleza Ltda
C.F.Fabiola Lemparina Pioneer - R/57890	FO		5-10	64820	305	7.119	213,4	2,99 Claudio Venanconi Roberti
Keyline Hecla Midas - R/54136	FO		5-7	71653	305	6.757	207,0	3,06 José Domingos da Silva
Isacema 249 R. Melody Telstar-R/59707 - IE	FO		5-9	73627	305	6.734	239,1	3,55 Claudio Venanconi Roberti
Jangada Regalia Maxera Combination-R/50261	FO		6-4	67198	305	6.617	209,9	3,15 Lair Augusto Saadhi
Fiel 850 Hermosa Finestall-R/46472	FO		6-9	73922	305	6.520	223,4	3,41 Arnaldo Mendes de Oliveira
Baronessa Scotta Net - R/40512	FO		6-0	60512	305	6.301	213,0	3,36 Interagro S/A
Conceição Oriental - R/56215	FO		6-1	61687	294	6.285	216,6	3,43 Arnaldo Mendes de Oliveira
Dois Ordenhas (2x)								
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
Paí D'Alto Urs Astronaut Denise-R/70328-IM	FO		2-2	78582	305	9.086	247,3	2,71 Jacob Rosier Dutilh
Barva Orlândia - SP/163911 - IM		15/16	2-5	78274	305	5.280	194,9	3,69 José Mario J.Netto
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Cerilone MAB - RAJ/1992 - IM	GIB		2-11	79137	305	6.215	202,8	3,24 Maria Aparecida P.Rocha
Ubeda Gay Renda Paí D'Alto - RAJ/2253 - IM	GIB		2-6	78953	305	6.082	188,2	3,09 Jacob Rosier Dutilh
Johanna 752 La Boa Esperança -47711	OCL		2-6	78831	305	5.557	175,2	3,15 Gerrit Verbur-Arapoti
Color Astronaut Bêlica-R/67523 - IM	FO		2-10	78326	305	5.493	199,7	3,61 Lair Antonio de Souza
Baronesa Abba 3 - R/69371	FO		2-6	78054	305	5.478	183,9	3,34 Frederik Kok (27) -Arap.
Sela Merli Anetta 18 Poliction - R/69744	FO		2-9	78807	305	5.447	169,3	3,09 Cornelis J.de Jonge (8) -Arap.
CLASSE B) - de 3 a 3 1/2 anos.								
Belga J Jetstar de Bois Maré - 66690 - IM	OCL		3-5	74530	305	8.490	240,7	2,82 Cornelis J.de Jonge (8) -Arap.
Sower-Hie Starbuck Amy - R/67051 - IM	FO		3-3	74130	305	8.174	237,0	2,90 Donald Graber
Wenceslolla H. Flavela Paí D'Alto-RAJ/1876-IM	GIB		3-1	70852	283	8.163	240,2	2,93 Jacob Rosier Dutilh
Color Woodstar Agilda - R/64594 - IM	FO		3-5	74865	305	7.730	246,2	3,17 Lair Antonio de Souza
Melito Orlândia - R/66276 - IE	FO		3-2	73460	305	5.929	204,7	3,45 Marcio Eliano de Freitas
Aeródia I Orlândia - SP/125515		11/32	3-4	70276	305	5.560	174,6	3,12 José Mario J. Netto
CLASSE BI - de 3 1/2 a 4 anos.								
Codreina Elabo 27 - R/54487 - IM	FO		3-11	73044	305	7.302	223,5	3,06 Leerdert Noordgraaf (24) -Arap.
Tronco do Paí D'Alto - IM/98074 - IM	OCS		3-8	73006	305	7.107	227,4	3,20 Jacob Rosier Dutilh
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.								
Incarnon PG. -GIB/1607 - IE	GIB		4-3	70538	277	6.532	198,0	3,03 Semeritas Agroceres S/A
Sq. Casanga Superior Agria - R/42298	FO		4-0	72473	305	6.442	203,3	3,14 Pecuária Avulsa Ltda
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
Getilim 5 R. Paí de São Manoá - 61842 - IM	OCL		4-9	69623	305	6.997	224,3	3,20 Cornelis J.de Jonge (8) -Arap.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Gelecia Inverçó de Caidas -GIB/1322 - IM	GIB		6-5	60226	305	9.364	354,5	3,77 Guilherme W.Souza Coidas
Wintouglon Ruby - R/50670 - IM	FO		6-5	61623	305	8.339	229,5	2,74 Leerdert Noordgraaf (24) -Arap.
Barreira Real Tratatada P.D'Alto-GIB/644-IM	GIB		7-11	54560	305	7.170	236,3	3,29 Jacob Rosier Dutilh
Vivaxor 3rd Ruby - R/49869	FO		8-9	64926	305	7.116	226,8	3,17 Cornelis J.de Jonge (8) -Arap.
Leonor-Pras Theria Shasta -R/53614 - IM	FO		8-11	73444	305	7.090	237,5	3,33 Lair Antonio de Souza
Baronesa Blau 23 - 53811	OCL		6-2	62369	305	7.042	207,8	2,95 Frederik Kok (27) - Arap.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Produção		%	PROPRIETÁRIO
				Dias de lactação	Leite kg		
P.Charmosa Citation 12 - B/43 935 - LE	PO	7-8	54979	305	7.015	246,0	3,49 S/A Faz.Paraiso Agro Pec.
Aracoti Baronesa Nina 16 - 37596	GC1	7-7	60797	305	6.786	226,0	3,33 Frederik Kok (27)-Aracoti
Bertina da Esplanada - SP/89405 - IM	31/32	8-2	78478	305	6.791	263,1	3,88 Fernando Arens Kiehl e Outros
SJ.Abelia Gay Victoria -B/51970	PO	6-3	62192	305	6.696	215,1	3,21 Pecuária Anhunas Ltda
Batela 660 Dairino - GB/1355	GBB	5-11	63716	305	6.625	208,3	3,14 Pecuária Anhunas Ltda
Elegante Prod Perf. do Helisio-GBH/1850	GBB	5-3	65630	305	6.509	210,8	3,23 Márcio Elísio de Freitas
Shilman Casy Marcus Harbana-B/44406	PO	8-11	53041	305	6.472	214,9	3,30 Donald Graber
Cavale Foby Wendy-B/49170	PO	6-10	59044	305	6.454	214,0	3,30 Lair Antônio de Souza
Justa-Beauty Trixie Raette-B/53320 - LE	PO	6-3	69567	305	6.344	248,3	3,89 José Mario J. Netto
Caerota - IM	NR	-	78287	305	6.283	243,0	3,05 Faz.Engenheiro Ltda
... - SP/134550 - IM	GC1	5-4	73013	305	6.283	243,0	
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca							
Três Ordenhas (3x)							
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.							
GFF Jasper Campoi - RP/BB/6020 - IM	PO	2-6	70313	305	6.172	203,4	3,28 Geraldo Figueiredo Forbes
Albertina's HR Tracy - RP/BB/4790	PO	2-6	77937	305	5.472	166,1	3,01 Pedro Conde
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.							
Aristocrata Jasper GFF - SP/142030 - LE	GC1	4-1	72682	304	7.544	215,1	2,85 Geraldo Figueiredo Forbes
CLASSE CE - de 4 1/2 anos a 5 anos.							
Campo Verde Fob Vibriana - BR/6332 - IM	PO	4-10	78703	305	7.436	226,0	3,02 Olympio A.S.Aranha Stockler
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Afilia OC Betina's - RJ/694	PO	7-6	55341	305	8.418	220,7	2,61 Pedro Conde
Albertina's MSB Shanghai -	PO	-	78308	289	5.631	171,9	3,03 Pedro Conde
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.							
Cruzeiro Harmonia Pegasus Red - BR/7748 - IM	PO	2-5	78467	305	4.697	166,1	3,51 João Reposo dos Reis
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.							
S.N.Cherry I Gord Citation-BR/8026-IM	PO	2-10	79061	305	5.957	169,5	2,84 Laércio Valle Nicolson.Arap.
Bonita Strickler da Ovelaria-SP/161093-LE	OC8	2-7	77910	305	5.074	177,6	3,50 Henrique A.Weyerreis.Hol.
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.							
Ira de Bragança-SP/36941 - LE	GC3	4-5	74468	305	6.124	192,3	3,12 Olympio A.S.Aranha Stockler
Rolanda Luna Jasper - BR/6378 - LE	PO	4-5	78250	305	5.902	190,8	3,21 Henrique A.Weyerreis.Hol.
CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos.							
Antora Jasper Red de Meirelles-GB/133970-LE	OC3	4-11	69150	305	6.924	230,3	3,44 Elza F.Meirelles e Filhos
Ribeirão Libelula Rusty-BR/6691- IM	PO	4-7	78530	305	5.661	218,0	3,83 Guilherme e Dêcio M.Ribeiro
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Gonzika Fancy Nico - SP/128167 - IM	GC2	5-2	67730	305	6.612	203,8	3,08 Antonio Bassoli
Carolina Jasper Red de Meirelles-SP/133969-IM	GC1	5-3	60199	305	6.528	201,0	3,06 Elza Ribeiro Matias e Filhos
Doreia Siles Royal Red - BR/5610 - IM	PO	5-6	78065	305	6.359	201,7	3,15 João Reposo dos Reis
Cristina SCS Rafael - 75992	31/32	9-0	50771	305	6.332	194,7	3,06 Agro Pec.e H.S.Indeiro Ltda
Relline Astrus Red - BR/5214 - IM	PO	8-4	55194	305	6.257	219,4	3,47 Geraldino Metal Madureira
Marcia Rebel de Meirelles-GB/846-LE	GBB	5-6	67972	305	6.066	220,5	3,61 Elza R.Meirelles e Filhos
C.Mixidry Jemimah Red Red-IM/762-LE	PO	5-11	68934	305	5.990	247,8	4,13 Antonio de Toledo L.Netto
Celina Baby S.Sebastião BR-SP/64967 - IM	POOD	9-3	54990	305	5.914	215,3	3,62 Johannes M.M.V.de Groen.Hol.
Neuro Alto Faceira Transmitter Jack-BR/3274	PO	10-10	41953	305	5.887	197,3	3,35 João Passarelli
Duas Ordenhas (2x)							
Raça Jersey							
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.							
Goddie Title do Butiã - 16610-C - IM	PO	2-5	78148	305	3.855	198,6	5,12 José Ronald Bertagnolli
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.							
Highskillen Supreme Beulah J W Q-15487-C -IM	PO	3-11	70147	305	4.352	219,0	5,03 José Ronald Bertagnolli
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.							
Lilylee J.P.Lucky - 15000-C - IM	PO	4-9	74293	305	5.411	286,6	5,27 José Ronald Bertagnolli
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Luzia Milstone Parahana - 12887-C - IM	PO	5-7	78493	305	5.144	202,0	3,90 José Ronald Bertagnolli
Liziana Title do Butiã	NR	-	74889	305	3.864	185,4	4,77 José Ronald Bertagnolli
Três Ordenhas (3x)							
Raça Parda Suíça (Schwyz)							
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.							
Golconda B.C. Improver I - 309593 - LE	PO	3-3	77801	300	4.491	171,5	3,81 Fernando Prado Rennó
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.							
Santa Isidoro Celina - 207654 - IM	PO	3-8	78448	305	4.953	173,8	3,49 Agro Pec.e H.S.Indeiro Ltda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Lira 891-84 Arth - 8931	PO	-	78450	305	5.185	174,6	3,36 Agro Pec.e H.S.Indeiro Ltda
Duas Ordenhas (2x)							
Raça Guernsey							
CLASSE AE - de 2 1/2 a 3 anos.							
Faz Focada Top Hornet D'Abadia-1192 - LE	PO	2-8	80506	305	3.703	200,3	5,41 Custódio Cabral de Almeida
Faz Focada Top Hornet D'Abadia-1193 - LE	PO	2-8	80504	297	3.594	197,4	5,49 Custódio Cabral de Almeida
Faz Focada Top Hornet D'Abadia-1194 - LE	PO	2-8	80503	289	3.208	177,8	5,54 Custódio Cabral de Almeida
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.							
Faz Júpiter Big D'Abadia Caf - 1113 - IM	PO	3-7	80181	305	3.514	183,5	5,22 Custódio Cabral de Almeida
Faz Júpiter Eldorado D'Abadia- 1147 - LE	PO	3-11	80313	303	3.300	186,4	5,64 Custódio Cabral de Almeida
CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos.							
Faz Iria Eldorado D'Abadia-1100 - LE	PO	4-6	80351	294	4.633	242,3	5,22 Custódio Cabral de Almeida
Faz Inglês Roy D'Abadia-1098 - LE	PO	4-6	80218	305	3.858	206,2	5,34 Custódio Cabral de Almeida
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Faz Iria Big D'Abadia - 1070 - LE	PO	5-1	70805	304	3.852	205,7	5,34 Custódio Cabral de Almeida

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
S.V. Lima Cili Rêre	PO	2-10	60	172	23,0 3,30
S.V. Indica Alentejo	PO	4-0	60	165	20,0 3,44
S.V. Indocenta Brasil	PO	4-1	60	169	19,0 3,77
S.V. Induir Corinto	PO	3-11	60	161	21,0 3,47
S.V. João Chris	PO	3-3	60	187	20,0 3,52
S.V. Jaelina Titam	PO	3-1	60	175	17,0 3,59
S.V. Jekouira Brasil	PO	3-1	60	174	14,0 3,84
S.V. Jekouira Titam	PO	3-1	60	158	19,0 3,48
S.V. Jekouira Sain	PO	3-3	60	159	17,0 3,38
S.V. Jekouira Capela	PO	7-3	50	132	19,0 3,26
S.V. Jekouira Brasil	PO	4-9	50	127	23,0 3,62
S.V. Jekouira Brasil	PO	4-4	50	125	21,0 3,47
S.V. Jekouira Corinto	PO	6-0	40	113	20,0 3,74
S.V. Jekouira Capela	PO	7-4	40	107	20,0 3,55
S.V. Jekouira Titam	PO	7-2	40	94	25,0 3,31
S.V. Jekouira Rodwan	PO	4-1	40	89	21,0 3,28
S.V. Jekouira Alentejo	PO	7-5	30	72	20,0 3,20
S.V. Jekouira	PO	11-8	30	64	22,0 3,40
S.V. Jekouira	PO	10-3	30	62	22,0 3,28
S.V. Jekouira Titam	PO	9-2	10	5	20,5 3,62
S.V. Jekouira Sain	POCC	4-7	100	288	17,0 3,53
S.V. Jekouira Sain	POCC	3-2	90	245	18,0 3,59
S.V. Jekouira Sain	POCC	7-5	90	243	15,0 3,74
S.V. Jekouira S.V.	POCC	3-10	70	208	19,0 3,47
S.V. Jekouira S.V.	POCC	4-1	70	194	13,0 3,90
S.V. Jekouira S.V.	POCC	10-10	60	181	16,0 3,74
S.V. Jekouira S.V.	POCC	3-3	50	148	21,0 3,52
S.V. Jekouira S.V.	POCC	3-3	50	135	20,0 3,30
S.V. Jekouira S.V.	POCC	3-3	50	131	19,0 3,36
S.V. Jekouira S.V.	POCC	7-9	40	106	17,0 3,75
S.V. Jekouira S.V.	POCC	7-7	30	64	24,0 3,16
S.V. Jekouira S.V.	POCC	8-5	10	11	25,0 3,21
S.V. Jekouira Sain	PO	7-3	120	351	13,0 3,87
S.V. Jekouira Sain	PO	4-10	110	307	13,0 3,72

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Sob. Milestone Elegante	PO	4-3	20	37	19,0 3,26
Sob. Miles Fociera	PO	3-9	20	55	23,0 3,12
Sob. Tradition Gavriola	PO	2-2	20	62	18,0 3,20
Sob. Friend Gazeta	PO	2-2	20	72	20,0 3,60
WV 97	HR	-	10	11	20,0 3,47
F. H. C. Hérica	PO	4-11	19	27	17,0 3,29
Peônia	PL/12	6-2	19	6	16,0 3,71

João Figueiredo Prota, Vargem, Est. de Minas Gerais, Controle em 04/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

SS Anarabada Superior	PO	3-0	70	188	21,0 3,15
Agucena Penetar SS.	GBB	4-0	30	80	20,0 4,21
Adriane Penetar SS.	GBB	3-10	20	53	28,0 2,63
Adriane Harvey SS.	GBB	-	40	114	23,0 3,58
Arcene Harvey SS.	GBB	4-2	30	91	25,0 3,58
Bacerra Chip's SS.	GBB	3-8	30	73	22,0 3,33
Caasia Proal SS.	GBB	2-6	20	59	21,0 3,42
Caasia Kewego SS.	GBB	2-8	20	46	22,0 3,21
SS Rosana Bookmaker	PO	8-11	40	129	26,0 3,25
Benlaci Naveira Borracha	PO	6-8	40	227	25,0 3,32
Benlaci Legosta Lentina Prot.	PO	6-7	70	220	24,0 3,25
Bintira Ouro Verde SS.	OC2	8-0	80	227	24,0 4,20
SS Tijuca Naget	PO	7-3	100	279	25,0 2,71
Toon Perseus SS.	OC2	8-1	40	117	27,0 4,08
Uigape Perseus SS.	OC1	7-1	40	121	25,0 3,61
Uriona Macan	OC2	6-9	30	70	31,0 2,99
SS Urupa Bookmaker	PO	6-10	40	183	27,0 3,69
SS Astronaut SS.	GBB	7-2	20	60	33,0 3,49
Verlice Rodman SS.	GBB	6-5	50	156	25,0 2,99
Vargem Astronaut SS.	OC5	6-2	20	55	32,0 2,88
SS Veroscora Astronaut	PO	6-0	50	144	21,0 3,11
SS Seda Sol.	PO	4-2	50	154	26,0 3,15
SS Silda Astronaut	PO	5-1	50	129	22,0 3,25
Silva Altman SS.	PO	-	30	81	24,0 3,31
SS Odetilde Max	PO	11-2	10	18	28,0 3,08
Angela Astronaut SS.	GBB	4-7	10	21	28,0 2,71
Alvaresa Superior SS.	GBB	4-3	10	32	30,0 2,84
Orari Bookmaker SS.	GBB	7-3	10	12	26,0 3,62
Arline Harvey SS.	GBB	4-4	10	28	29,0 2,86

João P. Victor dos Santos, Elói, Minas Gerais, Controle em 09/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Flores de Bom Sucesso	OC1	8-10	60	183	19,0 3,60
Burca's Elma Bookmaker	PO	8-4	30	69	18,0 3,11
Elis de Ana Barbara	OC1	3-7	30	92	13,0 4,06
Marieta de Fátima	OC1	6-9	60	174	15,0 2,23
Faguera de Bom Sucesso	OC1	7-3	40	96	21,0 3,07
Elis de Ana Barbara	OC1	3-2	30	89	17,0 3,04
Viviane Alister Viam	PO	8-0	80	234	14,0 4,01
Liberto de Bom Sucesso	OC3	4-6	20	53	23,0 2,88
Liberto de Bom Sucesso	OC2	4-7	20	25	22,0 2,77
Ana Barbara Concordia Ilav.	PO	2-4	20	39	13,0 2,88
Ana Barbara Neliwa Jetstar	PO	2-5	40	134	13,0 2,50
Bom Sucesso Copa Pinacop	PO	6-2	40	122	17,0 3,33
Caigara de Bom Sucesso	OC3	4-10	70	211	13,0 4,04
Cláudia Astronaut Virindé	OC1	5-11	40	125	17,0 3,43
Cláudia de Ana Barbara	OC2	2-7	40	93	34,0 4,37

Derval Antonio Galotto, Corgalinho, Est. de São Paulo, Controle em 01/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 1 e 2 ordenhas.

1 ordenhas					
MS Ivan Silda Astroelino	PO	4-1	50	143	25,0 3,56
2 ordenhas					
Bravura MS	POCC	7-9	110	322	18,0 3,48
Justara MS	OC1	5-11	100	280	17,0 3,43
Hopona MS	OC1	4-2	60	175	20,0 3,40
Realy Valkyria Superior	PO	2-11	60	181	25,0 2,81
Adina D.A.H.	PL/12	2-10	60	166	19,0 3,43
Loonade MS	OC1	6-1	60	135	26,0 2,94
Hediacreta MS	OC1	7-1	50	188	28,0 2,83
Correia MS	PL/12	8-5	70	217	26,0 3,37
Assessora MS	OC1	5-10	60	181	35,0 2,99
Angelina D.A.H.	PL/12	3-6	30	81	22,0 2,90
Balida Gelariz de Garçaç	POCC	6-3	30	79	26,0 3,07

Carlos Cesarino Rossi Lima, Jardimópolis, Est. de São Paulo, Controle em 02/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Grant D. Lark Nara	PO	10-1	90	270	23,0 3,48
Oveta 561 Agrovisão Sybel	PO	8-6	20	53	18,0 2,80
Oveta 540 Ilustração Sybel	PO	8-5	20	11	19,0 2,90

Donald Greder, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 10/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Perseus Jupiter Dimer	PO	4-6	50	133	28,0 3,60
Millicentum San Lima	PO	3-10	40	116	24,0 3,20
Willow Terrace J. Haffin	PO	3-10	40	97	41,0 2,34
Gofman E.P. Dora	PO	3-8	40	101	26,0 3,40
Perseus Chief Cristina	PO	4-11	40	101	34,0 2,91
Perseus Gay Dimer	PO	3-4	40	103	24,0 3,07
Perseus Harvey Ella	PO	3-4	40	109	26,0 3,43
Gandharu Ken Ray Elyse	PO	3-11	30	71	30,0 2,54
Perseus Gay Carmela	PO	5-7	30	93	29,0 2,44
Perseus Jupiter Dimer	PO	7-3	30	85	28,0 2,95
Perseus Valiant Belinda	PO	3-2	30	90	27,0 3,04
Lo-Pine Valiant Daisy Mae	PO	4-0	70	34,0 3,60	
Straplines Harvey Bertie	PO	3-11	30	77	23,0 3,93
Perseus Chief Ben	PO	3-4	70	198	27,0 2,50
Perseus Nippy Dee	PO	3-7	70	196	26,0 2,90
Perseus Tippi Dancer	PO	3-5	70	196	25,0 2,94
OC1-Creech Nippy Noidant	PO	3-8	60	169	24,0 3,19
Willow Terrace Gemini Ruby	PO	3-2	60	172	25,0 2,76
Straplines Ringing Daisy HT	PO	4-8	60	163	24,0 2,95
Fin Ray Grand Ruby	PO	3-6	60	175	24,0 2,67
Perseus Jupiter Dimer	PO	3-5	60	175	23,0 2,39
Perseus Valiant Emerald	PO	3-2	50	180	23,0 2,71
Perseus Francisco Dimer	PO	3-6	60	181	18,0 2,80
Perseus Diana Elizabeth	PO	2-8	60	176	18,0 2,79
Perseus Willow Night	PO	2-7	50	154	17,0 3,15
San-Ray Prud Melany	PO	3-4	90	257	28,0 2,45
Lo-Pine Gemini Nerys	PO	3-6	90	238	27,0 3,97
Chardine Willow Silasara	PO	3-8	60	222	22,0 3,37
Willow Terrace Fortune Carol	PO	3-8	60	215	19,0 3,65
Perseus Valiant Beretela	PO	2-5	80	208	19,0 4,20
Lail Van Perseus	OC1	5-10	90	282	24,0 2,99
Perseus Astronaut Fátima	PO	2-3	70	183	26,0 3,19
Perseus Harvey Fama	PO	2-3	100	229	25,0 2,55
Perseus Chief Patricia	PO	2-2	30	73	36,0 2,40
Perseus Jupiter Elia	PO	3-7	20	66	33,0 2,09
Perseus Chief Sanni	PO	4-3	20	63	22,0 3,33
Perseus Elizabeth Carla	PO	4-9	20	58	23,0 3,24
Perseus Harvey Beretela	PO	3-3	20	53	29,0 3,99
Perseus L. Star Dallas	PO	4-8	10	10	27,0 2,98
Perseus São Paloma	PO	2-0	10	20	27,0 2,45
Perseus Chief Siana	PO	4-7	10	10	31,0 4,54
Perseus Elizabeth Elliot	PO	3-0	10	10	35,0 2,70
Perseus Elizabeth Elliot	PO	3-6	10	10	34,0 2,49
Perseus Willow Dallas	PO	3-6	110	325	22,0 3,70
Perseus Saina Gerdiria	PO	5-2	100	272	29,0 2,35

Assessor Agrícola S/A, Santa Cruz das Palmeiras, Est. de São Paulo, Controle em 14/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Yetta A.S.	GBB	3-8	110	320	19,0 4,40
Babe A.S.	GBB	6-6	100	276	20,0 4,43
Unguis A.S.	GBB	4-11	80	227	23,0 3,71
Varese A.S.	OC2	5-7	70	235	19,0 4,39
Yetta A.S.	GBB	4-7	60	227	19,0 4,20
Yetta A.S.	GBB	6-0	70	207	24,0 3,48
Yetta A.S.	GBB	6-2	60	152	15,0 4,72
Yetta A.S.	OC1	3-5	60	179	23,0 3,76
Yetta A.S.	GBB	11-2	60	176	18,0 3,22
Yetta A.S.	GBB	3-8	60	170	19,0 4,07
Yetta A.S.	GBB	7-11	40	106	26,0 3,01
Yetta A.S.	GBB	6-3	60	113	29,0 4,44
Yetta A.S.	GBB	7-2	60	93	22,0 3,87
Yetta A.S.	GBB	4-7	60	88	25,0 3,26
Yetta A.S.	GBB	3-4	40	99	17,0 4,85
Yetta A.S.	GBB	2-7	20	83	19,0 3,44
Yetta A.S.	GBB	5-3	10	3	20,0 2,53

Wesley Colombini, Araras, Est. de São Paulo, Controle em 12/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

F. L. C. Demétrio	PO	4-7	60	90	22,0 3,20
F. L. C. Demétrio	PO	4-4	60	94	18,0 3,48
W. F. Friend Grafia	PO	2-2	30	60	16,0 3,47

FAZENDA PINHALZINHO - Araras - SP

Tel. (0195) 41-5567

Venda permanente de matrizes holandesas PB — registradas e cruzadas prenhas e tourinhos — oriundos de inseminação de touros provados.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	% Leite
Dr. Geraldo Figueiredo Freitas, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 20/12/94, Registro de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
Clareta Páez G.P.F.	OCI	3-1	29	36	24,0 2,59
Família Superior de Agricultura Leite de Doctores Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 06/11/94, Registro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Bealê Tadeu Ideal	PO	3-11	99	260	16,0 2,95
Bealê Tula Nestor	PO	4-0	89	226	14,0 2,95
Bealê Ozeas Star	PO	6-5	79	216	10,0 3,14
Bealê Guacel Charm	PO	6-5	79	192	17,0 2,90
Bealê Nil Performer	PO	2-4	69	182	11,0 2,85
Bealê Ylvetta Elm	PO	3-3	61	174	17,0 2,98
Bealê Vignette Performer	PO	2-11	61	167	13,0 2,95
Bealê Juarezca	PO	13-0	50	134	14,0 2,95
Bealê Rosi Ideal	PO	5-6	50	135	21,0 3,94
Bealê Cristiana Nestor	PO	4-0	40	115	21,0 3,10
Bealê Taffy Ideal	PO	4-3	40	109	20,0 2,75
Bealê Valente Performer	PO	3-4	39	83	21,0 2,90
Bealê Wiltona Madson	PO	5-0	38	88	16,0 2,65
Bealê Tami Charm	PO	3-5	37	71	23,0 2,98
Bealê Seyra Nestor	PO	2-5	30	69	19,0 2,85
Bealê Vanessa Ideal	PO	4-4	26	56	16,0 2,89
Bealê Xirapuca Nestor	PO	4-11	20	49	20,0 2,84
Bealê Akari Reflection	PO	3-1	20	41	18,0 2,86
Bealê Tami Charm	PO	3-4	19	30	17,0 2,83
Bealê Ozeas Nestor	PO	6-11	19	14	35,0 2,86
Bealê Jay Ideal	PO	4-7	19	7	16,0 2,84
Bealê Tereziola Nestor	PO	3-1	19	23	15,0 3,04
Colégio Adventista Brasileiro, Santo Inácio, Est. de São Paulo, Controle em 23/11/94, Registro de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
C.A.S. Regina Deseobê Chief	PO	5-1	100	291	16,0 3,48
C.A.S. Rereza Beauty Priority	PO	6-1	118	337	13,0 3,84
C.A.S. Rereza Margie Boston	PO	4-9	100	14	22,0 3,09
C.A.S. Valinda Negro Star	PO	3-7	99	14	17,0 3,85
C.A.S. Vanessa Chris	PO	5-7	99	78	17,0 3,37
C.A.S. Vanessa Sitabê Margie	PO	3-5	89	230	14,0 4,20
C.A.S. Vanessa Performer	PO	2-5	100	11	14,0 3,94
C.A.S. Vanessa Nestor	PO	4-5	99	77	19,0 3,50
C.A.S. Vanessa Star	PO	4-8	100	355	15,0 3,50
C.A.S. Vanessa Azevedo	PO	4-9	69	177	20,0 2,94
C.A.S. Vanessa Royal Friend	PO	4-2	118	176	14,0 3,28
C.A.S. Valinda Cit. Margie	PO	6-2	98	150	20,0 3,26
C.A.S. Virgínia Theodora Talaraz	PO	6-0	89	86	15,0 4,49
C.A.S. Vivia Elevation Marg	PO	3-9	90	73	16,0 3,63
Beasas	-	-	20	40	20,0 3,03
Carolina Rmz. C.A.S.	GBB	10-6	89	234	13,0 3,51
C.A.S. Deseobê Performer	PO	-	20	43	14,0 3,90
C.A.S. Flávia Nestor	PO	10-0	29	21	14,0 3,55
C.A.S. Práxia Star	PO	5-1	89	163	14,0 3,25
C.A.S. Françoise Negro Star	PO	3-3	99	120	22,0 3,17
Margie Netto Ray Apple	PO	10-1	49	144	14,0 3,00
C.A.S. Klezandra Marg	PO	4-4	89	80	13,0 3,28
C.A.S. Letícia Sander Margie	PO	6-1	69	89	28,0 3,53
C.A.S. Letícia Sander Margie	PO	6-4	69	163	15,0 3,60
C.A.S. Lúgine Margie Sander	PO	4-6	99	236	15,0 3,60
C.A.S. Pádua Marg	PO	4-8	99	177	14,0 3,50
Françoise C.A.S.	GBB	5-10	89	226	14,0 3,83
C.A.S. Quênia Margie	PO	4-0	99	158	17,0 3,41
Margie Netto Classic Margie	PO	6-6	99	259	14,0 3,27
C.A.S. Regina Azevedo	PO	4-3	19	34	25,0 3,84
Oceano Solar, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 21/11/94, Registro de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
Chrysomel Sander Alb. Azevedo	PO	3-3	69	179	13,0 3,29
Chrysomel Sander Leo	PO	6-3	69	176	16,0 3,89
Chrysomel Sander Leo	PO	6-3	69	176	14,0 4,07
Chrysomel Sander Sander	PO	4-11	49	175	16,0 4,20
Oceano Azevedo Ozeo	PO	3-4	69	174	13,0 3,70
Shagone 889 Tíndia Leontis	PO	6-4	69	173	15,0 3,17
Oceano Azevedo Camo	PO	3-1	69	172	14,0 3,33
Oceano Woz. Colômbia	PO	3-1	69	172	17,0 3,71
Lancelotti Sander Sander	PO	6-8	39	162	14,0 4,04
Cleopatra Nete Leo	PO	6-4	39	161	16,0 3,75
Yoshue Sander Sander Leo	PO	7-1	39	169	13,0 4,04
Bealê Pary Sander	PO	6-5	39	148	21,0 3,27
Spangeliada Sander Sander	PO	6-8	39	148	13,0 3,38
Oceano Sander Sander	PO	3-5	39	124	15,0 3,10
Bealê Vivia Sander Sander	PO	4-8	39	124	16,0 3,54
Chrysomel Sander Sander	PO	3-0	39	118	13,0 4,03
Bealê Sander Sander	PO	6-8	39	117	21,0 3,81
Oceano Sander Sander	PO	3-2	39	114	14,0 3,22
Oceano Sander Sander	PO	3-0	39	101	16,0 2,85
Bealê Sander Sander	PO	4-11	39	89	19,0 2,89
Bealê Sander Sander	PO	6-10	39	69	20,0 3,41
Bealê Sander Sander	PO	5-5	39	59	22,0 3,50
Bealê Sander Sander	PO	4-7	19	47	22,0 3,82
Bealê Sander Sander	PO	4-5	10	1	25,0 3,00
Oceano Sander Sander	PO	2-4	10	30	26,0 2,24
Bealê Sander Sander	PO	5-1	10	26	14,0 3,25
Bealê Sander Sander	PO	5-1	10	26	17,0 4,18
Oceano Sander Sander	PO	6-2	39	320	17,0 3,80
Oceano Sander Sander	PO	3-1	39	213	20,0 3,31
Oceano Sander Sander	PO	3-3	39	201	19,0 3,54
Bealê Sander Sander	PO	4-4	39	201	14,0 4,24
Oceano Sander Sander	PO	6-3	39	200	13,0 3,13
Joko Antonio Delgado Neto e Filhos, Ponta Grossa, Est. de São Paulo, Controle em 04/11/94, Registro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Tigressa Margie	POC	4-0	10	8	20,0 3,14
Jay-J. Sander Sander	PO	4-3	10	22	21,0 3,30
Jay-J. Sander Sander	PO	3-5	10	35	21,0 3,53

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	% Leite
Alfama Marahá					
Alfama Marahá	PO	31/32	-	29	23,0 2,25
Capriciosa Marahá	OCI	31/32	-	29	23,0 2,25
Abadessa Marahá	GBB	6-7	29	118	19,0 3,40
Pequena de Pau D'Alho	PO	4-4	49	130	19,0 3,40
Jov. I. Adriana II Marahá Cit.	PO	3-11	49	162	19,0 3,40
Jay-J. Ayoçá Polenta Star	PO	3-11	49	206	19,0 3,40
Amara Marahá	OCI	2-9	59	208	19,0 3,40
Jay-J. Britânica Tarifa Root	OCI	3-7	79	227	19,0 3,40
Kidnada Marahá	PO	2-6	89	303	19,0 3,40
Albana Marahá	OCI	3-0	109	286	19,0 3,40
S.M. Lena XXX Five Jostar	PO	2-11	99	-	-
Antonio Bassoli, Curitiba, Est. de São Paulo, Controle em 24/12/94, Registro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Farda Star Batalia do P.O'Alho	GBB	7-6	69	177	23,0 3,11
Fial Uruguaia Tigra R.J.H.	PO	9-5	59	177	24,0 2,70
Dr. Pedro Cavio, Sorocaba, Est. de São Paulo, Controle em 05/12/94, Registro de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
Albertina's NBT Tadeu TE	PO	2-11	29	81	22,0 3,19
Albertina's M1 Talaranda	PO	3-7	29	45	21,0 2,74
Dr. Carlos Alberto Julio Johnson, Japartina, Est. de São Paulo, Controle em 23/11/94, Registro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Richard Brita Chief Betsy	PO	5-7	49	102	26,0 3,11
Paradek Performer Lotta	PO	2-4	49	59	19,0 3,58
Cinderella Priority do Francis	OCI	2-0	29	25	19,0 3,17
Doroteia Haven de Francis	OCI	4-1	99	221	20,0 3,80
Francis Elva Dow Astronaut	PO	4-7	29	111	16,0 3,40
Sherry Murray M. de Francis	OCI	3-11	89	141	19,0 3,44
Flore Royal de Francis	OCI	3-2	49	62	19,0 3,44
Flueta Daka de Francis	OCI	2-8	99	154	24,0 3,38
Gracia Vary de Francis	OCI	2-9	39	64	21,0 3,38
Gene Daka de Francis	PO	2-5	69	140	25,0 3,42
Francis Garcia Ruth Talent	PO	8-1	59	47	23,0 3,30
Cromossada Tigra Talent	PO	2-4	29	61	20,0 3,25
Francis Girafa Janet M. Hobar	PO	2-4	29	36	20,0 3,54
Francis Girafa Tigra Talent	PO	2-4	29	36	20,0 3,54
Cromossada Tigra Daka	PO	8-1	29	9	16,0 3,54
Octagone Fides Ledy	PO	7-0	29	39	20,0 3,54
Gracia Vary de Francis	OCI	2-8	19	15	19,0 3,54
Gletry Dengo de Francis	OCI	2-7	19	14	19,0 3,54
Gracia de Francis	PO	2-4	19	-	-
Dr. Marco Elisio de Freitas, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 29/12/94, Registro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Orelisa Sander do Melisso	GBB	4-9	29	59	32,0 3,16
Gene Sander do Melisso	GBB	6-5	29	102	27,0 3,56
Gene Sander do Melisso	GBB	6-4	16	26	19,0 4,31
Gene Sander do Melisso	GBB	5-0	99	156	28,0 3,20
Gene Sander do Melisso	GBB	5-3	29	181	20,0 3,17
Gene Sander do Melisso	OCI	4-0	69	27	23,0 3,14
Gene Sander do Melisso	GBB	4-8	16	105	22,0 3,42
Gene Sander do Melisso	GBB	3-5	49	42	21,0 3,42
Gene Sander do Melisso	GBB	3-1	39	149	21,0 3,42
Gene Sander do Melisso	PO	10-1	29	208	19,0 3,42
Gene Sander do Melisso	PO	6-1	49	75	19,0 3,42
Gene Sander do Melisso	PO	4-6	29	215	26,0 3,38
Gene Sander do Melisso	PO	5-7	29	72	21,0 3,33
Gene Sander do Melisso	PO	4-7	29	96	21,0 3,43
Gene Sander do Melisso	PO	5-6	29	171	20,0 3,43
Gene Sander do Melisso	PO	4-4	19	170	24,0 3,18
Gene Sander do Melisso	PO	3-6	39	80	26,0 3,58
Gene Sander do Melisso	PO	6-11	29	71	21,0 3,58
Gene Sander do Melisso	PO	3-6	29	23	25,0 2,99
Gene Sander do Melisso	GBB	3-1	29	23	25,0 2,99
Dr. Galvanes Walter Soares Galvão, Mogi-Guaçu, Est. de São Paulo, Controle em 11/11/94, Registro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Galvão Sander Dura	PO	4-6	20	59	33,0 1,40
Galvão Sander Dura	PO	1-11	30	68	30,0 1,43
Galvão Sander Dura	PO	2-6	30	105	25,0 2,99
Galvão Sander Dura	PO	2-3	29	40	27,0 2,44
Galvão Sander Dura	PO	2-7	29	242	25,0 1,14
Galvão Sander Dura	PO	2-3	29	55	28,0 1,05
Galvão Sander Dura	PO	2-2	29	6	27,0 1,05
Galvão Sander Dura	PO	1-8	19	6	24,0 1,10
Galvão Sander Dura	PO	1-10	19	2	26,0 1,09
Galvão Sander Dura	PO	1-7	19	1	25,0 1,10
Galvão Sander Dura	PO	1-8	19	91	25,0 1,10
Galvão Sander Dura	PO	1-7	19	127	24,0 1,10
Galvão Sander Dura	PO	4-0	99	155	24,0 1,29
Galvão Sander Dura	PO	7-0	69	61	28,0 2,68
Galvão Sander Dura	PO	3-3	39	202	28,0 2,68
Galvão Sander Dura	PO	3-2	39	224	23,0 1,70
Galvão Sander Dura	PO	2-9	29	54	37,0 1,52
Galvão Sander Dura	PO	2-4	29	93	37,0 1,52
Galvão Sander Dura	PO	7-1	29	35	26,0 1,46
Galvão Sander Dura	PO	8-10	29	196	25,0 1,23
Galvão Sander Dura	PO	3-1	29	203	20,0 2,58
Galvão Sander Dura	PO	3-1	29	203	20,0 2,58
Galvão Sander Dura	PO	2-3	29	174	21,0 1,09
Galvão Sander Dura	PO	3-4	29	109	24,0 1,14

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Lobrador Astronaut Daphne	PO	6-8	19	21	33,0	3,50
Caldeas Ford Brita	PO	2-4	19	17	20,0	3,52
Caldeas Chief Elevation American	PO	5-4	19	6	29,0	3,15

Leite Auguste Suedi. São José dos Campos. Est. de São Paulo. Controle em 27/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Belasuco	NR	-	19	10	19,0	3,52
Eone C.A.Y.	15/16	3-1	59	148	16,0	3,41
Ilustrada 32 Deflect-S. Helena	OCL	4-4	49	156	16,0	3,11
Muladras Claudia Elegante C.A.Y.G.C.I.	OCL	4-8	29	55	20,0	2,91
Farmeira	31/32	7-4	29	70	17,0	2,08
Netticia	31/32	7-8	29	102	17,0	3,43
Corcora C.A.Y.	11/32	8-3	59	72	16,0	3,03
Trovanca Capote M.	OCL	7-7	69	144	15,0	2,97
Lindaia C.A.Y.	31/32	7-4	29	171	16,0	2,43
				94	17,0	2,25

Granada Agro Pec. S/A. Lins. Est. de São Paulo. Controle em 16/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
R.C. João Chief S. Nele	PO	5-5	119	257	13,0	3,71
Blackfoot Tidy Hix Twin	PO	9-5	89	236	23,0	3,89
Leitila Beatrice Garcia Election	PO	7-10	89	229	22,0	3,76
Cruzeiro Beauty Marque Melody	PO	7-0	59	146	22,0	3,59
Crossbreed Norma Stella	PO	6-2	109	302	18,0	3,71
Rebecca Mark Pauline	PO	6-10	79	221	20,0	3,65
Alan's 85 Neptunia Nele Dorado	PO	6-3	79	202	15,0	4,07
Louisa Diana J. Bastilha	PO	3-4	29	63	22,0	3,80
Wilouath Ray Red	PO	8-4	49	160	24,0	3,40
Martina's Neutron Hill	PO	7-7	89	254	14,0	3,48

Monsu Neptunia de Freitas. Itapira. Est. de São Paulo. Controle em 06/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Gerrinda Alamyri	31/32	6-7	69	164	20,0	3,37
Lindéia Alamyri	PCDD	5-10	89	212	19,0	3,32
Palmeira Alamyri	PCDD	5-7	39	64	24,0	3,90
Caicara Alamyri	PCDD	5-4	59	123	20,0	4,62
Heli Atlas	OCL	5-5	39	81	29,0	2,57
Nilma Hany Maber Alamyri	OCL	2-11	79	182	18,0	2,85
Lufia Atlas	OCL	7-5	79	185	25,0	4,07
Luna Atlas	PCDD	7-8	39	84	24,0	3,43
Norcia Alamyri	PCDD	5-4	69	150	30,0	3,57
Norcia Atlas	OCL	4-10	69	161	24,0	2,15
Alma Atlas	31/32	9-0	49	103	24,0	3,05
Alamyri King Beaulia	PO	3-6	49	93	20,0	2,88
Alamyri Milestone Beaulia	PO	3-5	59	135	20,0	3,13
Alamyri Erias Dewand	PO	3-2	39	78	22,0	3,08
Alamyri Pali Alamyri	OCL	3-7	19	1	24,0	3,70
Alamyri Milestone Britania	PO	3-8	19	8	29,0	3,40

Itapira Serviços Rural S/C Ltda. Itapira. Est. de São Paulo. Controle em 07/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Mirante Lester Camélia	PO	3-1	109	288	15,0	3,93
Mirante Robinson Camélia	PO	3-6	49	87	23,0	3,59
Mirante Carlida	PO	3-7	29	59	22,0	3,89
Mirante Rio Casella	PO	3-3	89	227	20,0	3,64
Mirante Quarenta Clonaz	PO	2-0	109	292	13,0	3,75
Mirante Dama Cassandra	PO	2-10	59	129	22,0	3,49
Mirante Alvo Mécia	PO	3-5	69	151	18,0	3,63
Mirante Andriana	PO	5-3	19	10	17,0	3,48
Mirante Rubea Adriana	PO	5-4	19	12	18,0	3,51
Mirante Dutch Elva	PO	5-3	19	25	20,0	3,66
Mirante Royal Jeanie	PO	8-9	19	18	16,0	3,80
Mirante Hery Grace	PO	5-8	99	256	16,0	3,68
Mirante Franca	PO	4-11	99	264	13,0	4,02
Mirante Avelina	PO	4-8	79	152	21,0	3,35

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Flemingdale Ultineta Flora	PO	5-6	89	230	20,0	3,71
A. Rod-Rider Jewel Pam	PO	7-2	49	64	28,0	3,54
Maple Wood Crystal Winnie	PO	5-6	99	250	13,0	3,64
Glenrus Parrish	PO	6-7	109	292	14,0	4,13
Royal Lynn Sarah	PO	5-5	89	217	19,0	3,28
Whirlwind Nancy	PO	4-9	79	308	16,0	3,68
Hamilton Citation Alice	PO	5-10	59	125	21,0	3,78
Moulton Peach	PO	4-1	69	22	17,3	3,53
Neptunia Astruburg J. Bryony	PO	5-5	39	110	19,0	3,49
Ritina Hickory Merit R 2711	PO	6-0	39	74	16,0	3,43
Meaklake Renee Nicole	PO	3-11	29	57	15,0	3,63
Meaklake Renee Iris	PO	2-2	109	291	14,0	3,85
Rosevalda Curacao Karen	PO	6-7	39	64	23,0	3,39
Oak Ridge Senator Maggie	PO	4-8	39	77	20,0	3,73
R.C. Fabiano Perusse Mark	PO	9-2	89	204	13,0	3,52
Maplewood Chief Kathy	PO	3-10	69	160	19,0	3,53
Emeraldine Rocketeer Beauty	PO	6-1	39	76	13,0	3,55
Beatrix Admiral Sylvia	PO	4-3	69	167	14,0	3,50
Knocroft Beau Fear	PO	8-9	59	115	22,0	2,52
Trindigo Starflite Regina	PO	9-1	29	45	26,0	3,45
Walnutcrest Margala Carol	PO	8-8	29	42	18,0	3,61
AF Portales Sobida	PO	6-5	59	129	25,0	3,72
Capella Nancy Dep. Admiral	PO	6-6	99	255	13,0	3,83
Aprilwood Shank Nancy	PO	4-1	99	283	13,0	3,86
Fiel Cabanettes Boet	PO	9-0	89	233	15,0	3,87
Sunco Celestial Salia	PO	9-1	99	249	16,0	3,84
St. Huber Scilla Copyright	PO	5-18	69	159	22,0	3,68
SG. Ircin Ajax Crystan	PO	5-8	39	79	22,0	3,96
Era Marilyn Tonia Ubalino	PO	6-0	49	104	20,0	3,95
St. Hieron Milburna Milton	PO	5-8	89	238	14,0	3,72
SG. Nevea Virgilia Milton	PO	5-4	109	286	14,0	3,67
PC. Gabi R. Maple	PO	6-9	109	281	18,0	3,66
PC. Jeanine Lib Senator	PO	4-5	19	190	18,0	3,55
Rebecca Triple Mimi	PO	3-3	89	238	17,0	3,68
Rebecca Tolbert Valerie	PO	8-8	89	325	17,0	3,71
Mirante Birada	PO	4-1	79	212	18,0	3,55
Mirante Milestone Bragança	PO	3-5	79	194	20,0	3,69
Mirante Burgo Cecilia	PO	3-4	79	204	14,0	3,67

S/A Fazenda Paraíso Agro Pec. São João da Boa Vista. Est. de São Paulo. Controle em 10/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Paraíso Vitalia Astronaut	PO	11-3	29	56	24,0	3,33
Paraíso Vampiria Gordon	PO	11-2	29	41	26,0	3,49
Paraíso Athena R. Junior	PO	10-4	39	74	28,0	3,49
Paraíso Antonia Fidalgo	PO	9-10	49	92	22,0	2,54
Paraíso Balbina Gordon	PO	9-4	59	129	22,0	3,77
Paraíso Barra-Funda Stormaker	PO	9-5	39	78	29,0	3,84
Paraíso Barbaça Gordon	PO	9-7	19	12	21,0	2,97
Paraíso Barbacena Gordon	PO	9-7	19	16	22,0	3,40
Paraíso Baldom Gordon	PO	9-1	49	174	20,0	3,48
Paraíso Barraca Gordon	PO	9-5	29	54	24,0	3,53
Paraíso Bernardo Soc. Citation	PO	9-3	19	32	26,0	3,15
Paraíso Barrera Nechilat	PO	7-10	29	41	21,0	3,33
Paraíso Chantosa Citation R.	PO	8-10	19	16	31,0	3,73
Paraíso Conarista Severo	PO	8-9	29	35	17,0	2,54
Paraíso Chalusa Rosaff Jr.	PO	8-4	79	187	23,0	3,59
Paraíso Constância Rosaff Jr.	PO	8-9	29	48	29,0	3,10
Paraíso Castorosa Rosaff Jr.	PO	8-1	49	101	25,0	3,89
Paraíso Casvela Soc. Citation	PO	7-9	39	102	22,0	3,84
Paraíso Cassia Rosaff Jr.	PO	8-1	29	58	21,0	3,82
Paraíso Cláudia Rosaff Jr.	PO	7-8	49	114	31,0	2,90
Paraíso Camela Rosaff Jr.	PO	7-9	49	101	23,0	3,00
Paraíso Conista Severo	PO	3-10	39	67	21,0	2,15
Paraíso Dama Severo	PO	7-4	49	184	15,0	3,63
Paraíso Delia Rosaff	PO	7-9	19	25	25,0	3,29
Paraíso Delicia Ultramar Fid.	PO	7-6	49	93	25,0	3,24
Paraíso Deligata Severo	PO	7-3	49	146	25,0	3,29
Paraíso Desfeita Rosaff Jr.	PO	7-2	29	88	29,0	3,68
Paraíso Delagata IV. Star	PO	7-1	59	125	18,0	3,72
Paraíso Decora Rosaff Jr.	PO	7-1	59	137	18,0	3,06
Paraíso Disputa Elevation	PO	7-2	39	83	26,0	3,25
Paraíso Eliza Rosaff Jr.	PO	7-0	19	74	29,0	3,72
Paraíso Dinamica Soc. Citation	PO	6-9	59	146	19,0	3,70

FAZENDA CAMPO ALEGRE
B - Gir leiteiro = Gir leiteiro - B
 Meio século criando o melhor Gir Leiteiro

CONTROLE LEITEIRO OFICIAL PELA ABC

IRMÃOS NORONHA - Venda de Tourinhos

Rodov. Casa Branca - S. C. Palmeiras, Km. 64
 Fone: Fazenda 101 - Marco do Cruzeiro 96-1110
 Cx. P. 21 - CEP. 13.700 - CASA BRANCA - SP

Residência: Rua da Liberdade, 58
 Fones: 22-2427 - 22-2123
 CEP. 13.870 - SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP



NOME DO ANIMAL	N.º	NASCIMENTO	IDADE	PESOS (dias) (kg)	NOME DO ANIMAL	N.º	NASCIMENTO	IDADE	PESOS (dias) (kg)
Fazenda Diadema Sae. Citiation	PO	7-1	19	9 29,0 2,79	Marieta IV, Star de Caidas	GRB	7-2	59	145 22,0 3,75
Fazenda Dilsen Seven	PO	6-8	60	152 25,0 3,15	Dennis H&B.	OC1	2-5	50	142 20,0 4,21
Fazenda Dentles Seven	PO	6-10	30	64 22,0 2,70	C.de Vitor. Sabia	PO	5-4	50	139 22,0 3,43
Fazenda Dorkada IV, Star	PO	6-8	69	123 18,0 3,18	Galvina H&B.	OC1	6-1	52	135 20,0 3,88
Fazenda Elstia Million	PO	6-9	20	54 21,0 4,00	Delicada H&B.	OC2	2-0	50	134 19,0 2,40
Fazenda Encourada IV, Star	PO	6-3	69	173 20,0 3,73	Dalia H&B.	OC1	2-4	50	129 17,0 2,80
Fazenda Encourada Million	PO	6-6	20	35 29,0 3,52	MAH, Ford Dennis TE	PO	2-0	99	292 19,0 3,13
Fazenda Hillata Rosafé Jr.	PO	6-6	39	77 20,0 3,32	Cora MAH.	GRB	3-0	69	212 20,0 3,10
Fazenda Herculada Rosafé Jr.	PO	6-1	50	130 18,0 3,36	H&B, Cacacia	PO	3-1	40	110 19,0 3,40
Fazenda Iretalia Fidalgos	PO	6-5	10	15 20,0 3,05	Diana do Olio D'Agua	OC1	5-8	49	110 23,0 3,47
Fazenda Itidada Costanzo	PO	6-3	20	55 19,0 3,20	Dena	NR	-	49	110 22,0 3,26
Fazenda Iyopela Costanzo	PO	6-2	30	89 20,0 3,28	Dena	NR	-	49	110 29,0 3,28
Fazenda Itacarla Million	PO	6-0	49	111 21,0 3,30	Dena	NR	-	49	102 22,0 3,41
Fazenda Itacarla Million	PO	5-9	20	61 30,0 3,23	Dora H&B.	OC1	2-4	30	80 23,0 2,80
Fazenda Italia Defont	PO	5-9	10	12 23,0 3,11	MAH, Valiant Dalias	PO	2-0	39	116 29,0 2,43
Fazenda Itaitionna Ultimata	PO	5-8	20	52 30,0 3,34	Droona H&B.	OC1	1-11	30	95 17,0 3,49
Fazenda Florida Million	PO	5-8	20	59 27,0 3,00	Donaia Duplar H&B. TE	GRB	2-4	39	95 22,0 3,81
Fazenda Italia Newbery	PO	5-7	20	51 20,0 3,37	MAH, Valiant Dousada TE	PO	2-2	29	47 23,0 2,43
Fazenda Itatama Maple	PO	5-5	40	111 22,0 4,40	MAH, Ford Bus TE	PO	1-10	10	34 24,0 2,59
Fazenda Itaria Mianka	PO	5-7	10	18 18,0 2,81	MAH, Tradition Dinah TE	PO	2-5	10	2 25,0 3,13
Fazenda Itacarla Rosafefo	PO	5-4	69	48 19,0 3,85					
Fazenda Itacofada Million	PO	5-2	79	189 21,0 3,44					
Fazenda Itacarla Newbery	PO	5-5	39	84 28,0 3,05					
Fazenda Itatandona Defont	PO	6-4	49	114 21,0 3,36					
Fazenda Itatama Million	PO	6-5	20	56 22,0 3,47					
Fazenda Itacarla Newbery	PO	5-3	40	116 18,0 3,67					
Fazenda Itacarla Klanton	PO	5-6	20	40 26,0 4,01					
Fazenda Itacarla Newbery	PO	5-4	19	29 22,0 3,76					
Fazenda Itatandona Million	PO	5-0	59	177 18,0 3,48					
Fazenda Itacarla Newbery	PO	5-0	59	52 32,0 3,82					
Fazenda Itacarla Newbery	PO	5-0	60	110 18,0 3,00					
Fazenda Itatandona Million	PO	4-11	39	72 22,0 3,31					
Fazenda Itacarla Leadar	PO	4-7	20	54 27,0 3,91					
Fazenda Itacarla Ruytelar	PO	4-7	20	23 27,0 3,45					
Fazenda Itacarla Ruytelar	PO	4-3	40	200 20,0 3,46					
Fazenda Itacarla Ruytelar	PO	4-3	20	41 26,0 3,56					
Fazenda Itacarla Maple Pal	PO	3-8	60	169 18,0 3,52					
Fazenda Itacarla Dabellia	PO	3-8	60	19 0 3,96					
Fazenda Itacarla Thra, Pal	PO	-	29	26 21,0 2,97					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-8	20	44 35,0 3,35					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-9	19	4 31,0 3,33					
Fazenda Itacarla Forest	PO	2-9	10	15 21,0 3,20					
Fazenda Itacarla Rosafé Jr.	PO	6-4	20	28 26,0 2,94					
Fazenda Itacarla Forest	PO	7-6	18	10 18,0 3,33					
Fazenda Itacarla Citiation	PO	6-4	19	7 22,0 3,52					
Fazenda Itacarla Leadar	PO	5-5	19	7 21,0 3,32					
Fazenda Itacarla Maple Pal	PO	5-5	19	16 19,0 3,66					
Fazenda Itacarla Costanzo	PO	3-10	19	4 20,0 3,47					
Fazenda Itacarla Forest	PO	3-0	19	20 22,0 2,87					
Fazenda Itacarla Forest	PO	7-8	99	262 17,0 3,45					
Fazenda Itacarla Forest	PO	7-4	99	249 17,0 3,49					
Fazenda Itacarla Forest	PO	7-4	99	237 17,0 3,16					
Fazenda Itacarla Forest	PO	5-10	69	173 17,0 3,33					
Fazenda Itacarla Forest	PO	4-0	49	118 17,0 3,70					
Fazenda Itacarla Maple Pal	PO	3-9	59	137 15,0 3,17					
Fazenda Itacarla Forest	PO	3-7	39	113 17,0 3,47					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-7	39	45 24,0 3,14					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-4	40	121 15,0 3,30					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-3	69	158 24,0 4,24					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-0	79	195 18,0 3,37					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-2	39	168 19,0 3,14					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-2	29	60 20,0 3,23					
Fazenda Itacarla Bland	PO	3-0	29	35 20,0 3,16					
Fazenda Itacarla Bland	PO	2-7	29	28 20,0 4,01					
Fazenda Itacarla Bland	PO	2-2	29	41 19,0 3,12					
Fazenda Itacarla Bland	PO	2-1	19	32 21,0 3,48					
Fazenda Itacarla Forest	PO	2-8	19	22 20,0 3,11					

Oswaldo Assis e Rubens Assis, Registro Sertão do Piauí, Est. de São Paulo, Controle em 31/12/84, Registro do parto em razão suplementar, 3 Ordenhas.

Dany Charm Master Stiffly	PO	3-10	89	236 14,0 3,19
Maria Soreana C. Neira	PO	4-1	50	138 18,0 3,71
T-100 P.D.B. Rima	31/32	9-6	39	70 19,0 3,78
Kika de Gueyara	PO	-	42	26,0 3,79
Estancia da Gueyara	PO	-	80	234 13,0 3,02
Iza 468 Valmar	PO	9-1	59	130 20,0 3,46
Engrada 481 Valmar	PO	8-11	89	227 14,0 3,37
Julietta 482 Valmar	PO	8-11	59	136 17,0 3,37
Ch. Rediva Berra Matt Tippy	PO	5-0	129	183 18,0 3,52
Citiana Mars Valmar	OC1	3-5	19	16 23,0 3,83
Comelia Atroturif Valmar	OC1	3-3	19	56 18,0 3,88
Conada Maple Pedronasi	OC1	5-1	19	34 18,0 3,27
Lepida da Gueyara	PO	4-4	19	4 18,0 3,57
Jamp. I Acaraçó Marina Sidney IT	PO	5-8	19	3 15,0 3,62
S. Regina Betty Peter	PO	2-6	49	117 18,0 3,75
Conceição Caropessa	PO	8-5	89	216 14,0 3,45
Cor. 5281 Caropessa M. Root.	PO	5-10	39	80 23,0 3,27
F. R. Florinda	PO	6-1	99	246 14,0 3,55
Dany Charm Elev. Sabinthe	PO	4-1	79	205 17,0 3,62
D. N. Maciel Carolina Soreana	PO	7-4	79	106 18,0 3,83
Valmaro Bernice Harvez	PO	3-4	79	292 13,0 3,82
Dany Alach Jaeger	PO	4-4	79	209 18,0 3,49
Vilva Silvestra Bria D. Cham	PO	7-9	39	65 21,0 3,03
Francis Palada B. Mars	PO	2-10	49	98 20,0 3,60
Florina Dapessa Maripa	PO	6-8	79	213 15,0 3,13
O-H. Cinderella M. Prince	PO	3-8	129	355 14,0 3,76
Valmaro Calena E. Milonara	PO	7-9	79	208 18,0 3,43
Valmaro Carolina Milonara	PO	3-1	99	265 16,0 3,58
Valmaro Conceição Chief Liberty	PO	2-9	109	295 18,0 3,39
Valsa Valmar	PO	10-0	99	252 13,0 3,43
Marita Doliar Valmar	PO	4-1	119	317 13,0 3,45
Rebecca Doliar Valmar	OC1	4-10	20	40 15,0 3,30
Regitt Doliar Valmar	OC1	4-3	69	158 15,0 3,30
Releza Gira Valmar	OC1	4-3	49	121 18,0 3,34
Releza Gira Valmar	OC1	4-1	69	96 22,0 3,13
Reygra Adriantias Valmar	OC1	4-2	39	80 15,0 3,30
Reygra Gira Valmar	OC1	4-0	49	107 20,0 3,31
Reygra Gira Valmar	OC1	4-1	29	71 18,0 3,36
Reygra Gira Valmar	OC1	3-0	39	132 22,0 3,49
Reygra Gira Valmar	OC1	3-0	49	147 18,0 3,41
Carina Gemini Valmar	OC1	3-7	59	139 15,0 3,81
Carina Gemini Valmar	OC1	3-4	29	58 25,0 3,69
Chaloga Astroturif Valmar	OC1	3-3	49	102 16,0 3,29
Palha Valmar	PO	-	69	17,0 3,42
Chaloga Astroturif Valmar	OC1	3-1	59	138 16,0 3,98
Citiana Adriantias Valmar	OC1	3-1	59	144 15,0 3,86
Imbia Valmar	PO	8-2	69	182 14,0 3,49
Prinovera Valmar	PO	6-3	49	130 14,0 3,48
Chaloga Astroturif Valmar	OC1	2-10	59	141 14,0 3,40
Galicia da Foz de Juba	PO	13-10	49	106 22,0 3,41
Calaha Berra Valmar	OC1	3-1	29	54 20,0 3,72
Chaloga Root. Pedronasi	OC1	5-0	59	147 24,0 3,57
SPT. Osherson 2 Glay 859	OC1	2-8	39	76 18,0 3,41
F. Chaloga Forest	OC1	2-5	69	182 17,0 3,57
D. II Canalo	OC1	8-2	89	226 13,0 3,64
PM. Itacarla	OC1	8-1	39	43 26,0 3,76
AP. Fortalena Sobota	PO	3-6	59	154 17,0 3,59
AP. Fortalena Sobota	PO	3-1	79	204 18,0 3,33
AP. Fortalena Analia	PO	3-3	89	230 13,0 3,22
JTY. Quarta	PO	2-2	99	239 16,0 3,25
J.P.S. Flantema	PO	2-4	119	321 14,0 3,46
J.P.S. Flantema	PO	7-3	29	57 23,0 3,35
AP. Fortalena Aranga	PO	3-5	79	200 17,0 3,68
J.P.S. Prata	PO	3-0	20	46 23,0 3,29
Maritima Mark Valmar	OC1	2-2	69	205 20,0 3,61
Amelia Valmar	OC1	3-0	69	140 13,0 3,68
Amelia Mark Valmar	OC1	3-0	29	38 20,0 3,22
Alizira Valmar	OC1	3-1	39	79 25,0 3,50
Alizira Valmar	OC1	4-11	69	189 13,0 3,67
Epigote S. Ostiro	OC1	8-8	29	25,0 3,88
Valmaro Gaila Elev. Nora	PO	1-1	59	139 18,0 3,32
Val. Carolina Libby	PO	2-9	69	170 17,0 3,62
Valmaro Caropessa Chief Liberty	PO	2-9	59	135 14,0 3,72
Valmaro Drogas Trava Pal	PO	2-5	89	156 14,0 3,48
F. Foz de Juba Million	PO	5-3	79	213 16,0 3,18
F. Foz de Juba Million	PO	5-3	79	207 21,0 3,16
F. Foz de Juba Million	PO	5-5	39	75 27,0 3,78
F. Foz de Juba Million	PO	5-2	69	159 19,0 3,49
F. Foz de Juba Million	PO	5-2	79	17,0 3,41
F. Foz de Juba Million	PO	5-1	39	61 22,0 3,11
F. Foz de Juba Million	PO	4-7	69	163 21,0 3,71
F. Foz de Juba Million	PO	4-2	89	234 18,0 3,68
F. Foz de Juba Million	PO	3-2	89	229 13,0 3,89
F. Foz de Juba Million	PO	3-2	89	213 14,0 3,81
F. Foz de Juba Million	PO	3-3	39	70 12,0 3,11
F. Foz de Juba Million	PO	3-0	89	236 18,0 3,83
F. Foz de Juba Million	PO	3-1	49	100 15,0 3,14
F. Foz de Juba Million	PO	3-0	69	163 20,0 3,78
Ch. Gueyara Berra Matt Tippy	PO	5-0	129	184 17,0 3,28

Yvelis G.A. Inf. e Cri. Neopanga Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 03/01/85, Registro do parto em razão suplementar, 2 Ordenhas.

Maria Aparecida Pacheco Sereia, Control. Est. de São Paulo, Controle em 02/01/85, Registro do parto em razão suplementar, 2 Ordenhas.

Demila H&B.	GRB	2-1	89	246 16,0 3,93
MAH, Clavio	PO	3-4	79	222 13,0 3,63
MAH, Clavio	PO	2-3	79	239 20,0 3,87
Antonio Root, Milonga P. D'Albi	GRB	8-10	79	181 24,0 3,57
Itacarla Altona IT	PO	6-2	69	208 17,0 3,36
Demila H&B.	OC1	2-4	69	194 18,0 3,58

5

Você sabe o que é MELHOR

Girlando LEITEIRO

RESERVA DE TOURINHOS

5

8

REG.

8

PEDIGREE

FAZENDA VARGEM DO MANEJO

Faz. Miguel Pereira — RJ — C. Postal 88.307

fone: 0244-84-3717 — CEP: 24.900

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		
Ch.Franco Bury B.Negle	PO	6-0	79	210	18,0	3,85	Polilla Orianda	POCQ	4-0	29	40	21,0	3,06
Ch.Garcia Anselmo Elliot	PO	5-3	59	76	26,0	3,49	Mirra 294 de Steilapedras	OC2	3-4	79	187	13,0	3,62
Retilva Near Robinson	PO	5-8	59	151	16,0	3,47	Buritanza Orianda	15/16	3-0	19	20	23,0	2,99
Margia 200 Antonson	PO	7-4	79	234	20,0	3,54	Bordade Orianda	31/32	3-0	29	42	20,0	2,13
Joe Carlo Joka Christian	PO	5-5	69	194	18,0	3,60	Benedita Damaia Rock-Orianda	POCQ	3-8	29	33	22,0	3,13
Samuel Hill T.T. Fardes Liz	PO	4-5	49	96	25,0	3,96	Belissa Orianda	15/16	2-9	119	322	19,0	3,93
E.A.Lahy Weaver Nardoff	PO	4-1	39	65	23,0	3,80	Banca Carmela Rock-Orianda	15/16	3-5	29	47	20,0	3,50
Nancy Grant Elev. Hurely	PO	3-9	99	246	14,0	3,77	Banca Orianda	31/32	3-0	79	290	16,0	4,09
<p>Claudio Veasunski Roberti, Bragança Paulista, Est. de São Paulo. Controle em 27/12/84. Regime de pastos com ração suplementar. 3 Ordens.</p>													
Ch. Maria Mária Abria	PO	7-2	19	18	20,0	3,36	Banca Orianda	31/32	2-9	39	86	15,0	3,22
Luizina 241 E.Meloy Telatar	PO	6-10	19	36	25,0	3,53	Brança Orianda	15/16	10-10	79	201	15,0	3,55
Ch. Juliana Perry Margita-Sad	PO	2-9	19	22	20,0	3,07	Brança Orianda	31/32	10-2	69	170	26,0	2,93
Ch. Maria S. Pedro Siqueira Ch.	OCB	9-8	39	128	26,0	4,41	Branga Orianda	31/32	9-6	59	127	17,0	3,62
Ch. Maria Maria M. K. K. K.	PO	7-8	99	304	20,0	3,57	Brança Orianda	15/16	8-6	59	140	16,0	3,83
<p>Esja Agropecuária Ltda. Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 03/01/85. Regime de pastos com ração suplementar. 2 Ordens.</p>													
208. Netilva	PO	4-8	59	152	15,0	3,67	Brança Orianda	15/16	5-6	79	189	18,0	2,88
Vilhelmina Rocha	PO	5-9	19	26	15,0	3,15	Brança Orianda	15/16	5-4	59	133	25,0	3,50
Elza Augusta Alta Rover-on	PO	3-0	79	234	13,0	3,33	Brança Orianda	15/16	5-2	19	7	21,0	3,04
208. Silvas	PO	6-10	19	21	22,0	3,39	Brança Orianda	31/32	4-7	19	12	32,0	2,37
Regina Gay Orianda do P. D'Alto	OCB	6-3	19	19	14,0	3,23	Brança Orianda	31/32	4-4	69	168	14,0	3,72
Vilhelmina do P. D'Alto	OCB	5-3	19	13	16,0	3,07	Brança Orianda	31/32	4-3	29	92	22,0	2,86
Vilhelmina Rita Clara Novarina	PO	4-4	69	189	17,0	3,72	Brança Orianda	31/32	4-3	39	83	23,0	3,41
208. Brachia	PO	-	19	3	18,0	4,36	Brança Orianda	31/32	4-5	19	18	18,0	3,44
Vilhelmina Joia Raima Novarina	PO	4-8	19	3	24,0	3,93	Brança Orianda	15/16	4-9	49	173	17,0	3,19
Vilhelmina Gay Capriciosa	PO	6-10	49	145	14,0	3,34	Brança Orianda	31/32	4-1	18	11	28,0	2,54
<p>João Maria Jussara Netto, Orianda, Est. de São Paulo. Controle em 29/11/84. Regime de pastos com ração suplementar. 2 Ordens.</p>													
208. Netilva Brachia Led	PO	3-3	19	5	13,0	2,99	Brança Orianda	15/16	4-0	19	9	26,0	2,95
208. Lapetosa Leda 150	PO	2-8	49	96	15,0	3,31	Brança Orianda	31/32	3-11	29	47	20,0	3,07
208. Netilva Adrial Nelson	PO	2-9	39	64	15,0	3,24	Brança Orianda	15/16	3-8	89	124	17,0	3,58
208. Casabona C. Lentez	PO	2-5	69	161	15,0	3,29	Brança Orianda	15/16	3-5	79	222	14,0	3,46
208. Claudia Bostromsky Nelson	PO	2-10	19	14	21,0	3,73	Brança Orianda	31/32	3-9	49	101	18,0	2,97
208. Joel Wilhelm Lentez	PO	2-4	69	128	17,0	3,05	Brança Orianda	15/16	4-0	39	75	20,0	3,25
208. Claudia Franziska Wollen	PO	2-8	59	17	15,0	3,40	Brança Orianda	31/32	3-5	69	101	18,0	2,99
208. Jovely Nelson Rockman	PO	2-2	59	137	15,0	3,14	Brança Orianda	15/16	3-2	109	296	25,0	3,70
208. Corina Puchner Jetatar	PO	3-3	49	96	15,0	3,64	Brança Orianda	31/32	2-10	89	234	16,0	3,45
208. Netilva	NR	10-2	99	274	15,0	3,93	Brança Orianda	31/32	3-2	39	80	15,0	4,08
208. Brachia	NR	3-0	29	65	13,0	3,87	Brança Orianda	31/32	2-10	29	97	16,0	3,52
208. Brachia	NR	3-8	39	78	22,0	3,93	Brança Orianda	31/32	2-7	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	3-1	19	3	14,0	3,59	Brança Orianda	31/32	2-9	59	135	17,0	2,73
208. Brachia	NR	3-0	39	68	22,0	3,16	Brança Orianda	31/32	2-9	59	138	14,0	2,78
208. Brachia	NR	2-4	59	155	15,0	4,20	Brança Orianda	31/32	2-9	29	38	24,0	3,38
208. Brachia	NR	2-4	59	18	18,0	3,57	Brança Orianda	31/32	2-9	69	163	20,0	3,34
208. Brachia	NR	1-9	79	219	13,0	4,40	Brança Orianda	31/32	2-9	79	221	14,0	3,11
208. Brachia	NR	2-8	69	174	24,0	3,49	Brança Orianda	31/32	2-9	59	131	18,0	3,63
208. Brachia	NR	2-11	29	56	19,0	2,70	Brança Orianda	31/32	2-9	79	194	20,0	3,03
208. Brachia	NR	2-10	29	52	17,0	2,92	Brança Orianda	31/32	2-9	69	181	15,0	3,26
208. Brachia	NR	2-7	59	136	14,0	3,60	Brança Orianda	31/32	2-11	109	265	25,0	3,70
208. Brachia	NR	2-8	39	74	15,0	3,67	Brança Orianda	31/32	2-10	89	234	16,0	3,45
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-6	39	85	19,0	3,07	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-7	19	6	20,0	2,89	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46
208. Brachia	NR	2-5	19	21	16,0	3,18	Brança Orianda	31/32	2-9	79	189	13,0	3,46

NOME DO ANIMAL		Grau de idade em anos e meses	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite	%
Rosa 2ª de M.N.	NR	5-3	30		71	28,0	2,93
Edna 2ª de M.N.	NR	7-1	90		265	15,0	3,36
Salvadora de M.Nova	NR	4-4	90		263	13,0	3,54
Serapilha 2ª Cam.N. de M.Nova	NR	4-4	90		229	15,0	3,38
Serapilha de M.Nova	NR	5-5	19		10	14,0	3,43
Esmeralda AP de M.Nova	NR	8-5	29		42	14,0	3,46
Espectra de Paz D'Alho de M.N.	NR	5-1	90		42	14,0	3,73
AP, Ursa de M.Nova	NR	7-0	80		237	15,0	3,46
Viana 2ª de P.D. de M.Nova	NR	5-1	90		225	13,0	3,52
Marcada Tr. de M.Nova	NR	4-0	90		215	13,0	3,52
Seneta Tr. de M.Nova	NR	4-3	70		143	16,0	3,34
Musa de M.Nova	NR	8-7	19		25	15,0	3,18

Fazão de Foz de Iguaçu, Corgaiza Cesar, Est. de São Paulo, Controle em 21/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

S. Matiar	31/12	11-5	30		67	10,0	2,51
Pimenta de Vende Valle	31/12	9-1	20		64	15,0	3,46
FR. Elaine	31/12	4-4	19		25	13,0	3,75

Divisão Fazenda Santa Ana, Stockler Esperança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 27/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Corona Cabana M. Nod Tr.	PO	3-7	19		18	16,0	3,74
EL. Mariada Viga S. Reb.	PO	3-0	10		23	25,0	3,25
EL. Mariada Viga St.	PO	3-2	20		39	22,0	3,84

Waldir Jurguiza de Andrade, Lima, Est. de São Paulo, Controle em 18/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Priscila Lima	OC2	5-4	19		9	23,0	3,67
Marcia Lima	OC2	4-5	20		42	18,0	3,58
Wenderson Lima	11/12	5-18	39		104	14,0	3,17
Melagrange Lima	11/12	9-9	89		128	15,0	3,33
Gracia Lima	OC	-	40		112	15,0	3,61
Janilda Lima	OC2	3-11	40		106	18,0	3,74
Talena Lima	OC1	3-10	40		103	16,0	3,61
Rebecca Lima	-	-	50		168	17,0	3,55

Jacó Xavier Dutra, Capanga, Est. de São Paulo, Controle em 22/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

F.D'Alho Sacramento Prod. Hary	PO	5-2	50		133	23,0	2,99
Urcia Stefânia Sapp F.D'Alho	OC2	3-3	50		153	26,5	2,82
F.D'Alho Thassalona S. Madalena	PO	3-10	50		139	22,0	2,69
Urcia Cal Pereira de F.D'Alho	OC2	3-2	50		139	27,0	2,99
Talita Priscila Lima F.D'Alho	OC2	4-6	50		131	24,0	2,90
Urcia Cavaliar Regina de F.D. OC2	3-1	50		128	28,5	3,19	
Terisita Blackall Regina de F.D. OC2	3-10	50		126	26,0	2,87	
Valentina Anton Regina F.D'Alho	OC2	4-1	50		127	25,0	3,49
Versoneira J. Lima F.D'Alho	OC2	2-2	60		119	23,0	2,92
Vedeca Regina de F. D'Alho	OC2	2-4	60		122	23,0	2,96
Vicentina Gian R.F. F. D'Alho	OC2	2-7	60		120	23,5	3,04
F.D'Alho Unissonal Glaukelly Trz.	PO	3-2	60		108	30,0	3,73
Urcia Fernal D. F.D'Alho	OC2	3-5	60		102	28,0	3,20
F.D'Alho Urcia Babiano Regina	PO	3-3	60		100	31,0	3,43
Urcia Regina M.N. F.D'Alho	OC2	3-1	60		95	28,0	2,92
Urcia M. Regina F.D'Alho	OC2	4-1	60		112	41,0	2,69
Valentina Gian F.D'Alho	OC2	2-7	60		93	25,0	3,25
Urcia Helena Regina F.D. OC2	3-1	60		82	20,0	2,80	
Urcia Junior Ideolinda F.D. OC2	3-7	60		78	27,0	3,35	
F.D'Alho Taliaella C. Pereira	PO	4-9	20		71	33,0	2,98
F.D'Alho Urcia Adressado Denise	PO	2-2	120		261	24,0	2,86
Vaga Caroline Regina	OC2	3-7	30		73	32,0	3,74
Urcia Arlindo Regina	PO	4-8	30		72	29,0	2,82
Denise Harriet Queen F.D.	OC2	4-0	30		222	22,0	2,20
F.D'Alho Valéria Babiano Cathy	PO	3-2	30		215	21,0	2,24
Urcia Reg. Regina de F.D'Alho	OC2	4-0	30		212	25,0	3,13
F.D'Alho Sinesia Chief Thoma	PO	4-10	30		211	28,0	2,80
Urcia Helena Regina F.D'Alho	OC2	5-4	30		199	27,0	3,28
Urcia Apollo Mar. Miletoza F.D. OC2	3-7	30		186	20,0	2,58	
F.D'Alho Valéria Cavaliar Versoneira	PO	2-4	60		163	22,0	3,13
Fair-Hill Thelagilly Ruth	PO	3-6	60		158	22,0	3,13
F.D. Ursula Star Regina	OC2	2-3	60		92	22,0	2,58
F.D'Alho Urcia Glaukelly Thoma	PO	3-4	20		28	11,0	2,98
Urcia Milene Otaviana F.D'Alho	OC2	3-4	20		26	32,0	2,98
F.D. Valéria Regina Primavera	PO	2-2	10		22	20,0	2,80
F.D. Ursula Star Regina	OC2	2-2	10		14	22,0	2,88
Urcia Mar. T. D. de F.D'Alho	OC2	4-4	10		10	29,0	2,88
F.D'Alho Urcia Regina S. Regi Tr.	PO	3-0	10		20	25,0	3,03
F.D'Alho Urcia Regina Sinesia	PO	3-5	10		18	33,0	2,58
Regina Reg. Regina F.D'Alho	OC2	2-1	90		228	21,0	2,83
Urcia Regina Regina Reg. Jack	OC2	4-11	60		239	22,0	2,87
Urcia Clara Regina de F.D'Alho	OC2	3-2	90		252	25,0	3,44

Regina Adriana Lima, Capanga, Est. de São Paulo, Controle em 24/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

St. Elaine Gay Borealis	PO	7-8	60		124	27,0	2,83
St. Isabella Borealis Borealis	PO	8-5	60		120	29,0	3,01
Adela São Quirino	OC2	7-4	60		120	28,0	2,90
Urcia S. Quirino	OC2	7-7	60		119	25,0	3,02
Domenes S. Quirino	OC2	3-11	60		118	25,0	2,78
Dora Elaine S. Quirino	OC2	5-7	60		123	24,0	2,81
Calypso São Quirino	OC2	5-0	60		88	25,0	2,88
Sabete São Quirino	OC2	8-5	30		81	28,0	2,87
St. Isabela Regina Borealis	PO	10-10	30		78	25,0	2,83
St. Isabela Regina Borealis	PO	4-9	30		73	20,0	2,88
St. Isabela Regina Borealis	PO	7-8	30		68	25,0	2,73
St. Calypso Prod. Quirino	PO	5-7	30		65	29,0	2,77
Adriana S. Quirino	OC2	7-4	30		64	28,0	2,83
Urcia Regina Borealis	OC2	5-0	30		63	28,0	2,83
St. Celine Regina Borealis	PO	4-1	30		58	25,0	2,83
St. Calypso Gay Borealis	PO	6-7	20		58	31,0	2,44
Adriana São Quirino	OC2	7-1	20		57	24,0	2,77

NOME DO ANIMAL		Grau de idade em anos e meses	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite	%
Belenizinho São Quirino	GBR	6-4	20		51	27,0	2,78
St. Charada Chief Almeida	PO	4-10	20		43	29,0	2,78
St. Urbana Foclarum Osamel	PO	11-5	20		45	32,0	2,35
Elevada São Quirino	GBR	3-6	19		28	25,0	3,02
St. Diana Chief Ostada	PO	4-7	19		21	26,0	3,18
St. Agregaia Gay Borealis	PO	7-2	60		105	24,0	2,65
Cesara São Quirino	GBR	5-3	40		102	27,0	3,08
St. Diana Topper Urutapan	PO	4-4	40		94	28,0	3,07
Cesarina São Quirino	GBR	5-6	30		89	28,0	2,63
St. Regina Marcus Rosa	PO	5-0	60		172	25,0	3,05
St. Bartala Gay Borealis	PO	6-8	10		21	30,0	3,09
St. Afetiva Performer Unida	PO	7-6	10		19	26,0	3,04
St. Alinda Gay Borealis	PO	7-0	10		1	25,0	2,94

Fazenda Fortaleza Ltda. Nova Odessa, Est. de São Paulo, Controle em 01/01/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

AF. Port. Borealis TE	PO	1-11	50		137	25,0	3,18
AF. Port. Sopa	PO	6-3	50		132	35,0	2,87
Carney Jolly Candy	PO	10-1	50		134	34,0	2,93
AF. Port. Tabela	PO	5-5	30		100	43,0	3,00
AF. Port. Roma TE	PO	2-0	30		91	37,0	2,78
AF. Port. Saraiva	PO	6-7	20		56	41,0	3,03
AF. Port. Regina TE	PO	2-5	30		73	26,0	3,05
AF. Port. Britania TE	PO	2-0	20		51	29,0	3,23
AF. Port. Neota	PO	2-1	60		232	31,0	3,61
AF. Port. Ventagem	PO	3-10	70		204	28,0	3,22
AF. Port. Fontana	PO	7-11	60		174	30,0	3,41
AF. Port. Vaca	PO	7-10	50		176	34,0	3,25
AF. Port. Rigorosa	PO	2-0	60		175	31,0	2,88
AF. Port. Roseta TE	PO	2-0	50		145	25,0	2,97
AF. Port. Bianca	PO	2-0	50		138	25,0	3,17
AF. Port. Brisa TE	PO	2-0	50		146	31,0	3,05
AF. Port. Boa Nova	PO	2-0	50		144	31,0	3,05
AF. Port. Paloma	PO	7-11	100		273	28,0	3,22

Fazenda Santa Esperança, Itatiba, Est. de São Paulo, Controle em 30/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

Mabelot Milet-Lili Nat/Henry	OC2	2-1	60		198	18,0	3,75
Junival Red Jaciro	OC2	2-6	20		53	20,0	3,25
Marin Chris S. Esperança	OC2	4-3	10		11	14,0	3,56
Lary Hills Dostin Gay	PO	4-3	10		15	32,0	3,43
Barbara Santa Esperança	OC2	6-4	10		3	23,0	3,30
Marin Chris Odete S. Esperança	OC2	2-6	10		19	33,0	3,44
S. Esperança Marcin	PO	4-7	10		27	31,0	3,01
S. Esperança Cesar Elev. Louisa F. PO	2-1	10		5	19,0	3,48	
Fontana C. Elev. Moeda S. Reg.	OC2	2-8	10		15	22,0	3,28
Virginia S. Esperança	OC2	6-5	40		145	21,0	2,95
Soliteira S. Esperança	OC2	7-5	100		141	16,0	2,28
S. Esperança Mariana	PO	3-3	60		139	19,0	3,53
Dulce de S. Esperança	11/12	3-2	70		231	31,0	3,41
Quirino Tebalar Urcia	PO	-	20		29	34,0	3,17
S. Esp. Elev. Prissy M. Henry	PO	2-4	50		213	22,0	3,62
Regina S. Esperança	OC2	7-10	70		255	20,0	3,35
S. Esp. Glor. Cal. Patrícia Honey	PO	1-11	60		260	16,0	2,94
Rosa de S. Esperança	OC2	5-9	110		152	18,0	2,87
Doreia Santa Esperança	11/12	8-6	20		64	28,0	2,66
Milka Mack de Borealis	GBR	6-1	60		228	21,0	2,98
Diana S. Esperança	OC2	6-1	50		173	23,0	2,80
Bartolomeu S. Esperança	OC2	6-4	50		187	24,0	2,86
Leonor Ino Regi Leander	PO	6-10	60		151	24,0	3,18
Leonor Ino Glaminio	PO	7-7	60		89	24,0	2,68
Flaviana Regi Fobiana	PO	2-5	60		80	25,0	3,29
Glaukelly Regina Darcia	PO	5-8	60		100	19,0	2,18
Veridolinda Leitor Patrícia	PO	4-6	30		112	27,0	3,03
Regina Santa Esperança	OC2	6-1	70		277	25,0	2,85
Strophyn Lockwood Bae	PO	5-13	70		233	28,0	2,85
J. P. S. Maria	PO	5-1	60		203	18,0	2,67
Odete Santa Esperança	OC2	6-0	40		143	26,0	3,09
Martina S. Esperança	OC2	4-1	40		132	24,0	2,86
Wenderson Santa Esperança	OC2	6-5	60		185	25,0	2,87
Curtilda de S. Esperança	OC2	3-1	70		238	18,0	2,77
Alsi de Santa Esperança	OC2	3-1	70		226	20,0	3,48
Dyana de Santa Esperança	OC2	3-2	20		69	33,0	3,49
Denise Lily Rosa S. Esperança	OC2	2-2	60		279	15,0	3,03
Leila Cesar Elev. Diana S. Reg.	OC2	3-4	60		229	28,0	2,87
Denise Cesar Julietta S. Reg.	11/12	2-0	80		274	20,0	3,09
Elaine Milet. Patricia S. Reg.	PO	-	20		63	23,0	2,79
Tatiana Cesar Rilia S. Henry	GBR	2-1	60		213	17,0	3,48

Fazenda Agropar, Ltda. Franca, Est. de São Paulo, Controle em 29/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

Paragon Camila Ad. Borealis	PO	2-3	70		209	24,0	3,83
Paragon Candace Borealis	PO	2-2	80		200	23,0	3,38
Carabália Inoja S. Paragon	7/8	2-1	80		173	21,0	3,61
Carabália Inoja S. Paragon	OC2	2-1	80		114	20,0	3,51
Carabália Inoja S. Par							

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Fazenda Anna Fiehl e O. Douado, Est. de São Paulo, Controle em 11/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.						
Amélia Jack	POD	2-11	69	152	20,0	3,34
Amélia Jack	POD	3-4	59	148	23,0	3,45
Amélia Jack	POD	4-5	59	139	24,0	3,54
Amélia Jack	PO	8-2	59	129	23,0	3,40
Amélia Jack	POD	2-4	59	122	16,0	3,49
Amélia Jack	POD	4-1	49	110	24,0	3,05
Amélia Jack	POD	3-1	49	109	15,0	3,88
Amélia Jack	POD	4-6	49	101	23,0	3,84
Amélia Jack	POD	3-5	39	87	20,0	3,53
Amélia Jack	POD	3-8	39	78	18,0	3,22
Amélia Jack	POD	7-7	39	75	28,0	3,53
Amélia Jack	POD	6-7	39	74	30,0	2,44
Amélia Jack	POD	8-8	39	72	21,0	3,07
Amélia Jack	POD	2-7	39	72	16,0	3,62
Amélia Jack	PO	2-9	39	72	16,0	3,62
Amélia Jack	PO	10-0	89	219	22,0	3,30
Amélia Jack	PO	2-2	79	207	19,0	3,95
Amélia Jack	POD	3-5	79	206	19,0	3,81
Amélia Jack	POD	2-10	79	206	20,0	3,21
Amélia Jack	POD	5-0	69	183	22,0	4,42
Amélia Jack	POD	4-0	69	173	16,0	3,44
Amélia Jack	POD	2-11	69	166	20,0	4,00
Amélia Jack	POD	4-7	69	160	19,0	3,79
Amélia Jack	POD	4-5	69	154	16,0	3,81
Amélia Jack	POD	2-10	39	70	16,0	3,25
Amélia Jack	OC1	8-7	39	66	16,0	3,25
Amélia Jack	POD	3-2	39	63	17,0	2,90
Amélia Jack	POD	3-1	29	60	17,0	3,19
Amélia Jack	POD	2-6	29	50	16,0	3,95
Amélia Jack	POD	8-1	29	43	24,0	3,05
Amélia Jack	POD	2-6	29	41	17,0	3,92
Amélia Jack	POD	3-2	29	36	17,0	3,14
Amélia Jack	POD	3-0	19	26	15,0	3,12
Amélia Jack	POD	11/12	5-9	18	28,0	3,31
Amélia Jack	POD	11/12	5-9	18	28,0	3,31
Amélia Jack	PO	1-0	99	251	16,0	3,37
Amélia Jack	PO	1-0	89	243	21,0	4,24
Amélia Jack	POD	7-4	89	239	20,0	3,39
Amélia Jack	POD	5-10	89	231	15,0	4,04
Amélia Jack	POD	11/12	2-8	15	20,0	3,25
Amélia Jack	POD	11/12	5-0	10	23,0	3,00

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Descaivado Rolândia Astronaut	PO	6-2	49	93	29,0	3,20
Descaivado Rolândia Astronaut	OC2	6-1	39	75	15,0	4,60
Descaivado Rolândia Astronaut	OC1	5-6	49	93	20,0	3,45
Descaivado Rolândia Astronaut	OC1	5-2	69	177	21,0	3,77
Descaivado Rolândia Astronaut	OC2	5-1	70	202	14,0	4,18
Descaivado Rolândia Astronaut	OC2	3-10	89	228	13,0	3,71
Descaivado Rolândia Astronaut	PO	3-3	20	44	15,0	3,72
Descaivado Rolândia Astronaut	PO	2-7	89	244	13,0	4,00
Descaivado Rolândia Astronaut	OC2	3-7	89	244	18,0	3,60
Descaivado Rolândia Astronaut	OC1	2-5	69	168	17,0	3,64
Descaivado Rolândia Astronaut	OC1	2-3	69	163	14,0	3,56
Descaivado Rolândia Astronaut	OC2	2-6	39	83	23,0	3,42
Descaivado Rolândia Astronaut	OC2	2-5	49	75	21,0	3,24
Descaivado Rolândia Astronaut	OC1	2-4	39	75	20,0	3,18
Descaivado Rolândia Astronaut	OC8	2-4	29	55	14,0	3,78
Descaivado Rolândia Astronaut	OC3	2-5	19	4	14,0	3,45

Agrícola de Toledo Lera Neto, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 19/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

S. Sílvia Mayget Matt Bonier ET	PO	4-4	19	24	24,0	3,35
---------------------------------	----	-----	----	----	------	------

Elias Ribeiro Meirelles e Filhos, Botucatu, Est. de São Paulo, Controle em 20/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Meirelles Carinhosa Corralier	PO	2-11	20	66	21,0	2,95
Meirelles Elia Vigo	PO	3-6	49	115	20,0	2,58

Fazenda da Terra Ltda, Itirapina, Est. de São Paulo, Controle em 12/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Rolândia VD	OC1	4-1	29	44	19,0	2,84
Uma A.G.	OC2	5-6	19	23	22,0	3,03
Isaonji A.G.	OC3	3-7	19	11	28,0	2,45
Rosa A.G.	OC8	7-11	59	152	23,0	2,78

Cia. Repista Sorpa Ind. e Comércio, Itarundú, Est. de Minas Gerais, Controle em 03/01/85, Regime de pasto com ração suplementar. 1 e 2 Ordenhas.

J. Orlândia	PO	12-5	49	122	20,0	4,09
J. Orlândia	PO	12-5	49	122	20,0	4,09
Farmácia Rock Jardim	OC4	5-0	49	132	18,0	3,12
Grinalda Jardim	OC8	4-2	39	80	23,0	3,40
Cláudia Pick Jardim	OC3	4-0	39	110	18,0	3,53
Jardim Elena Apollo	PO	6-1	69	181	18,0	3,19
Jardim Favela	PO	5-4	39	108	21,0	4,01
Jardim Baby/Iconia	PO	8-1	109	149	15,0	3,43
Jardim Barcolona	PO	7-10	59	131	20,0	3,55
Jardim Lenidade	PO	7-4	19	23	17,0	4,24
Jardim Grandina	PO	3-5	39	209	19,0	2,45
Ecologia Jardim II	OC1	5-8	49	128	21,0	3,38

Derval Antônio Gaiotto, Capimão, Est. de São Paulo, Controle em 01/01/93, Regime de pasto com ração suplementar. 1 e 2 Ordenhas.

J. Orlândia	PO	4-1	69	174	27,0	3,28
-------------	----	-----	----	-----	------	------

Bacia Agrícola e Com. S/A, Descaivado, Est. de São Paulo, Controle em 15/12/84, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Amélia Jack	OC1	5-2	59	134	17,0	4,24
Amélia Jack	PO	4-8	79	202	23,0	3,33
Amélia Jack	OC4	4-11	59	130	20,0	3,70
Amélia Jack	OC1	4-7	59	155	16,0	3,58
Amélia Jack	OC3	4-10	29	25,0	3,12	
Amélia Jack	PO	4-9	39	76	25,0	3,21
Amélia Jack	OC2	4-3	69	185	23,0	3,45
Amélia Jack	OC1	4-4	49	124	15,0	3,99
Amélia Jack	OC2	4-4	39	62	13,0	4,13
Amélia Jack	OC1	4-2	19	11	23,0	3,03
Amélia Jack	OC1	3-4	59	153	19,0	4,61
Amélia Jack	OC4	3-4	49	118	23,0	3,54
Amélia Jack	OC1	3-4	49	111	16,0	4,20
Amélia Jack	PO	3-7	19	13	25,0	3,49
Amélia Jack	POD	7-7	79	209	21,0	3,69
Amélia Jack	POD	10-11	69	181	15,0	4,24
Amélia Jack	PO	8-5	79	199	15,0	4,11
Amélia Jack	OC1	7-9	19	4	15,0	3,78
Amélia Jack	OC1	6-11	79	217	15,0	3,62
Amélia Jack	OC1	6-11	49	122	14,0	3,96

PONHA EM SEU REBANHO UM REPRODUTOR JC



CINDERELA — PO — Reg. H6787 — Produziu a média diária de 21 kg de leite em 8 meses de lactação.

**CARNE
LEITE
RUSTICIDADE
PUREZA RACIAL**

**FAZENDAS
PINDAYBA E FORQUILHA**

José Cláudio Condé
Fone: (032) 532-2066
UBÁ - MG

NOME DO ANIMAL		Grau de anos de sangue meses	Idade de anos	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
2 Orelhas						
Dezina ML	POCZ	7-9	29		353 16,0	3,73
Justina ML	OCZ	5-11	110		321 16,0	3,69
Najana ML	OCZ	4-2	70		206 20,0	3,44
Naiaq Valkyria Imperar	PO	2-11	70		192 25,0	3,10
Adina D.A.M.	31/32	2-10	70		197 18,0	3,61
Leonida ML	OCZ	5-1	60		146 25,0	2,84
Indulciana ML	OCZ	7-1	60		219 20,0	2,89
Germania ML	31/32	3-9	60		249 20,0	3,02
Justina ML	OCZ	5-10	70		192 35,0	3,08
Apollina D.A.M.	31/32	3-6	60		112 25,0	2,27
Naiana Galathea do Guarapo	POCZ	4-3	40		110 30,0	3,14
Maioleia ML	POCZ	7-3	19		13 42,0	2,42

Valdir Spinelli de Oliveira e Tadeu Levrinhas, Est. de São Paulo, Controle em 28/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 3 Orelhas.

Capela Narcisca Tropeo Anter.	PO	6-10	30		82 24,0	3,17
Salimata P3 Nyland	PO	8-6	40		104 22,0	2,08
Johi Camarina Slavetion	PO	3-7	40		107 23,0	2,03
Johi Anika Aurora Slavetion	PO	4-11	40		137 20,0	3,59
Zelina Hillandil	PO	6-2	60		174 20,0	2,92
Johi Aurora Rufucha Brommker	PO	5-0	60		175 21,0	3,27
Iorlanina Urtimona Gladine	PO	9-2	90		142 21,0	1,61
Law-Lin Anzou King King Lome	PO	9-4	90		121 25,0	2,31
Johi Carlo Marguila Genard	PO	3-6	40		120 22,0	3,43
Capela Nurana	PO	5-2	30		71 21,0	3,33
Arcene Nabuteta Boato Clayright	PO	3-8	50		225 23,0	3,72
Johi Germana Marguila Jostman	PO	2-5	40		107 21,0	2,90
San Pietero XXXI M. Spacarr	PO	7-4	60		302 21,0	3,93
Johi Appola Citation Pioneer	PO	5-10	20		33 27,0	2,73
Johi Sabitonia	PO	-	20		36 23,0	3,03
E.P. Jettico XXXII Register Bugg	PO	7-10	20		53 34,0	2,80
Wittonina Adelia Hiba	PO	6-4	60		99 20,0	3,97
Johi Aurora Marguila Ned	PO	5-1	10		17 37,0	3,16
Capela Lola	PO	3-4	10		7 29,0	2,77
Johi Heladina Twistar Booc.	PO	4-4	10		8 30,0	2,40
Lomco Urtimona Jenny	PO	6-4	10		5 43,0	1,73

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Raça Superior de Agricultura Leite de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 06/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 Orelhas.

Rosa Red Baulq	OCZ	5-11	109		297 10,0	2,94
Thalia Jasper Baulq	OCZ	2-3	90		261 14,0	3,25
Reduiza Donatiana Baulq	OCZ	6-1	90		261 14,0	3,00
Sara Daaljan Baulq	POCZ	3-9	60		193 14,0	3,09
Verna Daaljan Baulq	POCZ	3-6	50		143 18,0	2,99
Selavida Jasper Baulq	POCZ	-	19		10 18,0	2,90

Genésio Natal Madureira, São Roque, Est. de São Paulo, Controle em 13/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 Orelhas.

Neyrae Ripart Betty Red	PO	7-0	50		151 17,0	3,67
Ricker Wolf M3 C.M. Red	PO	8-4	50		144 19,0	3,43
Wolfschmuntz Ned Faith Red	PO	7-4	40		100 22,0	3,35
Reu-Joela de Frenco's	31/32	11-10	90		84 17,0	2,21
Naralton Jasper Dirlider Red	PO	8-0	50		76 26,0	3,07
Captana Roland G.M.M.	POCZ	6-11	30		71 24,0	2,62
Harmonia Delfia Haldé, R.M.	OCZ	2-6	30		124 18,0	2,97
Helvira Jasper Red Haldé, R.M.	OCZ	3-11	60		313 18,0	3,04
Romy's de Haldé, J. Red	PO	8-5	50		168 21,0	2,98

Condulcival Dias Ferreira, Olímpio Nogueira, Est. de Minas Gerais, Controle em 06/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 1 e 2 Orelhas.

1 Orelhas						
Ricpa Nélio de Sant'ana	OCZ	7-0	40		135 21,0	3,45
Guilhermina Nélio de Sant'ana	OCZ	14-8	40		104 15,0	3,70
Loda Nélio de Sant'ana	OCZ	13-4	30		53 25,0	3,41
Fátima Jasper Penzila	OCZ	4-11	50		132 21,0	3,44
Rebecca Nélio Juro	PO	7-1	30		170 21,0	2,78
Narissa Genalberto Genante	PO	12-0	100		291 14,0	3,46
Silvete Juro Ferreira	OCZ	5-2	60		167 19,0	3,64
Stevens Nélio de Sant'ana	OCZ	10-11	100		299 15,0	3,58

2 Orelhas

REGALDI Jasper de Sant'ana	OCZ	4-1	60		220 14,0	3,58
Naema Nélio de Sant'ana	OCZ	8-5	20		36 18,0	2,83
Getarisa Jasper de Sant'ana	POCZ	4-10	30		75 15,0	3,39
Olivera Juro de Sant'ana	OCZ	7-4	20		38 23,0	3,23
Florencia	OCZ	5-9	20		85 16,0	3,91
Rafael Jasper de Sant'ana	OCZ	5-9	20		85 19,0	3,70
José Juro de Sant'ana	OCZ	5-4	20		139 16,0	3,34
Joselinda Nélio de Sant'ana	OCZ	8-4	20		40 18,0	2,91
Silvânia Juro de Sant'ana	OCZ	6-5	20		258 17,0	4,11
Lida Jasper de Sant'ana	OCZ	3-1	120		361 14,0	3,29
Laci Juro Ferreira	OCZ	3-3	20		30 18,0	3,39
Ferriça Assay Genante	PO	11-7	20		50 19,0	4,09
Ferriça Nélio Nélio	PO	12-7	20		29 14,0	3,22
Ferriça Francis Jasper	PO	4-3	20		22 13,0	3,41
Ferriça Tamara Alexander	PO	10-8	10		25 20,0	3,18

Dr. Geraldo Figueiredo Feres, São João, Est. de São Paulo, Controle em 24/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 3 Orelhas.

Condulcival Marlene G.F.F.	OCZ	3-7	30		81 25,0	3,28
Arizobrada Jasper G.F.F.	OCZ	5-3	10		3 31,0	2,95
T.F.F. Ferreira Jasper	PO	3-0	10		25 26,0	2,33

Dr. Pedro Ordoñez Nogueira, Est. de São Paulo, Controle em 05/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 Orelhas.

Albertina's HRT Elm 20	PO	2-1	40		286 21,0	3,38
------------------------	----	-----	----	--	----------	------

NOME DO ANIMAL		Grau de anos de sangue meses	Idade de anos	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Albertina's RTR Tabela TE	PO	3-1	20		64	22,0 3,37
Albertina's H3 Orlana TE	PO	2-4	20		53	21,0 3,15
Albertina's H3 Sora-Sora TE	PO	4-4	10		10	21,0 3,15
Albertina's H3 Taina	PO	-	20		80	22,0 3,17
Albertina's DGT Detalia	PO	3-0	30		92	26,0 2,89
Albertina's RTR Tanager TE	-	-	30		154	25,0 2,46
Solana DTR Betina	PO	3-0	50		110	25,0 3,18
C. de Boer Haven Woody Red	PO	7-7	50		157	26,0 3,35
Blue Haven Lita Cit-Red	PO	6-8	40		116	27,0 3,70
Piper's W.Latin Eco Red IT	PO	4-11	40		141	29,0 2,82
Mad-O-Bloom RJ Stella Red Tein	PO	6-6	50		126	25,0 3,18
Reivonvita RTR Albertina's	OCZ	4-10	60		210	23,0 3,17
Réplica RTR Albertina's	OCZ	4-9	60		187	24,0 2,95
Albertina's RTR Anetria	PO	4-11	50		160	21,0 3,38
Somacha RTR Sevilla	PO	4-3	40		128	23,0 3,02
Albertina's H3M Belgiona	PO	4-10	40		116	30,0 2,46
Albertina's RTR Tania	PO	3-8	30		86	24,0 2,70
Liza POP Betina's	OCZ	11-2	60		177	20,0 2,78
Albertina's H3 Patricia	PO	6-11	50		168	22,0 3,17
Albertina's H3M Redrupa	PO	4-10	60		309	21,0 3,15
Albertina's H3M Peninsula	PO	6-10	50		199	21,0 2,96
Albertina's H3M Sengay	PO	-	10		10	29,0 3,18
Albertina's RTR Solinda TE	PO	3-10	20		45	24,0 2,49
Clémencia RTR Albertina's	OCZ	7-11	80		231	25,0 3,05
Betina's Piper Cit. Lib-Red-ET	PO	4-4	80		266	27,0 2,82
Terrura DTR Albertina's	-	-	10		10	22,0 3,10
Piper's World Japp Lita Red ET	PO	5-1	20		81	22,0 3,06
Quilrora PR Betina's	OCZ	4-0	20		56	32,0 3,33
Marilyn AB Albertina's	OCZ	10-7	20		72	22,0 2,87

Antonio Basoli, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 14/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 Orelhas.

Nico Dinamarco Hamilton	PO	6-4	40		128	19,0 3,35
Tiziana Ned Nico	POCZ	6-0	40		128	21,0 3,35
Nico Ubelandia Fabiana Ned	PO	2-10	40		121	18,0 2,74
Nico Natavia Vermelha	PO	6-10	40		118	29,0 3,15
Paloma Jasper Nico	OCZ	3-5	40		117	20,0 2,85
Chageta Fanny Nico	OCZ	3-11	40		116	19,0 2,85
Ned Bronx Fanny	PO	6-5	30		111	28,0 3,40
Mercadia Ned Nico	OCZ	5-3	30		105	20,0 3,25
Ridgep Wood P. Clover Red	PO	9-6	30		104	19,0 2,74
Altea Centurion Nico	OCZ	7-10	30		80	25,0 2,74
Neg's Tania Pascal	PO	11-4	20		50	20,0 3,15
Ursula Tania Scot Nico	OCZ	1-1	10		10	19,0 3,05
Azania Ned Nico	OCZ	5-4	10		10	25,0 2,79
Ucrania Ned Nico	OCZ	6-7	70		201	14,0 3,24
Helindrea Ned Nico	OCZ	6-6	40		128	19,0 2,84

Antonio Basoli, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 14/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 Orelhas.

Nico Dinamarco Hamilton	PO	6-4	40		128	19,0 3,35
Tiziana Ned Nico	POCZ	6-0	40		128	21,0 3,35
Nico Ubelandia Fabiana Ned	PO	2-10	40		121	18,0 2,74
Nico Natavia Vermelha	PO	6-10	40		118	29,0 3,15
Paloma Jasper Nico	OCZ	3-5	40		117	20,0 2,85
Chageta Fanny Nico	OCZ	3-11	40		116	19,0 2,85
Ned Bronx Fanny	PO	6-5	30		111	28,0 3,40
Mercadia Ned Nico	OCZ	5-3	30		105	20,0 3,25
Ridgep Wood P. Clover Red	PO	9-6	30		104	19,0 2,74
Altea Centurion Nico	OCZ	7-10	30		80	25,0 2,74
Neg's Tania Pascal	PO	11-4	20		50	20,0 3,15
Ursula Tania Scot Nico	OCZ	1-1	10		10	19,0 3,05
Azania Ned Nico	OCZ	5-4	10		10	25,0 2,79
Ucrania Ned Nico	OCZ	6-7	70		201	14,0 3,24
Helindrea Ned Nico	OCZ	6-6	40		128	19,0 2,84

Afonso Huguira de Freitas, Taboara, Est. de São Paulo, Controle em 06/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 Orelhas.

Solinda Ned de Jazurim	OCZ	6-8	40		110	19,0 3,36
------------------------	-----	-----	----	--	-----	-----------

Dr. Fernando de Souza Toledo, Japaraíba, Est. de São Paulo, Controle em 22/12/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 Orelhas.

Bessila Marco Verde	POCZ	6-10	80		225	16,0 3,62
Moiva de Marco Verde	31/32	7-4	20		49	21,0 3,10
Caprieta do Marco Verde	OCZ	5-2	20		55	21,0 3,22
Vila do Marco Verde	OCZ	3-3	70		179	16,0 3,15
Achada do Marco Verde	POCZ	4-6	40		108	16,0 3,82
Fase do Marco Verde	OCZ	4-1	30		263	16,0 2,65
Gira do Marco Verde	OCZ	5-8	70		201	16,0 3,80
Turba do Marco Verde	POCZ	8-0	20		137	20,0 3,10
Fogaria do Marco Verde	OCZ	2-10	30		63	16,0 3,80
Rosaria do Marco Verde	PO	3-0	20		48	17,0 4,06
Rosaria do Marco Verde						

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Lina de S.C.	OC7	2-5	30	89	13,0	4,10
Subtilina de S.C.	PC	-	30	88	15,0	4,09
Alia de S.C.	OC7	3-7	30	84	17,0	3,64
Gentia de S.C.	OC4	6-0	30	88	17,0	3,32

Lina Guimarães Alcantara, Lina, Est. de São Paulo, Controle em 17/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Princesa Royal de Juremirim	OC4	-	20	42	15,0	3,40
Princesa Miriam de Juremirim	OC3	6-4	40	89	15,0	3,93

Agência e Pastoral Santa Cruz S/A, Capivari, Est. de São Paulo, Controle em 31/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Belicret-Jadad	PO	6-11	40	112	21,0	3,10
Albertina e OC Quilina	PO	5-10	100	310	14,0	3,53
Albertina e MR Pizze	PO	7-3	30	76	27,0	1,18
Albertina e MR Passata	PO	6-10	60	166	20,0	3,27
OC Jureta	PO	4-4	19	10	18,0	2,58
Linda	-	-	19	10	21,0	3,26

Marada Nova Agric. e Pec. Ltda, Sete Lagoas, Est. de Minas Gerais, Controle em 08/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Vila Nova 29 de Marada Nova	MR	8-2	80	217	18,0	3,07
Marada 29 de M.Nova	MR	4-4	60	209	14,0	2,57
Marada 29 de M.Nova	MR	5-8	20	54	14,0	3,36
Marada 29 de M.Nova	MR	4-10	60	167	13,0	3,43
Marada 29 de M.Nova	MR	5-1	40	101	21,0	3,06
Marada 29 de M.Nova	MR	4-6	60	185	14,0	3,49
Marada 29 de M.Nova	MR	5-10	80	246	17,0	3,51
Marada 29 de M.Nova	MR	4-7	20	81	14,0	3,41
Marada 29 de M.Nova	MR	5-10	20	54	19,0	3,07
Marada 29 de M.Nova	MR	6-4	20	52	15,0	3,68
Marada 29 de M.Nova	MR	8-8	20	54	15,0	3,43
Marada 29 de M.Nova	MR	6-0	20	135	19,0	3,51
Marada 29 de M.Nova	MR	5-0	50	33	15,0	3,07

Waldir Junqueira de Andrade, Lina, Est. de São Paulo, Controle em 18/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Princesa Lina	OC2	3-4	20	51	18,0	3,35
Princesa J.B.	POC2	6-7	40	105	15,0	3,55
Princesa Lina	OC2	6-1	50	167	13,0	3,46
Princesa Lina	OC1	6-10	50	142	14,0	3,47
Princesa Lina	OC9	6-2	50	131	18,0	3,48
Princesa Lina	OC1	7-11	60	136	17,0	3,54
Princesa Lina	OC1	3-7	60	180	23,0	3,48

Vilglio Assado Briza, Arcadia Stockler, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 27/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Belinda de Bragança	OC2	11-7	10	9	24,0	3,84
Belinda	MR	-	10	25	22,0	3,17
Conelli Tiza Xir	OC1	14-0	20	39	19,0	3,70
Dalia de Bragança	OC1	9-0	60	177	21,0	3,75
Dalia de Bragança	OC1	9-1	60	144	17,0	3,65
Dalia de Bragança	OC1	8-6	18	23	24,0	3,77
Dalia de Bragança	OC1	9-2	50	149	19,0	4,14
Dalia de Bragança	OC2	9-4	40	130	20,0	3,01
Dalia de Bragança	OC2	8-1	50	156	18,0	3,10
Dalia de Bragança	OC2	8-3	50	152	21,0	3,16
Dalia de Bragança	OC2	9-0	60	259	18,0	3,70
Dalia de Bragança	OC1	8-7	18	10	34,0	3,70
Dalia de Bragança	OC1	8-9	10	18	23,0	3,85
Dalia de Bragança	OC1	8-11	60	203	16,0	3,87
Dalia de Bragança	OC2	3-10	40	114	16,0	4,05
Dalia de Bragança	OC1	9-3	10	12	20,0	4,03
Dalia de Bragança	OC1	3-4	10	19	15,0	3,65
Dalia de Bragança	OC2	2-7	30	86	19,0	3,15
Dalia de Bragança	OC2	2-4	40	78	18,0	3,14
Dalia de Bragança	OC2	2-3	40	130	17,0	3,35
Dalia de Bragança	OC2	2-5	70	305	19,0	3,54
Dalia de Bragança	OC1	4-5	10	29	17,0	3,54
Dalia de Bragança	POC2	13-11	10	22	22,0	3,74
Dalia de Bragança	OC1	6-3	60	208	16,0	4,14
Dalia de Bragança	OC1	8-4	10	25	24,0	4,14
Dalia de Bragança	OC1	8-2	50	151	16,0	3,97
Dalia de Bragança	OC1	5-3	70	233	20,0	4,22
Dalia de Bragança	OC1	6-3	60	146	17,0	4,25
Dalia de Bragança	OC1	7-3	80	225	17,0	4,26
Dalia de Bragança	OC1	8-4	10	16	26,0	4,10
Dalia de Bragança	OC1	8-11	100	315	17,0	3,43
Dalia de Bragança	OC1	8-6	10	28	27,0	3,30
Dalia de Bragança	OC1	8-2	10	23	24,0	4,04
Dalia de Bragança	OC1	4-7	10	13	29,0	3,84
Dalia de Bragança	OC1	3-7	10	12	29,0	3,84
Dalia de Bragança	OC1	3-1	70	221	21,0	2,85
Dalia de Bragança	OC1	3-6	30	97	24,0	3,41
Dalia de Bragança	OC1	11-9	70	209	17,0	3,38
Dalia de Bragança	OC1	3-1	30	23	24,0	4,26
Dalia de Bragança	OC1	3-4	40	84	15,0	3,14
Dalia de Bragança	OC2	3-4	40	115	16,0	3,14
Dalia de Bragança	OC1	11-12	30	99	19,0	3,79
Dalia de Bragança	OC1	3-1	40	134	19,0	3,26
Dalia de Bragança	OC1	3-3	30	103	17,0	4,29

Alberto Soares, Coop. Agro. Pec. Holandesa, Jaguariuna, Est. de São Paulo, Controle em 21/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Princesa Macielina de Itai	OC1	2-3	80	254	16,0	3,38
Princesa Bruna	POC2	5-4	61	190	21,0	3,39
Princesa Bruna	PO	5-4	50	152	19,0	3,98
Princesa Macielina de Itai	OC1	2-11	50	145	13,0	2,92
Princesa Macielina de Itai	OC1	3-3	40	124	17,0	3,28
Princesa Macielina de Itai	OC1	2-4	30	108	18,0	3,58
Princesa Macielina de Itai	OC1	3-5	30	111	18,0	3,24

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%	
Princesa Atlas	OC1	11/32	5-5	20	62	20,0	3,12
Princesa Nancy Strickler	PO	3-10	20	27	25,0	3,60	
Princesa Rosalinda Mônica	PO	2-9	20	61	17,0	3,62	

Henrietta A. Hopewell, Coop. Agro. Pec. Holandesa, Jaguariuna, Est. de São Paulo, Controle em 19/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Regina da Holandesa	OC1	8-6	60	155	24,0	4,66
Joana da Holandesa	POC2	8-10	20	37	33,0	3,21
Bruna da Holandesa	OC1	8-0	70	170	24,0	3,35
Rodolinda da Holandesa	OC2	6-11	70	189	25,0	3,41
Cristalina da Holandesa	OC3	6-10	40	100	22,0	4,25
Mirabela da Holandesa	OC2	6-10	30	78	23,0	2,43
Katia da Holandesa	OC1	6-4	90	257	18,0	3,34
Tris da Holandesa	OC1	6-0	60	149	20,0	3,46
Mia da Holandesa	OC4	5-10	80	227	25,0	3,45
Marilyn da Holandesa	OC3	3-5	120	336	15,0	2,85
Gigi Jasper da Holandesa	OC3	4-4	100	297	21,0	3,50
Alma Jasper da Holandesa	OC1	-	90	251	18,0	3,10
Acacia Strickler da Holandesa	OC1	4-6	40	82	20,0	3,70
Princesa República J. P. de Sousa	OC2	4-6	20	34	31,0	3,05
Princesa Pauli de Gaspary	OC2	3-9	30	259	21,0	3,95
Alma Rasty da Holandesa	OC7	3-9	90	248	18,0	4,26
Princesa Rasty da Holandesa	OC1	4-0	40	83	23,0	3,40
Arlete Hoepfeler da Holandesa	OC2	3-7	80	214	13,0	3,04
Artista Rasty da Holandesa	OC1	3-7	90	220	15,0	3,35
Belga Strickler da Holandesa	OC1	3-1	90	265	13,0	4,10
Bea Jasper da Holandesa	OC2	2-7	100	285	14,0	3,01
Coza Jasper da Holandesa	OC1	2-1	90	258	13,0	3,89
Baldina Gelp de Juremirim	OC3	4-7	60	114	19,0	2,70
Princesa Mônica de Juremirim	OC3	5-1	30	64	28,0	2,85
Princesa Anacardado de Juremirim	OC6	2-7	30	77	20,0	3,80
Princesa Anacardado de Juremirim	OC4	2-10	20	53	23,0	2,71
Mil Lina Jasper	OC1	5-6	10	2	24,0	4,80
Princesa Strickler da Holandesa	OC2	3-8	10	6	28,0	3,66
Princesa Silver da Holandesa	OC3	3-4	20	6	20,0	2,70

João Carlos W. Van de Groen, Coop. Agro. Pec. Holandesa, Jaguariuna, Est. de São Paulo, Controle em 18/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Cristina da Holandesa	OC2	16-3	90	283	22,0	4,11
Chella VIII Rasty V. de Groen	OC2	4-1	90	251	18,0	3,57
Chella Silver V. de Groen	OC2	2-10	80	216	13,0	3,20
Chella Macielina V. de Groen	OC2	2-11	80	221	13,0	3,71
Chella III da Holandesa	OC1	6-3	80	208	20,0	3,85
Chella Rasty V. de Groen	OC1	9-10	80	208	18,0	3,50
Domenela da Holandesa	OC1	5-9	70	202	21,0	3,09
Billy Rasty V. de Groen	OC2	3-11	70	187	21,0	3,48
Charlotte Rasty da Holandesa	OC1	4-7	70	199	19,0	3,23
Princesa Macielina V. de Groen	OC2	3-0	70	186	18,0	3,14
Lia Jasper V. de Groen	OC1	2-8	30	129	19,0	3,50
Chella Rasty V. de Groen	OC1	3-5	50	131	19,0	2,96
Chella Macielina Groen Crystal	OC1	-	50	125	15,0	3,66
Rasty Rasty II V. de Groen	OC1	4-0	40	97	30,0	3,14
Léon Rasty V. de Groen	OC2	3-6	40	106	29,0	3,94
Santa Barbara V. de Groen	OC2	3-7	30	86	30,0	3,18
Legal da Holandesa	OC1	8-4	20	32	30,0	3,18
Chella VII Rasty V. de Groen	OC2	4-4	30	65	28,0	3,89
Chella XI Spring Farm V. de Groen	OC1	2-7	20	30	30,0	3,34
Chella VI Strickler V. de Groen	OC1	4-0	20	24	33,0	2,60
Chella Spring Farm V. de Groen	OC2	2-6	20	23	25,0	3,11
Thomas Rasty V. de Groen	OC2	2-7	20	48	22,0	3,12
V. de Groen Elizabeth Scott	PO	2-0	20	17	14,0	3,45
Wanda Jasper V. de Groen	OC2	2-6	20	8	15,0	4,15

Claudio Vasconcelos Roberto, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 27/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Ch. Roselle Rasty J. de Itai	PO	4-10	80	200	21,0	3,10
------------------------------	----	------	----	-----	------	------

Elge Agropecuária Ltda, Foz de São Paulo, Controle em 25/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Elge Bragança Italiana	PO	2-7	30	94	13,0	1,71
------------------------	----	-----	----	----	------	------

João Maria Junqueira Neto, Glória, Est. de São Paulo, Controle em 28/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Beta Opas Glória	OC1	15-16	5-11	40	123	23,0	3,39
Princesa Glória	POC2	3-1	70	57	18,0	2,89	

Paulo de Moraes Pittencourt, Cooperativa Cooper, Est. de São Paulo, Controle em 22/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Aracelis	PC	3-1	10	23	28,0	3,39
Princesa R. de Juremirim						

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Reataz Cláudia de S. Isidoro	GBR	3-1	90	292	16,0	3,36
Cláudia Beta Jaguar M7 Sorocaba	GBR	5-7	90	270	17,0	3,52
Liliane S.R.	GBR	9-9	90	141	16,0	3,27

Fazenda Santa Esperança, Itatiba, Est. de São Paulo, Controle em 30/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Noraça Santa Esperança	GBR	4-7	40	132	24,0	2,34

Fazenda de Três Leds, Itirapina, Est. de São Paulo, Controle em 12/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Belinda de Petrópolis	GBR	9-10	70	211	19,0	2,85
V.C. Camiliana M. Amador	PO	8-9	39	130	20,0	2,72
Carolina Wilkes Wolf Palank	GBR	8-3	39	46	23,0	3,29
Delfinada Nel Hilda VO	GBR	7-10	50	136	23,0	3,08
V.C. Máximo Henriques Aguiar Branca	PO	8-6	39	33	21,0	2,88
Fátima Nélia Menezes VO	GBR	6-5	49	124	23,0	3,34
Fátima Gaiques Rocky VO	GBR	6-4	19	8	25,0	3,43
Ramagem VO	GBR	8-0	49	95	22,0	2,90
Trêsleida VO	GBR	3-3	39	31	21,0	2,88
Apoteia VO	GBR	3-2	10	10	21,0	3,06
Lúcia de Petrópolis	GBR	10-0	49	39	22,0	2,89
Lapata de Petrópolis	GBR	8-0	30	82	22,0	2,90
Nádia de Petrópolis	GBR	7-2	49	87	21,0	2,97
Márcia de Petrópolis	GBR	8-9	39	42	23,0	2,41
Alciane de Petrópolis	GBR	9-8	10	27	25,0	3,28
Flora VO	GBR	10-2	30	154	20,0	3,03

Antônio de Toledo Lara Neto, São João, Est. de São Paulo, Controle em 19/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
São João de Nelly	PO	3-10	30	80	20,0	3,25
Nora de São João	GBR	6-2	30	90	19,0	3,57
Wendy de São João	GBR	3-4	29	36	17,0	3,48
S. João de Nelly	PO	5-11	129	48	24,0	3,41
S. João de Branca	PO	2-1	19	11	18,0	3,42
Lenny Jaguar Class-Red	PO	7-1	10	45	29,0	3,72
S. João de Cláudia	PO	8-0	10	36	24,0	3,50
Cláudia Santa Nel Nelly-Red	PO	10-0	10	20	23,0	3,46
Verônica Jaguar Class-Red	PO	8-0	10	21	24,0	3,49
Verônica Nel Nelly-Red	PO	7-2	10	17	23,0	3,08
Verônica Jaguar Class-Red	PO	7-0	10	15	26,0	3,17
C. Flávia Santa Nel-Red	PO	6-3	10	12	26,0	3,23
C. Cláudia Cláudia-Red	PO	6-0	10	27	23,0	3,71
Jaguar de São João	GBR	8-9	10	27	19,0	3,34
Sandy Jaguar Class-Red	PO	6-10	10	23	15,0	3,42
Alciane de São João	GBR	4-4	10	25	17,0	3,43
Alciane de Nel de S. João	GBR	3-6	10	24	19,0	3,57
Jaguar de Cláudia	GBR	6-0	10	12	19,0	3,49
São João de Cláudia	GBR	5-2	30	195	18,0	3,78
S. João de Camélia	PO	3-9	49	193	18,0	3,39
C. Flávia Nel Nelly-Red	PO	3-4	30	188	21,0	3,34
C. Flávia Jaguar Class-Red	PO	6-4	10	156	20,0	3,41
São João de Cláudia	GBR	6-11	10	152	21,0	3,34
Verônica Nel Nelly-Red	PO	8-8	10	141	21,0	3,07
São João de Nelly	PO	5-7	40	130	19,0	3,38
Verônica Jaguar Class-Red	PO	5-5	40	127	20,0	3,30
Ceryla de São João	GBR	7-11	40	121	20,0	3,48
São João de Nelly	PO	5-1	40	117	18,0	3,42
São João de Trilce Neto	PO	4-11	30	110	21,0	3,23
São João de Petrópolis	PO	4-5	30	110	21,0	3,41
Schizma Trilce Beauty-Red	PO	7-11	30	109	24,0	3,15
São João de Nelly	PO	4-4	30	94	23,0	3,75

Das Ribeiro Neves e Filhos, Botafogo, Est. de São Paulo, Controle em 25/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Reataz Nevelles de Nevelles	GBR	4-2	30	51	21,0	3,57
Reataz Nel Cássio Cash-Triplo PO	PO	6-2	30	61	21,0	3,42
Aida Reataz de Nevelles	GBR	4-2	20	55	23,0	3,43
Nevelles Reataz Casquin	PO	3-0	10	42	23,0	3,54
Nevelles Cláudia Casquin	PO	2-4	10	41	21,0	3,53
Nevelles Nel de Nevelles	GBR	4-4	10	41	20,0	3,54
Reataz Jaguar-Red de Nevelles	GBR	4-1	10	39	22,0	3,83
Nevelles Nell Caris - 32	PO	2-1	10	23	20,0	3,48

Dr. Luiz Albino Bastos de Oliveira Neto, Luiz Antônio, Est. de São Paulo, Controle em 18/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Deli Velloz Betania	PO	2-6	39	87	16,0	3,88
Carlina Betania	PO	2-3	29	53	15,0	3,77
El. Sylvia Royal de St.	PO	11-0	30	189	12,0	3,98
Paulininha Royal de St. St.	GBR	7-0	40	138	14,0	3,65
St. Desigualada Pequena de St.	PO	1-4	19	28	23,0	3,21
St. Uvaq Comendador de St.	PO	5-1	20	55	20,0	4,02
St. Fanny de St.	PO	3-12	38	163	14,0	3,24
St. Vanessa de St.	PO	4-0	39	158	11,0	3,77
St. Verônica de St.	PO	4-0	40	117	11,0	4,21
St. Vitória Silveira de St.	PO	4-2	20	65	19,0	4,52

Dr. Ademar de Barros Filho, Est. de São Paulo, Controle em 16/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Myriam L.R.	GBR	6-7	40	126	14,0	3,63
Reataz L.R.	GBR	6-4	30	78	21,0	3,33
Cláudia L.R.	PO	-	10	25	15,0	2,68
Quilica	PO	-	10	5	22,0	3,40
Reataz L.R.	GBR	6-1	19	5	15,0	3,64

Valdir Bonetti de Oliveira e Dinéia Leventhal, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Reataz Reataz J. Nel 388	GBR	4-0	40	195	22,0	2,55

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Johi Barboleta II Marquis Red	PO	4-4	40	107	16,0	3,34
Gracielina Johi	PCCC	6-10	20	47	23,0	2,74
Johi Dávida King Vickfrank	PO	2-3	30	72	22,0	2,40
Arizona Roy Red Johi	GBR	5-11	10	14	27,0	2,40
Índia de Bragança	GBR	5-0	10	3	36,0	2,20

Raça Jersey

Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 06/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Reataz Quilica Juppier	PO	7-2	70	218	10,0	3,30

Rep. Augusto A. Motta Pacheco, Tatui, Est. de São Paulo, Controle em 16/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Independência Juppierita Rey	L/2	9-1	20	40	18,0	3,71
Alcaneira Juppierita Rey	PO	-	10	24	12,0	3,40
Clódestina Tatui Rey	PO	-	10	11	17,0	4,04
Flávia Hercules Rey	PO	5-0	10	38	21,0	4,13

Rep. de Dr. Mirio Lopes Leão, Coturuva, Est. de São Paulo, Controle em 28/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Livre Milton de S.F.	PO	-	30	90	12,0	4,18
Maga F. de S. Francisco	PO	-	40	124	12,0	4,48
Neli Virginian de S. Francisco	PO	-	30	88	14,0	4,11
Nora Virginian de S. Francisco	PO	3-1	50	140	13,0	4,10
Santana Cosmas III Mira	PO	10-4	40	114	13,0	4,78
Janáida Higfield de S. Francisco	PO	6-0	20	52	14,0	4,70
Jaguar Milton S.F.	PO	6-1	20	42	16,0	3,17
Jurak Milton S.F.	PO	6-0	20	56	13,0	3,98
Lizandra Milton de S.F.	PO	5-1	20	75	12,0	4,47
Wenderson Barret S.F.	PO	4-4	20	53	16,0	3,50
Nigelinda Virginian de S.F.	PO	3-4	20	37	14,0	4,07
Nora Dominante de S. Francisco	PO	-	20	64	13,0	4,78
Reataz Penelope Princesas	PO	8-8	20	62	27,0	4,10
Christina Higfield S. Francisco	PO	6-0	40	173	12,0	4,78
Janáida Higfield de S. Francisco	PO	6-2	40	139	13,0	4,15
Jailir Trankus de S. Francisco	PO	6-0	40	127	13,0	4,18

Oswaldo e Gabriela Rutá Ltda. (Bertagalli & Filhos), Puro Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 17/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Verônica Lakwira do Rutá	PO	2-4	40	61	20,0	4,15
Del Operador do Rutá	PO	3-4	20	44	20,0	4,70
Neli Velloz do Rutá	PO	11-2	20	37	21,0	4,10
Elina Velloz do Rutá	PO	9-3	10	21	21,0	4,20
Flore Grove S.S. Hermy	PO	4-10	110	325	20,0	3,90
Cláudia J.F. Rita (82)	PO	7-5	40	258	14,0	4,78
Marcela Rita Fátima do Rutá	PO	4-11	40	98	20,0	3,48
Gabriela Coseta do Rutá	PO	7-11	30	83	20,0	4,19
Roxie	PO	-	10	8	21,0	4,48
Júlia de Rita do Rutá	PO	4-11	40	111	21,0	4,94

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Interagro Serviços Ração S/C Ltda, Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 05/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Cláudia Namayi Harry	PO	7-1	40	88	19,0	4,10

Dr. Fernando Prado Rezak, Jacutinga, Est. de Minas Gerais, Controle em 16/12/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
Dennis Rapper II GC.	GBR	7-0	100	291	17,0	4,40
SC-Francisco II. Brito IV	PO	6-7	30	228	15,0	4,31
SC-Diadora Improvis I	PO	6-0	70	210	21,0	4,19
Francis Delagato II GC.	GBR	4-9	60	176	14,0	3,43
SC-Diadora Improvis I	PO	7-4	40	142	14,0	3,60
SC-Diadora Delagato	PO	2-8	50	123	13,0	3,70
SC-Diadora II. Bona	PO	3-4	50	121	14,0	3,49
SC-Diadora Delagato	PO	3-3	40	101	19,0	3,41
SC-Francisco II. Brito III	PO	4-11	50	72	14,0	3,85
SC-Diadora Brito II	PO	3-4	20	54	20,0	3,41
Cláudia M. H. H. Bona	PCCC	4-1	28	48	23,0	3,14
SC-Diadora Elvira II	PO	6-9	20	38	27,0	3,07
SC-Diadora Improvis II	PO	4-6	10	10	26,0	3,34
Cláudia M. H. Improvis I	PO	4-4	10	5	26,0	3,13
SC-Diadora Apêlice	PO	2-4	10	1	20,0	3,20

Clá. Adriano, Berta Madalena, Jacutinga, Est. de Minas Gerais, Controle em 11/12/84, Reg

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Santo Isidoro Denise	PO	-	69		166	13,0	3,18
S. Isidoro Elia	PO	2-5	59		159	16,0	3,30
S. Isidoro Oliva	PO	3-1	49		129	13,0	3,30
Isolina de S. Isidoro	PO	5-9	49		129	20,0	3,08
S. Isidoro Catarina	PO	2-10	39		71	17,0	2,93
Elviana	PO	6-6	39		94	16,0	3,46
S. Isidoro Cecília	PO	4-4	29		40	20,0	3,29
Elvina	PO	8-10	29		40	24,0	2,92
Milka -SIII	PO	-	19		2	26,0	2,65
Wend-Hilse Wistarina July Jan	PO	10-8	19		13	21,0	3,39
Santo Isidoro Betânia	PO	-	59		142	14,0	3,69
Santo Isidoro Daniela	PO	3-3	99		268	14,0	3,24
Carina Juliana Medilist	PO	6-6	39		77	19,0	2,92

Raça Guernsey

Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 06/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Emilq Datto Enary	PO	3-10	109		298	9,0	3,40
Emilq Valsey	-	-	59		136	12,0	2,85
Emilq Veronica Martin	PO	3-7	49		120	12,0	3,15

D. C. Instituto Central de Alameda Itaquã, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 26/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Pat Barba Fayor D'Abadia	PO	6-8	10		250	14,0	5,63
Isa M-1 D'Abadia	PO	-	89		236	19,0	5,74
Christa M-1 D'Abadia	PO	-	89		233	15,0	5,96
Perceira M-1 D'Abadia	PO	-	89		237	15,0	5,45
Isa M-3 D'Abadia	7/8	5-2	69		207	14,0	5,84
Carlson M-1 D'Abadia	1/2	7-0	69		199	22,0	5,29
Isa M-1 D'Abadia	1/2	7-4	59		178	21,0	5,12
Marcela M-1 D'Abadia	1/2	6-8	59		175	20,0	5,04
Flore M-1 D'Abadia	7/8	3-11	59		167	13,0	5,23
Isa M-1 D'Abadia	1/2	6-10	69		236	16,0	5,23
Formosa M-1 D'Abadia	1/2	11-5	59		156	17,0	5,11
Isa M-1 D'Abadia	PO	7-7	49		193	14,0	5,11
Sorlieves Elvira Mécra	PO	8-11	49		136	19,0	5,04
Monica M-1 D'Abadia	1/2	11-10	49		135	19,0	4,99
Faz Jordânia Roy D'Abadia	PO	9-6	39		99	15,0	4,91
Paula M-1 D'Abadia	PO	-	39		75	21,0	5,16
Carla Mécra Moraes de Itaquã	PO	-	39		64	18,0	5,34
Carla Mécra Moraes de Itaquã	PO	-	29		43	22,0	4,96
Faz Farina Fayor da D'Abadia	PO	-	29		36	17,0	4,89
Faz Tilly Ilac do Alto	PO	10-7	29		25	15,0	4,81
Milena Rosa Chade Carla	PO	10-0	29		34	18,0	5,11
Paulina M-1 D'Abadia	PO	-	29		34	18,0	5,35
Faz M-1 D'Abadia	PO	-	29		31	17,0	5,42
Faz São Paulo de Itaquã	PO	-	29		29	21,0	5,04
Marcos D.F. Jacques	PO	9-11	19		18	21,0	4,78
Faz Mica King D'Abadia	PO	3-7	19		17	18,0	4,87
Faz M-1 D'Abadia	1/2	3-8	19		11	23,0	4,76
Faz Phillip's King do Itaquã	PO	2-1	19		1	21,0	5,00
Paulina M-1 D'Abadia	3/4	3-4	19		1	18,0	4,79

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Raça Jersey							
Fazenda Agrícola e Pecuária Ltda. Mococa, Est. de São Paulo. Controle em 18/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 Ordenhas.							
3 Ordenhas							
Nevo	PC	11-2	10		14	14,0	5,22
Jalho	PC	14-3	10		9	18,0	4,73
Naturalizada	BB	11-3	10		10	11,0	5,47
Naboreja	PC	11-11	10		10	12,0	4,73
Urubolina	JA	5-1	10		3	11,0	5,11
Perceira	PC	9-0	19		24	13,0	5,11
Uruma	BB	6-0	10		26	16,0	4,91
Olaria	PC	5-7	20		46	13,0	4,81
Glória	PC	10-7	20		56	14,0	4,46
Olimpiada	BB	10-0	20		52	13,0	5,34
Jana	BB	14-6	20		61	14,0	4,57
Sorta	PC	7-0	20		44	15,0	4,40
Tubira	PC	6-0	20		53	11,0	4,25
Urula	BB	5-5	20		47	13,0	5,04
Tróia	PC	6-0	20		29	15,0	4,43
Sarza	PC	7-5	20		47	13,0	5,41
Sentinelá	PC	7-2	20		56	14,0	4,87
Cocaina	BB	10-7	20		29	12,0	4,50

2 Ordenhas							
Urúlia	JA	4-11	99		273	16,0	4,96
Nebulina	BB	10-8	89		221	16,0	5,44
Sociedade	BB	6-4	89		240	16,0	5,32
Particula	PC	8-10	79		184	16,0	5,49
Uruga	PC	5-2	79		193	10,0	4,97
Nevelia	BB	10-7	79		203	16,0	5,32
Rifa	PC	7-8	79		206	11,0	4,50
BB	PC	6-1	79		190	10,0	5,10
Validade	BB	4-4	79		207	11,0	4,95
Vaguetá	JA	3-11	79		203	10,0	5,14
Valência	BB	4-3	79		209	21,0	4,96
Neoberta	PC	8-2	69		163	11,0	4,43
Ortiga	PC	5-6	69		172	11,0	4,84
Nevo	PC	10-10	69		161	12,0	5,47
Rádiosa	BB	8-5	69		171	11,0	5,11
Tijolada	BB	6-0	69		179	14,0	5,19
Colatina	PC	13-3	69		161	12,0	5,43
Urubana	BB	5-3	69		170	11,0	4,95
Bariedade	BB	8-2	69		164	13,0	4,96
Pamela	BB	9-0	69		172	10,0	4,97
Tala	BB	6-4	69		177	11,0	5,44
Edúria	BB	7-4	69		161	11,0	5,04
Socepeba	PC	-	69		175	10,0	5,09
Urcúlia	BB	5-1	69		153	10,0	4,92
Valéria II	JA	4-6	69		156	10,0	5,11
Vaiçocas	BB	4-4	69		153	10,0	4,57
Tiamina	BB	-	59		142	10,0	4,93
Rapa	PC	8-4	59		149	10,0	5,17
Subversivo	BB	6-8	59		146	11,0	4,89
Papeleta	PC	5-2	59		124	11,0	5,44
Sacrosses	PC	7-7	59		128	10,0	4,50
Silaba	BB	6-11	59		125	10,0	5,37
Murreta	BB	11-9	59		137	10,0	5,34
Tuberosa	BB	14-10	59		150	10,0	5,05

GIR LEITEIRO FB DE MOCOCA KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA. FAZENDA SANTANA DA SERRA

Em meio século na seleção de Gir Leiteiro, desenvolvemos um controle leiteiro dirigido de todo o rebanho, e não apenas de vacas escolhidas.

Todo o plantel está sob controle oficial da A.B.C., e obtivemos no ano de 1983 em 114 lactações a produção de 301.078 kg de leite, resultando um peso médio de 2.641 kg por vaca e prazo médio de 325 dias de lactação.

Conheça o gado certo para o clima certo. Faça-nos uma visita.

CONHEÇA O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO.

faça-nos uma visita.

VENDA DE SÊMEN NA
FUNDAÇÃO BRADESCO - PECPLAN
LAGOA DA SERRA INS. ARTIFICIAL



LANCHEIRA — Reg. 5136 — SCL 52025
Produção: 6.351.000 kg de leite. Média: 17.400 kg.
Obs.: Alcançou Livro de Mérito (LM) nesta lactação.

FAZENDA - KM 295 da Rod. Mococa-Cajuru (SP). Tels.: (0196) 55-0801 — (101) Canoss (SP) 98-1164
MOCOCA - R. Barão de Monte Santo, 1.250 - Tel.: (0196) 55-0085
S. PAULO - R. 15 de Novembro, 193, 3.º and - Tel.: (011) 36-1681

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%	
Clara de Brasília	HE	5-7	10	16	15,0	4,85	Paula de Thamo Rittercourt, Cerejeira Cesar, Est. de São Paulo - Controle em 11/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.	PTB, Cardice	MI	3-7	30	90	15,0	3,65
Clayton de Brasília	HE	9-5	50	134	14,0	4,39	PTB, Bragança	MI	8-2	40	142	19,0	4,19	
Clayton de Brasília	HE	10-1	70	199	12,0	5,40	PTB, Itatiro	MI	7-9	70	278	9,0	3,41	
Clayton de Brasília	HE	7-11	70	190	12,0	4,71	PTB, Americana	MI	8-0	50	167	10,0	3,90	
Clayton de Brasília	HE	7-11	40	115	12,0	4,51	PTB, Jacella	MI	7-8	60	184	11,0	4,55	
Clayton de Brasília	HE	6-11	40	98	13,0	4,97	PTB, Piracicaba	MI	7-9	50	168	13,0	3,54	
Clayton de Brasília	HE	6-6	40	103	11,0	4,11	PTB, Virginia	MI	6-11	60	122	15,0	3,71	
Clayton de Brasília	PC	6-0	30	74	12,0	4,85	PTB, Genes	MI	6-9	60	208	9,0	3,92	
Clayton de Brasília	HE	7-2	30	90	14,0	4,18	PTB, Estrela	MI	6-8	60	200	11,0	3,63	
Clayton de Brasília	HE	6-10	30	86	11,0	4,26	PTB, Cuiabá	MI	6-9	20	30	19,0	3,75	
Clayton de Brasília	HE	6-11	30	88	12,0	4,58	PTB, Maringá	MI	6-3	60	206	11,0	3,48	
Clayton de Brasília	HE	7-4	90	247	10,0	5,34	PTB, Cristalina	MI	6-5	40	148	8,0	3,78	
Clayton de Brasília	HE	7-1	70	206	11,0	4,98	PTB, Barra Bonita	MI	5-4	30	37	14,0	3,76	
Clayton de Brasília	HE	5-9	70	196	10,0	4,89	PTB, Bela Vista	MI	6-8	20	39	22,0	3,05	
Clayton de Brasília	HE	7-1	20	60	11,0	4,81	PTB, Campina Grande	MI	5-8	60	197	12,0	4,30	
Clayton de Brasília	HE	6-0	90	262	10,0	5,45	PTB, Crispina	MI	5-10	40	137	13,0	4,05	
Clayton de Brasília	HE	7-5	30	87	11,0	4,47	PTB, Fátima	MI	5-7	50	155	12,0	3,90	
Clayton de Brasília	HE	8-10	60	153	11,0	4,86	PTB, Ilho Bela	MI	5-7	40	133	25,0	3,31	
Clayton de Brasília	HE	8-0	60	177	12,0	4,23	PTB, Natividade	MI	5-5	60	196	11,0	4,16	
Clayton de Brasília	HE	6-1	40	122	10,0	4,76	PTB, Brasília	MI	7-8	10	1	12,0	3,24	
Clayton de Brasília	HE	10-1	30	83	12,0	4,79	PTB, Miróia	MI	5-3	70	252	8,0	4,13	
Clayton de Brasília	HE	8-0	40	97	11,0	3,75	PTB, Terra Boa	MI	5-6	50	166	16,0	3,54	
Clayton de Brasília	HE	7-2	20	54	20,0	4,86	Geleia da Alameda	MI	2-11	40	116	9,0	3,41	
Clayton de Brasília	HE	9-0	20	55	10,0	4,90	PTB, Paisos	MI	3-9	20	37	14,0	4,23	
Clayton de Brasília	HE	7-8	20	59	12,0	4,60	PTB, Arapongas	MI	6-9	30	61	12,0	4,77	
Clayton de Brasília	HE	6-5	20	55	12,0	4,09	PTB, Londrina	MI	6-9	50	193	12,0	3,70	
Clayton de Brasília	HE	7-1	20	50	11,0	4,46	PTB, Sorocoma	MI	6-4	40	134	14,0	3,39	
Clayton de Brasília	HE	8-11	20	42	12,0	4,23	PTB, Condeia	MI	6-2	60	203	14,0	4,05	
Clayton de Brasília	HE	11-1	10	21	11,0	4,59	PTB, Catanduva	MI	6-1	20	37	17,0	4,40	
Clayton de Brasília	HE	4-2	10	20	12,0	4,70	PTB, Goioânia	MI	6-7	10	23	15,0	4,00	
							PTB, Goioânia	MI	6-5	20	66	14,0	4,20	
							PTB, Bocaina	MI	6-9	40	133	8,0	3,84	
							PTB, Delta	MI	2-11	10	6	11,0	4,31	
							PTB, Herculano	MI	6-1	30	12	13,0	3,74	
							PTB, Indiana	MI	6-3	10	25	9,0	3,74	
							PTB, Artios	MI	3-3	20	65	8,0	3,73	
							PTB, Baixa	MI	6-0	10	22	11,0	4,08	
							PTB, Ladaco	MI	3-11	10	23	11,0	3,90	
							PTB, Gringa	MI	2-5	20	57	12,0	3,43	
							PTB, Carajá	MI	2-5	10	1	12,0	4,46	

Geleia da Alameda, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 20/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Rebeca de Calcinolândia	HE	9-0	10	33	12,0	5,49
Rebeca de Calcinolândia	HE	-	10	37	12,0	6,05
Rebeca de Calcinolândia	PC	8-3	10	4	15,0	7,26
Rebeca de Calcinolândia	HE	5-11	10	38	11,0	5,43
Rebeca de Calcinolândia	HE	4-11	30	110	10,0	4,19
Rebeca de Calcinolândia	HE	5-1	30	94	11,0	6,45
Rebeca de Calcinolândia	HE	7-0	40	142	13,0	4,63
Rebeca de Calcinolândia	HE	8-0	40	163	11,0	4,71
Rebeca de Calcinolândia	HE	-	90	246	9,0	2,46
Rebeca de Calcinolândia	HE	8-4	10	25	15,0	6,19

Raça Girolando

Rebeca de Calcinolândia, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 10/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Rebeca de Calcinolândia	1/2	-	40	107	11,0	4,13
Rebeca de Calcinolândia	1/2	3-11	60	174	14,0	3,57
Rebeca de Calcinolândia	1/2	4-10	70	214	13,0	3,93
Rebeca de Calcinolândia	1/2	-	90	259	14,0	3,52
Rebeca de Calcinolândia	HE	-	60	174	12,0	4,22
Rebeca de Calcinolândia	HE	-	60	220	11,0	4,05
Rebeca de Calcinolândia	HE	-	80	221	12,0	3,82
Rebeca de Calcinolândia	1/2	6-2	100	302	13,0	4,43

Cruzamento Dirigido

Rebeca de Calcinolândia, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 16/12/84. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Rebeca de Calcinolândia	MI	5-10	30	70	17,0	3,47

Raça Nelore

Rebeca de Calcinolândia, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Rebeca de Calcinolândia	HE	6-4	20	55	10,0	5,77
Rebeca de Calcinolândia	-	-	10	10	10,0	4,63

Colônia Agrícola S/A, Geleia da Alameda, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 30/11/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Rebeca de Calcinolândia	HE	6-3	40	92	8,0	5,60
Rebeca de Calcinolândia	HE	6-8	20	63	9,0	5,45
Rebeca de Calcinolândia	HE	4-1	20	72	8,0	6,48
Rebeca de Calcinolândia	POSD	4-7	20	61	8,0	4,44
Rebeca de Calcinolândia	HE	4-9	20	57	10,0	5,50
Rebeca de Calcinolândia	POSD	5-0	20	54	8,0	4,38
Rebeca de Calcinolândia	PC	6-5	20	52	8,0	5,21
Rebeca de Calcinolândia	PC	6-3	20	48	10,0	4,70
Rebeca de Calcinolândia	HE	9-0	20	38	11,0	2,50
Rebeca de Calcinolândia	HE	7-11	60	161	8,0	5,67
Rebeca de Calcinolândia	PC	6-6	60	172	8,0	4,90
Rebeca de Calcinolândia	PO	6-6	30	151	8,0	5,54

Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: Dr. José Lucio Resende e outros



URUGUAIANA — Reg. M 6811
Lact. 305 dias 2 ord. 3.828 kg LE

Alta seleção e criação de Gir Leiteiro

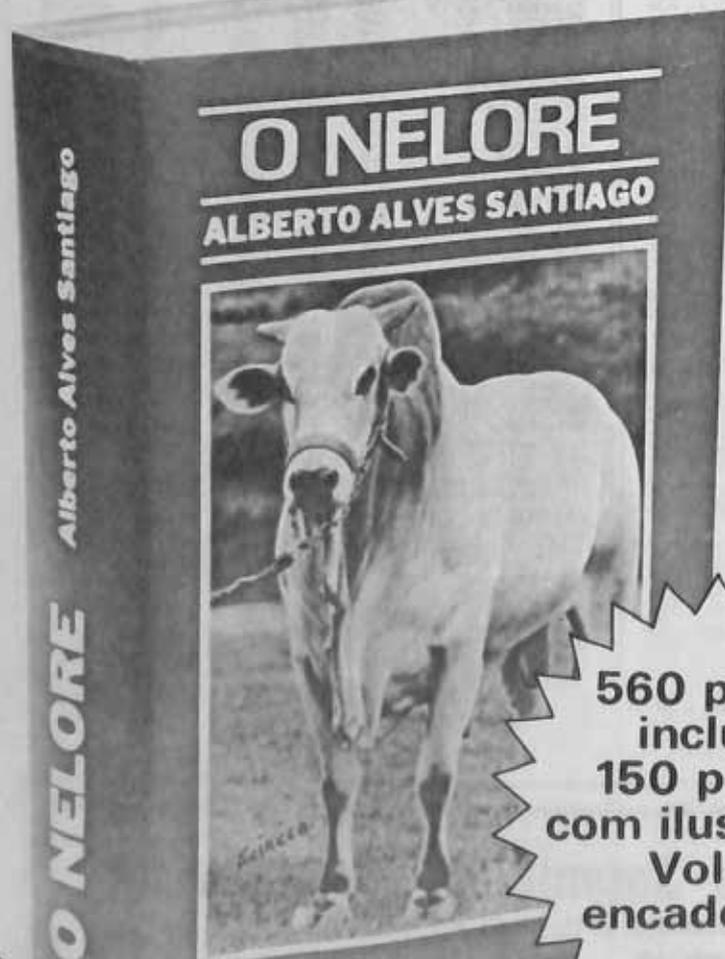
Controle Oficial da ABC

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO
Município de Matozinhos - MG - Tel.: (031) 661-1512
Belo Horizonte — Rua Santa Rita Durão, 1.160
Fone: (031) 201-2277

O NELORE

Alberto Alves Santiago



1878 - 1983 Cento e cinco anos de história do Nelore.

Entrada dos primeiros exemplares, os primórdios da criação, e os pioneiros. Os pioneiros e os animadores do Nelore, os que foram à Índia. O gado da Índia. A expansão do Nelore. Os primeiros núcleos e as primeiras exposições. Características. Tolerância ao calor. Características raciais. Padrão Indiano da raça Ongole. Variedades do Nelore: Mochô Malhado de preto, Vermelho e o Pêlo Rosa.

A genealogia do Zebú e a ação do registro. Expansão e evolução. Estudos e desenvolvimento ponderal. Reprodução. Produtividade. O Nelore do ponto de vista econômico. Morfologia do moderno novilho produtor de carne. Seleção e melhoramento. Evolução. Centros de seleção. Os genearcas da raça. Raçadores importados. Os grandes campeões. A Associação de Criadores de Nelore do Brasil.

560 páginas, inclusive 150 páginas com ilustrações.

**560 páginas,
inclusive
150 páginas
com ilustrações.
Volume
encadernado.**

Volume encadernado com sobre-capa.

Faça logo o seu pedido de "O NELORE" preenchendo e enviando o cupon ao lado à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA., à rua Venâncio Aires, 31, CEP 05024 S. Paulo - SP

Cr\$

100.000

CERTIFICADO DE COMPRA ANTECIPADA

1 exemplar do livro "O NELORE".

Com o presente, peço remeterem um exemplar encadernado do livro "O NELORE" de Alberto A. Santiago, ao preço de Cr\$100.000,00. Para pagamento desta COMPRA, segue anexo o cheque n.º c/ o Banco e no valor acim

A EDITORA DOS CRIADORES LTDA. Rua Venâncio Aires, 31 - CEP: 05024 - SAO PAULO

A remessa do livro "O NELORE" deve ser feita para:

Nome: _____

Endereço: _____

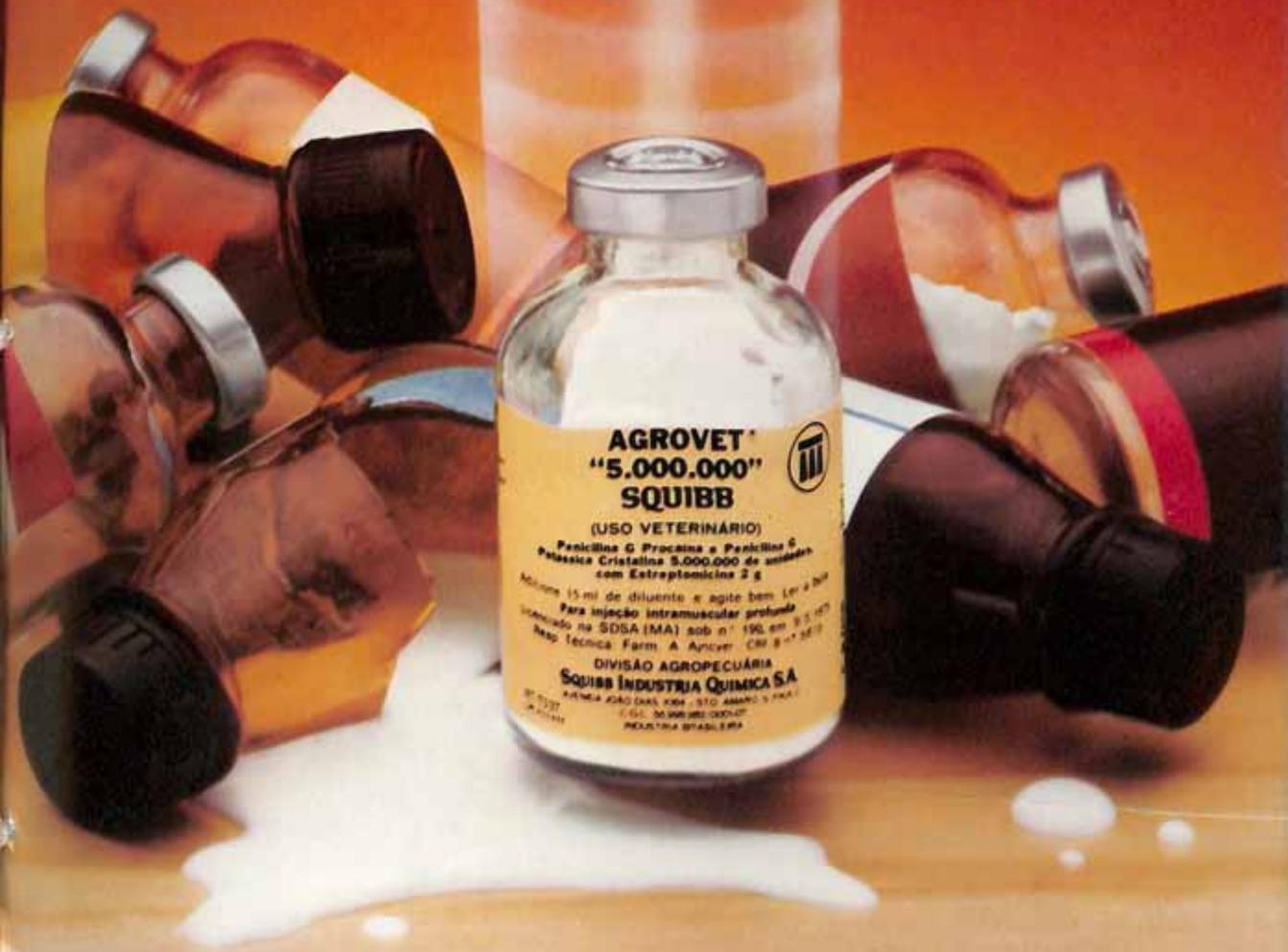
CEP: _____

Cidade _____

Estado _____

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. - Rua Venâncio Aires, 31. CEP: 05024 - São Paulo - CGC 61.183.406/0001-4 - Insc.: 108.063.288

O MAIS FORTE



AGROVET
5.000.000

No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade. AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratores: respiratório, geniturinário, gastrointestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos. A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomicina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.

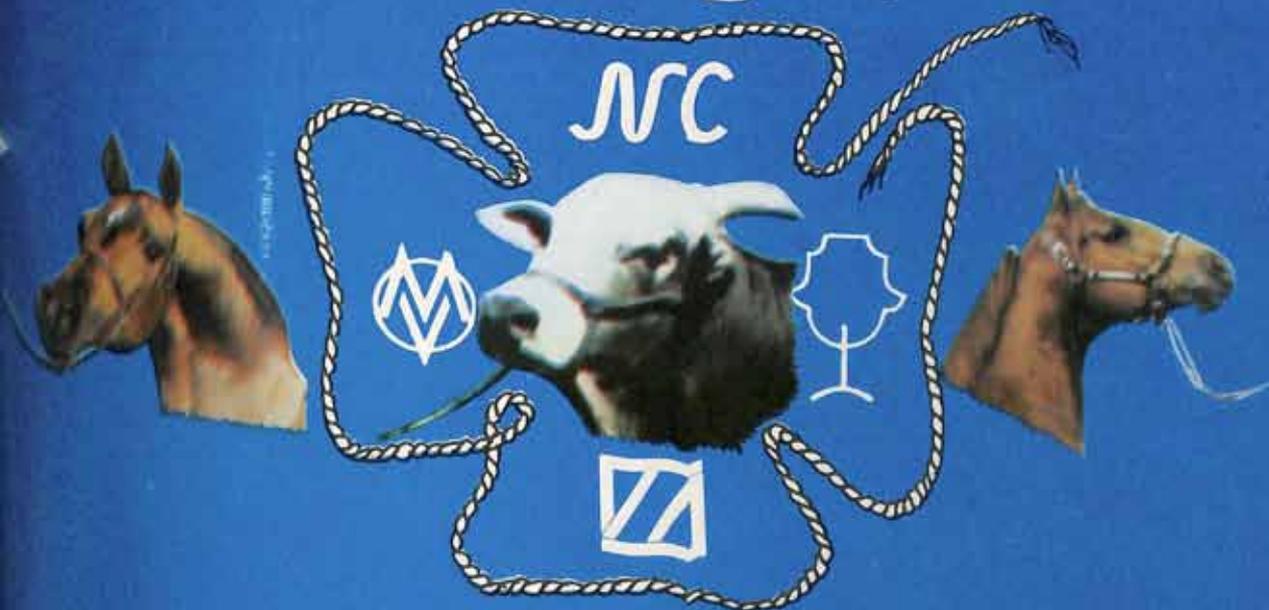

SQUIBB
DIVISÃO AGROPECUÁRIA



**REVISTA
DOS
CRIADORES**

ANEXO A SERVIÇO DA PECUÁRIA
1991 - Ano LIV
C.A. 22202
R. União da Arc

2º Leilão União das Marcas



15 JUNHO - 13 h

Água Branca - SP

**80 MACHOS E FÊMEAS PO e POI
10 EQUINOS QUARTO DE MILHA E ÁRABE**

FAZENDA INDIANA LTDA.

CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

FAZENDA MORRO VERMELHO LTDA.

NEWTON CAMARGO ARAÚJO

5 PAGAMENTOS SEM JUROS



REMATE

Tel. (011) 872-1722